



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

JULIANA ZANETTI DE PAIVA

MORUS, CAMPANELLA, DONI: UTOPIAS SEM TRABALHO.

CAMPINAS

2020

JULIANA ZANETTI DE PAIVA

MORUS, CAMPANELLA, DONI: UTOPIAS SEM TRABALHO.

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Este trabalho corresponde à versão final da tese defendida pela aluna Juliana Zanetti de Paiva, e orientada pelo prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

P166m Paiva, Juliana Zanetti de
Morus, Campanella, Doni : utopias sem trabalho / Juliana Zanetti de Paiva.
– Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Carlos Eduardo Ornelas Berriel.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Utopias. 2. Modernidade. 3. Atividade produtiva. 4. Trabalho. I. Berriel,
Carlos Eduardo Ornelas. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Morus, Campanella, Doni : utopias without work

Palavras-chave em inglês:

Utopias

Modernity

Productive activity

Work

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Doutora em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel [Orientador]

Marcos Aparecido Lopes

Marildo Menegat

Luiz Cesar Marques Filho

Anselm Jappe

Data de defesa: 27-02-2020

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8432-7662>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2451089798206232>



BANCA EXAMINADORA:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Luiz Cesar Marques Filho

Marcos Aparecido Lopes

Anselm Jappe

Marildo Menegat

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedico este trabalho à minha eterna amiga e companheira de todas as horas - in memoriam -
minha mãe, Regina Célia Zanetti, e ao meu pai, Jorge Paiva.

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Berriel, pela abertura, gentileza, paciência, pelo espírito elevado e diálogo;

Ao professor Gianluca Bonaiuti, pela gentileza, simpatia, solidariedade, disponibilidade e ajuda durante a pesquisa na Itália;

Aos professores que compõem a banca, pela disponibilidade, gentileza e valiosas observações;

Ao CNPq (processo n. 141383/2015-1), pela bolsa que me possibilitou estudar durante o doutorado no Brasil e durante pesquisa bibliográfica na Itália;

Aos meus pais, pelo amor incondicional, por contribuir na minha formação crítica acerca do mundo, por tudo que sou hoje;

Ao pequeno Benjamin, por dar sentido à minha vida de maneira tão bonita e por ter sido tão compreensivo durante a escrita da tese;

Ao meu companheiro Robson de Oliveira, por estar sempre junto, pela força e pelo carinho;

À amiga Isabel Moraes, pela acolhida e apoio em todos os momentos em São Paulo, pela solidariedade, amizade e pelo carinho;

À amiga Zezé Vitta - in memoriam-, pela solidariedade, sensibilidade e delicadeza;

À professora Silvia Rodeschini, pela gentileza, simpatia e ajuda durante a pesquisa na Itália;

A Carolina Ramkrapes, pela ajuda e solidariedade;

A toda equipe da Secretaria de pós-Graduação do IEL, em especial, Claudio, Miguel e Rose, pela gentileza, sensibilidade e disposição em ajudar sempre;

A toda equipe da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem IEL, pela ajuda no empréstimo dos livros, em particular: Leandro dos Santos, Crislene Queiroz, Cristiano Brito, Dionary Crispim. Um agradecimento especial a Eliana Akemi, Aldair Silva e Leandro dos Santos, pela sensibilidade e ajuda;

A toda a equipe da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, pela ajuda na pesquisa bibliográfica, em particular: Rosanna Ariani (Sala Musica), Silvia Alessandri (Coordinatrice della Consultazione), Francesca Maturo e Patrizia Giannelli (Settore Prestito), Lucia di Pace (Settore Informazioni e Prestito) Gibbine Paola, Marina Bozza, Belfiore Rocco, Giuliana Tanturli, Torelli Giovanna, Marta Gori, Rosela Pecchioci, Tiziana Baroncini, Daniele di Feo, Beatrice Santicippo, Giovanna Colangelo, Maria Ferracane, Serena Colongo, Chiara Storti,

Caterina Guiducci, (Sala di Consultazione). Um agradecimento especial a Vincenzo Iorio, pela incrível sensibilidade e humanidade, pelas conversas, pela simpatia e disposição, pela orientação e ajuda na busca dos livros e também a Simona Mammana, pela sensibilidade ao ter me possibilitado utilizar a modalidade de empréstimo;

A toda a equipe das Biblioteche di Umanistica e di Scienze Sociali dell' Università degli Studi di Firenze, pela ajuda na pesquisa bibliográfica, em particular: Loconsolo Margherita, Carmignani Manuela, Liliana Cappelli, Francesca Zinanni, Silvia Molteni Carla Milloschi, Walter Scancarello. Um agradecimento especial à diretora das bibliotecas, professora Luccila Conigliello, pela autorização ao acesso do material bibliográfico e a Giovanna Grifoni, pela sensibilidade e grande ajuda;

A toda equipe da Biblioteca Marucelliana pela ajuda na pesquisa bibliográfica; (infelizmente não encontrei o papel onde anotei o nome das pessoas que me ajudaram);

RESUMO

Nas utopias renascentistas escritas por Morus - *Utopia*, Campanella – *A Cidade do Sol* e Anton Francesco Doni – *Mundo Sábio e Louco*, há a tópica comum da condenação dos ociosos e da dignificação da atividade produtiva do homem. Basta isso para que o leitor contemporâneo queira traçar um paralelo entre tal ideia e a dignificação do trabalho assente na forma de vida moderna.

Uma dignificação que não é questionada em seu conteúdo mesmo, mas apenas em seu aspecto de exploração do trabalho dignificado que, em si, seria digno - o indigno seria a exploração do trabalho e do trabalhador pelas classes superiores, algo que não aconteceria nas utopias citadas. Ou seja, essa forma de pensar não leva em conta que os *negócios* (negação do ócio) nessas utopias não estão determinados unilateralmente pela produção de mercadorias como na modernidade. N’*A Cidade do Sol*, após as guerras, “seguindo-se a distribuição dos presentes e das honras aos soldados que mais se distinguiram”, estes, por “muitos dias, são dispensados do serviço”. (CAMPANELLA, 1983). Na *Utopia* de Morus, “seria difícil encontrar ocupação mais útil e prazerosa a todos do que o cultivo dos jardins da cidade”.

Alguém com uma visão moderna poderia definir esse socorro como trabalho, ou esse cultivo do jardim como inutilidade produtiva, já que a negação do ócio na modernidade capitalista é sempre produção mercantil – o que não parece ser o caso em modos de vida anteriores, incluindo a forma de vida imaginária das utopias.

Nesse raciocínio, portanto, fica por problematizar que aquilo que a mentalidade moderna costuma considerar a *conditio humana* e chamar de *trabalho* não tem relação de conteúdo com o que, no gênero literário utópico renascentista, aparece traduzido como trabalho.

Este estudo objetiva refletir sobre o fato de que as atividades humanas nas utopias renascentistas dos três autores em questão não se coadunam com o conceito moderno de trabalho. Isto é, em vez de entendermos o trabalho como um ponto comum entre essas utopias e a modernidade, partiremos da hipótese de que as atividades produtivas desenvolvidas nas utopias em estudo, por mais duras que sejam, não têm relação com as atividades modernas chamadas de trabalho.

Uma tal distinção crítica do trabalho só é possível se não encararmos o trabalho como uma constante transhistórica, uma condição antropológica do homem, mas antes a forma abstrata que tomou o conjunto das atividades humanas concretas num determinado momento histórico – a modernidade capitalista.

O desenvolvimento do nosso trabalho passa primeiramente pela análise de como os autores dessas utopias renascentistas imaginaram as atividades humanas em suas comunidades inventadas.

Essa problematização enseja também uma análise de questões relacionadas à tradução, ou seja, ao modo como as palavras usadas para designar as atividades produtivas nas três utopias são traduzidas principalmente em português, italiano e francês. Ora, ao que parece, vários termos aparecem no original das três utopias para designar atividades humanas, enquanto que nas traduções tende-se a optar pelo uso do vocábulo-conceito trabalho. Ao nosso ver, traduzir simplesmente por trabalho essas atividades produtivas pode significar uma retroprojeção de um conceito moderno para formas de vida social anteriores.

Palavras-chave: utopias, modernidade, atividade produtiva, trabalho.

ABSTRACT

In the Renaissance utopias written by Morus - *Utopia*, Campanella - *The City of the Sun* and Anton Francesco Doni - *Wise and Crazy World*, there is the common topic of condemning the idle and the dignification of man's productive activity. This is enough for the contemporary reader to want to draw a parallel between this idea and the dignity of work based on the modern way of life.

A dignification which is not questioned in its content, but only in its aspect of exploiting dignified work that, in itself, would be worthy - the unworthy would be the exploitation of work and workers by the upper classes, something that would not happen in the aforementioned utopias. In other words, this way of thinking does not take into account that *business* (negation of idleness) in these utopias is not determined unilaterally by the production of goods as in modernity. In *The City of the Sun*, after the wars, "following the distribution of gifts and honors to the soldiers who most distinguished themselves", these, for "many days, are released from service". (CAMPANELLA, 1983)

But the solar city's inhabitants, "disliking idleness, use these breaks to help their friends." (CAMPANELLA, 1983). In Morus' *Utopia*, "it would be difficult to find more useful and pleasurable occupation for everyone than cultivating the city's gardens".

Someone with a modern vision could define this aid as work, or this cultivation of the garden as productive uselessness, since the negation of idleness in capitalist modernity is always market production - which does not seem to be the case in previous ways of life, including the form of imaginary life of utopias.

In this reasoning, therefore, it remains to be problematized that what the modern mentality usually considers as the *conditio humana* and calls as *work* has no content relation with what, in the Renaissance utopian literary genre, is translated as work. This study aims to reflect on the fact that human activities in the Renaissance utopias of the three authors in question are not consistent with the modern concept of work. That is, instead of understanding work as a common point between these utopias and modernity, we will start from the hypothesis that the productive activities developed in the utopias under study, however hard they may be, have no relation to the modern activities called work.

Such a critical distinction of work is only possible if we do not see work as a transhistorical constant, an anthropological condition of man, but rather the abstract form that took the set of concrete human activities at a given historical moment - capitalist modernity.

The development of our work goes through the analysis of how the authors of these Renaissance utopias imagined human activities in their invented communities.

This problematization also gives rise to an analysis of issues related to translation, that is, the way the words used to designate productive activities in the three utopias are translated mainly into Portuguese, Italian and French. As it seems, several terms appear in the original of the three utopias to designate human activities, while in translations one tends to choose the use of the word-concept work. In our view, simply translating these productive activities into work can mean a retrofitting of a modern concept to previous forms of social life, which poses a problem that adds to the linguistic and translation issues a basic conceptual question, fundamental for understanding these literary texts.

Keywords: utopias, modernity, productive activity, work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 13
-------------------	-------

1. O TRABALHO PERANTE A HISTORICIZAÇÃO DOS CONCEITOS: PALAVRA OU CONCEITO?

1.1 Historicização dos conceitos: o trabalho como coletivo singular moderno	p. 19
1.2 Foucault e a ordem das coisas	p. 32
1.3 O Renascimento é passagem tensa inconsciente, a Modernidade é ruptura	p. 37
1.4 O trabalho é a substância do capital, e nas utopias renascentistas não há capital	p. 44

2. AS TRADUÇÕES – AS ATIVIDADES NAS UTOPIAS COMO NEGAÇÃO DO TRABALHO

2.1 Trabalho: uma categoria moderna	p. 49
2.2 Como as atividades nas utopias negam a existência do trabalho	p. 68
2.3 <i>O Mundo Sábio e Louco</i> de Anton Francesco Doni	p. 77
2.4 Alguns trechos d'<i>O Mundo Sábio e Louco</i>	p. 80
2.5 <i>Utopia</i> de Thomas Morus	p. 86
2.6 Cabe a palavra trabalho na <i>Utopia</i>?	p. 92
2.7 7Alguns Trechos da <i>Utopia</i> livros 1 e 2	p. 93
2.8 <i>A Cidade do Sol</i> de Tommaso Campanella	p. 113
2.9 Alguns trechos d'<i>A Cidade do Sol</i>	p. 117

3. COMPARATIVO ENTRE EDIÇÕES

3.1 Trechos da <i>Utopia</i>	p. 124
3.2 Trechos d'<i>A Cidade do Sol</i>	p. 179
3.3 Trechos d'<i>O Mundo Sábio e Louco</i>	p. 192

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 196
-------------------------------------	--------

INTRODUÇÃO

É comum na imaginação do escritor utópico tudo ser imaginado nos mínimos detalhes: tudo para zelar pela perfectibilidade social imaginada. Nesse zelo, o escritor utópico do Renascimento descreve suas criações literárias como autárquicas — sempre independentes economicamente — geometricamente construídas, incorruptíveis em suas instituições, uniformes socialmente e submetidas a um dirigismo que acaba por achatar as individualidades. Em toda utopia, é a Cidade isolada o elemento de base, com uma organização e um devir que apontam para o imanente, o *terreno*. É um gênero que, por mais que contenha aspectos religiosos, pelo peso da época em que foram escritas, exprime o desejo do escritor por uma vida social fundada sobre a fé na salvação do homem por ele mesmo, e não necessariamente por meio de uma graça transcendental.

A *Utopia* de Morus, escrita em 1516, pode ser vista como um esforço no sentido de imaginar não só uma forma de organização social mais justa e humana, mas também uma forma harmoniosa de relação entre indivíduos e nações. Suas principais preocupações são a dignificação das atividades humanas, a planificação da produção e uma frutífera organização do tempo livre.

Assim como nas outras utopias, ascetismo e frugalidade pertencem à norma. Mas um aspecto muito notório na *Utopia* de Morus é a atenção dispensada a um desenvolvimento harmônico do indivíduo: sem preocupações materiais, sem disputas internas e ameaças externas, os utopianos estão livres para cultivar as suas almas e as suas mentes: cultivam a música, a dialética, a aritmética e a geometria, mas desprezam a escolástica, a metafísica e a astrologia. Em regra, há um grande desprezo pelo comércio, o dinheiro e o ouro, bem como uma crença de que a perfectibilidade moral é possível se as causas da corrupção do gênero humano forem arrancadas pela raiz, por bem ou por mal.

A ideia de harmonia tanto do ponto de vista da organização da cidade quanto da relação entre os indivíduos é característica fundamental também na utopia *O Mundo Sábio e Louco*, escrita em 1552 por Anton Francesco Doni. Nela, segundo Raymond Trousson, é possível reconhecer “a paixão pelo urbanismo, pela simetria e pelo equilíbrio geométrico, reflexo do desejo de uma harmoniosa organização humana.” (TROUSSON, 1992, p. 46)¹.

Na cidade criada por Doni, em forma de estrela e com uma igreja maior do que

¹ TROUSSON, Raymond. *Viaggi in nessun luogo. Storia letteraria del pensiero utopico*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 1979.

todas do mundo, de onde se originam cem ruas, é possível reconhecer também a ideia de igualdade no modo de viver e de se relacionar de seus habitantes, tendo a natureza como fundamento. Além disso, há a negação da família, da imortalidade, da propriedade privada e, como em Morus, o comércio, o ouro e o dinheiro são desprezados.

A partir do diálogo entre um louco e um sábio, Doni contrói uma crítica bem humorada e mordaz, que questiona, ao projetar uma cidade completamente diferente da realidade, o momento que ele vivenciava. Candela destaca essa questão quando afirma que “Doni representa a total consciência da desagregação dos valores do auge do Renascimento e do inevitável declínio social [...]” (1993, p. 11)²

A Cidade do Sol, utopia escrita por Campanella em 1602, constrói-se com um diálogo entre o Grande Mestre dos Hospitalários e um capitão genovês. Ela é desenhada de modo a representar o sistema solar e o seu nome tem origem na celebração do culto solar. Diferente das outras utopias citadas, a de Campanella pressupõe a existência de um sacerdote, Metafísico ou Sol — denominado de *Hoh*, com um amplo conhecimento, que governa os demais e possui um poder que emana de Deus, mas não é absoluto. A ele cabe intermediar a relação entre os homens e Deus, pois o sacerdote é aquele que atingiu um grau de conhecimento, inteligência e maturidade excepcionais, advindos da formação educacional voltada para o aprendizado de todas as áreas do saber. Essa formação é o elemento central na educação de todos os habitantes da cidade. Diferentemente de Doni, Campanella expressa um desejo de reformar a Igreja e as instituições políticas. De acordo com Solari (1941)³, ele se propõe a deixar claro suas ideias sociais, religiosas e filosóficas.

Um aspecto importante a ser destacado que torna as utopias um gênero literário diferente de um tratado filosófico ou político é que o autor das utopias, segundo a concepção do historiador Luigi Firpo, “é um reformador tão profundamente consciente do caráter prematuro e extemporâneo do seu projeto, que sabe não poder redigir em forma de programa concreto e se induz, portanto, a cogitar uma forma diferente de comunicação e de proposta” (2005, p. 230)⁴. Ao mesmo tempo que se configura como um gênero literário, extrapola esse gênero, pois o desejo de mudança da realidade se constrói *pari passim* com a imaginação e a fantasia. Carlo Curcio (1941) destaca que

2 CANDELA, Giuseppe. *Manierismo e condizione della scrittura in Anton Francesco Doni*. Lang, 1993.

3 SOLARI, G. *Di una nuova edizione critica della “Città del Sole” e del comunismo del Campanella*. Rivista di filosofia, XXXIII, 1941.

4 FIRPO, Luigi. *Para uma definição da Utopia*. Trad. Carlos E. O. Berriel. In: Revista Morus – Utopia e Renascimento. n. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

Em parte [a utopia] se tratava de uma exercitação literária, de sonho romântico, de especulação empírica; mas existia também, naquelas descrições, uma exigência de renovação, um desejo de formular questões sociais de modo novo ou até revolucionário, um estímulo à ação que eram significativos. (p. VII)⁵ [Grifos nossos].

Nessas utopias renascentistas⁶ escritas por Morus, Campanella e Doni, há a tópica comum da condenação dos ociosos e da dignificação da atividade produtiva do homem. Basta isso para que o leitor contemporâneo queira traçar um paralelo entre tal ideia e a dignificação do “trabalho” assente na forma de vida moderna. Uma dignificação que não é questionada em seu conteúdo mesmo, mas apenas em seu aspecto de exploração do “trabalho” dignificado que, em si, seria digno — o indigno seria a exploração do “trabalho” e do “trabalhador” pelas classes superiores, algo que não aconteceria nas utopias citadas. Ou seja, essa forma de pensar não leva em conta que os *negócios* (negação do ócio) nessas utopias não estão determinados unilateralmente pela produção de mercadorias como na modernidade.

N’*A Cidade do Sol*, após as guerras, “seguindo-se a distribuição dos presentes e das honras aos soldados que mais se distinguiram”, estes, por “muitos dias, são dispensados do serviço. Mas os habitantes solares, não gostando do ócio, empregam essas folgas em socorrer os amigos.” (CAMPANELLA, 1983, p. 263).⁷ Já na *Utopia* de Morus, “seria difícil encontrar ocupação mais útil e prazerosa a todos”⁸ do que o cultivo dos jardins da cidade.

Alguém com uma visão moderna poderia definir esse socorro como “trabalho”, ou esse cultivo do jardim como inutilidade produtiva, já que a negação do ócio na modernidade capitalista é sempre produção mercantil — o que não parece ser o caso em modos de vida anteriores, incluindo a forma de vida imaginária das utopias.

Nesse raciocínio, portanto, fica por problematizar que aquilo que a mentalidade moderna costuma considerar a *conditio humana* e chamar de trabalho não tem qualquer relação de conteúdo com o que, no gênero literário utópico renascentista, aparece traduzido como trabalho.

Na gênese da utopia como gênero literário, está presente a crença na perfectibilidade social. As utopias demonstram que a sociedade não era completa e que a

5 CURCIO, Carlo. *Utopisti e Riformatori Sociali del Cinquecento*. Bologna: S.A. Poligrafici Il Resto del Carmino, 1941.

6 Não será objeto deste estudo a problematização quanto à afiliação de Doni ao Renascimento ou ao Barroco.

7 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

8 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

solução poderia ser pensada e buscada. A utopia seria, então, entendida como a realização literária da completa remissão dos males sociais. Diferentemente do que se pode vir a pensar do gênero utópico, não se trata de construções literárias que descrevem ilhas da fantasia em que o estalar de dedos resolve todos os dilemas humanos. Antes o contrário, a utopia como gênero literário é uma ideia de perfeição social inerente a um dada época histórica real, mas que coloca o próprio *indivíduo* como o agente que põe em marcha a busca dessa perfeição na comunidade.

É nesse sentido que o gênero utópico se fundamenta no entrecruzamento entre as várias áreas humanas do saber: filosofia, história, antropologia, psicologia. Mas o encontro dessas áreas não se dá sem a transfiguração da linguagem que caracteriza o texto literário. Ou seja, é o aspecto especial do uso da linguagem que torna o gênero utópico mais que um tratado filosófico-político, mas uma obra literária que perpassa o rico terreno das ciências humanas. Dito de outro modo, a “imagem de perfeição social” que exprime o autor utópico no Renascimento não é uma imagem pura, mas ligada à transfiguração do real operada pelo imaginário e pela linguagem especial utilizada nessas obras. É uma “fuga do real” que transcende a realidade pela imaginação. (CANDIDO, 2000)⁹.

E há um aspecto central dentro dessa organização social nova e desenhada como perfeita, ligado à própria forma de reprodução social dessas comunidades imaginárias, que na interpretação das utopias desses autores ficou enevado numa imbricação conceitual em que um conceito, que apenas faz sentido na modernidade capitalista, acaba passando, feito um passageiro clandestino, por ser uma mera palavra que viajou por toda a história humana até hoje, fazendo uma parada nas utopias renascentistas, que teriam tido o zelo de tornar comum tal conceito na vida social. Esse conceito de que estamos falando é o de trabalho.

Uma tal distinção crítica do trabalho só é possível se não o encarmos como uma constante transhistórica, uma condição antropológica do homem, mas antes a forma abstrata que tomou o conjunto das atividades humanas concretas num determinado momento histórico — a modernidade capitalista.

Nesse sentido, consideramos que aquilo que é traduzido nas utopias de Morus, Campanella e Doni por trabalho não necessariamente remete para o conceito de “trabalho” corrente na modernidade. O que coloca um problema que soma às questões linguísticas e de tradução uma questão conceitual de base, fundamental para a compreensão desses textos

9 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

literários.

A transformação histórica da categoria trabalho, de atividade penosa para honrosa, passa sutilmente como uma evolução linguística de uma palavra e, por isso, como um progresso histórico ligado ao fim da submissão pessoal, seja na forma de escravidão ou na de obrigações pessoais pré-modernas e ao surgimento de relações democráticas modernas. Não raro, relaciona-se essa evolução às utopias renascentistas, onde supostamente haveria uma divisão exemplar do trabalho, onde não haveria a cultura da ociosidade. Assim, essas utopias renascentistas seriam como um prenúncio do utopismo de que os versos da “Internacional” demonstrariam tempos depois: “afastai os ociosos”. A diferença fundamental é que, das utopias literárias do Renascimento para o surgimento do utopismo, muita água fez rodar o moinho e não só o conceito de ociosidade não podia mais ser o mesmo, quanto, sobretudo, não se podia interpretar os ideais de perfeição social expressados literariamente nas utopias renascentistas como um reino de trabalho.

O objetivo principal deste estudo que aqui submeto à avaliação é refletir sobre como as utopias de Morus, Campanella e Doni constroem do ponto de vista literário, histórico e filosófico o que pintam como atividade produtiva, negação do ócio, reprodução material. De modo que a pergunta fundamental é: seriam essas atividades simplesmente trabalho?

Do ponto de vista mais específico, faz parte dos objetivos deste estudo uma reflexão sobre a importância histórica dos conceitos para a compreensão do conceito de trabalho, para podermos fundamentar a argumentação de que trabalho é um constructo moderno. Como consequência desse último objetivo, é importante também refletir sobre como a interpretação desses textos se modifica dependendo de como a tradução encara os termos, se apenas como palavras, em função de sua etimologia, ou como conceitos que evoluem em relação com determinadas constituições históricas.

Portanto, também é um objetivo importante problematizar questões relacionadas ao uso do termo trabalho como tradução para as mais variadas atividades nas três utopias. A partir da seleção de alguns trechos das utopias em estudo, discutimos as escolhas vocabulares dos tradutores nesses trechos específicos. Ao final da tese, nos anexos, as tabelas trazem todos os trechos em que as diferentes palavras utilizadas nos originais das utopias foram traduzidas por trabalho. Desse modo, temos a possibilidade de uma visão do conjunto das três obras.

Do ponto de vista mais metodológico, um estudo que tem a pretensão de desconfiar de conceitos tidos por ontológicos e essenciais para a humanização não pode

prescindir de um método dialético, crítico. Esse aspecto, Adorno (1996) argumenta na sua *Introdução à controvérsia sobre o positivismo* que a questão fundamental desse método é ir além da representação do fenômeno para se poder apreender a “totalidade cegamente dominante”:

A dialética contém também o oposto da *hybris* idealista. Afasta a aparência de qualquer possível dignidade naturalmente transcendental do sujeito singular, compreendendo a este e às suas formas de pensamento como algo social em si: nesta medida, ela é mais “realista” do que o cientificismo com todos os seus “critérios de sentido”. (p. 126)¹⁰

O ponto de partida deste estudo é justamente a desconfiança da pretensa “dignidade natural transcendental” do trabalho, para investigá-lo como “algo social em si”. Em vez de proceder como a *hybris* positivista para a qual tudo na história é trabalho sem qualquer problematização, o intento deste estudo é trazer essa categoria aparentemente banal para a mesa de discussões, já que ela parece mais cheia de sutilezas e manhas do que demonstra à primeira vista.

É por essa razão que este estudo se justifica. Porque a não desconfiança quanto ao dado apresentado como absoluto de que o trabalho é uma condição humana, sem qualquer problematização histórica, tem consequências para as traduções. Ou seja, verter para trabalho palavras que têm uma carga semântica diferente em outras constituições históricas pode levar ideologicamente os leitores a essa mesma naturalização de um conceito, apagando-lhe a história e sua qualidade.

10 ADORNO, T. W. *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia Alemã*. In: Theodor Adorno: *Textos Escolhidos*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Consultoria Paulo Eduardo Arantes. S. Paulo: Nova Cultural, 1996.

1. O TRABALHO PERANTE A HISTORICIZAÇÃO DOS CONCEITOS: PALAVRA OU CONCEITO?

Quoique la révolution qui s'opère dans l'état social, les lois, les idées, les sentiments des hommes, soit encore bien loin d'être terminée, déjà on ne saurait comparer ses oeuvres avec rien de ce qui s'est vu précédemment dans le monde. Je remonte de siècle en siècle jusqu'à l'antiquité la plus reculée; je n'aperçois rien qui ressemble à ce qui est sous mes yeux. Le passé n'éclairant plus l'avenir, l'esprit marche dans les ténèbres.

Alexis Toqueville¹¹

Da mesma forma que não se tem o direito de aplicar as categorias econômicas do capitalismo moderno ao mundo grego, não se pode projetar no homem da cidade antiga a função psicológica do trabalho tal como é hoje esboçada

Jean-Pierre Vernant¹²

1.1 O CONCEITO DE TRABALHO COMO COLETIVO SINGULAR MODERNO

A modernidade no mais das vezes se erige como o ponto culminante do desenvolvimento humano. Na esteira da filosofia da história hegeliana – dentro da qual o homem é pintado como um ser cuja vocação ontológica é “a mudança, e mais precisamente, uma atitude para tornar-se melhor, mais perfeito: um impulso na direção da perfectibilidade.” [Tradução Nossa] (HEGEL, 2007, p. 177)¹³ — a chamada modernidade se pretende como o ponto de chegada de um longo caminho do espírito humano rumo à sua maioridade alcançada quando as Luzes teriam pretensamente arrancado a humanidade de um longo período de escuridão. É também por sua pretensão de ser o ponto alto da humanidade que a modernidade encara épocas históricas que a precederam a partir de seu ponto de vista. Como aponta Koselleck (2015), a modernidade “confere ao passado como um todo uma qualidade de história universal”, e, pensado em si mesma como nova, *o novo tempo*, “reivindica um direito sempre crescente sobre o conjunto da história.” (p. 287)¹⁴. Dito de outro modo, categorias de

11 TOCQUEVILLE, Alexis. *Da la démocratie en Amérique II*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.

12 VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1989.

13 HEGEL, George W. F. *La raison dans l'Histoire*. Trad. Kostas P. Paris: Éditions 10/18, 2007

14 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma

pensamento e de organização social que caracterizariam apenas a vida social moderna, capitalista, passam muito amiúde como tendo sempre existido desde tempos antediluvianos, apenas em nível de desenvolvimento mesquinho¹⁵. É justamente o que acontece com o conceito de trabalho, que sou levada a discutir aqui para poder defender a tese de que não existia trabalho nas utopias renascentistas de Morus, Doni e Campanella.

Trazer tal conceito à discussão significa desconfiar de que esta categoria tal como se apresenta na modernidade tenha se apresentado em outro momento da vida humana. Traduzir significados lexicais em uso no passado para a nossa compreensão atual, com conceitos em uso no nosso tempo histórico, pode significar uma ideologia de encerramento da história.

Ora, ao lermos as utopias renascentistas, um dos aspectos que mais nos chamam a atenção é o de que as traduções modernas das utopias chamam de *organização do trabalho*. Mas se fizermos um esforço de reflexão, se promovermos uma espécie de acareação entre o significado e o conceito de atividade produtiva na modernidade — trabalho — e o significado das atividades produtivas em outras épocas da história, incluindo a Antiguidade, seremos levados a uma inquietação: se as atividades têm qualidades intrinsecamente distintas, como podem ser elas incluídas no mesmo conceito? Será que apenas o dispêndio de energia seria suficiente para traçar uma régua da história para medir as atividades humanas na baliza do caráter que elas tomam na modernidade?

Há conceitos sobre os quais o senso comum ou o senso crítico deitam seu olhar sem duvidar muito que possa se tratar de conceitos históricos tendo existido com conteúdos distintos em função da especificidade histórica da constituição social em que fazia sentido. Mas os conceitos que servem muitas vezes para definir o âmago da modernidade se submetem menos ao critério da historicidade. É como se sempre tivessem existido, nem que fosse em germe, em toda a história. A categoria que certamente é entre todas a que tem essa pretensão é a categoria do trabalho. Logo o debate acende paixões, tanto à esquerda quanto à direita do espectro político. E colocar o trabalho em questão é como colocar o ar que respiramos também em questão, de tanto que o conceito de trabalho venceu sua luta histórica por se

Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

15 É possível ver nos *Grundrisse* (1857-58-2011) uma versão contraditória de Karl Marx. O autor afirma que, sendo a sociedade burguesa, moderna, a mais desenvolvida, compreendê-la significa “simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se [...]. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco.” Mas à frente afirma que não se pode com isso “apagar todas as diferenças históricas”, como fazem os economistas, e ver “a sociedade burguesa em todas as formas de sociedade” (p. 58)

confundir com a troca metabólica do homem com a natureza. Sendo assim, nas utopias renascentistas, trabalho certamente haveria. Só não haveria uma classe de ociosos sanguessugas do trabalho alheio. E se o trabalho fosse um conceito apenas moderno?

Defender a tese de que nas utopias renascentistas não havia trabalho exige um exercício de precisão conceitual considerável, pois não é nada evidente defender que as atividades produtivas tais como descritas nas utopias em estudo aqui não têm nada de trabalho, portanto, nada de moderno. Apenas na modernidade as atividades humanas podem ser enclausuradas numa categoria geral, abstrata, uma categoria cuja abstração não é apenas nominal, linguística, mas se realiza na vida social, pois literalmente a sociedade faz abstração das atividades específicas de seus membros e dos produtos materializados por elas em nome do movimento incessante de valorização do dinheiro.

Um campo do conhecimento que deverá nos ajudar nesse caminho reflexivo é o da história dos conceitos, que tem como um dos pilares a busca pela compreensão da história em um sentido particular, entendendo os conceitos historicamente, mantendo uma relação tensa entre história e linguagem. (KOSELLECK, 2015, p. 110)¹⁶

Autores como Reinhart Koselleck, com sua obra de referência *Futuro passado*, no qual pretende dar uma *contribuição à semântica dos tempos históricos* (2015), mas também Foucault, com o seu *As palavras e as coisas* (2008)¹⁷ serão chamados ao diálogo da problematização, uma vez que não deve parecer estranho a nosso objeto fazer um breve excursus pelo que a historiografia chama de história dos conceitos, ou seja, trazer o conceito de trabalho para um lugar de relatividade na história humana. Encará-lo como relativo à uma determinada época histórica, tirando-o de seu lugar de absoluto na história.

Mas por que lançar mão da história dos conceitos? Para não cairmos de antemão numa aporia do tipo “se o trabalho é a condição de humanidade do homem, como poderia ele ser somente moderno?” É aí que a exigência de uma desambiguação crítica, de uma historicização do conceito, para justamente fazer jus a uma precisão dos conceitos históricos e evitar uma transhistoricização ideológica, defende seu direito de sentar-se à mesa da discussão.

Como chama a atenção Koselleck (2015), “Os conceitos históricos, sobretudo os políticos e sociais, foram cunhados para apreender os elementos e as forças da história. É isso

¹⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

que os caracteriza dentro da linguagem.” (p. 268).

Koselleck (2015) faz observações importantes quanto às especificidades dos conceitos na época histórica chamada de modernidade, que teria adquirido uma espécie de “monopólio temporal na denominação das épocas históricas” (p. 271). Segundo ele, enquanto os conceitos antes desse novo tempo tinham a característica de “reunir em uma expressão toda uma experiência acumulada até então” (p. 271), na modernidade, a relação entre conceito e o que é conceituado sofre uma inversão, até pelo novo conceito de dinâmica, movimento típico desse novo tempo do mundo. Seguindo o autor, é possível afirmar que a terminologia moderna — o autor se refere sobretudo à terminologia que ele chama de política — “contém inúmeros conceitos que, tomados ao pé da letra, são antecipações. Baseiam-se na experiência da perda da experiência” (p. 300), uma vez que o futuro é quem passa a balizar os caminhos dos sujeitos na terra. Não futuro pelo qual se espera, mas por cuja chegada se trabalha — futuro que ganha o nome de progresso¹⁸. Para o autor, isso é efeito da Revolução Francesa e Industrial, não por acaso dois marcos fundamentais da entrada definitiva da humanidade numa história nova, agora com uma dinâmica interna. Como afirma ele, “a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político, e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social e político.” (p. 103). Seguindo esse método de ler a história, “antigas proposições tornam-se mais precisas, assim como os fatos históricos e as relações entre eles, supostamente já compreendidos”, (p. 104) vão se aclarando. Até porque, seguindo Robert Kurz (2019)¹⁹, o conceito de uma coisa sempre se baseia na distinção com outras coisas, sendo este um critério fundamental da análise conceitual, a diferenciação.

Mas por que recorrer à história dos conceitos num estudo que tem o pé fincado nas utopias renascentistas? Justamente porque o conceito em torno do qual gravita a reflexão pretende ter validade transhistórica. E o que defendemos aqui é que sua validade é historicamente determinada. Sendo assim, a história dos conceitos pode ser de grande auxílio no que ela pode oferecer de arsenal crítico para fundamentar uma contraposição em relação a uma história das ideias entendida como “um conjunto de grandezas constantes, capazes de se articular em diferentes formas históricas sem qualquer alteração essencial.” (KOSELLECK, 2015, p. 104). É justamente essa alteração essencial que julgamos ter ocorrido com alguns

18 “O 'progresso' é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu, em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa.” (KOSELLECK, 2015, p. 320)

19 KURZ, Robert. *História como aporia* (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

conceitos na modernidade, notadamente com o conceito de trabalho, uma alteração que não é levada devidamente em conta em traduções das utopias aqui estudadas.

Para Koselleck (2015), a experiência moderna é marcada por “um crescente grau de generalidade dos conceitos”. (p. 301) Koselleck argumenta que no espaço alemão a partir dos anos 1770 houve um processo de ressignificação de termos, assim como “a criação de neologismos” que vieram a definir “novos horizontes de expectativas” (p. 101). Da mesma forma, ele afirma que houve no século XVIII uma luta pela designação da nova estrutura social, e os conceitos que designavam o novo tempo em desenvolvimento eram objeto de disputa. Um aspecto que merece atenção no terreno da história dos conceitos diz respeito ao fato de que aquilo que se chama evolução histórica de um conceito pode em muitos casos significar o nascimento de um novo conceito, embora representado pela mesma palavra. Ora, a evolução dos conceitos na história, em cujo processo vão se delineando novos conteúdos, que fazem o próprio conceito mudar de qualidade, faz com o que o conceito não seja simplesmente o mesmo ao mudar de qualidade. Ao que parece, apresentar a evolução do conceito na história como simples evolução sem problematizar sua mudança de qualidade em função da especificidade da constituição histórica onde tem validade, significa correr o risco de criar uma transhistoricidade onde há historicidade. O trabalho é um conceito exemplar neste sentido. Mas não só. O que diz Koselleck (2015) com respeito ao Estado moderno poderia ser relacionado a outros conceitos como trabalho: “É reconhecidamente pequeno o alcance de uma investigação que, repetindo um exemplo conhecido, derive do emprego da palavra 'Estado' (*Status*, *état*) o fenômeno do Estado moderno [...]” (p. 117). É nesse sentido que aponta a reflexão de Robert Kurz (2005):

De facto, em muitas sociedades da história, entre outras também nas chamadas culturas superiores como o Egipto antigo, nem sequer existia uma categoria de actividade geral e abstracta. Mesmo nas sociedades onde parece existir um tal conceito genérico nominal (mesmo aí não há nenhuma abstracção real), trata-se de áreas de actividade muito limitadas, e nunca de uma generalidade social de “actividade em geral”. Se aqui na interpretação moderna se fala sempre de “trabalho”, tal é enganador, um anacronismo e no fundo um erro de tradução (o que de resto se aplica também a outras categorias especificamente modernas e associadas à relação de fetiche da valorização do valor, tais como a política, o estado, etc.).²⁰

Para Koselleck (2015), há conceitos “cujo conteúdo se alterou de maneira tão decisiva que, a despeito da mesma constituição linguística, são dificilmente comparáveis; seu significado só pode ser recuperado historicamente.” (p. 106). Como diz Robert Kurz em seu

20 KURZ, Robert. *A substância do capital*. (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

texto *A substância do Capital* (2005)²¹,

Na medida em que a abstracção “trabalho” foi adoptada como conceito pela sociedade moderna a partir da área linguística indo-europeia, ela teve de ser sujeita a uma redefinição completa; é que nessas línguas o “trabalho” designa sempre a actividade específica dos escravos, dependentes, menores, etc; não se trata, portanto, de um conceito genérico mental para diversas áreas de actividade [...] precisamente por isso não de uma generalidade social, não de uma categoria de síntese social como na modernidade. (s.p.)

Nesse contexto, o conceito de trabalho exige ainda mais que nos resguardemos de qualquer olhar retrospectivo, pois, ao que parece em nossa pesquisa, nem mesmo se pode dizer que se trata de um termo que evoluiu historicamente, uma vez que o próprio vocábulo tal como se encontra na raiz portuguesa, francesa e hispânica é relativamente novo historicamente. Já em línguas como o italiano, embora *lavoro* remeta a *labor*, o conteúdo se alterou tão decisivamente que é árdua a tarefa de compará-los sem incorrer em confusão histórica. Há conceitos que evoluem — não por acaso Koselleck (2015) observa isso no contexto da Revolução Industrial — de modo a se tornar um “conceito de expectativa”, que precisa dar conta de necessidades até a data desconhecidas, “que despontam continuamente, para poder liberar seu verdadeiro sentido.” (p. 107)²². O autor não desenvolve essa reflexão, nem a relaciona a um conceito específico, mas se trata de uma descrição que guarda relação com o conceito de trabalho moderno, que está emaranhado no conceito também de progresso. Tanto o conceito de progresso quanto o de trabalho encerram em si uma expectativa, e aparecem como dotados de um sentido que somente podem liberar no terreno da história. O trabalho modelaria o mundo, e o progresso é o fim teleológico cujo caminho só pode ser ladrilhado pelo trabalho.

Segundo Koselleck (2015), todo conceito é uma palavra, mas nem toda palavra encerra um conceito social e político. Os conceitos sociais e políticos “contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos.” (p. 108)²³. O caráter da generalização e da polissemia parece um ponto pacífico quanto ao caráter nominal, ou seja, quando se trata de conceitos cuja generalização apenas facilita a apreensão do mundo, não tendo uma consequência concreta e social direta, quando são apenas generalizações

21 KURZ, Robert. *A substância do capital*. (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

22 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

23 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

linguísticas de condensação de pensamento. Mas a questão se complica logo que adentramos pelos conceitos de base da modernidade capitalista, tais como dinheiro, mercadoria e sobretudo trabalho. No que respeita ao trabalho, a polissemia fica apenas nas cabeças individuais que veem nele a atividade imediata de cada trabalhador individual. Do ponto de vista social, não há qualquer ambiguidade, muito menos polissemia no conceito de trabalho: trata-se de toda e qualquer atividade de produção de riqueza mercantil. E é o social que domina sobre o individual. Não é a visão do feliz padeiro que domina. Nem a do feliz agronegociador que rasga a terra para colocar seus agrotóxicos. O sentido de polissemia em Koselleck (2015) diz respeito ao fato de o conceito ser um vocábulo “que concentra uma multiplicidade de significados” (p. 109). No caso do trabalho, em verdade, trata-se de um conceito que condensa, para abstrair no todo social, uma multiplicidade de significados, a multiplicidade de atividades humanas possíveis e somente validadas ao passarem pelo buraco da agulha da valorização do dinheiro.

O conceito de trabalho pretende aniquilar a diversidade histórica da experiência humana de mediação com a natureza como forma de reprodução material. Ou seja, é uma espécie de conceito aniquilador de conceitos, ou um conceito que pretende ser único, já que, para Koselleck (2015), o potencial do conceito é justamente reunir “em si a diversidade da experiência histórica” (p. 109). Um conceito que pretende ser *a coisa em si*, não pode respeitar essa diversidade. Como diz Vernant (1989): “todos os trabalhos efetuados no conjunto da sociedade são colocados em relação uns com os outros, confrontados uns com os outros, homogeneizados.” (p. 35)²⁴

Um estudo do tipo diacrônico apenas pode constatar uma não continuidade histórica. Que aquilo que se pretende transhistórico em verdade tem *qualidade* bastante distinta, logo, não pode ser a mesma coisa. Um estudo diacrônico só poderia constatar que o termo trabalho não tinha como evoluir porque simplesmente não existia enquanto realidade social, e é um objetivo desta reflexão perscrutar por que não existia. Uma vez que defendemos que o conceito é específico de uma época histórica, não cabe analisá-lo em sua evolução senão dentro de um recorte histórico preciso, a modernidade. Um estudo diacrônico apenas encontraria oposição. É o que vemos na leitura de Jean-Pierre Vernant e Pierre Naquet em *Trabalho e escravidão na Grécia Antiga* (1989). A palavra trabalho está no título da obra evidenciando um contrassenso que fica mais que cristalino quando os autores descrevem os

24 VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1989.

variados e múltiplos tipos de atividades existentes na Grécia antiga, tanto que, segundo eles próprios, não existe palavra na língua que consiga abarcar essa multiplicidade. O que não os impede de continuarem usando trabalho. Pela pesquisa dos autores, na Grécia antiga, “cada tarefa encontra-se definida em função do produto que visa a fabricar”, a atividade produtiva não é encarada, como na modernidade, “na perspectiva do produtor como expressão de um mesmo esforço humano criador de valor social”, de riqueza diretamente social (1989, p. 36).

Dito de outro modo, práticas sociais de constituições históricas diferentes não podem ser pensadas em conjunto como se possuísem uma qualidade essencial comum que teria perpassado a história. A argumentação aqui deve se dar no terreno de uma diferenciação das constituições históricas, não no terreno de uma lógica da identidade entre o diferente.

Não raro os escritos que pretendem tratar da questão do conceito de trabalho remetem de pronto à etimologia para de antemão provar que a palavra nasce com sentido de pena, tortura, sofrimento (*tripalium*). Não é o que está em jogo em nossa reflexão. Em todas as épocas históricas o ser humano precisou fazer trocas energéticas com a natureza, o metabolismo com a natureza faz parte da paisagem humana. Essa mediação com a natureza para reprodução material pode muito bem significar uma atividade penosa, sofrida, dura no sentido físico, sem necessariamente ser um valor social a ser produzido por cada indivíduo para poder ter passe de entrada na vida social.

Como diz Koselleck (2015), a etimologia não basta para descrever ou apreender a história de um conceito e sua evolução. Não estaríamos aqui a despendar energia física e psíquica nesta reflexão se a palavra trabalho apenas designasse o conjunto das atividades, se fosse apenas um conceito nominal, assim como o conceito de animal condensa em si o plural das espécies particulares. Todos sabem que *o animal* não existe, mas o conceito de animal nos ajuda a organizar o pensamento. Enquanto conceito nominal, mesmo tendo etimologicamente um sentido algo negativo e aviltante, não haveria problema em se utilizar a palavra trabalho. A evolução do conceito se explicaria por si. Os indivíduos sociais veem assim, enquanto uma abstração nominal. A questão é que, como temos tentado refletir, o conceito de trabalho não é meramente nominal, ele é fático, ele se realiza na sociedade, é um conceito real, uma abstração que se realiza na sociedade material, na vida social. Historicizar o conceito é tentar adentrar também no âmago da vida social, afinal, “O fim último da história dos conceitos é a sociedade material.” (KOSELLECK, 2015, p. 111)

A questão relacionada ao trabalho não é apenas de uma mudança de sentido de um

termo já existente ou que mantinha relação de sentido, como acontece com alguns termos como política, democracia, e até revolução. O trabalho tem seu sentido conceitual inventado na modernidade. O economista David Ricardo²⁵ “descobriu” que a riqueza moderna está fundada não em um tipo de trabalho mas em qualquer tipo de trabalho medido pelo tempo. Não na atividade agrícola, como pretendiam os fisiocratas que tinham a história a seu favor, já que até então a fonte de riqueza digna de louvor era aquela que a natureza, a terra, podia dar como dádiva recompensa pelo labor executado na lida diária, segundo ritmos cíclicos. Agora, o conceito de riqueza ganha um sentido abstrato tanto quanto a atividade que pode criá-la. Porque a riqueza passa a ser medida pelo “acúmulo de mercadorias”, objeto abstrato de utilidade indiferente, que contém em si trabalho cujo aspecto útil concreto também é indiferente, contanto que represente uma mênada de energia medida pelo tempo abstrato que se materializa na mercadoria.

Parece haver na chamada modernidade uma espécie de tendência à criação de conceitos cada vez mais gerais para dar conta da realidade. A conceituação, ou seja, o fato de criar acepções gerais para dar conta de uma realidade não é novo. O que parece novo é justamente a fixação de conceitos que pretendem abocanhar conceitos específicos com qualidades específicas dentro de um conceito mais amplo. É isso que nos conta Koselleck (2015) quanto ao caminho tomado pelo conceito de história. Talvez não seja abusivo fazer um paralelo com o conceito de trabalho.

Conforme Koselleck (2015), até o século XVII não existia a História, mas histórias. O século XVIII inaugura um conceito de história [*Geschichte*] que é ao mesmo tempo “seu próprio sujeito e seu próprio objeto”, diferentemente de histórias [*Geschichten* e *Historien*] “que têm por objeto pessoas e domínios concretos.” (pp. 106-107). A história passa a ser entendida não mais no plural, como histórias particulares, mas como *a História*, conceito que compreenderia as multiplicidades das histórias num fluxo agora comum. No processo moderno de esvaziamento do céu — “O vetor da moderna filosofia da história foi o cidadão emancipado da submissão absolutista e da tutela da igreja” (Koselleck, 2015, p. 36) — a história no plural até o século XVI e XVII, tendo por base o princípio mítico-religioso, não por acaso marcado pela escatologia e as profecias, desprega-se de seu lado divino e escatológico para ganhar o sentido de futuro, que vai se desenvolver e abraçar a partir desse século das Luzes o sentido linear de progresso. É a filosofia da história, moderna, que vai

25 RICARDO, Davi. *Princípios de economia política e tributação*. Trad. Paulo H. R. Sandroni. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

paulatinamente inaugurando a filosofia também do progresso: uma consciência de tempo e de futuro que se nutre de uma ousada combinação de política e profecia vai se constituindo.

Segundo Koselleck (2015): “Assim, o progresso descortina um futuro capaz de ultrapassar o espaço do tempo e da experiência tradicional, natural e prognosticável, o qual, por força de sua dinâmica, provoca por sua vez novos prognósticos, transnaturais e de longo prazo. (p.36)²⁶

Segundo Koselleck (2015), o caráter plural da história, portanto, as histórias, sempre tiveram um um quê de magistral, algo como uma fonte inesgotável de experiências, ensinamentos, “um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico” (p. 42). Assim, por cerca de dois mil anos, a história cumpriu um certo papel de escola, na qual se “podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros.” (p. 42). Como afirma Robert Kurz (2019), a própria ideia de história na Antiguidade se apresentava como algo cíclico, à maneira dos ciclos da natureza, comportando inclusive uma analogia com a ideia de crescimento e envelhecimento do indivíduo, notável na noção de decadência de culturas, o que se opõe à ideia de processo contínuo rumo à perfectibilidade tipicamente moderna. Significa dizer que a história geral mas também a história dos conceitos é “não um constructo puro e simples, arbitrário, mas um constructo referente à facticidade histórica existente e que deve referir com reflexão própria a própria condicionalidade.”²⁷

Ver na história um quê de magistral, exemplar, no entanto, é pressupor a história como um “espaço de experiência supostamente contínuo (KOSELLECK, 2015, p. 42)²⁸. Mas isso era possível porque as instituições sociais, e o próprio fundamento da reprodução material mudara pouco da antiguidade à idade média. E era justamente essa ideia de continuidade histórica, que pretensamente seria corroborada pelo Renascimento que faria reviver em linha direta com a antiguidade as instituições do passado agora revivescidas. Isso porque havia “uma constância efetiva das premissas e pressupostos, fato que tornava possível

26 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

27 KURZ, Robert. *História como aporia* (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

28 É de Koselleck um exemplo bastante interessante com respeito à pretensa universalidade dos conceitos. Conta ele que um certo Raumer era conselheiro prussiano em 1811 quando dá um conselho baseado numa mentira aceita por por verdade. Para convencer da loucura de se imprimir papel moeda para pagamento de dívidas, chamou a atenção para o grande mal relatado por Tucídides e ocorrido em Atenas quando se decidiu imprimir papel moeda em grande quantidade. Como se sabe, a Antiguidade não conheceu papel moeda. A riqueza ainda guarda uma relação com objetos concretos: rebanho, ouro, prata, ferro. Mas o dirigente de pronto aceitou a ponderação por respeito ao poder exemplar da história.

uma semelhança potencial entre os eventos terrenos.” (KOSELLECK, 2015, p. 43) Assim, qualquer que fosse o ensinamento subjacente à *historia magistra vitae*, o uso dessa expressão “remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral.” (KOSELLECK, 2015, p. 43) Até o século XVIII o emprego da fórmula permanece como “indício inquestionável da constância da natureza humana” (KOSELLECK, 2015, p. 43). A modernidade, ao mesmo tempo que pretende ser uma ruptura com a experiência passada, sorrateiramente pretende se apresentar como retomada do fio da meada histórica perdido na Antiguidade — que se teria perdido nas trevas da Idade Média — rumo ao progresso inexorável do homem finalmente encontrado em sua justa via.

A marcha da unificação dos conceitos na modernidade se dá, segundo Koselleck (2015), de forma acelerada no século XVIII, notadamente na segunda metade. No espaço alemão, até 1750, *Historie* é a palavra emprestada do léxico estrangeiro para expressar “predominantemente o relato, a narrativa de algo acontecido, designando especialmente as ciências históricas.” A *Historie* foi sendo “preterida em favor da palavra *Geschichte*”, que significava “originalmente o acontecimento em si”, mais do que a seu relato. Mas a *Geschichte* foi ganhando também o sentido de relato, abocanhando o sentido de *Historie* (p. 48)²⁹. A *Geschichte* como acontecimento único, complexo de acontecimentos, portanto, não teria como virar *exempla* e instruir como a *Historie*.

Apesar disso, a *Geschichte* está ligada a histórias particulares, quando usada no plural. A história (*Geschichte*) “adquire uma nova dimensão que escapa à narratividade dos relatos”(KOSELLECK, 2015, p. 49).

Conforme Koselleck (2015), trata-se de uma “época em que a história universal [*Universalhistorie*], que compreendia uma soma de histórias particulares, transformava-se na história do mundo [*Weltgeschichte*]” (p. 51), com um nexos pretensamente comum. Assim, toda singularidade deve fazer parte de um Todo, diluir-se num Todo. Não é a soma das particularidades que erige o Todo. Mas é o particular que só existe enquanto representante do universal. Essa forma de apreender a história guarda toda relação com outros conceitos modernos, especialmente o conceito de trabalho que opera nessa mesma abstração.

O uso da palavra *Geschichte* como coletivo singular não é um fato isolado, muito menos anódino. Segundo Koselleck (2015), isso permitiu ao mesmo tempo que se atribuísse à

29 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

história uma força que reside no interior de cada acontecimento que afeta a humanidade, “aquele poder que a tudo reúne e impulsiona por meio de um plano, oculto ou manifesto, um poder frente ao qual o homem pôde acreditar-se responsável ou mesmo em cujo nome pode acreditar estar agindo.”(p. 52) Hegel chama de trabalho da história, como se houvesse um agente universal. Não à toa, é no mesmo período que, segundo Koselleck (2015), começa a se impor “o conceito de filosofia da história”: “Uma vez que o acontecimento se mostra como consequência e produto do embate entre forças singulares e genuínas, extingue-se a possibilidade de aplicação imediata de modelos históricos” (p. 53)

Para Koselleck (2015) — e justamente por isso achamos justificado dialogar com a reflexão deste autor para aclarar a questão da historicização dos conceitos — essa ideia do coletivo singular se deu numa época que pode ser chamada de “grande época das singularizações, das simplificações” (p. 53). Das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos, o Progresso, das muitas revoluções, a *Révolution*. E poderíamos acrescentar: das atividades humanas, fez-se o trabalho. E poderíamos até pensar esse processo de singularizações no terreno artístico, em que as “expressões artísticas” se coagularam no conceito abstrato de Arte. Mas como se pode perceber, temos defendido a problemática da abstração de uma atividade que é o alicerce da sociedade moderna, ou seja, mesmo o conceito abstrato de arte é subsumido num segundo nível de abstração que é o trabalho. Não por acaso, a arte é considerada um trabalho gerador de riqueza como outro qualquer.

Essa ideia do coletivo singular pressupõe como não menos importante a Igualdade entre os sujeitos. Parte-se de um pressuposto inegavelmente positivo, o fato de não poder haver diferenças sociais *a priori* entre os indivíduos para se chegar à sua igualdade abstrata perante os princípios de liberdade individual de mercado. Não por acaso, quem medeia a relação social desses sujeitos agora Livres é um tripé não menos abstrato, coletivo singular por excelência: dinheiro-trabalho-mercadoria, que encontram seu conceito moderno. Os objetos úteis devem caber no coletivo singular Mercadoria, assim como as atividades concretas devem caber no coletivo singular Trabalho. Não por acaso, trata-se do século em que a modernização capitalista vê diante de si um terreno vasto para ser colonizado por sua dinâmica. Essa colonização só poderia ser levada a cabo por sujeitos que acreditam estar agindo para e pela história enquanto progresso, a força movente. Cada pedaço da histórica agora faz parte da história em si. É essa a filosofia da história moderna, que é o campo de

ação do espírito no sentido hegeliano. Cada ensinamento exemplar particular que ainda podia ter a história [*Historie*] deveria confluir “no evento pedagógico geral”. O *Zeitgeist* vai substituindo o tempo natural que reinara por séculos, e tal qual os deuses, age como tempo punitivo ao qual é preciso submeter-se. É a filosofia da história, moderna, que vai paulatinamente inaugurando a filosofia também do progresso: uma consciência de tempo e de futuro, que se nutre de uma ousada combinação de política e profecia, que vai se constituindo.

Mas é importante ressaltar que não se trata de um coletivo singular que simplesmente subsume os particulares ao seu conceito nominalmente, enquanto palavra abrangente que apenas linguisticamente opera tal procedimento, como no caso dos coletivos manada, matilha, eucateia. No caso do trabalho, do dinheiro e da mercadoria, trata-se de um coletivo singular, de um processo de abstração que tem uma realidade social, já que esse tripé está na base da dinâmica à qual está amarrada a vida social moderna.

Na guinada da compreensão da história como coletivo singular, não mais como particularidades, ou como coletivo plural, “não se pode mais esperar conselho a partir do passado, mas sim apenas de um futuro que está por se constituir.” (Koselleck, 2015, p. 58). Esta citação parece apreender a especificidade moderna, que se expressa de forma cristalina na citação de Michelet por Benjamin nas *Passagens* (2006, p. 41)³⁰: “Cada época sonha a seguinte”. Esse transtorno na relação com a história já seria suficiente para compreender a Modernidade como ruptura com as formações sociais do passado, que não conheciam essa dinâmica interna na qual o futuro determina o presente que, por sua vez, passa a sonhar o futuro.

30 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

1.2 FOUCAULT E A ORDEM DAS COISAS

Se Marx ainda se manteve ambíguo quanto à modernidade do conceito de trabalho, como veremos adiante, embora seja uma ambiguidade contraditória com o conjunto de sua obra crítica, Foucault deu uma preciosa contribuição à história dos conceitos em sua obra *As palavras e as coisas* (2008). Neste livro, que ele chama arqueologia das ciências humanas, o autor francês demonstra um interessante zelo quanto à compreensão dos conceitos em relação à época histórica para a qual são válidos. Ele trata de conceitos como linguagem, gramática, troca, riqueza, moeda e trabalho. Este último, que nos interessa mais de perto aqui, a economia moderna entende de forma inédita como a fonte da riqueza. Especificamente com Ricardo (1982), o trabalho é visto ao mesmo tempo como atividade de produção e também como mercadoria que se pode comprar ou vender. (FOUCAULT, 2008, p. 265)³¹.

Se para Adam Smith (1983) “Todo homem é rico ou pobre, de acordo com o grau em que consegue desfrutar das coisas necessárias, das coisas convenientes e dos prazeres da vida” (p. 63)³² — embora em seguida diga que a riqueza do indivíduo deve ser medida pela “quantidade de trabalho que é capaz de adquirir³³ —, Ricardo (1982) coloca o valor como medida da riqueza (p. 44)³⁴, sendo a quantidade de trabalho o que “permite fixar o valor de uma coisa”, porque “o trabalho como atividade de produção é 'a fonte de todo valor'” (FOUCAULT, 2008, p. 266).

À primeira vista, essa referência aos economistas clássicos pode parecer trivial e até um desvio desnecessário. Porém, olhando mais de perto veremos que a apreensão do trabalho como fonte do valor, portanto, como fonte da riqueza moderna, não é algo anódino, porque não se trata de uma descoberta científica de um significado escondido desde a Antiguidade e que os antigos não conseguiram decifrar. Trata-se da compreensão do verdadeiro significado da *atividade produtiva em si* na modernidade, que ganha pela primeira vez a forma de um conceito geral. Enquanto no pensamento clássico o comércio e a troca são o

31 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

32 SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz J. Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

33 Adam Smith adere evidentemente à ideologia moderna que considera o trabalho uma categoria antediluviana. Não era de se esperar outra coisa. Diz ele: “Não foi por ouro ou por prata, mas pelo trabalho, que foi originalmente comprada toda a riqueza do mundo; e o valor dessa riqueza, para aqueles que a possuem e desejam trocá-la por novos produtos, é exatamente igual à quantidade de trabalho que essa riqueza lhes dá condições de comprar ou comandar” (p. 63). Eis a escola da transhistoricização e naturalização dos conceitos modernos.

34 RICARDO, Davi. *Princípios de economia política e tributação*. Trad. Paulo H. R. Sandroni. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

esteio de compreensão da análise da riqueza, até mesmo em Adam Smith (1983), como chama a atenção Foucault (2008), “desde Ricardo, a possibilidade de troca se funda no trabalho; e a teoria da produção doravante terá sempre que preceder a da circulação.” (p. 267)³⁵ Não é uma simples mudança do ponto de vista teórico, se a circulação não é mais o parâmetro de medida da riqueza da sociedade. É antes uma mudança no âmago da própria constituição social, uma constituição social única cujo fundamento e princípio de síntese é a produção, a produção de riqueza mercantil. Não por acaso podemos caracterizar a modernidade como uma sociedade produtora de mercadorias, para a qual o trabalho é o nexos social fundamental, trabalho entendido enquanto abstração das especificidades concretas, assim como a riqueza abstrai qualquer referência à vida concreta, agrotóxico, remédio, pão, sapato sendo igualmente riqueza produzida pelo trabalho. O trabalho deve ser entendido, portanto, como uma atividade geral mediante a qual os sujeitos não podem fazer questionamentos de ordem particular. Não há espaço para a pergunta sobre o porquê de se despender energia psíquica e física em determinada mercadoria. Porque aprioristicamente ela já encontra razão de ser no próprio fato de ser a materialização do trabalho. Não é só *le mort* que *saisi le vif*, é o abstrato que reina sobre o particular.

O modo de ver as coisas de Smith (1983) e Ricardo (1982) em verdade expressa essa mudança qualitativa importante na marcha do novo tempo. Ora, durante séculos, a agricultura foi a fonte de riqueza social, de bens úteis de reprodução material. Basta nos referirmos aos autores antigos — de Hesíodo a Varrão, de Catão a Virgílio — que cantaram a agricultura como atividade das mais nobres. A nobreza da agricultura não é menor no período histórico da Idade Média. Ainda na aurora da era moderna, autores como Quesnay (1983) consideraram a riqueza não como fruto de qualquer trabalho medido pelo tempo. A riqueza ainda era para Quesnay no século XVIII o fruto do trabalho na terra, na produção do que ele chama de “bens de raiz” (p. 332)³⁶. Apesar dessa forma de ver um tanto dissonante em relação à visão de Smith e Ricardo, os chamados fisiocratas, está clara uma mudança qualitativa. Embora defendessem a primazia da terra como fonte de riqueza, a riqueza já era percebida como moderna, a ideia, portanto, era de fazer a terra dar renda, por meio de uma otimização do trabalho. É possível dizer que os fisiocratas, como Quesnay, têm uma visão de riqueza e de trabalho a meio caminho entre o passado e o futuro. Sua concepção de riqueza se

35 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

36 QUESNAY, François. *Quadro econômico dos fisiocratas*. Trad. João G. V. Netto. In: *Obras econômicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

apoia ainda numa concepção de bens da terra, na atividade do campo. Riqueza haveria quando a produção no campo excede o apetite do produtor — a quem serve primeiramente. Assim, as trocas cumprem o objetivo de circulação dos excedentes. Seguindo a interpretação de Foucault (2008), os excedentes, a abundância, só são riqueza “a título provisório” (p. 205)³⁷. Portanto, nada de sistema produtor de mercadorias do qual a troca é apenas um corolário. Logo, nada de trabalho produtor dessa riqueza.

Uma virada importante ocorre quando, segundo Foucault (2008), Ricardo (1982) compreende que a raridade não se deve ao fato de os homens representarem para si objetos que não possuem. Assim como a riqueza não se deve à produção abundante de objetos que, não sendo consumidos imediatamente, podem servir nas trocas e na circulação. Ora, para Ricardo (1982), a primazia não deve ser dada à necessidade e à representação da necessidade no espírito dos homens. Tampouco a riqueza deve ser entendida como generosidade da terra. O que caracterizaria a riqueza e a raridade seria uma carência original. Seria assim que o trabalho enquanto atividade econômica teria aparecido na história do mundo, desde sempre. O homem se vendo em grande número na terra, vendo-se impossibilitado de se alimentar com os frutos espontâneos da terra, vê-se compelido a trabalhar a terra: “A cada momento de sua história, a humanidade só trabalha devido à ameaça da morte: toda população, se não encontrar novos recursos, está destinada a desaparecer”. (FOUCAULT, 2008, pp. 268, 269). É assim que, segundo Foucault, o trabalho vira o único meio de negar essa dita carência fundamental: “A positividade da economia faz morada nesse buraco antropológico.” (p. 269). É assim que a economia é naturalizada. Mas não só. De forma ideológica, o trabalho — aqui já com seu sentido moderno — é colocado como um destino trágico e ontológico do homem, algo muito comum em toda abordagem da história do trabalho despreocupada da precisão conceitual. O trabalho é, assim, visto naturalmente, sem necessidade de problematização. Ricardo (1982) faz aqui, e as reflexões de Foucault alumiam essa compreensão, uma fundamentação retrospectiva. Ele tenta lançar para toda a história humana sua descoberta somente possível na modernidade, já que somente na modernidade ele fez a experiência concreta dessa atividade geral e abstrata que é fonte de valor, de riqueza. Somente seu tempo histórico tem por característica uma categoria abstrata para a atividade humana. Como argumenta Vernant e Naquet (1989), “a confrontação universal dos produtos do trabalho” age no sentido de abstrair e secundarizar qualquer referência ao concreto, ao uso, transformando

37 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

esses produtos “em mercadorias todas comparáveis do ponto de vista de seu valor”, uma vez que “os trabalhos [!] humanos, sempre diversos e particulares” são diluídos “numa mesma atividade de trabalho geral e abstrata”. (p. 36)³⁸

Mas o trabalho na modernidade é apenas um dos conceitos de um emaranhado conceitual. Para se dar um exemplo, falar de trabalho na modernidade significa falar de produção de riqueza e caberia também uma precisão conceitual. Estando o conceito de riqueza, como temos visto, intimamente ligado ao conceito de trabalho, ela sofre uma cisão de grande envergadura devido ao tipo de riqueza específica que é produzida pelo trabalho — uma cisão que interessa problematizar. É David Ricardo (1882) quem apreende, antes de Marx (1983)³⁹, a cisão entre riqueza social e riqueza material, ou seja, entre riqueza e valor. Uma cisão apenas moderna, mas que Ricardo coloca como sempre tendo existido. Ora, a modernidade produz para si um novo conceito de riqueza que não é mais determinada pela quantidade de bens produzidos, mas pela quantidade de valor — cuja fonte é o tempo de trabalho — que contêm esses produtos-mercadorias. Ou seja, a riqueza social é agora o valor, abstração, enquanto a riqueza material passa como sendo mero suporte para realização dessa riqueza. De modo que um milhão de homens trabalhando em manufaturas: “pode produzir, em dada situação da sociedade, o dobro ou o triplo da quantidade de riquezas” do que produziriam em outras circunstâncias (RICARDO, 1882, p. 189). Prossegue ele, “Mas nada acrescentariam ao valor pois tudo aumenta ou diminui de valor [...] em proporção à quantidade de trabalho empregada em sua produção.” (p.189)⁴⁰. É também nessa passagem que Ricardo desenvolve uma argumentação que, no fim das contas, acaba sorrateiramente deixando no ar que seria melhor confundir-se logo riqueza e valor.

Mas Foucault (2008) vai ainda mais longe e diz que na época clássica não existe economia política, nem produção na ordem do saber. Da mesma forma que não há como fazer perguntas à época clássica “vindas de uma economia de tipo diferente, organizada, por exemplo, em torno da produção e do trabalho; é inútil também analisar seus diversos conceitos (embora e principalmente seus nomes, em seguida, tenham-se perpetuado, com alguma analogia de sentido) sem levar em conta o sistema onde esses conceitos ganham sua

38 VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1989.

39 Diz Marx no início do *Capital*: “A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’”. (MARX, 1983, p. 45)

40 RICARDO, Davi. *Princípios de economia política e tributação*. Trad. Paulo H. R. Sandroni. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

positividade” (p. 177)⁴¹. Essa preocupação acerca da precisão dos conceitos não deve ser considerado um preciosismo. Afinal, os conceitos expressam também uma compreensão dos tempos históricos.

Para tentar dar conta do devido quilate da problemática aqui em questão, podemos remeter para uma discussão muito contemporânea sobre a crise do mundo do trabalho. Para alguns autores, a crise da sociedade capitalista hoje se dá exatamente pelo fato de ela ter chegado a um nível de desenvolvimento tecnológico tal que economiza mais trabalho do que lhe é possível expandir os terrenos de consumo aos produtos gerados por uma produtividade crescente e uma utilização decrescente de mão de obra nos setores produtivos. Ora, se o trabalho fosse realmente toda e qualquer atividade, se fosse em verdade a multiplicidade das atividades humanas, não haveria qualquer razão para se falar em crise do trabalho. Mas a questão se põe em outro nível. Se conceituamos o trabalho como atividade de produção de mercadorias medida pelo tempo, é porque não somos nós individualmente que assim o fazemos. O conceito não é nosso. E a abstração das atividades quem faz é o todo social. Sendo assim, não são as atividades humanas que entram em crise — embora uma gama enorme de atividades pesadas tenham desaparecido — mas aquelas atividades cujo fim é materializar uma mercadoria que por sua vez deve se materializar numa soma de dinheiro maior do que a investida no início do processo.

41 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

1.3 O RENASCIMENTO É PASSAGEM TENSA INCONSCIENTE, A MODERNIDADE É RUPTURA

Considerar o Renascimento como sendo um período já fazendo parte da modernidade pode significar também uma retroprojeção a partir da época moderna. Se seguimos o raciocínio de Koselleck (2015), podemos ver que foi lento o processo que levou o próprio termo “Renascimento a libertar-se da metáfora de voltar a nascer” até se tornar um conceito de período, um processo que “só se completa nos séculos XVIII e XIX.” (p. 273). O termo, portanto, “não se impôs imediatamente como conceito autônomo, como designação histórica do próprio tempo” (p. 272). Dito de outro modo, não parecia haver a consciência histórica de se estar construindo a história, a história em si num sentido de progresso, uma história que desliga espaço de experiência e horizonte de expectativa. Porque, como aponta Koselleck (2015), “Só depois que as expectativas cristãs do fim deixaram de ser uma contínua presença é que pôde ser descoberto um tempo que se transformou em ilimitado e se abriu para o novo.” (p. 278)⁴² Apesar das inovações, das descobertas do período, essa consciência histórica só desabrocha no século XVIII. Não por acaso, o período que temos tratado aqui como período das conceituações generalizantes e de um vocabulário moderno.

Mas a partir de que ângulo deveríamos considerar o Renascimento, se é comum a abordagem de que juntamente com o humanismo, ele teria livrado o homem da sua condição bovina, para que eclodisse o *indivíduo* moderno? O Renascimento deveria, pela pesquisa que temos levantado, ser considerado talvez como muito mais um período de tensionamentos rumo à modernidade. Como momento em que o homem fazia renascer o pensamento crítico, ousando pensar por si, mas sem nem de longe pensar em pôr em questão a religião. Mas até mesmo a ideia de um tensionamento pode ser considerada uma projeção do ponto de vista moderno, um ponto de vista que tentaria buscar ali um elo, um *continuum* da história. Embora haja elementos no Renascimento que possam guardar no vocabulário relação com a época moderna, nem mesmo conceitos como burguês e Estado podem ser vistos como sendo da mesma qualidade.

Pela nossa concepção de modernidade — entendida como forma social dinâmica que revoluciona permanentemente suas estruturas sociais e subjetivas; como forma social cujo sujeito por excelência é o burguês como máscara social independentemente da classe social —

42 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

não há como ver modernidade no Renascimento, mas muito mais uma espécie de impulso tenso no sentido da libertação do pensamento do indivíduo em relação ao julgo, às amarras do obscurantismo. Os autores humanistas, de Pico della Mirandola a Morus, não ousavam pôr em questão a religião enquanto tal. O princípio de síntese social religioso não era conscientemente posto em questão como no século XVIII. Como afirma Le Goff (2015), no que diz respeito ao próprio despertar da razão no Renascimento, esse despertar “só fez prolongar a Idade Média: esta se liga também à Antiguidade e, senão toda a teologia medieval, ao menos a escolástica, a partir do século XII, recorre sem cessar à razão.” (p.125)⁴³

Os pressupostos teóricos podem até estar de pé no Renascimento, aquilo que iria representar o verdadeiro boom da modernidade (KURZ, 2014) já estava em discreto uso: as armas de fogo começaram a ser usadas no fim do século XV, mas só encontrando um verdadeiro uso concreto séculos depois (KURZ, 2014). Porque história concreta e conceito estão muitíssimo longe de se encontrar no Renascimento. Somente com os modernos, ou para ser mais direta, a partir do século XVIII-XIX⁴⁴, foi possível aquilatar que havia um movimento “invisível, lento e sorrateiro” (KOSELLECK, 2015) na história que começara com o Renascimento, mas que poderia ter tomado outro rumo. Não à toa a Contrarreforma pode ser entendida como uma tentativa de criação de um dique ao desenvolvimento da individualidade no Renascimento, uma individualidade que ainda não caminha no sentido de uma forma-sujeito burguesa, mas ainda tem um caráter muito mais utópico de elevação das almas. De modo que o burguês do Renascimento não guarda muita relação com o burguês da época de um capitalismo amadurecido. Por isso que um mercador da Idade Média, como chama a atenção Le Goff (2011), podia ter “horizontes mais largos do que muitos eruditos modernos que o estudaram”. (p. 12)⁴⁵. Muitos exemplos na história dão conta dos burgueses renascentistas que despendiam somas enormes apenas pelo nome, apenas para ganharem ares de homens de espírito, ou apenas para salvar suas almas. Sendo assim, pode-se dizer que a mercadoria e o trabalho não constituem o nexos social. Não se pode deixar enganar apenas com a palavra trabalho que aparece no vocabulário da época como positivo. Simplesmente, a forma de riqueza no Renascimento ainda está presa à concepção anterior, enquanto originada

43 LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* Trad. Nícia A. Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

44 Como afirma Koselleck (2015), no século XVIII “vigora a consciência de que há três séculos já se vivia em um novo tempo [...]” (p. 280), embora o conceito de *novo tempo* “como conceito da experiência histórica a que se agregam sempre novas expectativas quanto ao futuro” seja ainda “pouco difundido na historiografia e na teoria da história do século XVIII.” (p. 80)

45 LE GOFF, Jacques. *Marchands et banquiers du Moyen Âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

na circulação, na troca. Tanto que Foucault (2008) pôde dizer que os “economistas” do Renascimento — é o autor que coloca economistas entre aspas — ainda acreditavam que “a capacidade que tem a moeda de medir as mercadorias e sua trocabilidade repousava em seu valor intrínseco” (p. 185). Acreditavam, portanto, que “o belo metal era, em si, marca de riqueza” (p. 186)⁴⁶.

A questão de discutir se o Renascimento é modernidade tem certa importância aqui neste estudo. Não parece haver consenso quanto à questão de saber se a modernidade significa ou não uma ruptura qualitativa com as sociedades que lhe antecederam. Se se considera que não há ruptura, mas continuidade, não há motivo para se questionar que a atividade produtiva tenha ganhando uma qualidade também de ruptura com o passado e adquirido uma qualidade nova, portanto, um conceito novo. Quanto a mim, penso haver sim uma ruptura. Ao não se estabelecer uma diferença essencial entre as formas de constituições históricas, fica obnubilada uma concepção da forma social moderna no que ela tem de específico.

E aqui sigo também Koselleck (2015), que caracteriza a modernidade como *novo tempo*, “no sentido de inteiramente diferente” — “ou até mesmo melhor, do que o tempo anterior” na concepção positivista. De todo modo, “o novo tempo indica novas experiências que jamais haviam sido experimentadas dessa maneira, ganhando uma dimensão que confere ao novo um caráter de época.” (p. 274)⁴⁷

Argumentar que o fenômeno histórico da modernidade significa uma ruptura com a história anterior não significa defender a existência de uma ruptura num sentido brusco. Mas uma ruptura levada a cabo de forma sorrateira pela história. Num processo contínuo de tensionamentos e superações contínuas, numa dialética contínua em que o *novo tempo* sempre virado para o futuro vai acertando suas contas com um passado que não é mais um poço inexaurível de experiências pedagógicas⁴⁸. Assim, a ruptura se dá como revolução contínua das estruturas sociais e subjetivas. Somente entendendo esse tensionamento contínuo é que podemos entender o que conceitua Le Goff (2015) como a *longa Idade Média*, que adentraria

46 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.

47 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

48 Não caberia aqui desenvolver uma hipótese sobre o momento mais preciso em que a modernidade teria encontrado seus pressupostos de aceleração, mas permito-me remeter ao estudo detalhado do alemão Robert Kurz, em sua obra *Dinheiro sem valor* (2014), em que defende a tese de que o advento da modernidade e sua aceleração rumo ao progresso está relacionada ao surgimento das armas de fogo, e as consequências sociais advindas das disputas entre “Estados” nascentes.

pelo século XVIII e corresponde:

aos progressos da economia rural, apontados e teorizados pelos fisiocratas; à invenção da máquina a vapor, imaginada pelo francês Denis Papin, em 1687 e realizada pelo inglês James Watt em 1769, ao nascimento da indústria moderna que, da Inglaterra, vai se disseminar por todo o continente. No campo filosófico e religioso, a longa Idade Média se encerra com a obra que introduziu o pensamento racional e laico, a ciência e a tecnologia modernas: a *Encyclopédie*, da qual Voltaire e Diderot são os mais brilhantes participantes. Por fim, o término do século XVIII corresponde, no plano político, ao movimento antimonarquista decisivo da Revolução Francesa.” (pp. 123-124)⁴⁹

A historicização dos conceitos permite justamente abrir uma “porta de acesso” para a compreensão do processo complexo da trajetória da modernidade que seguiu até o século XVIII, segundo Koselleck (2015), sua marcha corroendo a tradição ora de “forma invisível, lenta e sorrateira, ora de forma repentina e abrupta, e que por fim foi acelerado conscientemente.” (p. 48)⁵⁰

Segundo Koselleck (2015), o distanciamento entre a consciência histórica por meados do século XVII — juntamente com o nascimento da política moderna (Estado) — e a escatologia cristã teve consequências, como o surgimento do prognóstico para rivalizar com as profecias, mas: “A transmutação do futuro profetizado em futuro prognosticável não destruiu, em princípio, o horizonte das previsões cristãs. É isso que une a república soberana à Idade Média, também ali onde a primeira não mais se considera cristã.” (p. 35).

Pudemos ver com Koselleck (2015) o quanto a modernidade inaugura uma nova forma de entender e encarar a história, não mais como histórias particulares, mas como a História enquanto conceito que compreenderia a multiplicidade das histórias num fluxo agora comum. No processo moderno de esvaziamento do céu, a história até o século XVI e XVII ligada ao princípio mítico-religioso, não por acaso marcado pela escatologia e as profecias, desprega-se de seu lado divino e escatológico para ganhar o sentido de futuro, que vai se desenvolver e abraçar a partir do século das luzes o sentido linear de progresso. Apreendemos aqui o conceito de trabalho — para opô-lo às atividades desenvolvidas nas utopias renascentistas — como uma categoria da ação que devassa o *novo horizonte de expectativas* (KOSELLECK, 2015) que a modernidade traz à cena, portanto, é a categoria que constrói o futuro, logo, o Progresso.

Não é só o conceito de progresso que está relacionado ao trabalho, mas também o

49 LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* Trad. Nícia A. Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

50 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

conceito novo de Revolução (*Révolution*). A modernidade inaugura a *Era das revoluções*.

A *Revolução* como coletivo singular também alude ao princípio tipicamente moderno da dinâmica social embalada no movimento tautológico do capital que, por sua vez, embala o ritmo do progresso e delinea o horizonte de expectativas. Assim “A história do futuro” é encarada já como “a história da revolução” (Koselleck, 2015, p. 73)⁵¹. Revoluções políticas e sociais, mas sobretudo a revolução permanente que o capitalismo faz sobre si mesmo, como superação contínua de formações sociais e subjetivas consideradas atrasadas em relação aos horizontes de expectativas sempre novos. A *Revolução* — que não tem mais o sentido tradicional ligado aos astros ou às constituições políticas — passa a ser entendida como movimento, como objetivo final de transformação, de emancipação — dentro do invólucro inconfesso e apriorístico das leis mercantis.

Analisando os conceitos de *Progresso* e *Revolução*, Koselleck (2015) localiza na história uma espécie de ação invisível que age nela, como algo a empurrá-la numa determinada direção, algo que escapa à compreensão consciente. Talvez seja interessante apreender que é propriamente esse aspecto inconsciente social que se move no subterrâneo de forma revolucionária permanente. Ou seja, a revolução permanente é a do capital e de sua substância, o trabalho. Quando Koselleck (2015) pergunta se a “revolução universal não teria esmaecido, tornando-se fórmula oca” (p. 76), deveríamos responder que somente se entendermos revolução no sentido da superfície, no sentido da ação concreta dos homens em modificar suas condições de existência dentro da imanência capitalista. Mas se entendermos revolução como a própria forma de mover-se da marcha do progresso, o seu tom esmaecido se deve muito mais ao fato de ela estar esgotando a história concreta, a vida social concreta que lhe servia de matéria para sua realização contínua. Em suma, se entendermos que a revolução contínua está exaurindo a história.

O sentido da modernidade enquanto ruptura e não continuidade, é como Koselleck (2015) reflete o que ele chama de *novo tempo*. Ele cita Toqueville (2008), “que em toda sua obra mantém-se atento à experiência do surgimento da modernidade como uma ruptura com a temporalidade anterior [...]” (p. 452). Diz o autor Francês:

Quoique la révolution qui s'opère dans l'état social, les lois, les idées, les sentiments des hommes, soit encore bien loin d'être terminée, déjà on ne saurait comparer ses oeuvres avec rien de ce qui s'est vu précédemment dans le monde. Je remonte de siècle en siècle jusqu'à l'antiquité la plus reculée; je n'aperçois rien qui ressemble à ce qui est sous mes yeux. Le passé n'éclairant plus l'avenir, l'esprit marche dans les

51 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

ténèbres. (p. 452)⁵²

É possível dizer que a modernidade inaugura uma relação ambígua com a história. Ao mesmo tempo em que pretende ser o novo, uma ruptura, pretende estar baseada em preceitos antediluvianos quando se trata de naturalizar ou transhistoricizar para naturalizar as bases nas quais a modernidade como sinônimo de capitalismo está sentada. Agora, é o futuro que deve guiar os passos do presente, futuro glorioso da sempre contínua marcha evolutiva do espírito humano esclarecido. Mas as categorias de base para se poder trilhar a marcha triunfal pretendem ser antiquíssimas, experiências herdadas desde tempos imemoriais. É o caso do trabalho, do dinheiro, da mercadoria, do capital e da política que passam por superconceitos cuja validade não se põe em discussão.

A palavra trabalho, na modernidade, em vez de ser encarada de fato como conceito em sua especificidade, é no mais das vezes desconceitualizada e usada como mera palavra em vários contextos, como se não se tratasse de um conceito fundante da própria vida moderna, o verdadeiro elo social, o verdadeiro princípio de síntese da vida social moderna. Porque o trabalho se coloca na modernidade como princípio fundamental que organiza, que constitui a vida social e subjetiva, o princípio de referência ao qual se alicerça a vida social e psíquica. É o quadro ao mesmo tempo imanente e transcendente ao social, o elemento que dá liga ao social, que lhe dá vigor e sentido. Como argumenta Jappe (2019):

Qualquer sociedade precisa de um princípio de síntese; trata-se do princípio unificador que graças ao qual os indivíduos e seus produtos materiais e imateriais — que, enquanto tais, estão separados e são incomensuráveis — podem constituir as partes de um coletivo que assegura uma mútua satisfação das necessidades (p. 24)⁵³

E prossegue o autor afirmando que, na sociedade capitalista,

é o *trabalho* que faz de cada indivíduo um membro da sociedade, que com os outros membros partilha uma essência comum graças a qual pode participar na circulação de seus produtos. É porque as suas atividades adquirem a forma comum de uma dada quantidade de trabalho, representada numa dada quantidade de dinheiro, que os indivíduos podem se encontrar como as partes de um todo, ou seja, formar uma sociedade. (pp. 24,25).

A discussão acerca do trabalho não pode prescindir de uma interpretação da própria sociedade, portanto. A sociedade moderna onde nasce o trabalho na sua qualidade

52 TOCQUEVILLE, Alexis. *Da la démocratie en Amérique II*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.

53 JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica — capitalismo, desmesura e autodestruição*. Trad. Júlio Henrique. Lisboa: Antígona, 2019.

moderna é a forma de vida social plasmada numa matriz apriorística, em que a atividade produtiva dos seres humanos é enfiada na cama de Procrustes da valorização do dinheiro.

Trabalho é uma atividade mercantil, cujo sentido somente poderia encontrar paralelo na história com o conceito de *mercenário* — embora o paralelo seja de saída falso, pois a figura do mercenário era apenas um dos seres que faziam parte de uma totalidade fundada em outras bases, e de modo algum o tipo dominante. Arrisquemos, no entanto, o paralelo, já que o mercenário é aquele que exerce uma atividade com total desprezo pela forma e o conteúdo da atividade, aquele “que é alugado em troca de moeda”, “aquele que tem uma generosidade interessada”, “aquele que exerce um ofício pago”, “um doméstico que pago” (GAFFIOT, 1934, p. 968)⁵⁴, que não estabelece qualquer vínculo senão o da moeda. Esse tipo de vínculo somente é dominante dentro de uma sociedade cujo nexos social é o movimento do dinheiro se multiplicando a partir da riqueza fetichista produzida pelo trabalho.

O trabalho é a categoria chave de uma vida social cujas regras imperiosas aparecem como transcendentais e inacessíveis ao controle direto e à discussão dos seres humanos, pois se trata de uma coação fixada a priori.

⁵⁴ GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

1.4 O TRABALHO É A SUBSTÂNCIA DO CAPITAL E NAS UTOPIAS RENASCENTISTAS NÃO HÁ CAPITAL

O alemão Robert Kurz (2005) contribuiu sobremaneira para uma apreensão da especificidade do trabalho como categoria capitalista, e mais, como a substância do capital. Seguindo seu argumento, o trabalho deve ser entendido como forma de atividade humana e substância do capital ao mesmo tempo, como a força material concreta na qual se afirma exclusivamente o princípio abstrato moderno da transformação obsessiva de dinheiro em mais dinheiro.

Como diz Marx (2011), “Com a universalidade abstrata da atividade criadora de riqueza, tem-se agora igualmente a universalidade do objeto determinado como riqueza, o produto em geral, ou ainda, o trabalho em geral [...]” (p. 57)⁵⁵

Mas chamemos Marx à discussão. Como terá ele tratado a questão? O marxismo tradicional já tem pronta a resposta: Marx é um defensor intransigente do trabalho, e é sandice dizer o contrário. É apenas a abstração que corrompe o trabalho concreto — aliás, o marxismo em geral apenas se fixou nessa corrupção do trabalho pelo capital, sendo negativo apenas o capital (burguesia) que, feito vampiro, sugaria o sangue do trabalho (proletário) para enriquecer, engordar. Não por acaso essa pretensa contradição capital-trabalho deu muito pano para mangas, inclusive na construção ideológica de uma subjetividade a priori positiva dos explorados em contraposição a uma subjetividade degenerada dos chamados capitalistas, burgueses. Por essa visão aqui resumida, Marx apenas criticaria o trabalho abstrato, a exploração do trabalho pelo capital, degeneraria o trabalho, que o corromperia, que o parasitaria, que sugaria sua essência positiva. É uma forma de ver as coisas. Mas prefiro acompanhar a leitura que vê em Marx uma aporia permanente quanto a essa questão. Ou seja, é possível ver em Marx uma defesa do trabalho e uma crítica do trabalho. É possível dizer que Marx titubeia por momentos em caracterizar a categoria trabalho como moderna, confundindo o trabalho com todo e qualquer metabolismo com a natureza.

Nos *Grundrisse* (2011), quando fala do *método na economia política*, Marx desnuda a aporia:

O trabalho parece uma categoria muito simples. A representação do trabalho nessa universalidade — como trabalho em geral — também é muito antiga. Contudo,

⁵⁵ MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2011.

concebido economicamente nessa simplicidade, o “trabalho” é uma categoria tão moderna quanto as relações que geram essa simples abstração. (p.57)

Vejamos que a categoria é ao mesmo tempo muito antiga, mas, ao mesmo tempo, “tão moderna quanto as condições que geram essa abstração”. Na página seguinte, Marx argumenta que é somente nos Estados Unidos, sociedade burguesa mais desenvolvida segundo ele, que

a abstração da categoria 'trabalho', 'trabalho em geral', trabalho 'puro e simples', o ponto de partida da Economia moderna, devém verdadeira na prática. Por conseguinte, a abstração mais simples, que a Economia moderna coloca no primeiro plano e que exprime uma relação muito antiga e válida para todas as formas de sociedade, tal abstração só aparece como verdadeira na prática como categoria na sociedade mais moderna. [...] as próprias categorias mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas —justamente por causa de sua abstração —, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente, produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas.” (p. 58)⁵⁶

O trecho é longo, mas faz-se necessário. Como uma categoria tem “validade para todas as épocas” e, ao mesmo tempo, é “produto de relações históricas”, válida somente no interior dessas mesmas relações? Como seria esse conceito antiquíssimo e ao mesmo tempo aparecer “como verdadeira na prática como categoria na sociedade mais moderna”? Até mesmo o caráter de abstração que Marx empresta ao termo, talvez entendido no sentido linguístico, careceria de fundamentação histórica. Pois já vimos com Vernant e Naquet (1989) que nem mesmo a abstração nominal existia na antiguidade. Assim, essa aporia não resolvida só ganha sentido de aporia pela confusão, pela dificuldade de se aceitar distinguir as atividades humanas em sua multiplicidade e o trabalho.

Nesse sentido, a distinção baseada em Hegel entre uma *Entäusserung* et *Entfremdung* não resolve a questão. Na verdade, sempre se pretende aos moldes marxistas salvar algo de positivo no trabalho. Por um lado, somente o trabalho *alienado-estranhado* seria o grande problema, ou o trabalho abstrato, sendo preciso conservar o trabalho concreto, que seria uma espécie de *Entäusserung* que enriqueceria o ser humano na exteriorização em objetos. O problema é que os trabalhos ditos concretos não são uma diversidade estruturada das atividades particulares, mas é sobre eles que a sociedade se funda, sendo eles apenas a forma material de manifestação de uma generalidade abstrata. O próprio Marx (1983) chama a

⁵⁶ MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer, Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2011.

atenção e analisa esse caráter duplo do trabalho e da mercadoria de forma crítica (p. 48)⁵⁷, de modo que essa duplicidade só faz sentido na modernidade capitalista, não cabendo falar nem mesmo em valor de uso antes do capitalismo, já que o valor de uso só adquire sentido em oposição ao valor de troca. Ora, seguindo o próprio Marx, não só os objetos nos quais se exterioriza a ação — mercadorias — como a própria ação precisa ser problematizada dentro do contexto da formação social moderna. Não se pode encarar a questão como se o problema do trabalho fosse a exploração capitalista dessa atividade que em si seria honradíssima. Mesmo o trabalho concreto, como alerta Kurz, é uma denominação paradoxal, e “não constitui por isso uma 'necessidade natural eterna'; pelo contrário, não é outra coisa senão o modo material específico de o 'trabalho abstracto' se apropriar da 'matéria' natural ou social.”⁵⁸ Mesmo porque, não há como separar o trabalho concreto do trabalho abstrato. São dois lados de uma mesma moeda que é o trabalho. Falar de trabalho abstrato é na verdade um pleonismo lógico, uma tautologia, como indica Kurz (2005), uma vez que o trabalho já encerra em si o significado da abstração. Assim como o trabalho concreto expressa uma *contradictio in adjecto*, uma vez que o adjetivo se opõe ao nome.

Na verdade, não há como distinguir uma atividade positiva e outra negativa e destrutiva. A atividade humana válida no social é abstrata, a própria exteriorização se dá no estranhamento sem que se possa distinguir algo enriquecedor, mas muito mais destrutivo. Trabalhar é produzir uma substância unitária, uma forma de riqueza social abstrata cujo fim não é qualquer utilidade concreta específica, mas um objetivo geral abstrato de transformação de uma soma de dinheiro numa soma maior de dinheiro, num processo dinâmico que não se submete ao controle dos indivíduos em sociedade.

A exteriorização ou a extrusão se materializa já num objeto vazio, cuja importância é medida na quantidade de tempo de trabalho que possui e nunca na sua utilidade para a vida social. Assim, distinguir as atividades humanas na modernidade pelo critério da extrusão-exteriorização e alienação-estranhamento acaba sendo um procedimento de individualismo metodológico, como se o sujeito quisesse ver a todo custo, contra o conjunto da sociedade, uma utilidade, uma positividade na atividade que desempenha. É preciso reconhecer o esforço, mas a sociedade enquanto totalidade cai na gargalhada. Porque, como diz Marx (1983),

57 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

58 KURZ, Robert. *A substância do capital*. (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>, 2005.

Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho. Entretanto o produto do trabalho também já se transformou em nossas mãos. Se abstraímos o seu valor de uso, abstraímos também os componentes e formas corpóreas que fazem dele valor de uso. Deixa já de ser mesa ou casa ou fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensoriais se apagaram. Também já não é o produto do trabalho do marceneiro ou do pedreiro ou do fiandeiro ou de qualquer outro trabalho produtivo determinado. Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um no outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, trabalho humano abstrato. (p. 47)⁵⁹

Marx (1983) continua com uma formulação ainda mais espantosa. Segundo o seu raciocínio, o que sobra dos produtos do trabalho, já que se faz abstração de sua utilidade em proveito da sua qualidade de poder ser vendido no mercado, é simplesmente uma *gelatina de trabalho humano indiferenciado*, isto é, “dispendio de força de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi dispendida.” (p. 47) E ele prossegue para delimitar justamente o aspecto específico que ganha a atividade humana na modernidade ao dizer que os objetos se tornam meras cristalizações dessa substância social comum a todas elas, ou seja, o trabalho, a energia que faz dos objetos modernos, as mercadorias, valores mercantis. Portanto, tanto a mercadoria é um conceito moderno que vence uma luta história contra a variedade de objetos úteis, quanto o trabalho é um conceito moderno que faz abstração dos caracteres múltiplos e diversos das atividades humanas, caracteres que são abstraídos em proveito de seu aspecto de poder se transformar em dinheiro.

Como temos defendido aqui, o trabalho como o conhecemos hoje é um conceito moderno, é um constructo moderno. As atividades humanas as mais diversas, por mais duras que pudessem ou possam ser, a criação humana de condições de vida, que é sempre plural, específica, concreta, heterogênea, portanto, dotada de qualidades distintas não equalizáveis são reduzidas pela totalidade social ao princípio abstrato perante o qual a especificidade, a concretude, a heterogeneidade, as qualidades distintas que poderiam ter tais atividades são meros meios de manifestação do que realmente está em jogo no princípio de síntese social moderno: é preciso imperativa e compulsivamente que dinheiro se transforme em mais dinheiro. E na modernidade, quem deve mediar esse processo é o trabalho. Mas não a atividade específica do João, do José, do Antônio, da Maria, da Josefina. Mas a soma das atividades que abstrai seu caráter específico: o trabalho das minas, o trabalho das centrais

⁵⁹MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

nucleares, o trabalho da indústria química, o trabalho do agronegócio, o trabalho dos madeireiros, o trabalho dos produtores de pão, remédio, cocaína, armas, agrotóxicos.

2. AS TRADUÇÕES — AS ATIVIDADES NAS UTOPIAS COMO NEGAÇÃO DO TRABALHO

Sed uti suae ac quisque arti sedulo incubat, nec ab summo mane tamen, ad multam usque noctem perpetuo labore, uelut iumenta, fatigatus. Nam ea plusquam seruilis erumna est, quae tamen ubique fere officium uita est, exceptis Vtopiensibus”⁶⁰

2.1 TRABALHO: UMA CATEGORIA MODERNA

A necessidade de compreender as sociedades pré-modernas ou pré-capitalistas na sua socialização específica como diferentes das relações sociais existentes na modernidade significa dizer que a pré-modernidade foi um momento da história em que as categorias *trabalho, mercado, mercadoria e dinheiro* ainda não existiam.

Quando afirmo que o dinheiro não existia, é no sentido de que parece necessário se fazer uma distinção entre as moedas — que cumpriam um papel diferente — e o dinheiro moderno. Até porque sua existência tal qual conhecemos hoje foi “um produto da modernidade.” (LE GOFF, 2015)⁶¹.

Nossa consciência banal cotidiana entende o dinheiro hoje como um mero objeto que nos serve para a compra de bens disponíveis no mercado. E o seu uso dependeria do nosso controle, se somos econômicos, se sabemos utilizá-lo de modo responsável. Com essa atitude, poderíamos afirmar que fazemos uso dele de modo racional. Se acontece o oposto, ou seja, se não sabemos utilizá-lo de modo responsável e controlado, prevalece o que poderíamos chamar de uma postura irracional diante dele. Portanto, ele seria algo que dependeria do uso que cada um faria dele para assumir um caráter benigno ou maligno.

Mas a questão não pode ser tratada de forma tão superficial e pelo olhar do indivíduo. Pois não é o indivíduo e seu olhar que determinam o social. Refletir sobre o papel muito diverso que o dinheiro-moeda desempenhou historicamente, um papel diferenciado em sociedades antigas e modernas, possibilita questionar a ideia do dinheiro como um elemento neutro, de existência idêntica desde sociedades pré-capitalistas até os dias atuais, portanto,

⁶⁰ Mas, para que cada um diligentemente se incumba de seu ofício, ninguém deve se fatigar, como um jumento, em um ininterrupto trabalho!, desde a madrugada até altas horas na noite. Na verdade, essa seria uma fadiga maior do que a dos escravos, embora essa seja a vida de quase todos os trabalhadores[!], exceto a dos utopienses. (p. 99)

⁶¹ LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

como algo transhistórico, que conserva o mesmo conteúdo e que, portanto, não faz mal a ninguém.

Fruto de um longo processo histórico, no decorrer da Idade Média, o dinheiro passou de simbologia pejorativa — o principal símbolo iconográfico do dinheiro na Idade Média é uma bolsa no pescoço de um rico que leva consigo ao inferno — a uma simbologia positiva. Moedas de ouro, prata, bronze foram cunhadas em diferentes territórios e países, e serviram a propósitos diferenciados: para as esmolas e ajudas advindas da igreja para os camponeses — um tipo de moeda diferente daquela que circulava entre ricos e comerciantes. (LE GOFF, 2015)

Apesar de o termo dinheiro ser usado como designação para os metais preciosos ou as diferentes moedas cunhadas que existiram antes do capitalismo, a palavra não faz dele um objeto sem um conteúdo determinado, que teria atravessado períodos da história conservando as mesmas características ou acrescentando-lhe qualidades que antes não lhe eram atribuídas sem que se altere a sua essência. Mas ele é um objeto que assume características específicas, únicas e independentes num determinado momento histórico — o capitalismo. É somente no capitalismo que ele ganha o status de fetiche social, de uma mercadoria universal capaz de comprar todas as outras, de mercadoria que traz em si a manifestação de uma relação social total que define e determina as relações sociais — o valor. Segundo Kurz,

o dinheiro constitui, como meio central, a forma geral e real de representação de uma sociedade irracional em si, em que as relações sociais se autonomizaram face aos indivíduos sociais num contexto literalmente material e objectivado que, por isso, também está sujeito a uma cega dinâmica própria de lei pseudonatural, embora apenas consista nas ações desses mesmos indivíduos. É aquilo que Marx designou de fetichismo social, de fim-em-si de uma “riqueza” meramente “abstracta” sob a forma de dinheiro, e de “sujeito automático” da sociedade. (2014, p. 32)⁶²

Antes do capitalismo, o dinheiro — moedas para sermos mais precisos — mediava relações individuais, familiares, religiosas e comerciais, mas não se configurava como mediação de uma relação de totalidade da vida em sociedade. Mesmo que a cunha e a circulação das moedas tenham representado um maior ou menor contato cotidiano com essa força, ainda assim não era essa força que determinava as relações sociais, que não tinham por base a concorrência e a ação coletiva no sentido da multiplicação incessante do dinheiro como meio e fim em si mesmo. “A bem dizer, foi só o capital enquanto relação social que produziu

62 KURZ, Robert. *Dinheiro sem valor*. Trad. Lumir Nahodil. Antígona: Lisboa, 2014.

as formas da mercadoria e do dinheiro tais como as conhecemos (mesmo que, à primeira vista, as coisas não se apresentem assim em termos históricos)”. (KURZ, 2014, p. 38)⁶³

Em *O Mundo Sábio e Louco* (1552), não há lugar para essa dinâmica do dinheiro que deve se multiplicar em mais dinheiro. Diz o SÁBIO:

Mas que dotes e que disputas? Por qual motivo haveriam eles de disputar? Tudo era de posse comum, e os camponeses se vestiam como os moradores da cidade; porque cada um entregava o fruto de seu trabalho, e pegava apenas aquilo de que necessitava. **Imagine se tivesse que vender, revender, comprar e recomprar!** (DONI, 2004, p. 141)⁶⁴[Grifo nosso]

O uso da moeda na Idade Média, por exemplo, passava pela mediação de um princípio de síntese social mítico-religioso materializado pela Igreja — “o manuseio do dinheiro beneficiou uma evolução das ideias e das práticas da Igreja que, parece, quis ajudar os homens da Idade Média a salvaguardar ao mesmo tempo a bolsa e a vida, quer dizer, o enriquecimento terrestre e a salvação terrena.” (LE GOFF, 2015, p. 255)⁶⁵. Ao mesmo tempo que adorava o tilintar das moedas, os representantes na terra desse princípio simbólico fetichista de mediação social puxavam as rédeas para que essa força não ultrapassasse os limites de seu poder. Essa junção da “bolsa e a vida”, como nomeia Le Goff (2015), deu-se num processo histórico de assimilação e justificação da religião com relação à aceitação do dinheiro não mais como pecado, mas como algo positivo. O desenvolvimento do Estado pontifício facilitou o crescimento do uso e circulação do dinheiro. Le Goff (2015) nos chama a atenção também sobre o fato de a Igreja não aceitar, sob nenhuma condição ou hipótese, a prática dos chamados usurários — aqueles que emprestavam dinheiro a juros. Cita um manuscrito anônimo do século XII como exemplo dessa condenação do usurário pela religião católica:

Os usurários pecam contra a natureza querendo fazer com que dinheiro nasça dinheiro, como de um cavalo nasce um cavalo e de um burro nasce um burro. Além do mais, os usurários são ladrões porque vendem o tempo que não lhes pertence e vender um bem de outrem, seja quem for o possuidor, é um roubo. E não é só isso: como tudo que eles vendem é a expectativa do dinheiro, ou seja, o tempo, vendem dias e noites. Mas o dia é o tempo da luz e a noite o tempo do descanso. Em consequência eles vendem a luz e o descanso. Não é portanto justo que venham a ter a luz e o repouso eternos. (p. 112)

63 KURZ, Robert. *Dinheiro sem valor*. Trad. Lumir Nahodil. Antígona: Lisboa, 2014.

64 DONI, Anton Francesco. "Uma utopia do *cinquecento*: "Mondo savio e pazzo". Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Renascimento*, vol. 1, Unicamp, 2004.

65 LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

No entanto, ainda segundo Le Goff (2015), em um processo lento que vai do século XIII ao século XV, o empréstimo a juros foi incorporado às atividades cristãs, sendo tolerado, aceito e utilizado pela Igreja Católica sem maiores problemas. Ora, como a Igreja poderia recusar receber o dinheiro de muitos comerciantes da época se esse mesmo dinheiro poderia possibilitar a melhoria da vida de camponeses, através das esmolas, mas também dos próprios integrantes da cristandade? Não só isso, à medida que a Igreja deixou de receber os dízimos *in natura* e passou a exigí-los em moeda, os camponeses foram obrigados a fazer empréstimos para honrarem esses pagamentos. Daí que os “emprestadores judeus” foram substituídos por cristãos.

Nas utopias objeto de nossa reflexão aqui, o dinheiro carrega a significação de um objeto desprezível e considerado de menor importância. N’*A Cidade do Sol*, o dinheiro não é utilizado pelos solares para prover a sua subsistência e o comércio não é algo considerado importante ou central nas atividades da cidade.

O comércio tem pouca utilidade para eles, no entanto conhecem o valor das moedas e as fabricam para os seus embaixadores, a fim de que possam trocar a pecúnia com o alimento que não podem carregar. De todas as partes do mundo mandam vir comerciantes para escoar as coisas supérfluas, e não aceitam dinheiro, mas somente mercadorias que não possuem. Os meninos riem quando veem aqueles que dão muitas coisas por pouca prata, mas os velhos não. (CAMPANELLA, 2014, p. 33)⁶⁶

Em *O Mundo Sábio e Louco*, o dinheiro é algo de menor importância e sem nenhum poder sobre os habitantes: “LOUCO: Eu começo a compreender que desapareciam todos os vícios. Lá não tem brincadeira, porque ter dinheiro e não saber o que fazer, é um sonho. SÁBIO: Dinheiro não canta para nós, disse o Cego. (DONI, 2004, p. 142)⁶⁷

Na *Utopia* de Thomas More, além de ser desprezível, não tem a menor importância.

A menos que pudésseis observá-lo de perto, creio que tal sistema vos pareceria inacreditável. Para comer e beber, usam recipientes que, apesar da elegância das formas, são feitos de materiais muito baratos, como o vidro ou a argila. Mas, tanto nas residências particulares quanto nos refeitórios comunitários, utilizam a prata e o ouro para a fabricação dos mais simples utensílios domésticos, como, por exemplo, os urinóis. Também usam correntes e grilhões de ouro para prender os escravos, e todos que praticam crimes realmente graves são forçados a usar anéis de ouro nas orelhas e nos dedos, um colar de ouro no pescoço e até uma tiara de ouro na cabeça. Na verdade, fazem o possível para tornar esses metais desprezíveis. Isto significa que, se de repente precisassem desfazer-se de todo ouro e toda prata que possuem — um fato que mergulharia todas as outras nações no mais profundo desespero —, a população reagiria como se não tivesse perdido absolutamente nada. (MORE, 2009, pp. 115, 116)⁶⁸

66 CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol: diálogo poético*. Trad. Carlos Alberto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

67 DONI, Anton Francesco. "Uma utopia plebéia do *cinquecento*: "Mondo savio e pazzo". Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Renascimento*, vol. 1. Campinas, 2004.

68 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Camargo e Marcelo Cipolla. 3ª ed. São Paulo: Editora Martins

E deveria ser abolido para junto com ele eliminar uma série de outros problemas decorrentes dele:

Pois é evidente que, ao acabar-se com o dinheiro, acaba-se também com todos os tipos de comportamento criminoso que os castigos diários não conseguem refrear: a fraude, o roubo, a invasão de domicílio, as brigas, os tumultos, as querelas, as rebeliões, o assassinato, a traição e a magia negra. No próprio dia em que se elimina o dinheiro, pode-se também dizer adeus ao medo, à preocupação, à ansiedade, ao trabalho estafante e às noites sem dormir. Ora, até mesmo a pobreza em si, o único problema cuja solução sempre pareceu depender do dinheiro, desapareceria de imediato se este último também fosse abolido. (MORE, 2009, pp. 201,201)

A ideia de que o dinheiro como o conhecemos é algo moderno também é pensado aqui com relação ao trabalho. Em vez de compreendê-lo como toda e qualquer mediação entre o ser e a natureza — desde a criação do homem, ou qualquer esforço por ele empreendido — o intento aqui é compreendê-lo como um constructo que determina e organiza as relações sociais no capitalismo. Portanto, não podemos falar de uma identificação entre o que tem um conteúdo construído historicamente e o que se entende por algo inerente, ontológico ao ser humano independente dos contextos históricos.

Basta pensarmos como historicamente o conceito de trabalho se transformou, ganhando características diferentes, acompanhando o desenrolar das relações sociais que ganhavam novas configurações. Do ponto de vista religioso, aquilo que se define por trabalho é castigo, punição, pois Adão desobedeceu a Deus e caiu na tentação, por isso, foi castigado (Comerás com o suor do teu rosto?). Se pensarmos em quem deveria realizar as atividades necessárias para a sobrevivência dos gregos, que não tinham a palavra generalizante trabalho, ele é tido como uma atividade humilhante, dolorosa, logo, realizada também por aqueles considerados seres menores — os escravos. As atividades consideradas elevadas ao espírito, como a arte, a filosofia e a política eram realizadas por pessoas tidas por superiores, que não se contaminavam com o que se definia por trabalho material, realizado pelos escravos. (TILGHER, 1983)⁶⁹.

Já Fustel de Coulanges (1876) afirma que “o rico de Atenas ou de Roma tinha em casa oficinas com tecelões, cinzeladores, armeiros, todos escravos.” Segundo ele, mesmo as profissões liberais eram um tanto fechadas aos cidadãos. Até o médico “era com frequência um escravo que tratava doenças sob os comandos de seu mestre.” (p. 408) Assim como

muitos arquitetos, construtores de navios, funcionários públicos de baixo escalão eram também escravos. A escravidão era um flagelo com o qual a própria sociedade

Fontes, 2009.

69 TILGHER, Adriano. *Storia del concetto di lavoro*. Bologna: Massimiliano Boni Editore, 1983.

livre sofria. O cidadão encontrava pouco emprego, pouco trabalho (!). A falta de ocupação logo o tornava preguiçoso. Como ele só via trabalhar (!) os escravos, desprezava o trabalho.” (p. 408.)⁷⁰

Segundo Tranquilli,

si poneva in maniera ineluttabile la necessità di attribuire il lavoro esclusivamente a una figura da non considerare neanch'essa come umana, e cioè appunto alla figura del servo, costituita difatti in supporto e ricettacolo vivente, *animato*, di tutto ciò da cui l'uomo, inteso in chiave razionalistica, sarebbe rimasto negato e 'impedito'. (1979, p. 69)⁷¹

Mas simultaneamente a essa ideia de que o trabalho era uma atividade menor, portanto que deveria ser realizada pelos escravos, como no exemplo da Grécia antiga ou de Roma, o trabalho visto como atividade necessária à sobrevivência humana foi adquirindo importância e amplitude com o passar lento dos séculos. As “artes mecânicas” eram consideradas atividades que embruteciam os homens, mas a agricultura era considerada uma atividade necessária à sobrevivência, por isso os homens livres podiam exercê-la (TILGHER, 1983).

Se o homem era inteligente e preparado, porque além de possuir mãos capazes de transformar a natureza, possuía inteligência para utilizar os recursos naturais e transformá-los, era, portanto, capaz de prover a sua subsistência através de alguma atividade, e assim o deveria fazê-lo, criando formas de sobrevivência para além da agricultura, e essa necessidade concreta e objetiva fez com que o homem encontrasse e desenvolvesse maneiras diferentes de prover a sua subsistência. Essas formas de sobrevivência vão se constituindo *pari passu* com o desenvolvimento “econômico” no decorrer dos séculos.

Mesmo a religião católica, ancorada na ideia de trabalho como pecado e sofrimento, acompanhou as mudanças necessárias para o desenvolvimento econômico. Para tanto, passou a considerar o trabalho como obra de Deus, realização humana e fonte de progresso. “O homem trabalhador torna-se assim um colaborador de Deus em sua construção do mundo, colaborador que se esforçava para corresponder às intenções que o Criador tinha com relação a ele. (LE GOFF, 2015, p. 123)⁷². Fossier (2018) nos chama a atenção para a mudança que ocorre nas “antigas representações de calendários pintados ou esculpidos”. Antes, esses calendários traziam imagens de “símbolos piedosos ou profanos”. A partir do

70 COULANGES, Fustel. *La cité antique*. Paris: Hachette, 1876.

71 TRANQUILLI, Vittorio. *Il concetto di lavoro da Aristotele a Calvino*. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1979.

72 LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

século IX, “é o homem quem cava, quem lavra, quem vindima, quem semeia, quem colhe — e que ilustram daí em diante os “trabalhos dos meses”, como signos indiscutíveis que cumprem a vontade de Deus: o trabalho é próprio do homem”. (p. 19)⁷³

Se o trabalho é assim considerado, não há mais razão ou justificativa para o ócio. Segundo Tilgher (1983),

A misura che si avanza nell'età moderna e che l'attività economica si spinge al primo piano e diventa dominante nella costituzione della società, il concetto di lavoro acquista importanza sempre maggiore nel sistema dei concetti etico-sociali, finché nell'età contemporanea diventa a dirittura il concetto centro e chiave del mondo. (p. 65)⁷⁴

A questão que se coloca é se todas as atividades desenvolvidas anteriormente ao advento do capitalismo podem ser entendidas ou definidas por trabalho, independentemente de terem angariado historicamente um conteúdo moral positivo ou negativo, mesmo que carreguem consigo intensidades diversas de esforço e sofrimento, mesmo que desenvolvidas sob relações de servidão — como no caso da escravidão. Em nenhum momento da história pré-moderna, as atividades realizadas pelos seres para suprir as suas necessidades de sobrevivência se constituíram como uma atividade alheia ao seu conteúdo ou autonomizada. Pelo contrário, o que determinava o fabrico de um dado objeto era a sua necessidade de uso, e a maneira e o tempo necessários para produzi-lo eram determinados por quem o produzia. Não havia um modo de produção a que a vida estava no seu todo submetida. Isso se tomarmos como exemplo os camponeses. Obviamente, no caso dos escravos, essa relação assume uma conotação diferente — eles eram sujeitados ao mando dos senhores. Mas mesmo em contextos diferenciados, de escravos ou homens considerados livres, as atividades de subsistência tinham uma dinâmica completamente diferente da dinâmica moderna. Se antes o trabalho poderia ser realizado por uma parte ou um grupo de pessoas que integravam as comunidades, se poderia ser encarado como uma atividade cujo objetivo era suprir as necessidades de alimentação e vestimenta, portanto de reprodução material somente, com o desenvolvimento da ciência e da técnica, bem como com a visão de progresso, ele passou a ter como objetivo um fim em si mesmo.

Portanto, concepções de que o trabalho é o ato de mediação com a natureza ou qualquer atividade em que haja algum tipo de esforço para realizá-la parecem não dar conta da complexidade de tal conceito.

73 FOSSIER, Robert. *O trabalho na Idade Média*. Trad. Marcelo Berriel. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

74 TILGHER, Adriano. *Storia del concetto di lavoro*. Bologna: Massimiliano Boni Editore, 1983.

Vemos esse entendimento em todas as esferas da vida social. A definição de Evaristo de Moraes (1959) sintetiza bem essa visão acrítica e a-histórica

De certo modo, podemos dizer que o trabalho abrange todos os seres que existem, existiram e existirão, em sentido físico e metafísico, isto é, a tudo que acontece ou possa acontecer cabe a aplicação desse vocábulo, tão ambígua é a sua extensão. Desde os minerais ao homem, desde os fatos da natureza ao mais sutil e sublime dos efeitos humanos, há sempre transformação, mudança, vir-a-ser permanente, denotando uma modificação de estrutura dinâmica. [...] podemos dizer que o trabalho, de modo geral, como um conceito genérico, não particularizado, é ‘o objetivamente correlativo do impulso, isto é, a aplicação da força impulsiva a qualquer produção ou realização de um fim humano. (pp. 12,13)⁷⁵

Argumento diferente não se poderia esperar de alguém que dedicou a vida ao direito trabalhista e que, portanto, não tinha como entender a especificidade que tomam as atividades humanas no capitalismo. Mas ele sem querer consegue sutilmente conceituar o trabalho: trata-se da “aplicação de qualquer força impulsiva a qualquer produção”, ou seja, músculo, nervos e cérebro, usados na “realização de um fim humano”. Somente considerando a produção de mercadorias um fim humano é possível defender tão veementemente o trabalho.

Por outro lado, autores como Vernant e Naquet (1989) defendem justamente que na Grécia não havia tal conceito generalizante. E era a especificidade justamente que primava.

Da mesma forma que não se tem o direito de aplicar as categorias econômicas do capitalismo moderno ao mundo grego, não se pode projetar no homem da cidade antiga a função psicológica do trabalho tal como é hoje esboçada. (p. 34)

Não se encontra portanto na Grécia uma grande função humana, o trabalho, que recobre todos os ofícios, mas uma pluralidade de ofícios diferentes, cada um constituindo um tipo particular de ação que produz sua própria obra. (p. 36)⁷⁶

Seria também anacrônico e equivocado utilizar “a fórmula ‘divisão de trabalho’ ” para nivelar e igualar as atividades desenvolvidas anteriormente ao capitalismo. Ainda segundo esses mesmos autores, essa aceção

só deve ser aplicada ao mundo antigo com uma certa reserva. É psicologicamente anacrônica na medida em que implica uma representação do ofício com relação à produção em geral. [...] A divisão de tarefas não é, portanto, sentida como uma instituição cujo objetivo seria dar ao trabalho em geral seu máximo de eficácia produtiva. [...] Nenhum dos textos que celebram a divisão de tarefas consideram-na como um meio de organizar a produção para obter mais com a mesma quantidade de trabalho: seu mérito consiste em permitir aos vários talentos individuais que lhes são próprias e criar por esse meio obras o mais bem feitas possíveis. (pp. 25,26)

75 FILHO, Evaristo de Moraes. *Perspectiva de uma filosofia do trabalho*. In: DEVISATE. São Paulo: Fiesp-Ciesp, 1959.

76 VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1989.

Contrário à ideia de que falar em “divisão de trabalho” é anacrônica, Luigi Firpo (1977) defende que “Nei grandi bacini mesopotamici come in quello nilotico, agricoltura significò ben presto irrigazione, cioè lavori collettivi, forte disciplina sociale, centralizzazione autoritaria del potere, divisione del lavoro.” (p. 22)⁷⁷. Mas caberia perguntar se essa chamada “divisão do trabalho” é feita com o intuito de se produzir mais com a mesma quantidade de energia humana em menos tempo. O que ele chama de trabalho, na Antiguidade, não aparecia como transparente. Antes do mais passava pelo filtro simbólico do universo transcendente mítico-religioso. O que já diferencia da relação moderna, cujo filtro simbólico é representado pelo dinheiro como mediador universal das relações.

As relações se davam aparentemente de modo direto e pessoal, embora o próprio poder que uma pessoa poderia ter se justificasse pela sua pretensa relação mais íntima com o universo simbólico. Segundo Fustel de Coulanges (1876): “Não se pode perder de vista que, entre os antigos, o que dava liga às relações em sociedade era o culto.” (p. 170)⁷⁸. Significa dizer que as relações sociais no seu conjunto se davam sobre as bases mítico-religiosas. A vida em seu conjunto, das hierarquias à organização social, justificavam-se por esse prisma apriorístico. Diante disso, não poderia ser diferente com as formas de reprodução material. Ou seja, até mesmo o que hoje se convencionou colocar como trabalho estava submetido a esse princípio, portanto, mediado simbolicamente. Seguindo Robert Kurz (2014):

Todas as regras para a vida no mundo — da caça aos moldes em que se desenrolam as relações de parentesco e as relações sociais mais abrangentes (incluindo a guerra), passando pela agricultura e pela metalurgia — derivam, em última instância, da relação transcendente com Deus e da relação de sacrifício a ela associada; originalmente, tal teria acontecido de modo directo, e mais tarde, com formas cada vez mais mediadas, mas conservando sempre a referência transcendente que, transposta para a vida terrena prática, constitui a “metafísica real” da respectiva situação. (p. 68)

Na construção das catedrais góticas no século XIII, por exemplo, Le Goff (2015) descreve a atividade realizada por aqueles que as construíram como “mão-de-obra igualmente gratuita, quer se tratasse de operários de condição servil, emprestados sem cobrança por seus senhores, ou operários de condição livre oferecendo seu trabalho a Deus. (p. 48)⁷⁹

No capitalismo, as relações sociais deixam de ser pessoais, ou seja, as pessoas deixam de ser os representantes diretos do simbólico. As relações se tornam materiais, e é a

77 FIRPO, Luigi. *Il concetto del lavoro ieri, oggi, domani*. Fondazione Agnelli Quaderno, 1977.

78 COULANGES, Fustel. *La cité antique*. Paris: Hachette, 1876.

79 LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

coisa, a mercadoria, que passa a ser o representante do simbólico. Não importa mais a produção de objetos para suprir as necessidades de subsistência, portanto, a produção não é mais orientada para a garantia do que é necessário para a vida em sociedade.

A questão relacionada com uma conceituação de trabalho especificamente moderna ainda parece ser um terreno nebuloso: “são poucos os conceitos que pertencem simultaneamente à esfera da reflexão teórica e à vida do dia-a-dia. ‘Trabalho’ é um tal conceito. [...] Palavra alguma é, à primeira vista, mais cristalina e, à segunda vista, mais turva do que esta.” (KURZ, 1997, p. 271)⁸⁰. Vemos em alguns autores, que tentam nuançar a questão, que essa problemática acaba passando despercebida. Mesmo aqueles que dizem textualmente que o trabalho tem seu nascimento historicamente determinado, ao mesmo tempo lançam mão do conceito de trabalho como constante antropológica:

Ali, na encruzilhada da Modernidade, na despedida do tempo das catedrais e na abertura do tempo das novas ciências e técnicas, pela ponte do período das grandes navegações, nasce a civilização do trabalho, a civilização que vai afirmar o valor do trabalho, em parte de modo ideológico, de modo teórico, em parte de forma concreta – econômica, social e política. (ALBORNOZ, 2005, p. 60)⁸¹

Apesar dessa observação, ao analisar tanto a utopia de Morus quanto a de Campanella, essa autora não problematiza o conceito de trabalho, passando da descrição da variedade das atividades ali desenvolvidas ao uso desse termo sem qualquer clarificação. “Distribuição do trabalho, trabalho no campo, tempo de trabalho” são alguns termos que ela usa ao mesmo tempo em que usa termos mais variados e concretos como *arar*, *semear*, *escavar*, *ceifar*. Nesse sentido, a terra é trabalhada e não cultivada: “A terra é trabalhada com ciência e utilizada com parcimônia, com aquele respeito muitas vezes esquecido pela modernidade industrial imbuída da ideologia da produtividade máxima.” (ALBORNOZ, 2005, p. 66). Mas a nuance que a autora realiza mantém o problema quando ela traça um paralelo entre o trabalho moderno e o presente na Cidade do Sol: “Na utopia de Campanella, elaborada no século XVII, bem como nas utopias concretas dos nossos últimos séculos — XIX e XX, até o XXI, cada qual deseja 'mostrar-se o primeiro no trabalho'... lugar-comum difícil de questionar ainda em nosso tempo.” (ALBORNOZ, 2005, p. 67). Seguindo esse raciocínio, vemo-nos diante de uma dificuldade, uma vez que a divisão igualitária das

⁸⁰ KURZ, Robert. “O desfecho do masoquismo histórico”. In: *Os últimos combates*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

⁸¹ ALBORNOZ, Suzana Guerra. “Trabalho e utopia na modernidade II: o trabalho na Cidade do Sol de Tommaso Campanella”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. vol. 6. pp. 59-69, 2005.

atividades produtivas pretendidas nessas utopias não pode, a nosso ver, ser vista como um desejo de realizar-se nessa atividade produtiva. Mesmo porque a atividade produtiva aparece ao lado das outras atividades, das outras *artes, ofícios*.

Nesse mesmo raciocínio, ao refletir sobre a *Utopia* de Morus, a autora pretende relacionar o surgimento da modernidade, das utopias e da centralidade social do trabalho:

Na Modernidade, a categoria do trabalho se tornaria central. Esta época da história das civilizações, especialmente, do Ocidente, é também uma das mais ricas na produção de utopias, a ponto de se poder dizer que a história da utopia está intimamente relacionada com o surgimento do que se chamou de era moderna. (ALBORNOZ, 2003, p. 1)⁸².

Para ela, é como se o trabalho fosse o princípio social sintetizador dessa utopia. Mas como seria assim se a maior parte do tempo não é dedicada ao chamado trabalho? Na *Utopia*, 6 horas são dedicadas às atividades produtivas (*ars, opera, ofícis*). N^a *Cidade do Sol*, apenas 4 horas, consagrando o restante do tempo “ao estudo, à leitura, às discussões científicas, ao escrever, à conversação, aos passeios, em suma, a toda sorte de exercícios agradáveis e úteis ao corpo e à mente.” (CAMPANELLA, 1983, p. 259)⁸³. Ou seja, o menor tempo dedicado à produção e reprodução social está em consonância com o tempo para outras atividades também vistas como de reprodução social.

Também na *Utopia* de Morus, os habitantes fazem de tudo para diminuir o tempo dedicado à produção e reprodução:

[...] Assim, com um mínimo de trabalho, obtém-se um máximo de durabilidade, o que significa que os operários da construção muitas vezes não têm praticamente o que fazer. Quando isso acontece, são mandados para casa, onde ficam preparando peças de pedra e madeira para serem usadas no futuro. (MORE, 2009, p. 100)⁸⁴.

Menos tempo dedicado ao trabalho seria uma condição humana deteriorada? A *Utopia* de Morus, para Alborno (2003), teria apresentado “um verdadeiro cálculo de economia sobre o aproveitamento da força produtiva, trabalho vivo e valor do trabalho” (p. 9). Mas não seriam tais conceitos também modernos? A discussão sobre o valor do trabalho apenas seria feito pela economia clássica e não se colocava ainda para o Renascimento e o

82 ALBORNOZ, Suzana Guerra. *Trabalho e utopia na modernidade*. In: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. 2003, vol. 6. pp. 1-13, 2003.

83 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

84 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

ainda limitado desenvolvimento fabril. E é assim que se misturam os conceitos na análise dessas obras que, por serem renascentistas, estariam mais nesse interlúdio entre passado renascido e futuro nascido. Ou seja, os conceitos do futuro nascido não podem ser colocados junto do passado renascido sem problematização.

Nesse momento, poderíamos colocar a questão: se a riqueza moderna encontra sua substância no trabalho, então as sociedades utópicas imaginadas no Renascimento seriam pobres, uma vez que as descrições feitas pelos autores no que diz respeito às atividades exprimem uma tendência cada vez maior à diminuição do trabalho?

Talvez possamos dizer que é o contrário: a questão da diminuição do tempo dedicado à atividade de produção nas utopias não pode ser comparado à tendência à diminuição do tempo de trabalho investido em cada mercadoria — algo imposto pela tecnologia (KURZ, 2014)⁸⁵. Como veremos adiante, o fato de diminuir o tempo dedicado à produção ao nível necessário à reprodução social não significava nas utopias uma perda de riqueza, mas a verdadeira riqueza. Na modernidade, ao contrário, com sua compulsão pela produção de riqueza abstrata, o trabalho é também uma compulsão.

Para Robert Kurz (2005), a categoria trabalho precisou sofrer uma redefinição completa ao ser adotada como conceito pela sociedade moderna a partir do ramo linguístico indo-europeu.

[...] é que nessas línguas o "trabalho" designa sempre a atividade específica dos escravos, dependentes, menores, etc.; não se trata, portanto, de um conceito genérico mental para diversas áreas de atividade, mas sim de uma abstração social (e nessa medida também de uma abstração real, neste sentido especificamente pré-moderno), porém, precisamente por isso não de uma generalidade social, não de uma categoria de síntese social como na modernidade.” (s.p.)⁸⁶

Para Kurz (2005), portanto, antes da modernidade capitalista, não havia uma categoria geral, abstrata que representasse o nexos social. Em toda a pré-modernidade, a forma de síntese da sociedade nunca esteve relacionada com o que Marx (1985) chama de trabalho abstrato: “dispêndio de nervos, cérebro e músculo”, independentemente daquilo no que se materializa. Um tal conceito deveria parecer em tudo estranho aos habitantes das utopias renascentistas.

Como observa Anselm Jappe (2006), a ideologia da glorificação do trabalho se desenvolveu não só entre os ideólogos burgueses, mas entre o próprio marxismo. Segundo ele, o fato de a esquerda operária se agarrar ao trabalho como princípio devia-se ao fato de se

85 KURZ, Robert. *Dinheiro sem valor*. Trad. Lumir Nahodil. Antígona: Lisboa, 2014.

86 KURZ, Robert. “A substância do capital”. In: <http://obeco.planetaclix.pt>, 2005.

identificar com o pólo ativo, enquanto a burguesia, confundida com a classe dominante do passado, era identificada com os ociosos. Daí que um elo de ligação com as utopias não era difícil de fazer, seguindo tal raciocínio.

É importante mais uma vez esclarecer que não estamos falando da atividade humana *tout court*, ou do chamado “processo de metabolismo com a natureza”, mas do que a modernidade chama de trabalho, sempre abstrato e redutor das realidades concretas das atividades humanas que, uma vez mais, não contam em sua especificidade, mas em seu caráter geral de ser substância da mercadoria. Ou seja, estamos falando da forma especificamente moderna de dispêndio de força de trabalho como fim em si mesmo, sob as condições determinadas pela concorrência no mercado.

Por essa definição, poderemos talvez vislumbrar que, ao descreverem suas comunidades sem ociosos, numa partilha das atividades produtivas, tanto Morus, como Campanella ou Doni não tinham em mente uma comunidade de trabalhadores, visto que nessas obras as atividades produtivas não são a síntese social abstrata, mas antes estão imbricadas numa série de relações em que elas aparecem como um elo da sociabilidade, mas não como o princípio sintetizador abstrato do qual dependem todos os outros.

Apesar de usar ainda um conceito de trabalho sem uma verdadeira problematização, poderíamos nos apoiar na obra *A condição humana* de Hannah Arendt e em seu conceito de *vita activa* em relação ao que se desenhava nas utopias renascentistas. Os autores imaginavam uma produção de coisas com a sua especificidade própria, em que as atividades produtivas são partilhadas — bem como os frutos dessas atividades — por todos e levadas em conta por seu aspecto particular, não por seu aspecto geral, abstrato. Para Arendt (2007), “O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas constantemente as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos”. (p.17)⁸⁷.

Decerto temos consciência de que esse conceito de Arendt traz problemas porque remete também para a experiência grega onde a *vita activa* era sinônimo de *vita contemplativa*, pois a verdadeira ação era aquela relacionada com a organização social da *pólis* e não aquela ligada à reprodução social — que era relegada aos escravos. (ARENDT, 2007, p. 24). Embora Arendt construa seu conceito de *vita activa* calcada no *labor*, *trabalho* e *ação* como três pilares, sem uma crítica mais profunda do conceito de trabalho e labor, essa

87 ARENDT, Hanna. *A condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

simples distinção — entre a atividade para reprodução da vida, entre aquela que produz coisas com duração e a ação na esfera pública — já dá elementos para uma crítica da categoria moderna de trabalho que pretende incluir todas as atividades num só conceito e, assim, denotar a importância das atividades pelo quanto podem se reverter em dinheiro.

Do mesmo modo, Arendt (2007) afirma que em várias línguas há dois termos para o que hoje é designado por trabalho. No caso do latim, diz ela, existia o *laborare* e *facere* ou *fabricare*, que têm a mesma raiz etimológica. No entanto, ao notarmos algumas passagens da *Utopia* de Morus em Latim, vemos que o verbo *laborare* não é o termo único: há *opera*, *arte*, *labor*.

De qualquer modo, a palavra moderna trabalho não descende etimologicamente dessas palavras latinas, mas de outra. Se *labor*, segundo Arendt, estava relacionado à dor, pior ainda, podemos dizer, é a origem da palavra trabalho, *tripalium*, que era instrumento de tortura. Arendt (2007) nota ainda que as palavras *oeuvre* (francês), *work* (inglês), *Werk* (alemão), tendem modernamente a ser usadas em relação a *obras de arte* nas três línguas, diferentemente de *travail*, *labor* e *arbeit*. (pp. 90-91). Para o português, poderíamos aplicar o mesmo raciocínio, *trabalho* e *obra*. Um trabalhador não produz uma *opera*, mas uma mercadoria.

Apesar disso, a questão aqui levantada quanto à conceituação do trabalho em relação às utopias renascentistas não diz respeito ao sacrifício ou ao esforço que pode exigir qualquer atividade humana de produção de alguma coisa, por mais desenvolvidos que estejam os aparelhos técnicos. Diz o Almirante n' *A Cidade do sol*:

As artes mais fatigantes obtêm maior estima, como a do artífice, a do pedreiro, etc. Ninguém se recusa a exercitá-las, porque a elas se aplicam pela particular tendência revelada na infância, e também porque o trabalho é distribuído de modo que nunca possa ser nocivo à pessoa, mas, ao contrário, deva torná-la e conservá-la melhor. (CAMPANELLA, 1983, p. 264)⁸⁸.

E Hitolodeu na *Utopia* de Morus:

Ainda que muito aprecie o lazer, [o povo utopiano] é capaz dos mais árduos esforços físicos sempre que necessário. Na ausência de tal necessidade, não existe entre os utopianos nenhuma preocupação de trabalhar feito bestas de carga, mas jamais se cansam de usar o cérebro para o desenvolvimento do espírito. [Grifos nossos]. (MORE, 2009, p. 142)⁸⁹.

88 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

89 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

Importa ressaltar porque nas utopias em questão não se pode dizer que existe trabalho só porque existe um esforço e ele é partilhado ao máximo pelo bem da comunidade. O que determina não haver trabalho nessas comunidades imaginadas por seus autores é o fato de esse conjunto de atividades e esforços não estar submetido a um princípio geral que as coage no sentido da produção de coisas a serem vendidas: mercadorias.

É, portanto, nesse sentido que podemos entender a reflexão de Arendt (2007) sobre a diferença da escravidão antiga para a moderna: “Ao contrário do que ocorreu nos tempos modernos, a instituição da escravidão na antiguidade não foi uma forma de obter mão-de-obra barata nem instrumento de exploração para fins de lucro, mas sim a tentativa de excluir o labor das condições da vida humana” (p. 95)⁹⁰.

Do mesmo modo podemos falar da instituição da escravidão nas utopias renascentistas, em que os escravos não eram usados como mão-de-obra para produzirem mercadorias — o que também não existia nessas utopias. Na *Utopia* de Morus, por exemplo, o escravo era aquele que tinha sido condenado por alguma coisa, era uma condição social pura e simples, e não uma condição de produção. N’*A Cidade do Sol*: “Não têm o sórdido costume de possuir servos, bastando-lhes e, muitas vezes, sendo até excessivo, o próprio trabalho. Entre nós, infelizmente, vemos o oposto.” (CAMPANELLA, 1983, p. 259)⁹¹.

Mesmo defendendo o trabalho como uma constante antropológica sem problematizar tal ideia, Arendt (2007) acaba chegando ao conceito de trabalho pela própria análise do empobrecimento das atividades humanas na modernidade capitalista: “o resultado é que o que é comprado e vendido no mercado de trabalho não é a qualificação individual, mas a ‘força de trabalho’ (labor), da qual todo ser humano deve possuir aproximadamente a mesma *quantidade*” [Grifos nossos] (p 101). Portanto, trata-se aqui de uma porção abstrata de energia, nervos, músculos e cérebro embora se materialize em algo concreto, qualquer coisa – mercadoria.

Uma autora que se dedicou ao estudo do Renascimento, incluindo a problemática do que ela chama de trabalho relacionando com as utopias, foi Agnes Heller. No entanto, também nela a apreensão da categoria trabalho não chega a uma real problematização histórica. Na sua apresentação das várias formas de apreensão desse conceito (HELLER,

90 ARENDT, Hanna. *A condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

91 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

1982, p. 316)⁹², sobressai-se o aspecto transhistórico dessa categoria, sem uma problematização que procure distinguir o trabalho moderno do que era processado nas formas de sociedade anteriores à modernidade capitalista, como se o chamado “metabolismo com a natureza” não tivesse uma mediação sócio-histórica. Heller não vê qualquer problema em analisar a categoria trabalho na Antiguidade, não vendo problema em retroprojetar uma categoria moderna para formas históricas largamente diferentes.

Apesar disso, ela mesmo afirma que “durante muito tempo, arte não se diferenciou de ofícios” (HELLER, 1982, p. 217). Esse é um ponto interessante a ser tratado quanto às utopias. No original latino da *Utopia* de Morus, por várias vezes onde aparece *ars*, *arte*, *opera*, *oficis* simplesmente traduz-se por trabalho nas edições consultadas. E cremos que o que está em jogo nas utopias renascentistas em questão não é o fim do esforço físico relacionado às atividades, mas dignificação — não glorificação — de atividades concretas, que contam por sua especificidade concreta, das quais todos são *obrigados* a participar. Ou seja, o “quem não trabalha não come” do *Mundo Sábio e Louco* de Doni (DONI, 2004, p. 143)⁹³ não é similar ao “quem não trabalha não come” socialista.

Quanto à questão da riqueza, diz Heller (1982): “Os pensadores e homens comuns do Renascimento não duvidaram por um só momento de que a riqueza da sociedade é o produto do trabalho e não do capital, de que todos os bens eram a ‘dáviva da mente e das mãos’ (Bruno) e não do dinheiro.” (p. 217). Ora, a relação entre capital e trabalho que ela desenha nesse trecho não estava colocada na época renascentista senão em estado nascente, e de modo algum era a relação totalizante.

Sendo assim, seria preciso entender o conceito moderno de *riqueza*, que sofre um transtorno na modernidade. Durante os períodos históricos até a modernidade mais desenvolvida — época da Revolução Industrial —, por mais variada que tenha sido a ideia que cada sociedade tinha da riqueza, as formas sociais não punham em marcha inconscientemente uma contradição entre *riqueza social* e *riqueza material* (POSTONE, 1993)⁹⁴.

Isso porque a riqueza material no capitalismo, os pretensos bens (que são apenas mercadorias) valem o quanto de trabalho possuem e não o quanto úteis são. Com o

92 HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Editorial Presença: Lisboa, 1982.

93 DONI, Anton Francesco. “Uma utopia do *cinquecento*: “*Mondo savio e pazzo*”. Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Renascimento*, vol. 1, Unicamp, 2004.

94 POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria de Marx*. Trad. Amilton Reis e Paulo C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

desenvolvimento técnico, 20 camisas continuam vestindo 20 pessoas, mas essas 20 camisas podem possuir, a cada novo desenvolvimento tecnológico, apenas a metade da riqueza social que antes. A riqueza moderna não é o bem material — que só vale como mercadoria — mas o valor que ela representa, um valor que é medido pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir tal mercadoria (MARX, 1985)⁹⁵. Por isso, temos um número crescente de mercadorias sendo produzidas, mas elas contêm cada vez menos riqueza social: quantidade de trabalho humano.

A partir dessa conceituação, podemos sustentar que a inexistência do trabalho nas utopias de Morus, Campanella e Doni está também ligada ao fato de não haver tal cisão da riqueza. Nessas utopias, não há produção de mercadorias — que é diferente de coisas úteis —, não há capital, o dinheiro é tido por aviltante e desagregador.

Na *Utopia*: “Para vos falar com toda a sinceridade, meu caro More, não vejo como se possa pensar em justiça ou prosperidade verdadeiras enquanto existir a propriedade privada, e todas as coisas tiverem no dinheiro o seu supremo parâmetro” (MORE, 2009, p. 72)⁹⁶. Do mesmo modo, na *Utopia*, como se sabe, “utilizam a prata e o ouro para a fabricação dos mais simples utensílios domésticos, como, por exemplo, os urinóis.” (MORE, 2009, p. 116).

Parece haver um desejo do autor de ridicularizar a sociedade que ele pretende mostrar como imperfeita pelo viés da perfeição daquela que sua imaginação materializa: os chamados criminosos condenados “são forçados a usar anéis de ouro nas orelhas e nos dedos, um colar de ouro no pescoço e até uma tiara de ouro na cabeça”. E assim, conclui o narrador, “Na verdade, fazem o possível para tornar esses metais desprezíveis.” (MORE, 2009, p. 116).

Assim, é a necessidade concreta e não a necessidade de gerar riqueza abstrata que comanda a produção: “Trabalha-se somente a porção de terra que baste para as necessidades dos cidadãos, ficando o restante para o pasto dos animais.” (CAMPANELLA, 1983, p. 265)⁹⁷.

De fato, nessas utopias, a atividade de produção e reprodução está *ao lado* de outras atividades, mas sem uma escala de valoração. É entre as próprias atividades produtivas específicas que se pode ter uma que pode ser a mais nobre, como no caso da agricultura. Mas não existe “um conceito genérico mental para diversas áreas de actividade.” (KURZ, 2005,

95 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

96 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

97 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

s.p.)⁹⁸.

Ora, ao analisar as utopias, o que se vê é que são os *ofícios*, as *artes*, as *obras*, que distinguem os homens. O conteúdo de suas obras os distingue, sem que seja uma prisão eterna. Ao contrário, o conceito de trabalho, em essência abstrato, pressupõe a equalização das pessoas, pois é o fato de contribuir com tempo de trabalho para a produção – não importa se de bombas, remédios, pães, energia atômica, viadutos, carros, cadeiras de rodas – (JAPPE, 2006)⁹⁹, não importando o conteúdo concreto do que é produzido, mas o aspecto abstrato de ser portador daquilo que é a riqueza: valor que se materializa em dinheiro. E é esse movimento que não pode ser encontrado nas utopias. O conceito de trabalho estava muito mais presente em estágio nascente nas oficinas cheias de camponeses arrancados de suas terras e obrigados a ferro e fogo a trabalharem nas fábricas do que no conceito de *opera e labor* renascentistas contido nas utopias, e isso é importante diferenciar.

Minha interpretação é a de que a forma de exposição da imaginação utópica no que respeita à organização das atividades de produção e reprodução social nas utopias não dá margem a uma exaltação do chamado trabalho de fábrica. Pelo contrário, embora desde o século XII (LE GOFF, 2013)¹⁰⁰ tenhamos notícia de oficinas de fabricação de tecidos nos Flandres, por ser um fenômeno pequeno imerso num mundo ainda majoritariamente rural e guiado pela síntese social religiosa, não se tinha ainda no Renascimento uma população dita operária. Tanto que, no dizer de Heller (1982), “A partir das investigações de Marx, sabemos que mesmo um século mais tarde os operários ainda não completavam uma semana inteira de trabalho: estavam mentalizados para trabalharem apenas o bastante para seu magro sustento”. (p. 320)¹⁰¹.

Na verdade, não estavam mentalizados para o trabalho, essa realidade lhes era estranha. Não o aspecto da dureza, do esforço e da lida que conheciam bem, mas o aspecto de uma atividade produtiva tautológica que não lhes fazia sentido.

A própria Heller (1982) se dá conta de que não está em jogo no Renascimento um conceito de trabalho idêntico à hominização. No Renascimento, como ela própria indica, os escritores não viam o trabalho como responsável pela hominização — uma ideia que aparece

98 KURZ, Robert. “A substância do capital”. In: <http://obeco.planetaclix.pt>, 2005.

99 JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria*. Trad. José Miranda Justo. Antígona: Lisboa, 2006.

100 LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Trad. Thiago Abreu, Lima Florêncio, Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

101 HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Editorial Presença: Lisboa, 1982.

somente na modernidade, ao que parece — e assim, “ou antropomorfizaram completamente ou viam a natureza humana em abstrato, como um produto puramente natural, sobre o qual o trabalho começa a ‘operar’, criando uma segunda natureza, depois de o homem, como ser natural ter surgido já feito.” (p. 321).

Na verdade, não haveria motivo para se estranhar essa definição, uma vez que a síntese social medieval — que ainda é a renascentista, ou seja, Deus e seus representantes — determina a vida social nos seus mais íntimos recantos. E o nexos social não se dá pelo trabalho. Mesmo o desenvolvimento do indivíduo no Renascimento, e nas utopias, não forjou a ideia do homem como trabalhador e criador de si mesmo, porque o homem ainda é cria de Deus nas utopias renascentistas. O hino de louvor ao trabalho como transformador do macaco em homem só poderia fazer sentido numa sociedade cuja síntese social é o próprio trabalho, produtor de riqueza abstrata.

Se essa discussão sobre o trabalho fosse exclusivamente uma discussão linguística, uma intelectual de peso como Heller (1982) não quererá retroprojetar até mesmo a categoria “trabalho abstrato” na Antiguidade. Uma categoria que segundo ela apenas estava escondida, enevoadada no aspecto concreto dos produtos (p. 321). Em verdade, não se tratava de obscurecimento, mas simplesmente da inexistência desses conceitos que só ganham sentido na modernidade capitalista.

No fim das contas, Heller (1982) acaba por ajudar a esclarecer que não havia trabalho nessas utopias, pois, para ela, as utopias de More e Campanella desejam:

satisfazer simultaneamente as exigências da otimização e da humanização. Esta otimização diferia das expectativas não só do marxismo, como ainda do utopismo posterior à Revolução Francesa, num único aspecto, se bem que fundamental: explorava as possibilidades de fazer uso máximo dos meios de produção no seu estado de desenvolvimento *dado*, e de modo nenhum considerava o problema de desenvolver mais ainda os meios de produção ou de aumentar a produtividade. (p. 290)¹⁰²

102 HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Editorial Presença: Lisboa, 1982.

2.2 COMO AS ATIVIDADES NAS UTOPIAS NEGAM A EXISTÊNCIA DO TRABALHO

Tanto na *Utopia* de Morus – “O único ofício que é praticado por todos, homens e mulheres, e no qual todos são peritos é a agricultura.” (MORE, 2017, p.99)¹⁰³ — quanto n’*A Cidade do Sol* — “Já lhe disse que eles têm em comum a arte militar, a agricultura e a pecuária. Todos têm obrigação de conhecer essas artes julgadas nobilíssimas [...] (CAMPANELLA, 1983, p. 264)¹⁰⁴ “Grandemente valorizada é a agricultura.” — a agricultura é considerada a atividade fundamental e mais nobre, uma arte, não um “trabalho” no sentido moderno. Já n’*O Mundo Sábio e Louco* de Doni (2004), os ofícios urbanos, as manufaturas vão gozar de prestígio similar ao cultivo do campo.

Mesmo com essa diferença fundamental, seria difícil ver nesse prestígio dos ofícios urbanos e nessa separação de atividades complementares nas ruas, ou nessa certa monocultura, um adiantamento *avant l’heure* da organização do trabalho moderno, seja capitalista ou socialista. Além do mais, são “ruas das artes” (DONI, 2004) — não se trata de rua dos trabalho, como o espírito moderno talvez quisesse ver.

Na sua utopia, Doni pensa uma coletividade baseada na lei da natureza, de onde tem origem uma igualdade social pautada em uma ideia sua de comunismo primitivo e integral e não uma comunidade de trabalhadores igualitários. Por maior que seja o apagamento da individualidade nessas utopias, não há essa *máscara de caráter* (MARX) abstrata de trabalhador. Como diz o Sábio: “[...]cada terreno frutificava segundo sua própria natureza” (DONI, 2004, p. 139), ou seja, isso é bem distinto da monocultura moderna, em que a terra é forçada a dar tudo com o uso de fortes fertilizantes – que, aliás, não são usados n’*A Cidade do Sol*: “Não fazem uso dos adubos e da lama para fertilizar os campos, pois acham que estes corrompem as sementes e produzem cereais malsãos [...]” (CAMPANELLA, 1983, p. 265).

Na minha forma de ver, é preciso enxergar as utopias em estudo como uma sociedade cuja reprodução material está fundada na terra, no cultivo de atividades sobretudo voltadas para o campo. É assim que é possível argumentar que as atividades desenvolvidas nas utopias estão mais relacionadas com a Antiguidade e sua relação estreita com o campo. A

¹⁰³ MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Marcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

¹⁰⁴ CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

agricultura desde a antiguidade sempre foi considerada uma arte, a mais honrada (GAULLIER, 1896, p. 9-10)¹⁰⁵. A agricultura foi cantada pelos poetas antigos Hesíodo cuja obra tinha por objetivo ensinar a agricultura e a moral. Da mesma forma as *Bucólicas* e as *Geórgicas* do romano Virgílio também se inspiram em Hesíodo para louvar a agricultura como arte. O cultivo da terra também foi honrado por Porcius Catão com seu *De res Rustica*, e Varrão com seu *De Agricultura*. Não é raro nessas obras aparecer o termo trabalho para designar aquilo a que o poeta se refere como labuta, fadiga, labor. E embora seja consagrada a tradução da obra de Hesíodo por *Os trabalhos e os dias*, nada na obra evoca atividade que não seja relacionada ao campo. Da mesma forma que os *12 trabalhos de Hércules* não teriam sido certamente executados se a Hércules tivessem dito que executaria 12 trabalhos, e não 12 proezas, ações¹⁰⁶.

No final da parte em que são descritos os ofícios em sua *Utopia*, Morus faz um resumo muito interessante de sua imaginação utópica. No que a cabeça moderna quer ver trabalho, ele coloca como ocupações para o bem comum. Ocupações em que todos se aplicam e ele faz questão de precisar que são ocupações úteis [*Quamobrem cum et omnes utilibus sese artibus exerceant*] (MORE, 2017, p.107). Como todos se aplicam nas *artes*, “é evidente que há abundante quantidade de todas as coisas”, e quando não há atividade útil que mereça a fadiga, como a manutenção de estradas, nada resta a ser feito senão anunciar-se “para o público menos horas de trabalho [!]” (MORE, 2017, p.107)¹⁰⁷, ou melhor, menos horas dedicadas às obras públicas. [*pauciores horas operandi publice denuntient.*]. Ninguém é obrigado na *Utopia* a despender sua energia em coisas cuja utilidade não seja imediata para a comunidade utopiana.

Afinal, a constituição daquela república tem esse como primeiro e único escopo; na medida em que permitam as necessidades públicas, é assegurado o máximo de tempo longe do esforço físico, para que todos os cidadãos se dediquem à liberdade e ao cultivo do espírito. Nisso está assentada a felicidade da vida. (p. 107)

As cidades são divididas em quatro partes, com uma praça, um espaço livre (*forum*), que alguns tradutores traduzem por um contrassenso: *mercado*. Ora, nesse tal mercado há

105GAULLIER, Alfred. *L'Agriculture à travers les âges*. Paris: Librairie de la Provence, 1896.

106 *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, cuja tradução é um exemplo cabal da projeção acrítica de categorias modernas para a Antiguidade, é uma ode à cultura da terra. Nada nos impede de pensar que quando toda a agricultura nos tempos atuais tiver se transformado em agronegócio e as gerações futuras não tiverem mais lembrança de outra forma de produzir alimentos-mercadorias passemos a traduzir esta obra como o *agronegócio e os dias*.

107 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Marcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

todas as coisas, como nos mercados modernos, mas no *forum*, nessa praça, nesse espaço livre, não há mercadorias. Portanto, não se trata de um mercado, porque “qualquer chefe de família que precisar de algo leva consigo, sem pagamento e sem que lhe peçam qualquer restituição.” E por que poderiam ser negados esses bens, se tudo existe em abundância, não havendo qualquer temor de que “alguém peça algo além do necessário.”? Para quê? Se sabem que nada lhes faltará? Pergunta Morus.

Deixamos claro desde o início que não é objetivo deste estudo fazer uma análise política das utopias objeto de reflexão aqui. Mesmo porque, trata-se de obras literárias acima de tudo e que, embora mantenham uma relação estreita com a realidade histórica e social, trata-se de escritos, de imaginação literária e utópica. Mesmo assim, é difícil não fazermos comparações entre a imaginação utópica contida nessas obras e a chamada modernidade, que se pretende muitas vezes ter começado ali. Bastaria o trecho evidenciado acima para argumentarmos o imenso abismo que separa a imaginação utópica materializada nesse trecho e a época moderna, cuja felicidade parece se encontrar justamente na compulsão pelo trabalho. Justamente o oposto do que se passa nas utopias renascentistas. Porque, diferentemente dos utopianos e solarianos, os sujeitos da sociedade moderna não têm controle sobre a produção da riqueza, porque aceitam que a riqueza social seja não mais aquilo que pode ser útil à comunidade, mas aquilo que é útil à multiplicação do dinheiro. Tudo que é abominado nas utopias renascentistas é adorado na modernidade capitalista.

O próprio ritmo das atividades desenvolvidas nas utopias não condiz em nada com a realidade moderna. As obras parecem muito mais voltadas para a Antiguidade do que para o horizonte de expectativas do futuro. Essas obras não poderiam ser lidas, sob pena de se incorrer numa extrapolação histórica e social, como uma ode ao trabalho, mas muito mais uma ode a uma comunidade onde os membros têm participação ativa de alguma forma na sua reprodução. O que alguns chamam com a cabeça moderna de “divisão do trabalho”, é muito mais uma defesa de que ninguém escape da contribuição que deve dar para a sociedade por meio de suas atividades. Porque para ele não é justo que “qualquer nobre, ourives ou usurário, ou qualquer desses que não fazem nada, ou que só produzem o que desnecessário à república” possam levar uma vida de soberba, no ócio e fazendo tarefas inúteis, enquanto o cocheiro, o *faber* [trabalhador!], o agricultor se esforça em seu *assiduo labore*. (p. 201)¹⁰⁸. Ou seja, a terra da utopia não é a terra do trabalhador, em que todos são antes de tudo trabalhadores, mas uma

108MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Márcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

terra inexistente onde os membros da comunidade entendem sua participação na vida social como compreendendo também a contribuição para a reprodução material de forma concreta. Antes de ser uma louvação do trabalho, é uma rebelião contra o que ele chama de “conspiração dos ricos” que se apoderam dos trabalhos dos pobres — uma das formas como se deu historicamente a reprodução material da sociedade, a apropriação direta. Nada que os marxistas possam ver como defesa do trabalho perante o capital, porque nem mesmo capital há na utopia, porque a *pecunia* não tem lugar, e com ele também não tem lugar a cobiça, nem uma quantidade imensa de males que afligem a sociedade.

Do mesmo modo, enquanto humanista, Morus faz uma defesa de que os membros da sociedade não devem ter necessariamente lugares fixos naturalmente estabelecidos e dados de uma vez por todas. Ou seja, o artífice — um excelente termo encontrado na tradução de Meirelles (2017) —, utilizando “suas horas vagas tão resolutamente nos estudos”, ou seja, utilizando o tempo dedicado às “inclinações da alma” para cultivá-la, poderá ser liberado de seu ofício manual para ser “promovido à classe dos estudiosos”. (MORE, 2017, p. 105)¹⁰⁹.

Sendo assim, as formas de atividades descritas nas utopias de Morus, Campanella e Doni nos remetem para um universo anterior à modernidade porque põem em evidência a especificidade das atividades, logo seu caráter concreto e imediatamente útil. Eles se referem às atividades realizadas pelos habitantes das suas utopias como *artes*, *ofícios* inserindo o leitor em um universo ficcional que permite imaginar essas atividades como diferentes do trabalho na acepção moderna. Em *O Mundo Sábio e Louco*, as atividades eram realizadas com base em uma relação harmônica com a natureza - “porque nascendo, era criado, e quando chegava a idade certa, era posto para estudar ou aprender uma arte, segundo aquilo que lhe ditava a natureza. (DONI, 2004, p. 141)¹¹⁰

Na *Utopia* de Thomas More, após um período de dois anos aprendendo a exercer a agricultura, os utopianos podem escolher o tipo de atividade a ser aprendida e praticada, não há uma definição ou obrigatoriedade exterior a eles.

Na maior parte dos casos, cada um é instruído no ofício paterno. De fato, a maioria dos utopienses é conduzida pela natureza. Mas, se o ânimo leva alguém em direção a outro ofício, este é enviado para outra família, que exerça tal profissão, e não só o pai, mas também o chefe dos magistrados zelam para que seja ao pai de família decente e honesto. Ademais, se alguém já é douto em uma profissão, e ainda desejar ser em outra, do mesmo modo lhe é permitido. Tendo os dois ofícios, escolherá o

109 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Márcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

110 DONI, Anton Francesco. “Uma utopia do *cinquecento*: “*Mondo savio e pazzo*”. Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Renascimento*, vol. 1, Unicamp, 2004.

que lhe aprouber, a não ser que a cidade necessite mais de um do que do outro. (2017, p. 99)¹¹¹

N’*A Cidade do Sol*, além da agricultura, outras atividades comuns e exercidas por todos os solarianos é a arte militar e a pecuária. Se algum deles escolher exercer um número maior de atividades é considerado nobre. As atividades e as artes são realizadas de maneira que não sejam fatigantes.

ALM. — Já lhe disse que eles têm em comum a arte militar, a agricultura e a pecuária. Todos têm obrigação de conhecer essas artes julgadas nobilíssimas, de forma que quem exercer maior número é considerado possuidor de maior nobreza, e quem chegou à maior nobreza e à maior perfeição em algumas delas é eleito mestre. As artes mais fatigantes obtêm maior estima, como a do pedreiro, etc. Ninguém se recusa a exercitá-las, porque a elas se aplicam pela particular tendência revelada na infância, e também porque o trabalho é distribuído de modo que nunca possa ser nocivo à pessoa, mas, ao contrário, deva torná-la e conservá-la melhor. As mulheres exercem as artes menos pesadas. Todos devem ser hábeis na natação, e reservatórios especiais de água foram preparados não longe da cidade. (CAMPANELLA, 1983, p. 262)¹¹²

N’*O Mundo Sábio e Louco*, os seus habitantes não são descritos como trabalhadores, as atividades desenvolvidas são definidas como artes. Na sua cidade, existem duzentas artes, cada qual localizada em uma determinada rua.

SÁBIO. A cidade possuía em cada avenida duas artes; por exemplo, de um lado ficavam todos os alfaiates, de outro todas as lojas de pano. Uma outra avenida: num canto especial, numa esquina, estavam todos os médicos. Uma outra rua: sapateiros que faziam sandálias e botas, de outro todos os coureiros. Numa outra rua: padeiros que faziam pão, e em frente moinhos que moíam a seco. Uma outra rua: várias mulheres que fiavam e teciam fazendo seus fios com perfeição, e aqueles no cruzamento teciam. Daí que chegavam a ser duzentas as artes, e cada qual não fazia outra coisa senão aquela mesma. (DONI, 2004, p. 16)¹¹³

São muitíssimas *artes*. E seria uma pena abstrair o que elas têm de próprio em nome de um conceito, e mais, em nome de um conceito que represente uma realidade social que faz realmente abstração desses conteúdos específicos.

E é justamente isso que julgo acontecer quando se tende a traduzir as palavras relacionadas às atividades produtivas nas utopias por trabalho. Como vimos, a etimologia não é suficiente para explicar a evolução do sentido de palavras e até sua transformação em conceitos, em palavras de caráter generalizante.

111 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Marcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

112 CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

113 DONI, Anton Francesco. “Uma utopia do *cinquecento*: *Mondo savio e pazzo*”. Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Renascimento*, vol. 1, Unicamp, 2004.

Porque se fôssemos nos fiar na etimologia, ou no sentido do dicionário, não haveria qualquer problema em se utilizar a palavra trabalho. Mesmo ela representando sempre um sentido de penar, porque, como vimos, não é isso que está em jogo, mas a forma específica de mediação social desse penar.

Vejamos alguns exemplos de tratamento dado à palavra trabalho que, de fato, é tratado apenas como palavra e não como conceito-chave da produção de riqueza na modernidade.

No dicionário Houaiss¹¹⁴, parte-se da etimologia *tripalium* ‘instrumento de tortura’, até chegar a definições mais neutras, como “esforço incomum; luta, lida, faina, conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim”, “empreendimento, realização, qualidade de execução, feitura, labor.” Somente uma acepção se aproxima do conceito moderno: “atividade profissional regular, remunerada ou assalariada”. No mais, o que o dicionário faz é conceituar a palavra “trabalho” como sendo possível de ser empregada em vários contextos sem maiores consequências como se se tratasse de uma mera abstração linguística. Ou seja, não é por meio da definição do dicionário que é possível perseguir a hipótese levantada em nosso estudo.

Em autores como Fossier (2018), temos a afirmação de que a palavra trabalho não existe. Mas mesmo diante da constatação da inexistência do termo, o autor ressalta que usará trabalho por “pura convenção de estilo”, como fazem todos os autores que a utilizam.

Segundo ele,

o *tripalium*, conhecido na baixa Antiguidade, é um tripé onde se coloca o cavalo para pôr a ferradura; portanto, uma espécie de cavalete de tortura. E sua evolução semântica (que revelador!) no sentido de “trabalho” (árduo evidentemente) — desde o século XII — só triunfará no século XVI. (pp. 9,10)
Opus, *operare*, *operatio*, trata-se da execução de uma atividade, uma “obra”; simplesmente “agir”, “fazer”, por exemplo, tanto uma caridade (*opus pium*) quanto uma corveia (*co-opera*). Esses conceitos-chave poderão, assim, se aplicar a toda forma de trabalho. (p. 14)¹¹⁵

Se o objetivo é “dar algum relevo à ação, sublinhar o cuidado a ela necessário, a habilidade que ela revela, o serviço que renderá aos outros, dir-se-á, certamente, *cura*, *industria*, *ministerium*, mas sobretudo *ars*, ‘arte’”. (FOSSIER, 2018, p. 14), que aparece em vários contextos nas utopias.

114 HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2008.

115 FOSSIER, Robert. *O trabalho na Idade Média*. Trad. Marcelo Berriel. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

Para um “homem de arte”, as atividades a ele atribuídas são “ocupar-se das almas, preparar um tecido, exercer um ofício, o mesmo que ensinar a gramática ou construir uma igreja.” Para o artesão — *artifex*, o seu “trabalho” “é o resultado de sua atividade, a princípio sempre feliz e desejada”. (FOSSIER, 2018, p. 14).

Laborare significa “obter um resultado, adquirindo, assim, satisfação”. *Labor* significa “a palavra que qualifica a produção pelo trabalho, mas uma produção fruto de um esforço, de uma pena, da qual a Bíblia já bem sublinhara o caráter desagradável: antes do Pecado, no Éden, Adão *operat*, depois, punido, *laborat*.” (FOSSIER, 2018, pp. 14,15). Fossier ressalta que *labor* tem “sempre o significado de ‘lavra’, portanto, ‘labuta’ no sentido de ‘trabalho ao sol’ ” — entendimento corrente a partir do século XVI. Se o escriba deseja utilizar “palavras mais rudes — *poena, tribulatio* — não resta dúvida sobre sua intenção de trazer a lume o esforço difícil que impõe o trabalho do qual ele fala.” (FOSSIER, 2018, pp. 14,15).

Evaristo de Moraes (1959) faz um amplo levantamento dos estudos etimológicos empreendidos por filólogos e linguistas com o objetivo de definir a origem do vocábulo trabalho, estudiosos estes que “não descansam na procura da origem do *térmo trabalho*”. (p. 7)¹¹⁶.

Inicialmente, ele destaca a afirmação de De Robertis de que “tôdas as línguas da antiguidade, inclusive a latina, não possuem uma expressão que possa significar exatamente a mesma coisa que o nosso *térmo trabalho*.” Temos “*labor*, em que está inerente o sentido de fadiga e pena; *opus* e *opera*, em que ressalta a ideia de aplicação ativística e do resultado; *negotium* (*nec ot in*), que abrange em geral qualquer forma de atividade humana.” (FILHO, 1959, p. 7). Mas, como sabemos, toda sua argumentação é para defender o trabalho como constante antropológica.

Emile Littré, “aponta *trabs* como raiz etimológica, lembrando igualmente que *traballar* teve o sentido de viajar, sentido que se liga ao de pena, fadiga.” Ainda citando *trabs*, Evaristo menciona Rich que lhe atribui o significado de “uma trava ou barra de madeira, como os lados do navio [...], a viga de sustentação dos tempos ou dos tetos”. (FILHO, 1959, pp. 8,9).

Segundo Pedro Felipe Monlau,

116 FILHO, Evaristo de Moraes. *Perspectiva de uma filosofia do trabalho*. In: DEVISATE. São Paulo: Fiesp-Ciesp, 1959.

do latim *trabs*, *trabis*, viga, de onde se originou em primeiro lugar *trabare*, que deu no castelhano *trabar*, etimologicamente obstruir o caminho por meio de uma viga (como embaraçar, de barra); e logo depois outro tipo diminutivo *trabaculare*, que produziu *traballar*. Seu valor etimológico é o mesmo de *trabar*; e dêle se deduziram depois o de contrariar, dificultar, molestar e o de encontrar os meios necessários para vencer as dificuldades, executar algo, ocupar-se com algum exercício ou negócio.

Correlativo com o tipo *trabaculare*, formou-se outro, *trabicolare*, e mediante a alteração de tra em tre (o provençal tem *traballar*, *treballar*, *trabucar*, *traspasar* e *trepassar*) surgiu o verbo *trebejar*, travessar, enredar, brincar. [...] o verbo transversare (mover de um lado para o outro), uma composição de terra (terra) e *laborare* (lavar), e também os verbos *tributare* (trilhar, atribular) e *terere* (quebrar, romper), assim como a composição *transvigilia*, insônia, falta de sono ” (FILHO, 1959, pp. 7,8)

Em Bloch e Wartburg, Benoist e Goelzer, Larrousse, Dauzat, Grandsaignes d’Hauterive, Febvre e Magne, temos “*tripalium e tripaliare*”.

‘Trabalho’ — ‘máquina onde se prendiam os bois, os cavalos difíceis, para ferrá-los’. Latim popular *tripalium*, atestado em 578 sob a forma de *trepalium* no sentido de ‘instrumento de tortura’ em uma decisão do Concílio de Auxerre: *Non licet presbytero nec diacono ad tripalium ubi rei torquentur stare*; *tripalium* é composto de *tri* que significa *três* em composição, e de *palus*, estaca, pau ferrado; literal: ‘máquina feita de três paus’.” (FILHO, 1959, pp. 9,10)

Como conclusão da busca pela origem etimológica da palavra trabalho, Evaristo (1959) afirma que “Não resta a menor dúvida de que o étimo *labor*, *is*, do latim, que deu *labor* em inglês, *labeur* em francês e *lavoro* em italiano, tem o mesmo sentido de *trabalho*, podendo ser apontado como a palavra na língua latina que mais se aproxima do significado moderno.” (p. 11). Mas será mesmo que se pode criar um atalho histórico dessa forma?

Para Vernant e Naquet (1989), “Da agricultura ao comércio, não encontramos na Grécia um tipo de comportamento único, o trabalho, mas formas de atividade que aparentemente organizaram-se de acordo com relações quase dialéticas.” (p. 32)¹¹⁷

Uma palavra como *πovoc* aplica-se a todas as atividades que exigem um esforço penoso e não somente às tarefas produtivas com valores socialmente úteis. [...] As palavras com a raiz indo-européia *tek* orientam-nos em outra direção: trata-se dessa vez de uma produção como a do artesão, de uma operação da ordem do *ποιεν*, cuja finalidade não é produzir um objeto exterior, alheio ao ato produtivo, mas desenvolver uma atividade por si mesma, sem outro objetivo que não seu exercício e sua realização. (VERNANT e NAQUET, 1989, p. 10)

Ainda segundo esses autores, essa diversidade de vocábulos para designar atividades diferentes nos possibilita desconfiar do uso da palavra trabalho como detentora desses múltiplos significados que as atividades humanas receberam historicamente. Mas

117 VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus, 1989.

mesmo assim, os autores continuam utilizando o vocábulo trabalho no decorrer de sua obra para se referir ao conjunto dessas atividades para as quais eles mesmos alertaram não convir o termo. “Esses fatos do vocabulário fazem-nos suspeitar de diferenças de plano, de aspectos múltiplos e até de oposições entre atividades que, a nossos olhos, constituem o conjunto unificado de condutas de trabalho.” (1989, p. 11).

Nas utopias estudadas cujo original é em latim, deparamo-nos muito amiúde com o uso da palavra trabalho nas traduções para o português, *lavoro* para o italiano, *travail* para o francês. Mesmo que os autores em muitos contextos lancem mão de diferentes palavras para descrever as atividades realizadas em suas cidades utópicas. A não problematização dessa questão também está presente nas análises e estudos realizados sobre as utopias em questão. Nosso objetivo não é trazer a lume todos esses estudos e análises, mas apenas realizar um breve passeio por alguns deles.

2.3 O MUNDO SÁBIO E LOUCO DE ANTON FRANCESCO DONI

Na sua apresentação e análise da utopia de Doni, ao descrever as atividades exercidas pelos habitantes d'*O Mundo Sábio e Louco*, Fante (1980) usa ora o termo “trabalho” ora “arte, mestiere, occupazione” — “In ogni strada della città, i cui abitanti attendono tutti ad un’arte o ad un mestiere [...]” (p. 138)¹¹⁸. Quando se refere aos poetas, afirma que eles devem além de fazer versos, “devono attendere contemporaneamente ad altre occupazioni.” (1980, p. 146)

De maneira diversa se posiciona Fante quando trata das atividades em geral, as quais deixam de receber nomes específicos para serem todas denominadas trabalho:

Nello stato ideale dello scrittore fiorentino regna una perfetta uguaglianza: a nessuno è concesso di vivere nell’ozio, sfruttando il lavoro altrui, ma tutti svolgono una determinata attività e, come gli Utopiani, si scambiano reciprocamente i prodotti del loro lavoro. (1980, p. 140)

Assim também o faz Widmar (1964) quando afirma que “Ciascuno deve assicurarsi l’esistenza col proprio lavoro e nessuno può esser esonerato dal lavoro se non per ragioni di salute e d’infermità; perfino i poeti devono lavorare.” (p. 38)¹¹⁹

Para Santoro (1978), o trabalho em Doni é fundamento não só da cidade, mas da existência humana.

Fondamento della città del Doni è il lavoro, che costituisce la legge e la misura dell’esistenza, l’unico mezzo di vita (“chi non lavora non mangia”). I cittadini sono tutti eguali; e, giacché non esiste proprietà privata, hanno in comune tutto ciò che serve alla esistenza; non sono insensibili alle varie forme dell’arte, specialmente della musica. (p. 500)¹²⁰

Bolzoni (1993), ao contrário, não utiliza a palavra trabalho para se referir às atividades. Ela mantém as palavras utilizadas por Doni quando reflete sobre aspectos da cidade construída em *O Mundo Sábio e Louco*.

La struttura radiale della città utopica del Doni permette una razionale disposizione delle arti e dei mestieri. In questo modo la città diventa il contenitore ordinato dell’enciclopedia, di una enciclopedia rifondata secondo criteri strettamente naturalistici. Il cerchio scandito da 100 raggi diventa dunque il diagramma di una

118 FANTE, Alessandra Del. *NOTE SUI MONDI DI ANTON FRANCESCO DONI* In: ANNALI DELL’ISTITUTO DI FILOSOFIA II, Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1980.

119 WIDMAR, Bruno (A cura di). *Anton Francesco Doni. Il Mondo Savio e Pazzo*. In: *Scrittori politici del 500’ e 600’*. Milano: Rizzoli Editore, 1964.

120 SANTORO, Mario. *L’esclusione della “fortuna” dal destino dell’uomo: l’utopia di A. F. Doni*. In: *Fortuna, Ragione e Prudenza nella civiltà letteraria del Cinquecento*. 2 ed. Napoli: Liguori Editore, 1978.

ridisposizione semplificata e razionale dei saperi necessari alla vita umana, in cui la tradizionale classificazione gerarchica e astratta viene sostituita da criteri di accostamento empirici e puramente funzionali (farmacisti / medici, calzolai / cuoiai, ecc). (pp. 71, 72)¹²¹

Quando descreve a cidade utópica criada por Doni, Messina (1961) utiliza a palavra trabalho para se referir às atividades nela exercidas.

Vestiti allo stesso modo — variano solo i coloro in rapporto all'età —, tutti in città lavorano, perché non si poteva mangiare senza aver prima lavorato. [...] Molto sviluppata l'agricoltura, alla quale erano applicati metodi razionali e il principio della divisione del lavoro. [...] Non esisteva la moneta, nulla si pagava, scambiati erano i prodotti del suolo e del lavoro. [...] Vigilare e costrette le voglie e le passioni, aboliti i piaceri, i lussi, le pompe, i savi trovavano il godimento spirituale nell'esercizio delle arti belle (tra esse la musica è indispensabile per elevare l'animo), considerate un lavoro, meno la poesia, per cui solo i poeti tra gli artisti erano obbligati a svolgere un'altra attività lavorativa. (p. 1305)

Ao descrever a cidade de Doni em *O Mundo Sábio e Louco*, Saita (1951) utiliza os vocábulos “arti e mestieri” — “Insomma una città tutta simmetrica, dove le arti e i mestieri sono ben distribuiti e gli stessi vestimenti sono perfettamente eguali” [...] (p. 521)¹²², mas quando reflete sobre essas mesmas atividades, usa o vocábulo trabalho para designá-las e defendê-las:

[...] ed in verità ciò che della sua utopia il Doni mantiene come il concetto più certo e più diffusivo è il concetto del lavoro, esteso a tutti gl'individui, perché esso solo è capace di eliminare quelle disuguaglianze sociali di cui egli soffriva ai suoi tempi. Chi non lavora non mangia. Nel lavoro egli avverte il senso della redenzione umana, o la concezione di una nuova umanità, la quale, in definitiva, vuole essere l'espressione più sincera e più vera di se stessa in un mondo che a lui appariva organizzato più verso il male che verso il bene. (1951, p. 521)

Carlo Curcio (1941) descreve a cidade de Doni como “perfetta in tutto, [...] ov'è pace perpetua, e non si pensa mai a guerra; ove ognuno lavora; ove domina la ragione. Razionale è l'impiego degli uomini nei vari lavori; razionale l'agricoltura; razionale tutto il sistema di vita.” (p. XI)¹²³

Publicada na Revista Morus em 2004, a tradução de *Il Mondo Savio e Pazzo*, de Anton Francesco Doni, para o português foi feita pelo professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Essa tradução foi publicada em 2002 na Revista Remate de Males, do Instituto de

121 BOLZONI, Lina. *Le città utopiche del Cinquecento italiano: giochi di spazi e di saperi*. In: L'Asino d'oro. Anno IV. Torino: Loescher Editore, 1993

122 SAITA, Giuseppe. *IL PENSIERO ITALIANO NELL'UMANESIMO E NEL RINASCIMENTO. IL RINASCIMENTO*. Vol. III. Bologna: Cesare Zuffi Editore, 1951.

123 CURCIO, Carlo. (A cura di). *Utopisti e riformatori sociali del cinquecento*. Bologna, Nicola Zanichelli Editore, 1941.

Estudos da Linguagem da Unicamp e na Revista Morus em 2004. Optamos por analisar a tradução publicada em 2004 por ser a mais recente e também por vir acompanhada de um texto introdutório sobre Doni e a utopia em questão.

O texto original em italiano faz parte do livro *I Mondi*, cuja publicação é de 1994. Patrizia Pellizzari esclarece que o texto dessa edição foi publicado em 1568 em Veneza com as últimas modificações realizadas pelo próprio Doni. (1994, p. LX)¹²⁴

¹²⁴ DONI, Anton Francesco. *Anton Francesco Doni*. A cura di Patrizia Pellizzari e Marziano Guglielminetti. Torino: Einaudi Editore, 1994.

2.4 ALGUNS TRECHOS D'O MUNDO SÁBIO E LOUCO

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. E il restante del paese in fra queste provincie a che serviva?	LOUCO. E o restante do país entre estas províncias, para que servia?
SAVIO. Serviva, che ciascun terreno fruttificava secondo la natura sua; perché, dove facevano bene le viti, non vi si faceva piantare altro; dove il frumento, dove i fieni e dove le legna, non s'andava framettendo altro se non una di queste cose. (p. 937)	SÁBIO. Servia, que cada terreno frutificava segundo sua própria natureza; porque onde dava bem a videira, não se plantava outra coisa; onde o frumento, onde o feno, e onde a lenha, não se ficava dividindo o <u>trabalho</u> em várias coisas, mas se ocupava de uma só destas coisas. (p. 139)

No texto em português, parece que o tradutor utilizou a palavra trabalho como alternativa a uma interpretação pessoal do trecho escrito por Doni, visto não termos no original em italiano palavras que tratem das atividades exercidas pelos habitantes da referida utopia. O trecho está mais para a explicação de que se algo estava frutificando bem, não se deveria plantar outra coisa no lugar daquela. Não temos a descrição de alguma atividade que pudesse vir a ser traduzida por trabalho.

É importante ressaltar que não se trata de condenar às gemônias a tradução por usar o termo trabalho, mas refletir que a utilização dessa palavra que, como vimos, não é mera palavra, arrasta consigo toda uma carga semântica, conceitual. O leitor, no mínimo, é levado a um embaralho que fica no subterrâneo de seu pensamento: porque para a consciência individual, trabalho é toda e qualquer atividade humana, mas ao mesmo tempo, aquelas atividades que se materializam em “utilidade” social, riqueza. Então, traduzir por trabalho significa apagar a especificidade do conceito e inconscientemente traçar um paralelo com as atividades humanas na história.

Mesmo porque, parece possível aproximar a tradução do tempo histórico da obra traduzida utilizando termos que dão conta da multiplicidade das atividades, evitando o termo trabalho que, além de ser uma abstração linguística que não aparecia na Antiguidade, como

vimos com Vernant e Naquet, é uma abstração que se manifesta na realidade social. Prova de que esse cuidado é possível encontramos no próximo trecho.

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
SAVIO. Aveva la città in ogni strada due <u>arti</u>: come dire, da un canto tutti sarti, dall'altro tutte le botteghe di panno. Un'altra strada: da un canto speziali, all'incontro stavano tutti i medici. Un'altra via: calzolari che facevano scarpe, pianelle e stivali, dall'altro tutti cuoiai. Da un'altra: fornai che facevano pane, e al di rimpetto mulini che macinavano a secco. Un'altra via: tante donne che filavano e dipanavano, riducendo il lor filo a perfezione; e quelli all'incontro tessevano. Onde vi veniva a esser dugento <u>arti</u>, e ciascuno non faceva altra cosa che quella. (p. 938)	SÁBIO. A cidade possuía em cada avenida duas <u>artes</u>; por exemplo, de um lado ficavam todos os alfaiates, de outro todas as lojas de pano. Uma outra avenida: num canto especial, numa esquina, estavam todos os médicos. Uma outra rua: sapateiros que faziam sandálias e botas, de outro todos os coureiros. Numa outra rua: padeiros que faziam pão, e em frente moinhos que moíam a seco. Uma outra rua: várias mulheres que fiavam e teciam fazendo seus fios com perfeição, e aqueles no cruzamento teciam. Daí que chegavam a ser duzentas as <u>artes</u>, e cada qual não fazia outra coisa senão aquela mesma. (p. 140)

Nessa descrição feita por Doni das atividades realizadas por seus habitantes, não aparece palavra que se avizinha de trabalho, e o tradutor teve o cuidado justamente de manter-se próximo do original traduzindo *artes* por *artes*. Isso pode aparentar preciosismo, e pode vir a dificultar a leitura por não se tratar de um termo corrente modernamente para esse contexto. Apesar disso, há a possibilidade de o leitor encontrar nessa estranheza uma porta de acesso para a compreensão de que a estranheza linguística diz respeito a uma estranheza referente ao fato de a obra vir de um tempo histórico diferente do nosso. Passemos a outros dois trechos:

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. L'ha ben questa tua ragione un certo che del verisimile. Ma chi non volesse <u>lavorare</u> , come andrebbe ella?	LOUCO. Este teu argumento tem bem um certo quê de verossímil. Mas e se alguém não quisesse <u>trabalhar</u> , o que acontecia com ele?
SAVIO. Chi fosse poltrone, e gli ne fossi stato sopportato una, due e tre, s'ordinava che non mangiasse se non fatto il suo <u>lavoro</u> . (p. 942)	SÁBIO. A quem fosse poltrão — depois que se tivesse suportado uma, duas e três — se ordenava que não comesse, a não ser depois de feito o seu <u>trabalho</u> . (p. 143)

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
SAVIO. Ogni sette dì facevano la lor festa, come a noi la domenica; e in quel dì non si faceva altro che stare nel tempio con gran divozione. E ogni sera, due ore inanzi la notte, ciascuno faceva festa del suo <u>lavorare</u> . Così ogni dì venivano ad avere d'ogni cosa un poco; e la mattina tutti visitavano il tempio, e poi attendevano a'loro esercizi. (p. 940)	SÁBIO. Cada sete dias faziam a sua festa, como nós o Domingo; e naquele dia não faziam outra coisa senão ficar no templo com grande devoção. E cada noite, duas horas antes de anoitecer, cada um fazia a festa comemorativa do seu <u>trabalho</u> . Assim, em cada dia acontecia haver de cada coisa um pouco; e de manhã todos visitavam o templo e depois cuidavam de suas obrigações. (p. 141)

Pela argumentação que temos levantado aqui, também não se justificaria traçar um plano de identidade entre o termo *lavorare* na obra de Doni, e o termo trabalho. Mesmo em italiano o *lavorare* significando contemporaneamente trabalho, como vimos com Koselleck, há palavras que encerram conceitos e a qualidade do termo *lavorare* certamente não é semelhante. Se a palavra é a mesma, seu sentido, seu conteúdo conceitual ganhou outro sentido. De modo que não poderia parecer tão estranho se o tradutor mantivesse de fato a raiz da palavra e vertesse para *laborar*. Mas a questão se mostra mais interessante ainda com o trecho a seguir:

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. Delle doti e del litigare?	LOUCO. E os dotes e as disputas?
SAVIO. Che doti, o che liti? Per che cosa s’aveva egli a litigare? Tutto era comune, e i contadini vestivano come quei della città; perché ciascuno portava giù il suo frutto della sua <u>fatica</u> , e pigliava ciò che gli faceva bisogno. Guarda che s’avesse a stare a vendere e rivendere, comprare e ricomprare. (p. 940)	SÁBIO. Mas que dotes e que disputas? Por qual motivo haveria eles de disputar? Tudo era de posse comum, e os camponeses se vestiam como os moradores da cidade; porque cada qual entregava o fruto de seu <u>trabalho</u> , e pegava apenas aquilo de que necessitava. Imagine se tivesse que vender, revender, comprar e recomprar! (p. 141)

O tradutor, cuja competência não há como pôr-se em questão, parece *trabalhar* num movimento pendular. Se no trecho mais acima analisado ele pôde traduzir *artes* por *artes*, aqui, ele parece julgar que a palavra no original italiano *fatica* pode ser vertida para *trabalho*, numa ligação direta entre o “comerás o pão com o suor do teu rosto” - a fadiga pré-moderna — e o trabalho no seu sentido moderno. Tanto que a escolha foi pela palavra *trabalho*.

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. Eranvi poeti?	LOUCO. Existiam poetas?
SAVIO. Sì, ma bisognava che menassino le mani a far altro che versi ancora, come sarebbe a dire: pescare, uccellare, cacciare, far reti, e altri <u>mestieri</u> da poter cantare versi, che non vi andasse troppa manifattura di sudore. (p. 944)	SÁBIO. Sim, mas precisavam suar a camisa, fazendo outras coisas além de versos: ainda, como direi, pescar, caçar, pegar pássaro, fazer redes, e outros <u>ofícios</u> além de cantar versos, que não lhes causasse excessiva manufatura de suor. (p. 144)
	* <i>Manufatura de suor</i> : para Doni a poesia nasce do <u>trabalho</u> que tem relação com a natureza.

No original italiano, temos *mestieri* que em português foi traduzido por ofícios. Na nota de rodapé onde consta uma observação acerca da manufatura de suor, o tradutor utilizou a palavra trabalho, explicando que para Doni a “a poesia nasce do trabalho que tem relação com a natureza”. Mas justamente pela sua relação com a natureza é que a atividade humana de fazer poesia na época de Doni não pode ser mimetizada numa categoria de ordem geral e abstracionista. Não poderia ser trabalho no sentido moderno. Se nos tempos modernos, fazer poesia pode ser um trabalho por se materializar numa mercadoria poética a ser vendida, não era assim à época de Doni.

TEXTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. Le robe di coloro che morivano, chi ereditava?	LOUCO. E as coisas daqueles que morriam, quem herdava?
SAVIO. Che roba? non aveva altro che quello che aveva indosso, e in casa un letto da dormire. Forse che v'erano l'arazzerie, l'argenterie, la vanità, la superficialità, e che colui morendo s'avesse a dolore di quel ch'egli lasciava?	SÁBIO. Que coisas? Não se possuía nada além daquilo que se tinha em cima do corpo, e em casa a cama onde se dormia. Talvez houvesse a tapeçaria, a prataria, a vaidade, o supérfluo; e aquele que morria, por quê haveria de se incomodar com as coisas que deixava?
PAZZO. Ancor questa è una bella cosa, e l'uomo si trova fuori d'un gran <u>travaglio</u> . Ma dimmi: come facesti tu a sognar tante cose? (p. 946)	LOUCO. Também esta é uma bela coisa e o homem se livra de um grande <u>trabalho</u> . (p. 145)

Esse trecho também deve atrair nosso interesse porque aqui Doni utiliza a palavra *travaglio*, parente etimológico mais próximo do nosso *trabalho*, *travail*, *trabajo*. Mas é importante ressaltar que a aparência deve ser entendida apenas como etimológica. Isso enseja uma reflexão importante que complementa a que já fizemos na primeira parte deste estudo: não é a etimologia quem determina a qualidade do conceito, mas sua evolução na história, a

forma como a forma de vida social lida com tal conceito. Em suma, qual o papel desempenhado por um determinado conceito no seio de uma determinada sociedade, e numa época histórica determinada.

2.5 UTOPIA DE THOMAS MORUS

Felice Battaglia (1949) define a utopia de Morus como “centrale nello sviluppo del pensiero politico ed uno dei documenti più insigni del rinascimento europeo”. Ele ressalta que a discussão acerca da *Utopia* não deve se dar em torno do conteúdo, que já se mostra claro — é quello che è ed è espresso in modo sufficientemente chiaro — mas em torno do significado que o livro angariou, e do significado que podemos nós leitores atribuir-lhe. É assim que o autor, ao refletir sobre o trabalho na *Utopia*, afirma, sem maiores preocupações conceituais, que:

Osserviamo innanzi tutto che la società degli uguali è fondata sul lavoro. Dovere sociale, il lavoro attua nella vita l'essenza umana. Purtroppo, il Moro non perviene ad una unitaria nozione del lavoro come attività; non giunse a superare, nonostante tutto, il tradizionale dualismo di contemplazione e di pratica, in quanto, come si è visto, egli ammette sia pure per alcuni il privilegio della contemplazione e consente che il lavoro manuale nella forma più penosa gravi su masse anonime di schiavi. (1949, pp. 32, 33)¹²⁵

Aqui, Battaglia lamenta que Morus não tenha formulado uma noção unitária de trabalho. É evidente que não julgamos positivo a existência da escravidão na *Utopia*, por outro lado, isso é mais um argumento de que não estamos lidando com um texto moderno no sentido conceitual. Da mesma forma, seria difícil o autor criar uma forma unitária de trabalho, já que não parece passar pela cabeça do escritor utópico uma noção generalizante e unitária das atividades, tanto que lhe parece normal que a divisão entre a contemplação e o labor se mantenha.

Para Cosimo Quarta (1993), é com a *Utopia* de Morus que “la concezione del lavoro come valore essenzialmente sociale viene esplicitamente affermata e trasformata, forse per la prima volta nella storia dell'Occidente, in “istanza politica.” (p. 51)¹²⁶ O trabalho é então um dos “pontos fundamentais do projeto de sociedade” utopiana, desempenhando “un ruolo di prim'ordine nella costruzione della società” e no qual “libertà e necessità si danno battaglia” (p. 51). Portanto, cada utopiano ao trabalhar, está garantindo ao mesmo tempo a sua liberdade individual e coletiva — “è soprattutto nell'ambito del lavoro che si decide il più e il meno di libertà e necessità per ciascuna persona.” (QUARTA, 1990, p. 200)¹²⁷. Aqui, Cosimo pretende estabelecer como princípio de síntese social o trabalho. Assim, não é mais o texto

¹²⁵ BATTAGLIA, Felice. *SAGGI SULL'UTOPIA DI TOMMASO MORO*. Bologna: Cesare Zuffi Editore, 1949.

¹²⁶ QUARTA, Cosimo. *THOMAS MORE - Testimone della pace e della coscienza*. Firenze: Edizioni Cultura della Pace, 1993.

¹²⁷ QUARTA, Cosimo. *TOMMASO MORO. Una reinterpretazione dell'Utopia*. Bari: Edizione Dedalo, 1990.

utópico que é moderno, mas a leitura, a interpretação e a projeção do intérprete que, com sua visão naturalizada e distendida do trabalho tal como se apresenta na modernidade, alça o trabalho a um valor social que não parece estar assim delineado na *Utopia*, que parece conter mais de um princípio de síntese social, diferentemente da modernidade. Mas o problemático é usar esse vocábulo como se na história ele contivesse sempre o mesmo sentido no fim das contas: a da lida com a natureza. Como se, por mais que as constituições históricas tenham sido distintas, por mais que as sociedades encarassem as atividades produtivas sempre de forma mediada pelo simbólico e o fetichismo mítico-religioso, sempre haveria de sobrar aquilo que seria o fundo comum: “comerás o pão com o suor do teu rosto”.

E isso já justificaria usar o termo trabalho, pois o trabalho é um dos “primeiros deveres sociais” (QUARTA, 1990, p. 294)¹²⁸ exercidos por todos os utopianos — que o devem compreender como “un fondamentale dovere civico”. Por isso ele deve ser exercido em qualquer lugar onde o utopiano esteja (QUARTA, 1990, p. 198). Tal dever cívico deve ser entendido como algo que

non è solo un impegno morale, lasciato all’alea della coscienza individua che, in quanto libera potrebbe anche sottrarvi, ma è anche e soprattutto una obbligazione giuridica, poichè è la comunità ad esigere che ciascuno, nei limiti delle sue possibilità, adempia la sua parte di lavoro manuale perché tutti ne traggano giovamento. (QUARTA, 1990, p. 198)

Esse “trabalho manual” exercido por todos os utopianos tem como objetivo “alleviare la fatica, affinché il lavoro stesso divenga, per quanto è possibile, più umano.” (QUARTA, 1990, p. 198). A própria explicação de Cosimo bastaria para que não se utilizasse o termo trabalho neste contexto. Veja, se a atividade produtiva dividida coletivamente tem por principal objetivo a reprodução material da comunidade e a diminuição da fadiga dessa mesma coletividade, como seria possível traçar paralelo com o conceito de trabalho? Ele é uma categoria da compulsão produtivista moderna e, sendo a fonte do valor, a riqueza social que interessa, não há nem mesmo como a sociedade se reunir para decidir dividir as tarefas, as atividades com mais membros para que a fadiga seja menor e todos os membros da sociedade possam participar da reprodução material. Quem decide quem participa do processo de reprodução material mediado pela tríade trabalho-dinheiro-mercadoria é a concorrência anônima. Diferentemente do contexto da *Utopia*, não há margem de escolhas conscientes sobre as atividades. Ou seja, somente numa utopia os seres humanos poderiam dedicar menos

¹²⁸ QUARTA, Cosimo. *TOMMASO MORO. Una reinterpretazione dell’Utopia*. Bari: Edizione Dedalo, 1990.

tempo às atividades de reprodução material para disporem de mais tempo para outras atividades humanas igualmente importantes.

Se na *Utopia* a fadiga do trabalho também é atenuada pelo fato de os utopianos trabalharem somente 6 horas por dia, no padrão do desenvolvimento técnico da época, e como todos trabalham, garantido as necessidades de subsistência sem maiores problemas — “lavorare tutti per lavorare meno” (QUARTA, 1990, p. 196) — “o processo de humanização do ‘trabalho’” reside nessa redução. Francesco Ghia (2018) reflete sobre o que nomeia de “modelo organizativo” — o trabalho realizado em apenas seis horas durante o dia — como tendo o mesmo ritmo da vida monástica. Segundo ele esse ritmo se caracteriza

dall’alternarsi di *otium* e *negotium*, di vita contemplativa e vita attiva. Questa alternanza, se per un verso conferisce al lavoro la sua piena dignità di mezzo di realizzazione della persona attraverso l’esercizio delle abilità individuali, per altro verso lo vincola al fabbisogno collettivo: si lavora cioè quel tanto che è necessario per produrre ciò di cui la comunità ha bisogno e facendo in modo che nessuno si trovi a essere inattivo. (p. 60)¹²⁹

Já na distopia capitalista, quanto mais o trabalho produz, mais precisa produzir, e quanto mais tecnologias são empregadas, mais se exige trabalho dos membros da sociedade. É uma lógica completamente oposta daquela desenhada nas utopias, em especial na *Utopia*. O que significa que a qualidade do trabalho na modernidade capitalista não tem relação de sentido com o labor das utopias.

Quarta (1990) defende que “o trabalho manual se humaniza” porque além de ser universal na *Utopia*, comporta uma “tendencial redução”. (p. 199). Para mim, se a atividade humaniza é justamente por ter um caráter concreto pura e simplesmente. O seu simbólico está em fazer parte da contribuição à reprodução material concreta da comunidade, não a uma reprodução mediada pela mão invisível do mercado, pelo dinheiro em movimento. Portanto, se o “trabalho manual” era entendido como uma atividade delegada “aos outros”, ou seja, àqueles que não faziam parte da nobreza, da aristocracia ou os chamados “sfaccendati”, passou a conferir dignidade ao homem que agora não só contemplava, mas fazia. Quarta (1990) cita a importância dos humanistas do século XV no reconhecimento do “trabalho manual” como importante pelo fato de terem proclamado “con forza l’alto valore della ‘vita attiva’” (p. 195).

Ora è soprattutto l’attività operosa che rende l’uomo virtuoso. In questo quadro, il lavoro acquista un senso, una pregnanza e un valore prima sconosciuti. La volontà operosa, assieme all’ “intelligere”, diviene la conditio sine qua non della “dignità”

129 GHIA, Francesco. “Una volta il futuro era migliore...” *Utopia e l’ottavo della storia*. In: *Thomas More e la sua Utopia* - Studi e prospettive. Studi e Testi 51. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2018.

dell'uomo, il fondamento della sua autonomia, l'espressione concreta della sua libertà. Il lavoro, da forma di schiavitù e di penitenza, diviene ora "potenza" per l'uomo; esso è visto come suprema attività creatrice attraverso cui l'uomo esplica e realizza le sue indefinite potenzialità. Mediante il lavoro l'uomo non solo costruisce se stesso, ma trasformando e riplasmando la natura egli costruisce anche il suo mondo: la città, la civiltà, la storia. Il lavoro si presenta dunque ormai nella sua duplice e essenziale valenza etica e sociale: costruzione di sé e impegno per gli altri, per la società. (QUARTA, 1990, p. 203)

A descrição de Quarta não guarda relação com o conceito de trabalho na modernidade senão pelo sentido da *conditio sine qua non* da existência. O que significa que não se pode, como se tenta amiúde fazer, buscar um elo de ligação entre as atividades da *Utopia*, que institui a dignidade das atividades humanas na sua concretude e multiplicidade, e o trabalho tal como se apresenta como princípio de síntese social moderno. Quarta parece falar de um conceito diferente do conteúdo que ele apresenta, mas sem fazer distinção. Toda a descrição concernente à libertação do homem por meio de sua atividade, de suas obras, embora tenha sido com o andar dos séculos seguintes recuperado como ideia subjacente ao trabalho enquanto tal, tem muito mais relação com uma espécie de ode à liberdade humana e à participação de todos os membros da comunidade na reprodução material coletiva.

Bortone (1965) também afirma que o trabalho é "um dever social e universal." (p. 10) Para ele,

[...] la nuova società appare fondata sul lavoro: è la sua razionalizzazione e la sua estensione all'intera comunità, anche alle donne, che permette di aumentare il livello della produzione beneficio di tutti e permette a tutti, e non più a una sola minoranza privilegiata, di dedicare il tempo libero all'elevazione spirituale. Anche l'antica aspirazione alla comunanza dei beni acquista un accento nuovo quando il lavoro sia concepito come titolo necessario alla loro distribuzione e come condizione necessaria al pieno godimento di tutti i diritti. (p. XIV)¹³⁰

Mais uma vez, o trabalho aparece como aquilo que não é, porque, como afirmamos acima, está implícito no conceito de trabalho moderno o aspecto compulsivo da produtividade, da produção de riqueza-valor. Essa compulsão já dá uma qualidade diferente ao conceito. E essa qualidade compulsiva que faz com que não seja possível nem mesmo discutir qualquer "tempo libero all'elevazione spirituale", quanto menos uma qualquer "aspirazione alla comunanza dei beni".

Carlo Altini (2018) destaca o trabalho como um das questões importantes na interpretação de Kautsky sobre a *Utopia* de Morus. Nela, Kautsky reconhece que "l'uomo è il prodotto storico delle condizioni materiali in cui vive e che il lavoro è il perno della vita

130 BORTONE, Leone. *L'UTOPIA - Una antologia dagli scritti di MORO CAMPANELLA BACONE*. Torino: Loescher Editore, 1965.

sociale. (2018, p. 124)¹³¹. A questão é que trazer Kautsky à discussão pode já trazer outras nuances à questão, uma vez que a visão marxista do autor, na passagem do século XIX para o XX, não permite entrever a questão do trabalho sob o prisma de uma crítica radical que coloque o trabalho no seu devido lugar conceitual e histórico.

Quanto a Trousson (1979), ao descrever alguns aspectos da cidade da *Utopia*, utiliza palavras diferentes para descrever as atividades desenvolvidas pelos utopianos, mas, ao mesmo tempo, utiliza o vocábulo trabalho como generalização dessas mesmas atividades. É assim que também procede quando caracteriza Morus como “assai moderno”, pois na *Utopia* o trabalho ganha dignidade, a produção é planificada, e o tempo livre é organizado de forma frutuosa. Explica ele:

Ogni città è circondata da terre coltivate dai cittadini che hanno l'obbligo di fornire alla comunità due anni di servizio agricolo, indipendentemente dal mestiere svolto. Se una città beneficia di prodotti in eccesso, li cede ad un'altra meno fortunata. La base della società — come osserviamo quasi sempre nell'utopia — è quindi rigorosamente agricola; solo alcuni mestieri sono indispensabili. [...] Solo chi è riconosciuto incline allo studio, alle scienze e alle lettere è esonerato dal lavoro. (p. 34)¹³²

Não sei onde Trousson fez a experiência de uma sociedade moderna em que as cidades cedem umas às outras aquilo que dispõem em excesso e vice-versa. Tampouco é possível vislumbrar uma sociedade moderna fundada rigorosamente na atividade agrícola¹³³, nessa atividade secular, nobre por excelência, princípio de ligação com a natureza enquanto simbólico. Por mais esse trecho, fica claro a espécie de *continuum* histórico que se tenta consciente ou inconscientemente formular, embora com conceitos que não se coadunam.

Na sua tentativa de refletir especificamente sobre as atividades realizadas pelos utopianos, Ivan Lins (1969) segue o mesmo procedimento e utiliza vocábulos como *artes* e *profissões* no início de um sub-capítulo de seu livro. No entanto, com o andar da carruagem da sua reflexão, essas artes e profissões são denominadas trabalho, embora sem muita razão — “6 horas apenas aos trabalhos materiais” e “os utópicos repousam variando suas ocupações e trabalhos” (p. 87)¹³⁴, por exemplo.

131 ALTINI, Carlo. *Nusquama, o la fortuna di Thomas More nella filosofia politica del Novecento*. In: *Thomas More e la sua Utopia* - Studi e prospettive. Studi e Testi 51. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2018.

132 TROUSSON, Raymond. *Viaggi in nessun luogo. Storia letteraria del pensiero utopico*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 1979.

133 Espero estar claro que não se pode confundir atividade agrícola, agricultura, tal como conheceram várias sociedades na história, e o agronegócio, que é o cultivo do negócio usando a terra como suporte material.

134 LINS, Ivan. *Tomás Morus e a Utopia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

Segundo ele, a existência da civilização só é possível porque existe o trabalho (p. 70). O que poderia ser apenas uma confusão feita pelo autor entre palavras e conceitos fica mais claro e vai sorrateiramente se manifestando numa concepção ideológica moderna de projeção distendida do trabalho como transhistórico, porque Lins (1969) o considera “social em sua origem, constituindo a capacidade profissional de cada um na lenta e difícil criação da Humanidade, a qual exigiu esforços, que muitas vezes remontam às primeiras fases da história.” Por essa razão, o trabalho não tem “um destino exclusivamente pessoal, representando, ao contrário, o contingente com que cada qual contribui para o bem-estar geral da coletividade.” (p. 64).

A questão que importa ressaltar é que os autores que analisam as atividades humanas na *Utopia* parecem entender as formas dessas atividades, mas não usam o mesmo nome que o próprio Morus. Morus continua usando um vocabulário de raiz mais antiga para falar de suas atividades, e os autores acima citados encerram as atividades presentes na *Utopia*, que ainda estão carregadas de diversidade, na categoria trabalho como se se tratasse de mera terminologia inocente.

Mas passemos à análise do texto em si.

2.6 CABE A PALAVRA TRABALHO NA *UTOPIA*?

O texto em latim da *Utopia*, de Thomas Morus, utilizado para a análise dos trechos é da Editora Autêntica, publicado em edição bilíngue — latim 1516 e português 2017.

Nessa edição, o tradutor Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (2017) pontua a necessidade de se traduzir novamente a *Utopia*, visto que existem inúmeras traduções publicadas, para que “o texto final recuperasse algo do tempo e do mundo em que foi escrito” (p. 12)¹³⁵. Isso quer dizer, segundo ele, que para se alcançar esses objetivos, “além de manter como constante foco da tradução a preservação da estrita fidelidade em relação ao texto latino, evitando-se as paráfrases e interpretações extensivas ou explicativas dos trechos de versão mais truncada ou difícil” (p. 12).

Além disso, Meirelles (2017) argumenta como melhor “solução tradutória” a “busca da máxima preservação das estruturas frasais utilizadas no original”, ao mesmo tempo em que as escolhas das palavras no português “ainda permanecessem em uso corrente na atualidade.” (pp. 12,13) Para ele, o processo de tradução deve ser,

uma espécie de indução desse mesmo fenômeno da reverberação acústica, que faz nascer no idioma de chegada da tradução uma nova obra literária, com a frequência ondulatória original, mas em um meio inteiramente diverso. Nesse sentido, o tradutor, que assim se transforma em novo escritor de um texto antigo, deve fazer ecoar em sua própria realidade, e de modo mais preciso possível, o fenômeno literário de outra época, mas sob o cuidado constante de manter a natureza do original, ainda que em outro meio. (2016, p. 105)¹³⁶

É preciso dizer que as observações do tradutor estão em harmonia com o espírito deste estudo. Evitar “interpretações extensivas”, ou até projetivas, é um caminho para que se possa de fato recuperar, dar minimamente a ver aos olhos de hoje, “algo do tempo e do mundo em que foi escrito” o texto.

Outra edição analisada é a publicada pela Editora Martins Fontes em 2009. Os tradutores Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla informam que dentre as três edições publicadas em latim, escolheram para a tradução em português a segunda edição da *Utopia*, publicada em março de 1518 na Basiléia. As outras são de 1516, publicada em Louvain e 1517, em Paris. Segundo os tradutores, a segunda edição feita na Basiléia “é uma recomposição fiel da primeira, não havendo, a nosso ver, nada que indique que suas variações

135 MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Marcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

136 JÚNIOR, Marcio Meirelles Gouvêa. “Por uma nova tradução da Utopia”. In: Revista Morus - Utopia e Renascimento. v. 11, n. 1. Campinas, 2016.

em relação à primeira versão tenham sido feitas com a aprovação do autor.” (2009, p. XLIX)¹³⁷ Por esse motivo, os tradutores realizaram correções “com base em informações mais precisas que eventualmente nos foram dadas pela leitura de alguma das três outras edições citadas, e emendando-a aqui e ali de acordo com critérios editoriais — estabelecidos por nós ou por nossos predecessores.” (2009, p. XLIX)

Outra explicação dada pelos tradutores é a de que o latim utilizado por Morus “se plasma numa prosa simples e coloquial, cotidiana”, por isso, argumentam eles, que “A solução que quase inevitavelmente se impõe é a tradução para uma prosa natural, coloquial, sem afetações, que deixa morrerem à míngua as flores da retórica. (2009, p. LI)

A tradução da *Utopia* para o italiano feita por Ortensio Lando em 1548 teve como editor ninguém mais ninguém menos que Anton Francesco Doni. O tradutor fez a versão para o italiano vulgar florentino.

Ao analisarmos a tradução dessa obra, é possível perceber que alguns trechos não estão presentes na tradução para o italiano, e muitos outros, de modo bastante sucinto.

A segunda tradução da *Utopia* para o italiano feita por Tommaso Fiore em 1942 é considerada a primeira tradução moderna em língua italiana.

Não temos comentários ou reflexões acerca da atividade de tradução da obra.

¹³⁷MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

2.7 ALGUNS TRECHOS DA *UTOPIA* LIVROS 1 e 2:

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Nempe hi magnorum facinorum conuictos in lapidicinas, atque fodienda metalla damnabant, <u>perpetuis</u> <u>adseruandos</u> <u>uinculis</u> . (p. 52)	Eles condenavam os que cometiam maiores crimes às pedreiras e às minas, mantendo- os em perpétuos grilhões.’ ” (p. 53)	Como sabemos, eles condenavam os grandes criminosos <u>a</u> <u>trabalhos forçados</u> por toda a vida em suas minas e pedreiras.’ ” (p. 43)	Elli dannavano a cavare metalli e pietre coloro che erano convinti di grevi colpe. (p. 32)	Da costoro i colpevoli di grandi delitti eran condannati, per sicurezza, ai ferri a vita nelle cave di pietra o nelle miniére. (p. 31)

É possível verificar nos trechos acima, que não há qualquer palavra no original em latim que remeta à palavra trabalho. Das quatro traduções analisadas, a da Martins Fontes é a única que utiliza trabalhos forçados, dando maior generalidade ao termo, enquanto nas outras encontramos os termos que fazem uma referência mais específica às atividades: *pedreiras*, *minas*, *metalli*, *pietre*, *ferri*.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Detrectantes ac languidius gerentes sese; non tam uinculis coercent quam excitant uerberibus, strenuam nauantes <u>operam</u> , absunt a contumeliis, noctu tantum nominatim censiti cubiculis includuntur. Praeter assiduum <u>laborem</u> nihil incommodi est in uita. (p. 54)	Contudo, a não ser que tenham sido sentenciados por crimes atrozes, não ficam encarcerados em prisões, nem são acorrentados com grilhões, mas permanecem livres e ocupam-se das <u>tarefas públicas</u> . Contra os que se revoltam ou são preguiçosos não só se empregam as correntes quanto os açoites; mas os que são zelosos quanto ao penoso <u>trabalho</u> não são castigados. À noite, conferidos pelo nome, eles são encerrados em pequenas celas. Além do contínuo <u>trabalho</u> , nenhum outro incômodo sofrem na vida. (p. 55)	"A não ser nos casos de roubo seguido de violência, os ladrões não são mandados para a prisão nem postos a ferros, mas ficam livres para a prestação de <u>serviços à comunidade</u> . Quando são perseguidos e se recusam a <u>trabalhar</u> , não são agrilhoados — o chicote encarrega-se de acelerar-lhes os movimentos. Quando <u>trabalham</u> direito, não sofrem humilhações; devem apenas responder todas as noites a uma chamada, após o que são trancafiados em suas celas. Além das longas horas de um <u>trabalho</u> bastante árduo, podem levar uma vida perfeitamente confortável. (p. 44)	Quei che non vogliono sottostare a questa pena sono più tosto battuti che imprigionati; quelli che si affaticano gagliardamente non patiscono ingiura alcuna. La notte, chiamati per nome, vengono rinchiusi in certe camere, nè altro incomodo sostengono che l'affaticarsi di continuo. (p. 33)	Però, a meno che il furto non avvenga con particolare ferocia, non stanno chiusi nell'ergastolo nè portano catene, ma vengono occupati nei <u>lavori pubblici</u> , liberi e a poè sciolto. Se si rifiutano o mostrano fiacca, non li puniscono coi ferri quando li stimolano a staffilate: se invece <u>lavorano</u> alla svelta, non son maltrattati, ma solo, per la notte, dopo l'appello nominale, vengono chiusi in dormitori, nè altro disturbo hanno in vita, se non di <u>lavorare</u> sempre. (pp. 32,33)

A situação começa a mudar nesses trechos. Se o cuidado se sobrepôs na tradução de “operam” para, na tradução da Autêntica, “tarefas públicas” e, na da Martins Fontes, para “serviços à comunidade”, vemos uma profusão de traduções de *labor* para trabalho. Na tradução em italiano feita por Lando, nenhum vocábulo é utilizado para a tradução de “operam”; na tradução de Fiore, temos “lavori pubblici”.

No italiano, é até compreensível e justificável o uso de *lavoro*, a etimologia seria uma boa desculpa, embora o que hoje se chama *lavoro*, somente etimologicamente guarda relação com o trabalho. Mas não se justificaria usar trabalho já que é uma palavra até mesmo de uso relativamente recente, pelo menos em comparação com o termo que se pretende ser seu par em latim. Até mesmo Meirelles (2017), que nos tinha avisado de sua preocupação em trazer com sua tradução ao leitor “algo do tempo e do mundo em que foi escrito”, traduz *labor* por trabalho. Quando, ao que parece, nada há que pudesse impedir o uso da própria palavra labor que, ao menos em português guarda maior relação com esse passado.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Nam ne perdant <u>operam</u> , ubi me praeterire uident, praetermittunt taciti, ita nihil a me sperant amplius, non hercule magis quam si essem sacerdos. (p. 60)	Assim, agora eles começaram a saber, e não perdem mais seu <u>trabalho</u> , e, ao me verem passar, calados deixam-me ir, sem esperar de mim, por Hércules, nada mais do que se eu fosse um sacerdote. (p 61)	Com isso, aprenderam a não <u>gastar seu fôlego comigo</u> . Quando me vêem, simplesmente deixam-me passar sem as suas costumeiras impertinências, pois já sabem que o que podem esperar de mim é o mesmo que poderiam esperar de um padre. (pp. 49, 50)	Perciò quando passo non più mi ricercano di elemosina, non sperando da me cosa alcuna come s'io fusse sacerdote. (p. 35)	Ora perciò cominciano a metter giudizio: quando mi vedono passare, per non sprecare, nè più nè meno che se fossi un prete. (p. 37)

Nesses trechos, somente na tradução de Meirelles — Autêntica (2017), é utilizado o termo trabalho. A diferença entre as duas traduções em português é considerável nesse sentido. A questão é se não haveria outro termo além de trabalho para se traduzir *opera*. Vejamos que saímos do *labor* e chegamos já no termo *opera*. Dois termos que ganham a mesma palavra na tradução.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Nam cum certis titulis, quisque quantum potest, ad se conuertit, quantacumque fuerit rerum copia, eam omnem pauci inter se partiti, reliquis relinquunt inopiam, fereque accidit, ut alteri sint alterorum sorte dignissimi, cum illi sint rapaces, improbi atque inutiles, contra hi modesti uiri, ac simplices et cotidiana <i>industria</i> , in publicum quam in semet benigniores. (p. 80)	Pois, quando a um título ou outro, cada um pega para si o quanto pode, qualquer que seja a quantidade das coisas, de modo que uns poucos dividem todos os bens entre si, e os restantes cidadãos são deixados na miséria, de modo que uns merecem o lote dos outros, uma vez que os ricos são avaros, desonestos e inúteis, no quotidiano <i>trabalho</i> , ao público do que a si próprios. (pp. 79, 81)	Pois, quando todos têm o direito de obter para si, de qualquer modo que seja, o máximo que desejam, toda a propriedade disponível, por mais vasta que seja, estará condenada a ficar nas mãos de uma escassa minoria, o que significa que todos os demais viverão na pobreza. Como resultado ter-se-ão duas espécies de pessoas, cuja sorte deveria ser a inversa: os ricos transformam-se em pessoas gananciosas, sem escrúpulos e totalmente inúteis, ao passo que os pobres são simples e modestos, e o seu <i>trabalho</i> cotidiano rende muito mais benefícios à comunidade do que a eles próprios. (pp. 73,74)	[...] avviene che una parte sia de l'altra più degna, la quale però è rapace, malvagia e inutile e opprime gli uomini modesti e semplici, i quai con <i>industria</i> cotidiana sono più benigni verso la repubblica che verso loro stessi. (p. 46)	E in generale avviene che ricchi e poveri dovrebbero scambiare la propria sorte fra di loro, poichè i primi sono rapaci, malvagi e disutilacci, mentre i secondi al contrario son uomini di moderazione e di cuor semplice, e con la loro <i>attività</i> quotidiana si dimostrano più benefici allo stato che a se stessi. (p. 58)

Seguindo a lógica da tese aqui defendida, seria possível dizer que, nesse trecho, somente Tommaso Fiore conseguiu atingir o objetivo anunciado na tradução da Autêntica: recuperar “algo do tempo e do mundo em que foi escrito” o livro. Porque a palavra *industria* parece ter ainda à época da *Utopia* — que dirá na Antiguidade — uma acepção muitíssimo diferente daquela que o leitor contemporâneo está habituado a supor. Por isso também que a tradução de Ortensio Lando não parece destoante. Seguindo o dicionário francês -latim Félix Gaffiot (1934)¹³⁸, *industria* remete para *aplicação, atividade, assiduidade*, tendo ainda o sentido de feito com zelo (p. 808). Assim, verter a palavra *industria* para trabalho, nas duas versões em português, enquanto a versão italiana opta por *attività*, parece um indício de que não há coação linguística que imponha a tendência de sempre se traduzir por trabalho. Parece

138 GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

muito mais uma coação muda, inconsciente até, que se impõe de modo sub-reptício ao modo de proceder do tradutor. É como se o tradutor, já habituado a uma palavra-conceito que reúne em si a multiplicidade das atividades no seu cotidiano, julgasse muito cômodo ter uma palavra no seu repertório de tradução que pode ocupar tantas funções no texto. Ao assim proceder, o tradutor fracassa ao tentar recuperar para o leitor de seu texto “algo do tempo e do mundo” em que a obra foi escrita.

Analisemos alguns trechos do livro II da *Utopia*:

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Ab altera parte non infrequentes portus. At ubique descensus in terram ita natura, munitus, aut <u>arte</u> , ut ingentes copiae paucis inde queant propugnatoribus arceri. (p. 86)	No outro lado da ilha também são comuns os portos; mas, por toda parte, o acesso à terra é tão protegido pela natureza ou pelo <u>trabalho</u> humano, que tropas pouco numerosas são bastantes para afastar os invasores. (p. 87)	Também existem são poucos portos do outro lado da ilha, mas são todos tão reforçados, natural ou <u>artificialmente</u> , que basta um pequeno grupo de homens para impedir o desembarque até mesmo de uma grande força armada. (pp.80,81)	Da l'altra parte à un porto assai frequentato e dove si scende, fortificato da la natura e con <u>arte</u> in tal guisa che pochi uomini lo possono difendere da copioso esercito. (p. 51)	Dall'altro lato dell'isola i porti non sono rari, ma in nessun luogo si trovano appodi non rafforzati da natura o da <u>arte</u> , in guisa che un pugno di difensori basterebbe a tener lontane imense forze. (p. 66)

Mais uma vez é a tradução de Meirelles (2017), no mais, um belo texto, que não cumpre aquilo a que se propunha, pelo menos no que diz respeito aos termos relacionados às atividades produtivas. Da mesma forma que fizera com *labor*, *opera* e *industria*, procede agora com o termo *arte*. Já podemos contar quatro termos que puderam ser amparados no guarda-chuva do que é considerado um simples termo: o trabalho. Já os outros tradutores brasileiros e italianos, todos tiveram a sensibilidade de se manter fiel, o mais próximo do texto, reservando ao leitor a responsabilidade pela reflexão acerca da palavra *arte*, que não é em nossos dias utilizado com o sentido proposto no texto. Mas essa estranheza realça o texto. No italiano são mantidas nas duas traduções a palavra *arte*.

Vejamos como é tratado o termo *agricola*:

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Nulli urbi cupido promouendorum finium. Quippe quos habent <u>agricolas</u> magis eorum se, quam dominos putant. (p. 88)	Nenhuma cidade deseja alargar suas fronteiras, porque os cidadãos se consideram mais como <u>agricultores</u> do que como proprietários de terra. (p. 89)	Nenhuma cidade tem a menor intenção de ampliar seus limites territoriais, pois o solo é visto como terra a ser cultivada, e não como propriedade. (p. 83)	Niuna città brama di ampliare i suoi confini, riputandosi più tosto <u>lavoratori</u> de i campi che tengono, che patroni. (p. 51)	[...] nessuna desidera accrescere il proprio territorio, perché essi, di quel che possegono, si considerano <u>coltivatori</u> piuttosto che padroni. (p. 67)

Desta vez, o termo aparece representando, parece, mais o sentido específico. Mesmo a tradução de Ortensio Lando, que utiliza *lavoratori*, pode passar ilesa da crítica, porque seu conceito de *lavoratori* parece mais próximo da etimologia do que do conceito moderno de *trabalhadores*. Ou seja, a etimologia aponta para uma atividade de caráter específico, logo, para pessoas que executam atividades específicas. Portanto, só modernamente o termo veio a significar toda e qualquer atividade. Por outro lado, é digno de nota o despertar dos tradutores, sobretudo os modernos, para a questão da especificidade desses termos, porque o agricultor não é um mero *trabalhador*. Ele é um *cultivador* da terra, e não há outro nome para sua atividade senão aquele que diz respeito à especificidade dela, que não lhe degenera o sentido nobre. Robert Kurz tem uma reflexão interessante nesse sentido. Ele diz que se, por exemplo, disséssemos a um egípcio antigo que estivesse pescando, que ele não estava simplesmente pegando peixe, mas trabalhando, ou seja, gastando “nervo, músculo e cérebro”, em sentido abstracto, “ele teria todos os motivos para duvidar da nossa saúde mental.”(s-p)¹³⁹. Da mesma forma, se disséssemos com nossa visão moderna que um utopiano

139 KURZ, Robert. *A substância do capital*. (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

despendia “nervo, músculo e cérebro” para produzir mercadorias para o bem da comunidade, não imagino que nos julgasse de modo diferente.

Mas nos trechos abaixo a questão volta pela janela depois de ter sido mal expulsa pela porta.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Cum frumentandi dies instat, magistratibus urbanis <u>agricolarum</u> phylarchi denunciant, quantum ciuium numerus ad se mitti conueniat, quae multitudo frumentatorum, cum ad ipsum diem opportune adsit, uno prope sereno die tota frumentatione defunguntur. (p. 90)	Quando chega o dia das colheitas, os filarcos dos <u>agricultores</u> informam aos magistrados das cidades o número de cidadãos que lhes deve ser enviado, e a multidão de <u>trabalhadores</u> chega no dia avençado. Estando o tempo bom, eles terminam a colheita em um único dia. (p. 91)	Um pouco antes das colheitas, o filarca notifica as autoridades urbanas da quantidade de mão-de-obra necessária. Todos se apresentam pontualmente no mesmo dia, e, se o tempo estiver bom, o <u>trabalho</u> é concluído em cerca de vinte e quatro horas. (p. 85)	Quanto è tempo di tagliar il formento, i preposti de i <u>lavoratori</u> avisono i magistrati quanto numero de cittadini si debba mandare, e concorrendosi tutti a tempo in un giorno sereno quasi tagliano tutto il formento. (p. 53)	Quando si appressa il giorno di mietere, i filarchi degli <u>agricoltori</u> indicano alle autorità qual numero di cittadini devono mandar loro, e tali gruppi di <u>mietitori</u> , arrivando sul posto al momento giusto, con una sola giornata di sereno hanno bell’e tagliato quasi tutto il raccolto. (p. 69)

A tradução da Autêntica não satisfeita da sua escolha por agricultores, faz a mesma escolha já feita pelo antecessor da Martins Fontes e traduz por trabalho o termo *frumentator*, que, ao que parece, tem relação com cultivador ou ceifador. Portanto, uma atividade específica que, terminada, libera as pessoas da lida. Porque é o próprio tempo que é concreto, é o desempenho da atividade que determina o tempo que só coage no que ele tem de natural — diferentemente do tempo moderno que, abstrato, é parâmetro de medida de toda atividade que precisa se realizar de antemão num determinado tempo.

Assim, parece mais próximo disso a escolha principalmente de Fiore que, em vez de traduzir *multitudo frumentatorum* por “multidão de trabalhadores”, ou por “trabalho”, ou

por *cittadini*, optou por *gruppi de mietitori*, que dá mais especificidade ao que é de fato específico.

Vejamos com que artifício os tradutores traduzem o termo *arte*:

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
<i>Ars una est omnibus uiris, mulieribusque promiscua <u>agricultura</u>, cuius nemo est experts. Hac a pueritia erudiuntur omnes, partim in schola traditis praeceptis, partim in agros uiciniores urbi, quasi per ludum educti, non intuentes modo, sed per <u>exercitandi</u> corporis occasionem tractantes etiam. (p. 98)</i>	O único <u>ofício</u> que é praticado por todos, homens e mulheres, e no qual todos são peritos é a <u>agricultura</u> . Desde a infância, todos são nela instruídos, em parte na escola, pela transmissão dos conhecimentos, e em parte nos campos próximos à cidade, para onde são levados como que em recreação, não apenas para observarem, mas também para <u>trabalharem</u> , exercitando o corpo. (p. 99)	A <u>agricultura</u> é um <u>trabalho</u> do qual nenhuma pessoa está isenta, seja homem ou mulher. Faz parte da educação de todas as crianças, que adquirem noções gerais nas escolas e depois vão pô-las em prática em excursões pelos campos vizinhos, que são organizadas como uma espécie de jogo; ali, não apenas observam o <u>trabalho</u> dos camponeses, mas também já participam do plantio e da colheita. (p. 93)	L' <u>Agricoltura</u> è commune <u>arte</u> a maschi e femine e niuno è di quella inesperto. Tutti da la fanciullezza l'imparano, parte in scola, ove se ne danno i precetti, parte ne i campi a la città più vicini, ove sono condotti quasi a giuocare, accio ch'è non solamente veggano l' <u>arte</u> , ma piglino occasione di esercitare il corpo. (p. 57)	C'è un' <u>occupazione</u> comune a tutti indistintamente, uomini e donne, l' <u>agricoltura</u> , e nessuno n'è eccettuato. In questa sono ammaestrati tutti dalla fanciullezza, un po' imparandone le regole a scuola, un po' condotti come per isvago nelle campagne più vicine alle città, dove non stanno a guardare soltanto, ma vi <u>metton mano</u> , ad ogni occasione di esercitare i muscoli. (p. 74)
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL				
«Il est un <u>art</u> commun à tous les Utopiens, hommes et femmes, et dont personne n'a le droit de s'exempter, c'est l' <u>agriculture</u> . Les enfants rapprennent en théorie dans les écoles, en pratique dans les campagnes voisines de la ville, où ils sont conduits en promenades récréatives. Là, ils voient <u>travailler</u> , ils <u>travaillent</u> eux-mêmes, et cet exercice a de plus l'avantage de développer leurs forces physiques. (p. 140)				

Como pudemos perceber, *Ars* foi traduzida por trabalho na tradução da Martins Fontes — que aproveita para, de passagem, fazer uma construção que define a agricultura já

como um trabalho. Não se sentindo à vontade para utilizar a palavra trabalho, que daria um sentido diverso do pretendido, pois não esqueçamos que o contexto se refere a uma atividade bastante específica, o cultivo da terra entendido como *arte*.

O tradutor da Autêntica, da edição francesa, e os dois tradutores do italiano optaram por palavras bastante diferentes, estranhas ao vocabulário moderno para esse campo semântico, mas que recuperam ao leitor a diferença fundamental existente em relação a seu tempo contemporâneo, causando um estranhamento necessário. Para essa passagem, é a tradução francesa de 1842 e a italiana de 1548 que conseguem aproximar o leitor do texto original ao utilizarem o termo *arte*, tal como a raiz latina. Ou seja, o tradutor, a meu ver, deveria encarar o desafio de colocar o leitor, mesmo dificultando talvez a leitura de seu texto, diante da reflexão de que a raiz da palavra *arte* antes estava relacionada com a execução de outras atividades além do que hoje se está habituado a ver como obras de arte elaboradas por um artista.

Já no trecho a seguir, há que se reconhecer que houve um esforço em variar-se os termos, reconhecendo a multiplicidade.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Praeter <u>agriculturam</u> — quae est omnibus, ut dixi, communis — quilibet unam quampiam, tamquam suam docetur, ea est fere aut lanificium, aut <u>operandi</u> lini studium, aut cementarium, aut fabri, seu ferrarii, seu materiarii <u>artificium</u> . Neque enim aliud est <u>opificium</u> ullum, quod numerum aliquem, dictu dignum <u>occupet</u>	Além da agricultura, que, como eu disse, é uma <u>atividade</u> comum a todos os utopienses, cada cidadão aprende outro <u>ofício</u> , que será o seu, e que é normalmente a tecelagem de lã ou de linho, ou o <u>trabalho</u> de pedreiro, de ferreiro ou de carpinteiro. Não há nenhum outro <u>ofício</u> cujo número seja digno de nota. (p. 99)	Além da agricultura, que é, como digo, um <u>dever</u> ao qual ninguém foge, todo cidadão é iniciado num determinado <u>ofício</u> . Uns aprendem a tecer a lã ou o linho, outros se tornam pedreiros, ferreiros ou carpinteiros. São essas as únicas <u>profissões</u> que empregam um número razoável de mão-de-obra**. (p. 93)	Oltre l'agricoltura, a tutti (come dicemo) commune, ciascuno impara un' <u>arte</u> o a <u>lavorare</u> di lana o di lino perchè non è apo loro altro <u>arteficio</u> nel quale si occupino molte persone. (p. 57)	Ma oltre all'agricoltura che, come ho detto, è comune a tutti, ognuno apprende un <u>mestiere</u> , un' <u>arte</u> qualsiasi, come sua particolare: in genere o la <u>lavorazione</u> della lana, o si occupano a tessere il lino, o l' <u>arte</u> di muratore, di fabbro, di falegname; non vi sono li altri <u>lavori</u> che occupino un numero di uomini notevole. (p. 74)

illic. (p. 98)				
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL Outre l'agriculture, qui, je le répète, est un <u>devoir</u> imposé à tous, on enseigne à chacun une industrie particulière, Les uns <u>tissent</u> la laine ou le lin ; les autres sont maçons ou potiers; d'autres <u>travaillent</u> le bois ou les métaux. Voilà les principaux métiers à mentionner. (p. 140)				

Embora Fiore utilize o termo relacionado a *lavoro*, no plural, ou no sentido de “trabalhar alguma coisa”, exercer uma ação sobre alguma coisa, que é um sentido mais neutro, como se pode ver também na tradução editada por Doni de 1548, parece tratar-se de um termo muito mais recente, pois não parece que se usasse em latim o termo da raiz *labor* no sentido de “exercer uma ação sobre algo” que não fosse a agricultura. Parece ser sempre laborar os campos. Portanto, é *operar a lã* que, ao pé da letra, tem esse sentido. Nas duas traduções brasileiras, aparece para essa passagem uma melhor tradução: “tecer a lã” e “a tecelagem”. Numa das traduções francesas que pudemos ler, apesar da tendência ao uso do *travail*, é esse sentido específico que também aparece nesta passagem: “tissent la laine ou le lin”, que indica a ação específica de tecer.

Já a tradução de Meirelles volta a utilizar trabalho, “trabalho de pedreiro”¹⁴⁰, onde o contexto permitiria outro termo. E os tradutores da edição da Martins Fontes, Luiz Camargo e Brandão Cipolla, utilizam *profissões* onde poderiam usar *ofícios*. E Fiore opta por *lavori*.

140 Parece anódino, mas o termo “trabalho de pedreiro”, pelo que temos refletido, significa que aquele que trabalha como pedreiro deve contribuir com o todo da sociedade da mercadoria abstraindo quaisquer que sejam as condições. Se ele vai trabalhar num estádio de futebol fantasma para lavagem de dinheiro, ou se vai trabalhar na construção de um prédio que destrói um bairro popular, ou se vai construir um condomínio numa zona de proteção ambiental, todas essas questões estão fora do alcance, contanto que ele tenha seu trabalho, sua porta de acesso à comunidade distópica mercantil.

Na tradução italiana, Lando utiliza *arte* para se referir às atividades que os utopianos devem aprender além da *arte* principal que é agricultura. É a mesma ideia que temos na tradução de Fiore, que usa *mestiere* e *arte*. Para falar da lã, o tradutor usa *lavorazione*, como já dissemos, no sentido de ação específica sobre algo. Ao se referir às atividades específicas de ferreiro, pedreiro, também utiliza *arte*. Porque arte, em latim, está relacionada, se pudermos nos fiar no dicionário de Gaffiot, primeiramente a “talento, habilidade, *savoir-faire*” (p. 165)¹⁴¹.

Toda a ideia das atividades humanas no seu conjunto, que incluem também, mas não exclusivamente, as que se materializam em produtos, está presente no trecho a seguir, que parece ser muito esclarecedor para se poder distinguir o conceito de trabalho. Como já dissemos, é inerente ao conceito de trabalho o caráter compulsivo da produção não enquanto fim, como na *Utopia*, mas enquanto meio para se chegar ao fim da multiplicação do dinheiro, estando o uso que a sociedade possa fazer desses produtos-mercadorias relegado a um plano secundário.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Quicquid inter <u>operis</u> horas ac somni cibique medium esset, id suo cuiusque arbitrio permittitur, non quo per luxum, aut segnitiam abutatur, sed quod ab <u>opificio</u> suo liberum, ex <u>animi</u> sententia in aliud quippiam <u>studii</u> bene collocet. (p. 100)	O tempo entre as horas de <u>trabalho</u> , o sono e as refeições é entregue ao arbítrio de cada um, não para se entregarem ao luxo ou à preguiça, mas para que, livres das <u>ocupações</u> , empreguem seus esforços de acordo com as inclinações da alma. (p. 101)	Durante todo o tempo que lhes resta são livres para fazer o que acharem melhor, desde que não se entreguem à ociosidade e à satisfação excessiva dos próprios desejos desordenados. O que se espera é que aproveitem bem o seu tempo livre, dedicando-se a alguma <u>atividade</u> proveitosa. (p. 95)	Il tempo che'avanza tra le <u>opere</u> e il desinare, ogn'uno lo dispensa a suo modo, pur in <u>opere</u> virtuose; e molti si occupano in lettere. (p. 58)	tutto il tempo che passa fra il <u>lavoro</u> e il sonno o i pasti è lasciato al piacere di ognuno, non già perchè lo sciupi in lascivie o nell'infingardaggine, ma perchè quanto è libero da <u>lavoro</u> manuale lo spenda bene, secondo i suoi gusti, in qualche <u>occupazione</u> prediletta.(p. 75)

141 GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL
--

« Le temps compris entre le <u>travail</u> , les repas et le sommeil, chacun est libre de l'employer à sa guise. Loin d'abuser de ces heures de loisir en s'abandonnant au luxe et à la paresse, ils se reposent en variant leurs occupations et leurs <u>travaux</u> : Ils peuvent le faire avec succès, grâce à cette institution vraiment admirable. (p. 143)
--

No latim, aparecem alguns termos importantes: *operis* e *opificio*, *animi* e *studii*. A tradução da Autêntica parece a mais próxima do original, portanto, a mais bela para o trecho, pois consegue justamente preservar o sentido das “inclinações da alma”, que parece melhor do que “atividade proveitosa” ou “ocupação predileta”. Essa sensibilidade não impede que a mesma edição utilize um termo moderno, “horas de trabalho”, que está em contradição com o restante do texto e com as atividades. Como já dissemos mais acima, é inerente ao conceito “horas de trabalho” o sentido de tempo abstrato que mede o trabalho impondo-lhe um ritmo, pois não é a atividade que dita o tempo, tampouco o ciclo natural, como nas utopias renascentistas, mas o tempo que se impõe como medida coativa, pois a fonte do valor sendo o trabalho, medido pelo tempo, e a sociedade moderna estando baseada nessa forma de riqueza, ela não parece ter escolha consciente entre trabalhar mais ou menos. Ou ela trabalha cada vez mais no seu conjunto ou desaba. Diferentemente do que acontece nas utopias renascentistas que parecem mostrar um total controle, até exagerado, sobre as atividades e a vida dos seus membros, estando a produção voltada concretamente e diretamente, sem mediação de mão invisível, para o bem dos seus membros.

Além disso, qual tempo a sociedade libera para as inclinações da alma? Se cada vez mais trabalha-se a todo momento com a ajuda das tecnologias de comunicação?¹⁴² Na tradução para o português da Autêntica, portanto, o tempo dedicado às obras, à reprodução material, *operis horas*, ganha o sentido “horas de trabalho”. Embora *opificio* sejam traduzido por *ocupações*. Na tradução da Martins Fontes, *operis* assumiu o significado de *o que acharem melhor*. Nesta tradução, não encontramos o vocábulo trabalho, mais por estilo do que por preocupação conceitual.

Na tradução italiana de Lando, temos *opere* utilizada nos dois contextos em que em latim o radical é *oper*. O tradutor se aproximando ao máximo do original, enquanto seu

142 Aos mesmo tempo, as inclinações da alma se encontram cada vez mais mediadas por “imagens que se destacaram de cada aspecto da vida [e] fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida.” (Debord, 1997, p. 13): DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela S. Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

conterrâneo Fiore se preocupa em traduzir, quatro séculos depois, por “trabalho” os termos *operis* e *opificio*.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Nam illic in tota urbe cum adiacente uicinia uix homines quingenti ex omni uiuorum ac mulierum numero, quorum aetas ac robur <u>operi</u> sufficit, uacatio permittitur. In iis syphogranti — quamquam leges eos <u>labore</u> soluerunt — ipsi tamen sese non eximunt; quo facilius exemplo suo reliquos ad <u>labores</u> inuitent. (p. 102)	Pois ali, em todas as cidades e nas regiões adjacentes, há não mais do que quinhentas pessoas, entre homens e mulheres, que a idade e o vigor são bastantes para o <u>trabalho</u> , aos quais é permitida folga. Entre esses estão os sifograntes, que, embora a lei os libere do <u>trabalho</u> , eles próprios não se eximem, pois por seu exemplo convidam os demais ao <u>trabalho</u> . (p. 103)	Ali, dentre todos os homens e mulheres fisicamente capazes que vivem em toda a cidade ou em seus arredores, há quando muito quinhentos que não precisam <u>trabalhar</u> . Estão aí incluídos os sifograntes, os quais, apesar de isentos do <u>trabalho</u> por lei, <u>trabalham</u> voluntariamente para servirem de exemplo aos seus concidadãos. (pp. 98,99)	In tutta quella città e nel contado non sono cinquecento tra uomini e donne che stiano in ozio e siano gagliardi. Tra questi sono i Sifogranti, i quai, benchè siano per le leggi dal <u>lavoro</u> assenti, tuttavia <u>lavorano</u> per invitare col loro esempio gli altri al <u>lavoro</u> . (p. 59)	Quivi infatti, in tutta la capitale con l’annesso contado, di tutta la popolazione maschile e femminile, appena 500 sono quelli cui, pur in età e forze bastevoli al <u>lavoro</u> , si concede l’esenzione. Fra costoro i sifogranti quantunque liberi per legge da <u>lavoro</u> , tuttavia, per loro conto, non vi si sottraggono, per poter, col loro esempio, più facilmente piegar gli altri al <u>lavoro</u> . (p. 78)
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL				
Là, dans toute l’étendue d’une ville et son territoire, à peine y a-t-il cinq cents individus, y compris les hommes et les femmes ayant l’âge et la force de <u>travailler</u> , qui en soient exemptés par la loi. De ce nombre sont les syphograntes ; et cependant ces magistrats <u>travaillent</u> comme les autres citoyens pour les stimuler par leur exemple. (147)				

Observemos o próximo quadro comparativo:

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Ita fit, ut minimo <u>labore</u> , diutissime perdurent aedificia, et id genus <u>opifices</u> uix habeant interdum quod agant; nisi quod materiam dolare domi et lapides interim quadrare atque aptare iubentur, quo — si quod ous incidat — maturius possit exurgere. (p. 104)	Assim sendo, com mínimo <u>esforço</u> , os edifícios perduram por muito tempo, e essas espécies de <u>trabalhadores</u> têm, entretanto, pouco a fazer, a não ser ocupando-se em aparelhar o madeirame das casas e em aparar as pedras, para que, se alguma obra os exigir, possa ser erguida mais rápida. (p. 105)	Assim, com um mínimo de <u>trabalho</u> , obtém-se um máximo de durabilidade, o que significa que os <u>operários</u> da construção muitas vezes não têm praticamente o que fazer. Quando isso acontece, são mandados para casa, onde ficam preparando peças de pedra e madeira para serem usadas no futuro. (p. 100)	Così durano lungamente gli edifici con poca fatica, laonde non hanno i <u>muratori</u> molte volte che <u>lavorare</u> , se non squadrano legnami e <u>lavorano</u> le pietre per aver la materia ad ordinare di fabricare quando fa <u>mestieri</u> . (p. 60)	Così avviene che con pochissima fatica le costruzioni vi durano molto a lungo, e gli <u>operai</u> di tal fatta a volte non hanno gran che da fare; salvo che intanto non venga loro ordinato di piallar legname in bottega o squadrar pietre e approntarle, acciochè, se capita una fabbrica, possa elevarsi al più presto. (pp. 60,61)
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL				
En Utopie, toute est si bien prévu et organisé, qu'il est très rare qu'on soit obligé d'y <u>bâtir</u> sur de nouveaux terrains. L'on répare à l'instant les dégradations présentes, l'on prévient même les dégradations imminentes. Ainsi, les bâtiments se conservent à peu de frais et de <u>travail</u> . La plupart du temps, les ouvriers restent chez eux pour <u>dégrossir</u> les matériaux, <u>tailler</u> le bois et la pierre. Quand il y a une construction à faire, les matériaux sont tout prêts et <u>l'ouvrage</u> est rapidement terminé. (p. 149)				

Nesses trechos, o interessante a se observar é que a palavra *labore* pôde ser traduzida por *esforço* na tradução da Autêntica. Já na da Martins Fontes assumiu o significado imediato de trabalho. Da mesma forma, *Opifices* recebeu como tradução *trabalhadores* e *operários*. Ligação direta é feita, portanto, com o terreno linguístico moderno.

Outra observação interessante é que na tradução italiana de Lando, temos o verbo “trabalhar” duas vezes. Cotejando com o latim, não há razão para a utilização desse verbo na tradução já que não aparece no original, principalmente porque o uso do verbo em questão exprime um significado incongruente.

Na tradução de Fiore, em momento algum é utilizada a palavra “lavoro”. E o vocábulo *opifices* é traduzido por *operai*.

Nos trechos a seguir, veremos com que sutileza a ideologia moderna se imiscui nas traduções.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Ciuitas omnis inquattuor aequales partes diuiditur. In medio cuiusque partis <u>forum</u> est omnium rerum. Eu in certas domos opera cuiusque familiae conuehuntur, atque in horrea singulae seorsumspecies distributae sunt. (p. 108)	Toda cidade é dividida igualmente em quatro partes. No meio de cada parte há um <u>mercado</u> , com todas as coisas. Para lá, em certas lojas, é levado o <u>produto do trabalho</u> de cada família e é distribuído em celeiros separados por espécie. (p. 109)	Cada cidade é dividida em quatro bairros de igual tamanho, e no centro de cada um deles fica um <u>mercado</u> . Os <u>produtos</u> de todas as famílias são levados para esses mercados, onde, de acordo com o seu tipo, são conservados em armazéns específicos. (p. 104)	Ogni città si divide in quattro parti uguali, e nel mezzo di ciascuna è una <u>piazza</u> ov'ogni famiglia porta i suoi <u>lavori</u> e li dispone per ordine in certi granari. (p. 62)	Ogni città è divisa in quattro parti eguali, e al centro di ogni parte c'è <u>mercato</u> di tutte le cose; quivi, in determinati locali si portano i <u>prodotti di lavoro</u> di ogni famiglia e nei magazzini vengono ripartite separatamente le varie specie di prodotti. (p. 82)
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL				
La cité entière se partage en quatre quartiers égaux. Au centre de chaque quartier, se trouve le <u>marché</u> des choses nécessaires à la vie. L'on y apporte les différents <u>produits du travail</u> de toutes les familles. Ces produits sont déposés d'abord dans des entrepôts et ensuite classés dans des magasins suivant leur espèce. (p. 155)				

Algumas observações se impõem. A primeira delas diz respeito ao uso do termo “produtos do trabalho” por parte de Meirelles, Fiore e Stouvenel. O termo é paradoxal, porque se os utopianos levassem para algum lugar o produto de seu trabalho, eles os trocariam por equivalentes, por dinheiro, sobretudo. E primeiramente teriam que provar que seus produtos de trabalho contêm substância para ensejar a troca. E o espaço para essa troca, o espaço para a materialização do valor produzido pelo trabalho seria o mercado. Mas, assim como o princípio de síntese social não repousa no trabalho, também não há *mercado*. As pessoas simplesmente dispõem daquilo de que necessitam, porque já provaram por meio de atividades

concretas e úteis que fazem parte da comunidade utópica, portanto, elas têm direito aos produtos produzidos coletivamente. Na comunidade mercantil, é preciso mostrar sua utilidade diante da cadência mortificante do relógio para poder ter direito à riqueza social: dinheiro. Ortensio Lando dá mostras de maior sensibilidade e traduz o espaço dessa partilha como “piazza”.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Quod si quem libido incessat per suae ciuitatis agros palandi, uenia patris et consentiente coniuge, non prohibetur. Sed in quodcumque rus peruenerit, nullus ante cibus datur, quam ante meridianum <u>operis</u> pensum, — aut quantum ante cenam ibi <u>laborari</u> solet — absoluerit. (p. 116)	No entanto, se alguém anseia por passear pelos campos de sua cidade, após obter a autorização do pai e o consentimento da esposa, não está proibido. Porém, em qualquer campo que vá, não receberá comida antes de cumprir o <u>trabalho</u> matinal, ou o quanto se costuma <u>labutar</u> antes do jantar. (p. 117)	Contudo, aquele que quiser visitar a zona rural nos arredores de sua cidade poderá fazê-lo, bastando, para tanto, que seu pai lhe dê a permissão e sua mulher o consinta. Mas, para que tenha direito às refeições, terá de dedicar uma manhã ou uma tarde de <u>trabalho</u> no lugar onde estiver. (p. 111)	Nondimeno ognuno può andar diportandosi per i campi de la sua regione, avendone licenza dal padre e consentendolo la moglie. Ma in qualunque villa perviene, non gli è dato mangiare se prima non fa quant' <u>opera</u> è tenuto di fare innanti desinare o innanti cena. (p. 66)	Ma può uno esser preso dalla voglia di andar di qua e di là per le campagne del suo paese, e allora, avendo il permesso del padre di famiglia e l'assenso della moglie, nulla glielo vieta. Però in qualunque villa arrivi, non gli vien dato alcun cibo prima che abbia eseguito la sua quantità di <u>lavoro</u> antimeridiano, [...] (p. 88)
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL				
S'il prend envie à quelque citoyen de faire une excursion dans la campagne qui dépend de sa ville, il le peut avec le consentement de sa femme et de son père de famille. Mais il faut qu'il achète et paye sa nourriture en <u>travaillant</u> avant le dîner et le souper autant qu'on le fait dans les lieux où il s'arrête. Sous cette condition, tout individu a le droit de sortir de la ville et de parcourir le territoire adjacent, parce qu'il est aussi utile dehors que dedans.				

Nesses trechos, destacamos a palavra em latim *laborari*. Na tradução da Autêntica, o termo utilizado em português é labutar, depois de já ter o tradutor vertido *operis* para trabalho. Na tradução em italiano de Lando, o referido vocábulo em latim não aparece traduzido, o tradutor talvez entendendo que o seu “quant'opera” dá conta de expressar o sentido do texto na passagem, diferentemente de Fiore que chama de “quantità di lavoro”. No

francês, o *travail* aparece como condição, no sentido de contribuição impositiva dada à comunidade enquanto membro, mas é uma contribuição concreta, ligada à utilidade, portanto, talvez fosse interessante pensar-se se outro termo.

Passemos a um último trecho para exemplificar com outra palavra esse processo de olhar moderno sobre as traduções. Poderemos nos apoiar na sensibilidade tradutória de Odorico Mendes.

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Quis enim nescit fraudes, furta, rapinas, rixas, tumultus, iurgia, seditiones, caedes, proditones, ueneficia, cotidianis uindicata potius quam refrenata suppliciiis, interempta <u>pecunia</u> commori, ad haec metum sollicitudinem, curas, <u>labores</u> , uigilias, eodem momento quo <u>pecunia</u> periturus. Quin paupertas ipsa, quae sola <u>pecuniis</u> uisa est indigere, <u>pecunia</u> prorsus undique sublata, protinus etiam ipsa decresceret. (pp. 202,204)	Pois, quem não sabe que as fraudes, furtos, rapinas, rixas, tumultos, lutas, sedições, assassinatos, traições e envenenamentos, e toda a sorte de coisas que diariamente são mais vingadas do que reprimidas pelos castigos, acabariam, com o fim do <u>dinheiro</u> ; e que o medo, a ansiedade, as preocupações, <u>fadigas</u> e vigílias pereceriam no mesmo instante que o <u>dinheiro</u> . Pois, a própria pobreza, considerada apenas como falta de <u>dinheiro</u> , logo decresce, assim que o <u>dinheiro</u> é banido. (pp. 203,205)	Pois é evidente que, ao acabar-se com o <u>dinheiro</u> , acaba-se também com todos os tipos de comportamento criminoso que os castigos diários não conseguem refrear: a fraude, o roubo, a invasão de domicílio, as brigas, os tumultos, as querelas, as rebeliões, o assassinato, a traição e a magia negra. No próprio dia em que se elimina o <u>dinheiro</u> , pode-se também dizer adeus ao medo, à preocupação, à ansiedade, ao <u>trabalho</u> estafante e às noites sem dormir. Ora, até mesmo a pobreza em si, o único problema cuja solução sempre pareceu depender do <u>dinheiro</u> , desapareceria de	Chi non sa quante fraudi, rapine, risse, tumulti, contenzioni, sedizioni, uccisioni, tradimenti, incantesimi, puniti più tosto che raffrenati co i sopplizi, col sprezzare i <u>denari</u> se ne vanno, e con questi la sollecitudine, i pensieri, <u>fatiche</u> e vigilie con la <u>pecunia</u> si portano, ed ancor se ne va la povertà, la qual sola pare che sia bisognosa de <u>denari</u> !	Chi ignora infatti che sopercherie, truffe, ladronecci, risse, sconvolgimenti, alterchi, sedizioni, assassini, tradimenti, avvelenamenti, cui i supplizi s'affannano ogni giorno a punire anzichè raffrenare, una volta tolto di mezzo il <u>danaro</u> se n'andrebbero anch'essi? Che, insieme col <u>danaro</u> , sparirebbero contemporaneamente anche paure, preoccupazioni, affanni, <u>fatiche</u> e veglie? La povertà stessa anzi, che è l'unica, pare, ad aver bisogno di <u>danaro</u> , levato di mezzo assolutamente il <u>danaro</u> , diminuirebbe via via anch'essa. (p. 156)

		imediato se este último também fosse abolido. (pp. 201,201)		
TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DE 1842 – VICTOR STOUVENEL Qui ne sait, en effet, que les fraudes, les vols, les rapines, les rixes, les tumultes, les querelles, les séditions, les meurtres, les trahisons, les empoisonnements ; qui ne sait, dis-je, que tous ces crimes dont la société se venge par des supplices permanents, sans pouvoir les prévenir seraient anéantis le jour où <u>l'argent</u> aurait disparu? Alors disparaîtraient aussi la crainte, l'inquiétude, les soins, les <u>fatigues</u> et les veilles. La pauvreté même qui seule paraît avoir besoin <u>d'argent</u>, la pauvreté diminuerait à l'instant, si la <u>monnaie</u> était complètement abolie. (p. 288)				

Desta vez, o problema do *labor* parece ter ficado mais bem resolvido, e com exceção dos tradutores da Martins Fontes, todos os outros tradutores, traduziram partindo da raiz de “fadiga”. Sendo assim, porque comentar mais uma tabela, cansando ainda mais quem por ventura possa vir a ler este texto? Porque a partir desse trecho onde aparece a palavra *pecunia*, muito comumente traduzido como dinheiro, é possível fazer uma observação de caráter histórico quanto à especificidade dos conceitos e palavras.

Odorico Mendes, tradutor, dentre outros, das *Bucólicas* de Virgílio, é sempre muito atento à questão dos termos, mesmo correndo o risco de fazer uma tradução um tanto literal e de lisibilidade dificultada, o que exige maior esforço do leitor¹⁴³. Nas *Bucólicas* (2008)¹⁴⁴, há uma observação importante desse tradutor sobre a tradução do termo *pecunia* por pecúlio. Diz ele:

Pécúlio, o dinheiro adquirido pelo escravo, no direito romano tem outras significações. Em português estando adotado o termo, não pode ser substituído com igual propriedade: **o poeta refere-se aos costumes do seu país** [grifos nossos]. Os tradutores que tenho consultado não fizeram caso dessa alusão; Nem mesmo Desfontaines, que dela fala em suas notas. (p. 36)

Na tradução de Mendes, onde aparece *agricolae* é sempre os agricultores. Em nenhum momento nesta obra pastoril a palavra trabalho aparece. Até mesmo o termo *laborem*, (p. 187) é traduzido como *esforço, obra final*.

Assim fazendo, Odorico Mendes consegue recuperar ao leitor o tempo histórico da obra que ele traduz, em vez de usar termos que dizem muito mais sobre os tempos

143Não é nosso objetivo discutir a validade ou não do método tradutório de Odorico Mendes. Poderíamos apenas fazer uma observação: o método de tradução que não distingue conceitos de palavras pode ser tão problemático quanto aquele que prima pela literalidade.

144 VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

contemporâneos do tradutor. Evidentemente, isso não invalida de modo algum as traduções, tampouco faz delas uma *obra*, uma *fadiga*, uma *arte* em vão.

2.8 A CIDADE DO SOL DE TOMMASO CAMPANELLA

O texto em latim d'*A Cidade do Sol* utilizado para a análise dos trechos aqui apresentados foi publicado em 1640. Este texto compõe o livro *La Città del Sole – Civitas Solis* publicado em 2008 por Nino Aragno Editore, com organização e tradução de Tonino Tornitore. Integra esta obra a primeira edição italiana de 1602 e a última edição italiana publicada em 1637 — revista pelo próprio Campanella.

O tradutor esclarece que as correções realizadas nas edições italianas são “di natura stilistica o chiarificativi del contesto, salvo il caso dei passi astrologici che subiscono una profonda rielaborazione; ma quasi mai intervengono modifiche sostanziali.” No seu caso, as correções realizadas obedecem a “criteri di trascrizione tendenzialmente conservativi, proprio per cercare di restituire (...) la coloritura dialettale di questa prima versione com’era sgorgata, la prima volta.” (CAMPANELLA, 2008, p. XXIX)¹⁴⁵

Pela leitura e comparação realizadas na nossa pesquisa, é possível constatar que a questão referente às atividades realizadas pelos solarianos recebeu em suas traduções ora designações diferenciadas — respeitando as mesmas diferenças de conteúdo e escolhas feitas por Campanella — ora a anulação das especificidades dessas atividades com a atribuição da palavra trabalho ao conjunto dessas atividades. As reflexões da crítica acerca dessa questão nos conduz pelo caminho de que não há tensionamentos ou discussões a serem realizados sobre o uso da palavra trabalho para designar *tutti quanti*.

Solari (1974) destaca como elementos modernos n'*A Cidade do Sol*,

Egli non ha in dispregio l'attività economica come l'antichità e il medioevo cristiano, esalta il lavoro manuale, vuole la selezione sociale secondo il merito, proclama l'uguaglianza di tutti di fronte alla legge, l'organizzazione razionale e tecnica della produzione in base alla divisione del lavoro, la distinzione e la gerarchia delle funzioni dalle più umili alle più elevate, l'istruzione, l'educazione, la protezione e l'assistenza sociale dei lavoratori, la limitazione delle ore di lavoro, il lavoro e l'educazione delle donne ecc. (p. 28)¹⁴⁶

Roccia (1969) destaca a valorização que Campanella faz do trabalho manual” como uma atividade essencial e desenvolvida por todos — “il lavoro manuale viene di colpo ad essere rivalutato come un aspetto della vita sociale, come un’attività a cui tutti

¹⁴⁵ CAMPANELLA, Tommaso. *LA CITTÀ DEL SOLE CIVITAS SOLIS*. Trad. Tonino Tornitore. Torino: Nino Aragno Editore, 2008.

¹⁴⁶ SOLARI, Gioele. *La filosofia politica. I - Da Campanella a Rousseau*. Bari: Editori Laterza, 1974.

partecipano almeno in un dato momento dell'adolescenza, 'onde nullo reputa viltà servire in mensa, o in cucina o altrove, ma lo chiamano imparare'." (p. 200)¹⁴⁷

Essa concepção de que Campanella faria um enaltecimento do trabalho manual também está presente em Ferroni (1991) quando afirma que "si tende poi a valorizzare il lavoro manuale e le capacità fisiche." (p. 314)¹⁴⁸

Já Napoli (1947) nomeia todas as atividades dos solarianos por lavoro, quer sejam realizações concretas quer sejam elaborações do pensamento, portanto, utilizando o termo mais generalizante, que abstrai as especificidades das atividades. É esse tipo de pensamento que justifica o mesmo procedimento nas traduções:

Prima di tutto il lavoro [!] è presentato come la più nobile delle occupazioni umane, sia il lavoro manuale che quello di pensiero. Tra gli abitanti della Città del sole "ognuno desidera esser primo alla fatica per la docilità delli costumi"; "l'arti faticose ed utili son di più laude"; è tenuta in gran conto la selezione razionale del lavoro, in quanto "nella natività loro si vede l'inclinazione, e tra loro, per lo compartimento della fatiche, nullo viene a partecipare fatica distruttiva dell'individuo, ma solo conservativa". Le donne abbiano lavori leggeri, ma sfuggano l'ozio. "L'arti che sono di manco fatica son delle femmine". (p. 398)¹⁴⁹

O autor aqui, de forma explícita, parte do termo geral, a generalização aparentemente apenas linguística, para ir incluindo nesse conceito as atividades específicas que ele mesmo enumera: *fatica*, *arti fatigosi*, *fatiga*, *arti*. Além disso, ressalta que os solarianos — nomeados por ele de lavoratori — "trabalham" "poucas horas" para que não se tornem embrutecidos — "esistono per lui esigenze culturali e religiose che vanno soddisfatte; perciò i lavoratori della Città del sole 'ogni cosa fanno fra pochissime ore'; le arti 'speculative son di tutti e chi è più eccellente si fa lettore; e questo è più onorato che nelle meccaniche'." (p. 398)

É nessa mesma linha que segue Luigi Firpo (2011), que também caracteriza as atividades exercidas pelos habitantes das três utopias como trabalho.

Grande attenzione è data all'accertamento precoce delle attitudini psico-fisiche, perché ogni cittadino — uomo o donna — dovrà dedicare sei ore quotidiane al lavoro manuale, ed è interesse dello Stato che egli si applichi ad un mestiere gradito e lo svolga con zelo sincero nell'interesse comune. (pp. XXXII, XXXIII)¹⁵⁰

147 ROCCIA, Giulio Bruni. L'utopia del Campanella e gli archetipi della società politica. In: Atti del Convegno Internazionale Campanella e Vico. Quaderno 126. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1969.

148 FERRONI, Giulio. *Storia della letteratura italiana. Dal cinquecento al Settecento*. Milano: Einaudi, 1991.

149 NAPOLI, Giovanni Di. TOMMASO CAMPANELLA FILOSOFO DELLA RESTAURAZIONE CATTOLICA. PADOVA: CEDAM, 1947.

150 CAMPANELLA, TOMMASO. *La città del Sole*. A cura di Luigi Firpo. Bari: Editori Laterza, 2011.

Rodolfo Dei Mattei (1980) aborda as diferenças e semelhanças entre a utopia de Morus e a de Campanella. Dentre as questões analisadas, a semelhança fundamental é que as atividades em ambas figuram como trabalho: “Circa le ore di lavoro, ve ne sono sei presso gli Utopiensi (tre avanti desinare, e tre prima di cena): invece, nella Città del Sole ne bastano quattro, riservandosi il resto del tempo ‘ad ogni sorta di esercizi gradevoli ed utili al corpo ed alla mente’.” (p. 70)¹⁵¹. Sendo assim, não é preciso desconfiar que o próprio fato de a comunidade utópica poder se dar ao luxo de delimitar a quantidade de horas dedicadas à reprodução material significa já uma diferença qualitativa que indica não se tratar da mesma palavra-conceito.

De Mattei (1980) afirma ainda que os solares “considerano il lavoro, il non largo riposo, nonché la generazione, l’istruzione — insomma, tutta la loro vita — come una missione, come un’opera di fede, scrupolosamente obbediente a una regola conventuale.” (p. 72).

A ideia de que o trabalho aparece como essência da vida n’*A Cidade do Sol*, sem maiores problematizações, também é defendida por Luca (1974):

La valorizzazione del lavoro nella scuola ha, dunque, un fine didattico: ma si propone anche di far comprendere il valore etico di ogni mestiere, qualunque esso sia. Il lavoro è l’essenza, la base della vita dei Solari, che deridono quanti lo ritengono mortificante per la dignità dell’uomo e chiamano nobili i parassiti, i quali sono l’autentica rovina dell’umanità. Comunque una classificazione qualitativa del lavoro non manca nel Campanella: valgono di più quelle arti che maggiormente perfezionano l’uomo sul piano etico e più profondamente operano sulla materia. (pp. 22, 23)¹⁵²

Estranhamente, Luca não explica por que tanto os utopianos quanto os solarianos dedicam o mínimo de tempo possível ao cultivo dessa essência. Será mesmo que se poderia encerrar a essência da vida nas utopias às atividades produtivas? Luca responde citando o próprio Campanella: valem mais as *artes* que contribuem para o aperfeiçoamento do homem no plano ético e também aquelas que significam uma ação sobre a matéria. Então, o que se chama nas utopias renascentistas de trabalho é obrigatoriedade de todos, e não somente de alguns, contribuírem para a sobrevivência do todo, para que as fadigas sejam menores se divididas. É algo muito mais primário, portanto, é no sentido da autoconservação, não no

151MATTEI, Rodolfo De. *L’Utopia del Moro e La Città del Sole di T. Campanella*. In: Atti dei Convegni Lincei 46. Colloquio italo-britannico TOMMASO MORO E L’UTOPIA. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1980.

152 LUCA, Flaviano De. *TOMMASO CAMPANELLA RIVOLUZIONARIO*. Castellammare: Tip. De Martino, 1974.

sentido da produção de mercadorias para o mercado. E não fazer essa diferença é aceitar a confusão que a ideologia do trabalho moderna sempre fez.

Scramaglia (1985) também nomeia as atividades solarianas por trabalho: “Alla base di tutta l’organizzazione della comunità ideale vengono posti il comunismo dei beni, l’abolizione della famiglia e l’equa divisione del lavoro. (p. 72)¹⁵³. Para descrever a educação relacionada aos jovens, a autora destaca que “la loro educazione e l’inserimento nel mondo del lavoro sono compito della comunità”. (p. 73)

Já Vetrina (1946) desenvolve a ideia de que “il lavoro è obbligatorio per tutti, e sono sconosciuti colà sia la disoccupazione sia la lotta di classe: il lavoro stesso non è inteso come una pena, ma come un’occupazione gaia e piacevole: i lavoratori vanno nei campi con musiche in testa e bandiere spiegate! (p. 46)¹⁵⁴. Agora, juntamente com o trabalho, é o conceito de “luta de classes”, tipicamente moderno, que é chamado para ajudar, pela sua ausência, na compreensão da utopia de Campanella.

153 SCRAMAGLIA, Rosantonietta. *LA CITTÀ DEL SOLE: l’utopia realizzata*. Milano: Cooperativa Libreria I.U.L.M., 1985.

154 VALORI, Francesco. (a cura di). *Antologia degli utopisti II. Bacone, Campanella, Fénelon*. Roma: O.E.T. 1946.

2.9 ALGUNS TRECHOS D'A CIDADE DO SOL:

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GENUENSIS — Et profecto sic aedificata est, ut si quis primum expugnaret gyrum, necesse habet duplicato <u>labore</u> expugnare secundum et maiori tertium, ac semper geminare vires <u>laboresque</u> . (p. 4)	GENOVESE — ma sta in modo che, se fuss'espugnato il primo girone, bisogna più <u>travaglio</u> al secondo e poi più; talché sette fiate bisogna espugnarla per vincerla. (p. 4)	GENOVESE — Ed è evidente che è stata edificata in modo tale che, ammesso che fosse espugnato il primo girone, sarebbe stato necessario uno <u>sforzo</u> doppio per espugnare il secondo, ancor più grande per il terzo ecc., dovendo duplicare ogni volta gli sforzi e le <u>fatiche</u> . (p. 5)	ALM. — A cidade foi construída de tal forma que, se alguém, em combate, ganhasse o primeiro recinto, precisaria do dobro das forças para superar o segundo, do triplo para o terceiro, e, assim, num contínuo multiplicar de esforços e de <u>trabalhos</u> , para transpor os seguintes. Por essa razão, quem se propusesse a expugná-la precisaria recomeçar sete vezes a empresa. (p. 246)	GENOVÊS — no entanto, é construída de tal forma que, conquistando o primeiro círculo, seria necessário muito mais <u>esforço</u> para conquistar o segundo, e assim por diante; de maneira que seria necessário recomeçar a conquista sete vezes, expugná-la totalmente e conquistá-la. (p. 6)

É notável que — com exceção da edição da Abril Cultural, que utiliza de saída a palavra trabalho — as palavras latinas *labore* e *laboresque* são vertidas na edição italiana de 1602, para o termo arcaico *travaglio* e na de 1637 para *sforzo* e *fatiche*. Vale ressaltar a tradução da Vozes para o termo *esforço*.

Mas notemos a mudança ocorrida na evolução das traduções:

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
HOSPITALARIUS — Ergo nemo <u>laborare</u> volet, dum ut alii <u>laborent</u> , unde ipse vivat, expectat, sicuti Aristoteles arguit in hoc Platonem. (p. 20)	OSPITALARIO — Dunque nullo vorrà <u>faticare</u> , mentr'aspetta che l'altro <u>fatichi</u> come Aristotele dice contra Platone? (p. 20)	OSPITALARIO — Allora nessuno vorrà <u>lavorare</u> , aspettandosi che siano gli altri a farlo per lui, come Aristotele ha obiettato a Platone. (p. 21)	OSP. — Então, ninguém terá vontade de <u>trabalhar</u> , esperando que os outros <u>trabalhem</u> para o seu sustento, de acordo com a objeção de Aristóteles a Platão. (p 250)	HOSPITALÁRIO — Então, ninguém vai querer <u>trabalhar</u> , esperando que o outro <u>trabalhe</u> , como afirma Aristóteles criticando Platão. (p. 12)

As palavras latinas *laborare* e *laborent* foram vertidas sem maiores problemas para trabalho nas edições brasileiras. Na primeira edição italiana, a que demonstra maior proximidade com o original nessa passagem, os termos foram traduzidos por *faticare* e *fatichi*. Ou seja, termos relacionados à raiz *labor*, mas que não carregam o peso semântico do conceito generalizante de trabalho. Na edição italiana de 1637, ambos os termos são traduzidos para o verbo *lavorare*. Justificável para a época, porque o verbo *lavorare* ainda guardava muito do seu sentido primeiro de lavrar os campos, mas cujo termo não tinha o caráter generalizante.

Vejamos o trecho seguinte:

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GEN. — [...] et tres aliarum singularum, et nullum ocium eis datur, nisi quo etiam doctiores fiunt. Nam et ideo in campestris egrediuntur gratia scilicet cursitandi, sagittas et lanceas iaculandi, archibugiis reboandi, feras persequendi, herbas agnoscendi et lapides, etc., agriculturam et pastoralem discendi, modo agmen unum, modo aliud. (p. 32)	GEN. — E tra loro non c'è ozio nullo, se non quello che li fa dotti; ché però vanno in campagna a correre, a tirar dardi, sparar archibugi, sequitar fere, <u>lavorare</u> , conoscer l'erbe, or una schiera e or un'altra. (p. 32)	GEN. — E non è concesso loro nessuno svago, se non quello che li rende ancor più istruiti. Anche in campagna infatti schiere di alunni a turno vanno a esercitarsi nella corsa, oppure a tirar frecce o giavellotti, sparare con gli archibugi, cacciare la selvaggina, imparare a riconoscere piante, minerali ecc., oltre a impratichirsi <u>nell'agricoltura</u> e nella pastorizia. (p. 33)	ALM. — Antes de se tornarem doutores, não lhes [alunos] é concedido repouso algum: depois do estudo, vão para o campo onde se exercitam em corrida, arco, lança, arcabuz, caça ou em botânica, mineralogia, <u>agricultura</u> , pecuária. (p. 252)	GENOVÊS — E entre eles [meninos] não há ócio nenhum, a não ser aquele que os torna doutos; depois vão para o campo para correr, atirar com o dardo, atirar com arcabuzes, caçar as feras, <u>trabalhar</u> , conhecer as ervas, primeiro um grupo e depois o outro. (p. 16)

A tradução da editora Vozes foi feita a partir da edição italiana, não a original de 1602, mas uma de 1995. Assim, caiu no descuido de traduzir simplesmente *lavorare* por trabalhar. Por outro lado, todas as outras traduções têm o cuidado de manter a especificidade do termo, inclusive a italiana. Tanto na versão de 1640, quanto na edição de 1637, quanto na edição da Abril Cultural, não aparece o termo trabalho. Nada mais normal, já que seguem simplesmente a edição latina que enumera as atividades na sua especificidade, atividades que incluem a agricultura e o pastoreio, sem que uma palavra consiga englobar a multiplicidade: “cursitandi, sagittas et lanceas iaculandi, archibugiis reboandi, feras persequendi, herbas agnoscendi et lapides, etc., agriculturam et pastorem discendi”.

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GEN. — Sunt et <u>artes</u> communes mechanicae et speculativae masculis et foeminis, hac cum discretionem: quod <u>artes</u> operosae magis et ubi iter requiritur, tractantur ab masculis, sicuti arare, seminare, fructus legere, in area <u>laborare</u> forte et in vindemia. At ad mulgendas oves et caseum formandum solent et mulieres destinari; itidem et ad hortos prope civitatis pomerium ad colligendas herbas et excolendas similiter vadunt. <u>Artes</u> vero quae sedendo et stando tractantur ad mulieres spectant, veluti texere, nere, suere, tondere capillos et barbas, pharmacopia et omnia vestimentorum genera conficere, excluduntur tamen ab <u>arte</u> lignaria et ferraria et fabrica armorum. (p. 34)	GEN. — Poi son l'<u>arti</u> comuni agl'uomini e donne, le speculative e mecaniche; con questa distinzione, che quelle dove ci va <u>fatica grande</u> e viaggio, le fanno l'uomini, come arare, seminare, coglier'i frutti e pascer li armenti; però nell'aia, nella vendemia, nel formare il cascio e mungere l'uberi si soleno le donne mandare, e nelli orti vicini alla città per l'erbe. L'<u>arti</u> che si fanno sedendo e stando, per lo più son delle donne: come tessere, cuscire, tagliar li capergli e le barbe, la speziaria, e far tutte sorti di vestimenti; fuor che l'<u>arte</u> del ferrano e dell'armi. (p. 34)	GEN. — Anche le <u>arti</u> meccaniche e speculative sono in comune a maschi e femmine, ma con questa differenza: i <u>servizi più faticosi</u> e richiedenti grandi spostamenti, come arare, seminare, raccogliere la frutta, fare i <u>lavori</u> pesanti nell'aia e vendemmiare, sono affidati ai maschi; invece mungere le pecore e fare il formaggio spetta alle donne, come pure l'andare negli orti alla periferia della città a coltivare e raccogliere verdure. Sono inoltre riservati alle donne i <u>mestieri</u> sedentari, come tessere, filare, cucire, tagliare barba e capelli, preparare farmaci e confezionare ogni genere di vestiti; sono escluse però dalla falegnameria, dalla fonderia e dalla fabbricazione delle armi. (p. 35)	ALM. — Homens e mulheres se aplicam em comum a todas as <u>artes</u> mecânicas e especulativas, com a diferença de que as <u>artes</u> que requerem <u>fadiga</u> e marcha são exercitadas pelos homens, como arar, semear, colher as frutas, <u>trabalhar</u> na eira, fazer a vindima, etc., ao passo que as mulheres se dedicam a ordenhar o gado e fazer o queijo, além de se dirigirem às hortas vizinhas das muralhas da cidade para cultivar e colher legumes. Todas as <u>artes</u>, pois, que exigem que se fique sentado ou de pé competem às mulheres: tecer, fiar, cozinhar, cortar o cabelo e a barba, preparar remédios e toda sorte de roupas. Estão, contudo, isentas de <u>trabalhar</u> em madeira e em ferro. (p. 253)	GENOVÊS — Há, depois, as <u>artes</u> comuns aos homens e às mulheres, <u>artes</u> especulativas e mecânicas, com a diferença de que os homens fazem aquelas que exigem <u>grande esforço</u> e caminhada, como lavrar, semear, colher as frutas, alimentar as ovelhas, <u>trabalhar</u> no quintal, na vindima. Mas para fazer o queijo e ordenhar, é costume mandar as mulheres, como também às hortas perto da cidade e aos serviços mais fáceis. De modo geral, os <u>ofícios</u> realizados em pé ou sentado, na maioria das vezes, são deixados para as mulheres, como tecer, costurar, cortar cabelo e barba, preparar especiarias, fazer todo tipo de roupas, diferentes do <u>ofício</u> de ferreiro ou das armas. (p. 17)

Em latim, temos *artes*, *artes* (operosae), *laborare*, *artes* e *arte*. Na tradução italiana de 1602, o único vocábulo que recebeu uma tradução diferenciada dos demais foi *arte operosae*, tendo sido traduzido por *fatica grande*. O vocábulo *laborare* não foi traduzido por um termo específico.

Na tradução italiana de 1637, *arte operosae* foi traduzida por *servizi più faticosi*. *Laborare* foi traduzido por “lavori”. O penúltimo vocábulo latino *artes* foi traduzido por *mestieri*. O primeiro vocábulo *artes* e o último *arte* não aparecem traduzidos no texto italiano.

Na tradução brasileira de 1978, duas vezes a palavra *artes* em latim é traduzida para o português como *artes*. *Arte operosae* foi traduzida como *fadiga*; *laborare* foi traduzido como “trabalhar”. O último termo latino *artes* foi traduzido como “trabalhar”.

O tradutor da edição brasileira de 2014 optou por traduzir *arte operosae* por “grande esforço”. No início do texto traduziu *artes* do latim para “artes” em português. *Laborare* foi traduzido por “trabalhar” e os últimos vocábulos latinos *artes* tiveram como tradução *ofícios* e *ofício* respectivamente.

Prova de que a riqueza da tradução se mostra em manter a multiplicidade dos termos que o original apresenta. É o que não acontece no trecho a seguir:

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GEN. — Quae autem conceperunt quindecim diebus non <u>exercitiis</u> utuntur ad roborandam prolem et aperiendos meatus nutrimenti ad illam, ac paulatim sempre maiori exercitio roborantur. (p. 46)	GEN. — Quelle c’hanno concepito, per quindici giorni non s’esercitano; poi fanno leggieri <u>esercizi</u> per rinforzar la prole e aprir li meati del nutrimento a quella. (p. 46)	GEN. — Quelle invece che hanno concepito restano a riposo per quindici giorni. Quindi si dedicano a degli <u>esercizi</u> moderati per fortificare il nascituro e aprirgli i canali del nutrimento, e progressivamente s’irrobustiscono intensificando l’attività fisica. (p. 47)	ALM. — As que concebem ficam, por quinze dias, dispensadas de qualquer fadiga. Começam, em seguida, <u>trabalhos</u> fáceis que lhes fortifiquem a prole e lhes abram os meatos da nutrição, e se revigoram depois, gradativamente, com exercícios. (p. 255)	GENOVÊS — Aquelas que conceberam, permanecem quinze dias sem <u>trabalhar</u> ; depois, fazem exercício leves para fortificar a prole e abrir seus meatos à alimentação. (p. 22)

A palavra latina *exercitiis* foi traduzida por *esercizi* nas duas traduções italianas. Mas rapidamente se transformou em “trabalhos” e “trabalhar” nas edições brasileiras. É o

mesmo raciocínio que vai levar o tradutor da Abril Cultural a incluir forçadamente em seu texto a palavra “trabalho” no plural.

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GEN. — Cum enim exerceantur mulieres, fiuntcoloribus vividae, membris robustae et grandes et agiles, et in proceritate ac strenuitate consistit pulchritudo apud eos. (p. 52)	GEN. — [...] ché, esercitandosi esse donne, diventano di color vivo e di membra forti e grandi, e nella gagliardia e grandezza consiste la bellezza appresso loro. (p. 52)	GEN. — Grazie alla vita attiva che conducono, le donne sono di colorito vivace, di membra forti, robuste e agili, e la bellezza per loro consiste solo nella statura e nel vigore. (p. 53)	ALM. — [...] como as mulheres se aplicam continuamente a diferentes <u>trabalhos</u> , adquirem uma cor vivaz, membros robustos, grandes e ágeis, consistindo a beleza unicamente na altura e no vigor da pessoa. (p. 256)	GENOVÊS — [...] de fato as mulheres, exercitando-se, adquirem uma cor viva, membros fortes e grandes, e sua beleza consiste no vigor, na vivacidade e na grandeza. (p. 23)

Ao que parece, o tradutor teria vertido a palavra latina *exerceantur* para “trabalhos”. Mas o que justificaria tal escolha? Em nenhuma das outras traduções há a presença da palavra “trabalho” no trecho. O tradutor julga, portanto, sem problema utilizar a palavra trabalhos para ações relacionadas a exercício.

O trecho a seguir mostra a problemática já apresentada em Morus: os solarianos não têm a compulsão típica do trabalho moderno.

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GEN. — Ast in Civitate Solis, dum cunctis distribuuntur ministeria et <u>artes</u> et <u>labores</u> et <u>opera</u> , vix quatuor in die horas singulis <u>laborare</u> contingit; reliquum licet tempus consumatur in addiscendo iucunde, disputando, legendo, narrando, scribendo, deambulando, exercendo ingenium et corpus, et cum gaudio. (p. 56)	GEN. — Ma tra loro, partendosi l' <u>uffici</u> a tutti e l' <u>arti</u> e le <u>fatiche</u> , non tocca <u>faticar</u> quattro ore il giorno per uno; se ben tutto il resto è imparare giocando, disputando legendo, insegnando, camminando, e sempre con gaudio. (p. 56)	GEN. — Invece nella Città del Sole, essendo mansioni, <u>arti mestieri</u> e <u>servizi</u> suddivisi fra tutti, ognuno non <u>lavora</u> neanche quattr'ore al giorno; il resto del tempo lo si impiega studiando con passione, discutendo, leggendo, narrando, scrivendo, passeggiando, esercitando la mente e il corpo, e sempre gioiosamente. (p. 57)	ALM. — Na Cidade do Sol, ao contrário, havendo igual distribuição dos <u>misteres</u> , das <u>artes</u> , dos <u>empregos</u> , das <u>fadigas</u> , cada indivíduo não <u>trabalha</u> mais de quatro horas por dia, consagrando o restante ao estudo, à leitura, às discussões científicas, ao escrever, à conversação, aos passeios, em suma, a toda sorte de exercícios agradáveis e úteis ao corpo e à mente. (p. 257)	GENOVÊS — Mas entre eles, distribuindo-se os <u>ofícios</u> , as <u>artes</u> e as <u>labutas</u> entre todos, cada um não <u>trabalha</u> mais do que quatro horas por dia, o tempo que sobra é utilizado para aprender brincando, disputando, lendo, ensinando, caminhando, sempre com alegria. (p. 25)

Esses trechos são muito interessantes porque vemos diversas palavras empregadas por Campanella para se referir às atividades realizadas pelos solarianos. No original em latim, temos *artes*, *labores*, *opera* e *laborare*.

O texto italiano de 1602 é ainda mais notável, porque Campanella nem mesmo usa palavra com raiz em *labor*. Ele utiliza as palavras *uffici*, *arti*, *fatiche* e *faticar* onde a versão latina utiliza *labor*. O que significa que não é obrigatória a tradução das palavras com raiz *labor* por “trabalho”. Já na tradução de 1637, as escolhas foram *arti*, *mestieri*, *servizi* e “lavora”. Nas traduções para o português, temos *misteres*, *artes*, *labutas*, *empregos*, *fadigas* e “trabalhar” no contexto de “horas de trabalho”. Já fizemos uma distinção quanto ao sentido do tempo nas utopias, para argumentar sobre o porquê de não podermos usar o termo horas de trabalho.

3. COMPARATIVO ENTRE EDIÇÕES

3.1 TRECHOS DA *UTOPIA*

UTOPIA PRIMEIRO LIVRO				
TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Est inquit ille, satis hoc prouisum; sunt <u>artes mechanichae</u> , est agricolatio, ex his tueri uitam liceat, ni sponte mali esse mallent. (p. 40)	“‘Isso’, respondeu ele, já foi bem resolvido. Há as <u>profissões</u> e a agricultura, por meio dos quais eles poderiam ganhar a vida, se não preferissem, de boa vontade o crime.” (p. 41)	“‘Mas já existem muitas condições para que assim pudesse ser’, respondeu o advogado. ‘Há um grande número de <u>profissões</u> à disposição daqueles que querem exercê-las, e há a terra a ser lavrada. Se as pessoas assim o desejassem, poderiam ganhar suas vidas honestamente, mas o fato é que, por sua livre vontade, parecem preferir o crime ao <u>trabalho</u> .’” (pp. 29,30)	— Gli à provisto copiosamente, — rispose colui, — son o v i l e <u>arti</u> <u>mechaniche</u> e l’agricoltura: con questo si potrebbero provedere, quando non volessero spontaneamente esser cattivi. (p. 27)	“ A ciò, — egli soggiunse, — si è provveduto abbastanza: ci sono infatti <u>arti manuali</u> , c’è la <u>lavorazione</u> dei campi, con cui ben potrebbero procacciarsi da vivere, se non preferissero esser delinquenti, così per proprio impulso.” (p. 21)

Tantus est ergo nobilium numerus, qui non ipsi modo degant otiosi tamquam fuci <u>laboribus</u> aliorum, quos puta suorum praediorum colonos augendis redditibus ad uiuum usque radunt. (p. 40)	“Há, deveras, um grande contingente de nobres que, ociosos como zangões, vivem do <u>trabalho</u> alheio - por exemplo, do <u>trabalho</u> dos colonos de suas propriedades, a quem esfolam vivos com excessivas taxas.’ [...]” (p. 41)	“ [...] Examinemos, antes, o tipo de coisa que podemos observar em nosso cotidiano. Em primeiro lugar, são muitíssimos os nobres que vivem na mais completa ociosidade, como zangões, graças ao <u>trabalho</u> de outras pessoas, isto é, de seus inquilinos, aos quais vão aos poucos despojando de todos os seus recursos graças ao constante aumento dos aluguéis. [...]” (pp. 30,31)	Consideriamo quelle cose che ogni di avengono. Tanto è il numero de i nobili, i quai come api inutili stanno in ozio e radono fin sul vivo i <u>loro lavoratori</u> per accrescere le proprie entrate perché non sanno questi dissipatori altra via di acquistare e si menano dietro un gregge de servitori che non hanno imparato arte alcuna. (p. 27)	C’è dunque un sì gran numero di nobili, che non solo vivono in ozio essi, a mo’ di fuchi, <u>delle fatiche altrui</u>, degli affittuari per esempio, e li scorticano a sangue per accrescere le proprie rendite (questa è l’unica economia che conosco, ma prodighi poi sino a cadere in miseria), ma anche si trascinano attorno un codazzo interminabile di sfaccendati, che non appresero mai l’arte di guadagnarsi il pane. (pp. 21,22)
--	--	--	--	--

[...] Nam quid faciant! Siquidem ubi errando paululumuestes ac ualetudinem attriuere, morbo iam squalidos, <u>atque obsitos pannis, neque generosi dignantur accipere</u>, neque audent rustici; non ignari eum qui molliter educatus in otio ac deliciis, solitus sit accinctus acinace ac cetra, totam uiciniam uultu nebulonico despicere et contemnere omnes prae se, haudquaquam idoneum fore, qui cum ligone ac marra, maligna mercede ac uictu parco, fideliter inseruiat pauperi. (p. 42)	‘[...] Pois, o que mais fariam? Já que na errância gastaram, aos poucos, as roupas e a saúde que tinham e, quando esquilidos pela doença e cobertos de andrajos, <u>os nobres não mais se dignam em os aceitar</u>, nem se arriscam a fazê-lo os camponeses, pois sabem que aquele que foi educado no ócio e nos prazeres, acostumado a empunhar alfanje e broquel, useiro em desdenhar, com torvo olhar, os vizinhos e a desprezar a todos, jamais será apto a servir fielmente a um pobre, com pá e enxada, por vil salário e merenda parca.’ (p. 43)	[...] Que alternativa lhe resta? Ele pode, sem dúvida, perambular até que suas roupas e seu corpo já estejam arruinados, e ele não passa de uma massa de feridas e trapos. Nesse estado, porém, <u>não encontrará um só nobre que lhe ofereça trabalho</u>, nem um proprietário de terras que se arrisque a fazê-lo - pois quem teria menos condições de <u>trabalhar</u> com afincos e dedicação, mourejando com a enxada e a picareta em troca de um baixo salário e de uma alimentação insuficiente, do que um homem que se acostumou ao ócio e ao luxo, e que, com sua espada e seus uniformes, sempre olhava para os outros com ares de superioridade?’ (p. 31)	[...] E che altro possono fare? Quandochè se vanno alquanto tempo errando, consumano le vesti e infermano. Laonde essendo, poi, squalidi per l’infermità e vestiti de panni grossi, non si degnano i nobili di riceverli e i contadini temono di accettarli, sapendo che l’uomo nodrito ne l’ozio in delizie e avvezzo di andare con la spada e fiero viso sprezzando la vicinanza non è atto con la zappa e la marra di guadagnare il parco vivere e servire ad un povero fedelmente. (pp. 27,28)	“[...] E che altro potrebbero fare? Quando hanno sciupato, ad andare a zonzo, il vestito e la salute, non osano i nobili tenerli seco, così emaciati dalle malattie e coperti di cenci. Molti nemmeno potrebbero prenderseli i contadini, ben sapendo che chi è stato allevato mollemente nell’ozio e nelle delicature, avvezzo, con una scimitarra a fianco e con uno scudo, a guardare i vicini con faccia da scioperato e disprezzar tutti a paragone di se stesso, non è per nulla adatto a servir fedelmente a un povero, con uno zappone in mano o una marra, per una scarsa mercede e un misero vitto”. (p. 22)
--	--	---	---	---

Sed nec uestri illi uel <u>opifices</u> urbici, uel rudes atque agrestes agricolae otiosos generosorum stipatores creduntur ualde pertimescere, nisi aut hi quibus ad uires atque audaciam corpus contigit ineptius, aut quorum animi uis inopia rei familiaris infringitur, adeo periculum nullum est, ne quorum ualida et robusta corpora — neque enim niselectos dignantur generosi corrumpere — nunc uel elanguescunt otio, uel negotiis prope muliebribus emolliuntur, iidem <u>bonis artibus instructi</u> ad uitam, et uirilibus exercitati <u>laboribus</u> effeminantur. (p. 44)	“Entretanto, sabe-se que vosso <u>povo</u>, sejam os artesãos da cidade, sejam os agricultores rudes e agrestes, em nada temem os adutores dos nobres, exceto aqueles cujos corpos são incapazes para a coragem, ou nos quais a miséria familiar alquebra a força da alma. Por isso, não há perigo, pois seus fortes e robustos corpos — e o são, uma vez que os nobres escolhem as mulheres a quem corromper —, agora se enlanguescem no ócio e se amolecem em tarefas feminis, enquanto aqueles que aprenderam <u>um bom ofício</u> para a vida e que foram exercitados nos <u>trabalhos</u> viris não se debilitam. (p. 45)	O fato é que, ainda que esses <u>criados</u> tenham de início uma sólida constituição física — pois nenhum nobre se predisporia a corromper uma espécime inferior —, logo ficam gordos e flácidos de tanto se deleitarem no ócio ou de fazerem serviços muito mais próprios das mulheres. Portanto, para que não perdessem toda a sua virilidade, seria muito útil se lhes ensinassem <u>profissões</u> honestas e honrosas, nas quais pudessem <u>trabalhar</u> como verdadeiros homens. (p. 34)	Non dirò di più per non esser tenuto assentatore. Quei vostri <u>artefici</u> e contadini non sogliono temere di questi spadacini, i quai tenuti deliziosamente doventano di animo vile e effeminato. (p. 28)	Però neppure i vostri, che siano <u>operai di città</u> o rozzi contadini, hanno, pare, gran paura di sfaccendate guardie nobilesche, a meno che alle loro forze e al loro coraggio non corrisponda il fisico, o che il loro ardore sia spezzato dalla miseria. Tanto è lontano il pericolo che quelli, il cui fisico forte e robusto (i nobili non si degnano di guastare se non uomini scelti) langue ora nell’ozio o s’infiacchisce in faccenduode quasi da femmine, si annoliscano quando, per vivere, abbiano appreso una questa arte e si esercitino in <u>lavori</u> da uomini. (p. 24)
--	---	--	--	---

Ergo ut unus helluo in ex plebilis ac dira pestis patriae, continuatis agris, aliquot milia iugerum uno circumdet septo, eiiciuntur coloni. Quidam suis etiam aut circumscripti fraude, aut ui oppressi exuuntur, aut fatigati iniuriis, adiguntur ad uenditionem. Itaque quoquo pacto emigrant miseri, uiri, mulieres, mariti, uxores, orbi, uiduae, parentes cum paruís liberis, et numerosa magis quam diuite familia, ut multis opus habet manibus res <u>rustica</u>, [...] (pp. 44, 46)	“ ‘Logo, quando um único glutão insaciável — essa terrível peste da pátria — cerca, com um único muro, alguns milhares de acres de contínuos campos, os colonos são expulsos — alguns deles, arrancados de suas propriedades ou enganados por fraude, ou constringidos à força, ou mesmo perseguidos por injustiças, são obrigados a vendê-las. Desse modo, emigram os desventurados homens, mulheres, maridos, esposas, órfãos, viúvas, pais com recém-nascidos e famílias mais numerosas do que ricas, já que o <u>trabalho no campo</u> precisa de muitas mãos’ ”. (pp. 45,47)	Assim, os camponeses são escorraçados. São enganados ou forçados pela violência a abandonar suas propriedades, quando não perseguidos implacavelmente até que não lhes reste outra saída a não ser venderem tudo o que têm. Seja qual for a tática adotada, essas pobres criaturas são obrigadas a partir — homens e mulheres, maridos e esposas, viúvas e órfãos, mães com crianças de peito e famílias inteiras, numerosas não por possuírem muitas riquezas, mas porque é impossível cultivar até mesmo um pequeno pedaço de terra sem dispor de uma boa <u>força de trabalho</u>. (pp. 35,36)	Così uno insaziabile devoratore rinchiuderà infiniti campi, sono cacciati i lavoratori o con inganni privati de i loro beni o con i miseri forzati a partirsi, maschi e femine, moglie e mariti, orfani e vedove, padri con i piccioli figliuoli e famiglia più tosto numerosa che ricca. Si parteno, dico, da i soliti luoghi senza aver dove ridursi; le povere massarizie sono vendute a vil prezzo. Il quale, poi che hanno in breve tempo consumato errando qua e là, che altro possono fare che rubare ed essere appiccati? Vedete voi con qual giustizia! Ovvero, mendicare, benché allora sono imprigionati come poltroni che non vogliono <u>lavorare</u> e quantunque essi più che volentieri <u>lavorarebbono</u> essendo condotti al <u>lavoro</u>. Ma non si <u>lavorando</u> il terreno, che è l'arte loro, altro non sanno che si fare,	Quando dunque si dà il caso che un solo insaziabile divoratore, peste spietata del proprio paese, aggiungendo campi a campi, chiuda con un solo recinto varie migliaia di iugeri, i coltivatori vengono cacciati via e, irretiti da inganni o sopraffatti dalla violenza, son anche spogliati del proprio, ovvero, sotto l'aculeo di ingiuste vessazioni, son costretti a venderlo. Insomma, in un modo o nell'altro, vanno via quei disgraziati, uomini, donne, mariti, mogli, orfani, vedove, genitori con bambini e con una famiglia più numerosa che <u>ricca</u>, ch'è <u>l'agricoltura</u> richiede molte mani; (p. 25)
--	--	--	---	--

Quamquam tum quoque uelut errone coniciuntur in carcerem, quod otiosi obambulent, quorum operam nemo est qui conducatur, cum illi cupidissime offerant. Nam <u>rusticae</u> rei cui assueuerunt nihil est quod agatur, ubi nihil seritur. (p. 46)	E, nesse caso, então também são lançados no cárcere, como vadios porque erram ociosos, e não há quem lhes ofereça trabalho, ainda que se esforcem com grande empenho. Pois dos <u>trabalhos do campo</u> a que estão acostumados, nada há para fazer onde nada há para plantar. (p. 47)	É evidente que poderiam transformar-se em mendigos e andarilhos, mas mesmo assim é quase inevitável que terminem nas prisões, acusados de vagabundagem, quando na verdade ninguém lhes deu o emprego que tanto desejavam. Estavam habituados ao <u>trabalho no campo</u>, mas esse <u>trabalho</u> não mais existe num lugar onde deixaram de existir as terras cultiváveis. (p. 36)	quando c'è un pecorato e un biolco bastano a coltivare quel terreno, il quale prima aveva bisogno de molti anni. (p. 29)	Sebbene... anche in questo secondo caso vengono, come vagabondi, gittati in carcere, perché vanno attorno senza <u>lavorare</u>. Vero è che, per quanto essi si offrano di gran cuore, non c'è nessuno che li prenda a servizio. Dove nulla si semina, nulla c'è da fare pei <u>lavori dei campi</u>, a cui erano stati abituati. (p. 26)
Atque hac ratione fit, ut multis in locis annona multo sit carior. Quin lanarum quoque adeo increuit pretium, ut a tenuioribus, qui pannos inde solent apud uos conficere, prorsus emi non possint, atque ea ratione plures ab <u>opere</u> ablegantur in otium. (p. 46)	“Essa é a razão da grande carestia de víveres que houve em tantos lugares. Ademais, o preço das lãs subiu tanto, que os mais pobres, que são os que junto a vós costumam tecer os panos, nem sequer as podem comprar; por essa razão, muitos são obrigados a trocar o <u>trabalho</u> pelo ócio.[...]” (p. 47)	“Por esse mesmo motivo, os grãos são muito mais caros em muitas partes do país. O preço da lã subiu tanto que os vossos tecelões pobres simplesmente não conseguem mais comprá-la, o que significa que muitas outras pessoas também perderam os seus <u>empregos</u>.[...]” (p. 36)	Il prezzo de lane tanto è cresciuto, che i poveri usati di fare i panni apo voi non ne possono comperare e, perciò, molti stanno in ozio. (p. 30)	È questa la ragione perchè in molti luoghi i viveri diventano molto più cari; anzi è cresciuto anche il prezzo delle lane, tanto che non le possono assolutamente acquistare i più poveri tra i vostri artigiani, che se ne solevano far pannilani; e anche per questa ragione più numerosi sono gli uomini ricacciati dal <u>lavoro</u> nell'ozio. (p. 26)

Iam cetera quoque pecorum genera, ut aequae ratio est, atque hoc etiam amplius, quod dirutis uillis, atque imminuta re <u>rustica</u> non sint qui foeturam curent. (p. 46)	“ Já também os outros tipos de gado, do mesmo modo, se encareceram, e pelo mesmo motivo, além de outros mais, porque, com a destruição das granjas e a diminuição do <u>trabalho rural</u> , ninguém mais se preocupa com a reprodução dos animais.[...]” (p. 47)	““Esses fatos também explicam os altos preços de outras espécies de gado, pois a destruição das propriedades rurais e o declínio geral da <u>agricultura</u> resultaram na diminuição dos criadores de animais. [...]” (p. 37)	Sono cari, eziandio, gli altri animali, perché, rovinate le ville, non v'è più che abbia cura di allevarne. E i ricchi non così pigliano cura di allevare altri animali, come de le pecore; (p. 30)	Anche per le altre bestie, omai, la stessa causa fa sì che rincariscano allo stesso modo, e ciò anche di più si verifica pel motivo che, distrutte le fattorie e scaduta l' <u>agricoltura</u> , non c'è chi si curi di allevamento [...]. (p. 27)
Pauciores alantur otio, raddatur agricolatio, lanificium instauretur, ut sit <u>honestum negotium</u> , quo se utiliter exercent otiosa ista turba, [...] (p. 48)	Que menos homens sejam mantidos no ócio; que se retorne à agricultura; estabeleçam-se tecelagens, para que seja <u>honesto o trabalho</u> no qual se empregue, de modo útil, essa turba ociosa, [...] (p. 49)	Reduzi o número de pessoas que vivem sem nada fazer. Revitalizai a agricultura e a produção de lã, de tal modo que se abram novas frentes de <u>trabalho útil e honesto</u> para esses enormes contingente de ociosos. (pp. 38, 39)	Raffrenate le comprende di questi nobili, rimettete in assetto l'agricoltura e il <u>lavorio di lana</u> acciochè si possino occupare questi ladri per povertà e i mendichi ovvero gli oziosi ministri. (p. 30)	Si tenga meno gente in ozio, si rifaccia l'agricoltura, si rinnovi la <u>lavorazione della lana</u> , ci sia qualche onesta occupazione in cui possa più utilmente esercitarsi codesta turba di sfaccendati. (p. 28)

Iam quod quaeri solet; quae punitio possit esset commodior; hoc meo iudicio haud paulo facilius est repertu; quam quae possit esse deterior. Cur enim dubitemus eam uiam utilem esse castigandis sceleribus; quam scimus olim tam diu placuisse Romanis administrandae reipublicae peritissimis! Nempe hi magnorum facinorum conuictos in lapidicinas, atque fodienda metalla damabant, perpetuis adseruandos uinculis. (p. 52)	“ ‘Mas, quanto ao que se costuma indagar de qual deva ser a mais conveniente forma de punição, a meu juízo, é melhor achar uma já existente do que poder fazer outra pior. Afinal, não duvidemos de que já haja um caminho útil para castigar os criminosos, quando conhecemos o que aprouve aos romanos, tão peritos na administração da república. Eles condenavam os que cometiam maiores crimes às pedreiras e às minas, mantendo-os em perpétuos grilhões.’ ” (p. 53)	“ ‘Examinemos, agora, a controversa questão de saber qual seria a melhor punição. Devo dizer que encontraria muito maiores dificuldades para dar uma resposta se a pergunta dissesse respeito à pior maneira de castigar. Bem, por que colocaríamos em dúvida o valor de um sistema que durante tanto tempo foi visto como satisfatório pelos antigos romanos, esses grandes administradores? Como sabemos, eles condenavam os grandes criminosos a <u>trabalhos forçados</u> por toda a vida em suas minas e pedreiras.’ ” (p. 43)	Cerca la punizione che sia convenevole di dare a i ladri, niuna è più comoda di quella che tanto piacque a i Romani, nel maneggio de la republica peritissimi. Elli dannavano a cavare metalli e pietre coloro che erano convinti di gravi colpe. (p. 32)	Quanto poi alla solita questione, qual pena possa essere più adeguata, è facile, a parer mio, scoprire questa che far peggio di ora. Ma perchè non ammettere che il mezzo migliore per punire tali delitti sia quello così a lungo adottato anticamente dai Romani, che pur s'intendevano di reggere stati? Da costoro i colpevoli di grandi delitti eran condannati, per sicurezza, ai ferri a vita nelle cave di pietra o nelle miniere. (p. 31)
--	---	--	--	---

Ergo apud hos furti qui peraguntur, quod sustulere domino reddunt, non, quod alibi fieri solet, princip; utpote cui tantum iuris esse censent in rem furtiuam quantum ipsi furi; sin res perierit, pretio ex bonis furum confecto ac persoluto tum reliquo uxoribus eorum atque liberis integro, ipsi damnantur in opera, ac nisi atrociter commissum furtum est, neque clauduntur ergastulo, neque gestant compedes, sed liberi, ac soluti in publicis occupantur <u>operibus</u>. (p. 54)	“ ‘Entre eles, quem é pego furtando algo devolve o que furtou ao dono, e não, como de costume, ao príncipe, porque pensam que o príncipe tem tanto direito à coisa roubada quanto o ladrão. Porém, se o objeto do furto se perder, busca-se o seu valor entre os bens do ladrão; e o que resta deles, depois da restituição, é entregue integralmente à esposa e aos filhos, sendo ele condenado a <u>trabalhos</u> forçados. (p. 55)	“ ‘Pois muito bem, no país dos politérios um ladrão condenado tem de devolver o produto do roubo ao indivíduo roubado, e não ao rei, como acontece em tantos países. Para eles, o rei tem tanto direito quanto o próprio ladrão sobre os bens roubados. E, se estes já houverem desaparecido, seu valor é recolhido dos bens que pertencem ao ladrão e restituído. Todo o restante é deixado para sua mulher e seus filhos, e o ladrão é condenado a <u>trabalhos</u> forçados.’ ” (p.44)	Chi sono convinti di furto lo rendono al patrone di quello, non al principe, come si fa altruove, parendo loro che tanta ragione abbia il principe ne la cosa rubata quanta vi ha il ladro. Non si trovando il furto, pagasi de suoi beni, e assignato il rimanente a la moglie e a i figliuoli del ladro, egli è dannato a <u>lavorare</u> e, se non ha commesso qualche gran furto non è imprigionato, nè porta i ceppi, ma libero e sciolto si esercita ne le opere publiche. (p. 33)	Orbene, presso costoro, chi è condannato per furto, restituisce il maltolto al padrone, non già al Re, come s’usa altrove, il quale, a parer loro, ha tanto diritto alla cosa rubata quanto il ladro stesso. Se questa non si trova, se ne preleva il valsente dai beni del ladro, lasciando il resto interamente alla moglie e ai figli, e lui vien condannato ai <u>lavori</u>. (p. 32)
--	--	--	---	--

Detrectantes ac languidius gerentes sese; non tam uinculis cohercent quam excitant uerberibus, strenuam nauantes <u>operam</u>, absunt a contumeliis, noctu tantum nominatim censiti cubiculis includuntur. Praeter assiduum <u>laborem</u> nihil incommodi est in uita. (p. 54)	Contudo, a não ser que tenham sido sentenciados por crimes atrozes, não ficam encarcerados em prisões, nem são acorrentados com grilhões, mas permanecem livres e ocupam-se das <u>tarefas públicas</u>. Contra os que se revoltam ou são preguiçosos não só se empregam as correntes quanto os açoites; mas os que são zelosos quanto ao penoso <u>trabalho</u> não são castigados. À noite, conferidos pelo nome, eles são encerrados em pequenas celas. Além do contínuo <u>trabalho</u>, nenhum outro incômodo sofrem na vida. (p. 55)	" 'A não ser nos casos de roubo seguido de violência, os ladrões não são mandados para a prisão nem postos a ferros, mas ficam livres para a prestação de <u>serviços à comunidade</u>. Quando são perseguidos e se recusam a <u>trabalhar</u>, não são agrilhoados — o chicote encarrega-se de acelerar-lhes os movimentos. Quando <u>trabalham</u> direito, não sofrem humilhações; devem apenas responder todas as noites a uma chamada, após o que são trancafiados em suas celas. Além das longas horas de um <u>trabalho</u> bastante árduo, podem levar uma vida perfeitamente confortável. (p. 44)	Quei che non vogliono sottostare a questa pena sono più tosto battuti che imprigionati; quelli che si affaticano gagliardamente non patiscono ingiura alcuna. La notte, chiamati per nome, vengono rinchiusi in certe camere, nè altro incomodo sostengono che l'affaticarsi di continuo. (p. 33)	Però, a meno che il furto non avvenga con particolare ferocia, non stanno chiusi nell'ergastolo nè portano catene, ma vengono occupati nei <u>lavori pubblici</u>, liberi e a poè sciolto. Se si rifiutano o mostrano fiacca, non li puniscono coi ferri quando li stimolano a staffilate: se invece <u>lavorano</u> alla svelta, non son maltrattati, ma solo, per la notte, dopo l'appello nominale, vengono chiusi in dormitori, nè altro disturbo hanno in vita, se non di <u>lavorare</u> sempre. (pp. 32,33)
---	---	---	--	---

Aluntur enim haud duriter qui publicae rei seruiunt, e publico. Alibi aliter. Siquidem alicubi quod impenditur in eos ex eleemosyna colligitur, atque ea uis quamquam incerta; tamen ut est ille populus misericors nulla reperitur uberior. Alibi redditus quidam publici ad id destinantur. Est ubi certum in eos usus tributum uiritim conferunt. (p. 54)	Não são alimentados mais parcamente do que aqueloutros que servem à república, uma vez que são alimentados pela população, como em outros lugares. Em algumas partes, são recolhidas esmolas para os condenados, e, embora esse seja um evento incerto, graças à misericórdia daquele povo, não se acha nenhum meio mais farto. Em outros países, o tributo recolhido do público é destinado para tal função, mas há também onde exista um imposto específico cobrado de cada cidadão para tal uso. (p. 55)	A comida, por exemplo, não é das piores, e lhes é provida pela própria república, uma vez que é para o bem público que <u>trabalham</u>. A forma de conseguir dinheiro para sua manutenção não é a mesma em todas as partes do país. Em alguns lugares, resulta de contribuições voluntárias. O método pode parecer precário, mas na prática dá mais resultados do que qualquer outro, pois o povo é extremamente compassivo. Em outros lugares, algumas receitas públicas são destinadas a tal finalidade, ou cobra-se uma taxa individual para a manutenção do sistema. (p. 45)	Sono cibati commodamente del publico. Raccogliesi in alcuno luoco il loro vivere per elemosina, la quale per la pietà di quel popolo basta d'avantaggio a nodrirli; altrouoe si deputano a questi entrate del publico; in alcun luoco ognuno contribuisce a nodrire questi tali. (p. 33)	Infatti son mantenuti senza dure privazioni e a spese dello stato, visto che servono al pubblico; però dove in un modo, dove nell'altro. In qualche luogo si provvede loro dai proventi dell'elemosina, mezzo, questo, che, per quanto precario, pure, per essere il popolo compassionevole, non ce n'è uno più copioso; altrove vengono a tale scopo devolute entrate dello stato e ci son luoghi dove si paga a tal uso un tributo personale. (p. 33)
---	--	--	---	--

Quin aliquot in locis nullum publicum <u>opus</u> faciunt, sed ut priuatus quisque eget mercenariis, ita illorum cuiuspiam in eum diem <u>operam</u>, stata mercede conducit apud forum, paulo minoris quam quanti liberam fuerat conducturus; praeterea fas est seruilem ignauiam flagris corripere. Sic fit uti numquam <u>opere</u> careant; et praeter uictum aliquid quoque die ab singulis publico inferatur aerario. (p. 54)	Há lugares em que eles não são utilizados nas obras públicas, mas quando algum cidadão privado precisa contratar <u>trabalhadores</u>, e ter deles o serviço de um dia, alugamos no mercado por uma quantia estabelecida, por um preço um pouco menor do que se pagaria a um homem livre; sendo, porém, permitido corrigir a chicote sua preguiça. Assim, eles nunca faltam ao <u>trabalho</u>, pois, além da comida, todos os dias ainda recebem alguma paga do erário público. (p. 55)	Há ainda lugares nos quais, em vez de serem empregados nos serviços públicos, esses condenados destinam-se à prestação de serviços a particulares que deles necessitem. Para tanto, basta que o interessado se dirija à praça do mercado e os contrate por um dia, pagando-lhes um salário pouco mais baixo do que aquele que seria destinado a um homem livre. Sempre que eles se mostram indolentes em seu <u>trabalho</u>, o patrão tem plenos direitos de recorrer à chibata. Graças a esse sistema, nunca lhes falta <u>trabalho</u>, comem regularmente e ainda fazem uma contribuição diária para os cofres públicos. (p. 45)	E in alquanti luoghi non <u>lavorano</u> in opere publiche, ma ciascuno come gli fa <u>mestieri</u>, li conduce a <u>lavorare</u> a giornata, con mecede alquanto minore di quella che si dà ad uomo libero, ed è lecito castigare la dapocagine de i servi con battiture. (p. 33)	In altri luoghi poi non eseguiscano nessun <u>lavoro pubblico</u>, ma, quando un privato ha bisogno di operai, va a prenderne uno in piazza per quel dì a giornata, con salario fisso, un po' inferiore a quello che avrebbe pagato per un uomo libero, ed è lecito adoprare la sferza a punire l'infingardaggine dello schiavo. Con questo sistema non si dà mai il caso che manchino di <u>lavoro</u>, anzi, oltre a guadagnarsi il vitto, ognuno apporta qualcosa ogni giorno all'erario.(p. 33)
--	---	---	---	--

Ergo, dicente quodam e conuiuis, iam meo sermone bene prouisum esse furibus, atque a Cardinale etiam cautum de erronibus, restare nunc uti his praeterea consuleretur publicitus, quos ad egestatem morbus aut senectus impulisset, atque ad labores unde uiui possit, reddidisset impotes. Sine, inquit, me. Nam ego et hoc recte ut fiat uidero. (p.58)	Quando um dos convivas disse que meu discurso era a solução para o problema dos ladrões, e que a fala do cardeal cuidava da questão dos vadios, e que agora só restava pôr em consideração aqueles que vivem às expensas públicas, que são os levados pela miséria, pela doença e pela velhice, impossibilitados para os <u>trabalhos</u> com que se ganha a vida, disse o louco: ‘Permiti-me vós, e saberei o que de melhor fazer [...]’. (p. 59)	Pois bem, alguém deu-lhe uma deixa ao afirmar que eu e o cardeal já havíamos resolvido o problema dos ladrões e vagabundos, e que agora só faltava pensar nas medidas a serem tomadas com relação às pessoas que a velhice e a doença haviam reduzido à pobreza impedindo-as de <u>ganhar o próprio sustento</u>. “ ‘Pois desses me encarrego eu’, disse a tal criatura. Vou dizer-lhes exatamente o que é preciso fazer.” (p. 49)	Dicendo uno ch’io aveva acconciamente proveduto a i ladri, e il Cardinale a i mendichi, ma che restava di provedere a quei poveri che per infermità o vecchiaia sono impoveriti. (p. 35)	Costui dunque, avendo un convitato detto che col mio discorso si era omai provveduto egregiamente ai ladri, come pure dei vagabondi si era preoccupato il Cardinale, e non rimaneva dunque ora se non che lo stato pensasse a quanti dalle malattie e dalla vecchiaia erano gettati nell’indigenza, incapaci di procurarsi di che vivere col <u>lavoro</u>: “Lasciate fare a me, — soggiunse: — farò in modo che anche questa faccenda s’aggiusti. (p. 37)
Quippe semper alterum euenit, ut aut non libeat dare, aut ne liceat quidem, quando nihil est quod detur. Itaque nunc coeperunt sapere. Nam ne perdant <u>operam</u>, ubi me praeterire uident, praetermittunt taciti, ita nihil a me sperant amplius, non hercule magis quam si essem sacerdos. (p. 60)	Porque sempre acontece uma de duas coisas: ou não quero dar as esmolas, ou, quando quero, não tenho o que dar. Assim, agora eles começaram a saber, e não perdem mais seu <u>trabalho</u>, e, ao me verem passar, calados deixam-me ir, sem esperar de mim, por Hércules, nada mais do que se eu fosse um sacerdote. (p 61)	Nessas situações, o que se passa é o seguinte: ou não sinto a menor vontade de dar-lhes o que quer seja, ou resolvo dar-lhes uma esmola num momento em que nada tenho para dar. Com isso, aprenderam a não gastar seu fôlego comigo. Quando me vêem, simplesmente deixam-me passar sem as suas costumeiras impertinências, pois já sabem que o que podem esperar de mim é o mesmo que poderiam esperar de um padre. (pp. 49, 50)	Perciò quando passo non più mi ricercano di elemosina, non sperando da me cosa alcuna come s’io fusse sacerdote. (p. 35)	Delle due l’una mi succede sempre, o che non voglio dar nulla, quando ne ho, o non ho da dar nulla, quando vorrei. Ora perciò cominciano a metter giudizio: quando mi vedono passare, per non sprecare, nè più nè meno che se fossi un prete. (p. 37)

At ne sic quidem, inquit extricaberis a mendicis, nisi nobis quoque prospexeris fratribus. Atqui, inquit Parasitus, hoc iam curatum est. Nam Cardinalis egregie prospexit uobis cum statueret de coercendis, atque <u>opere</u> exercendis erronebus. Nam uos estis errone maximi. (p. 60)	Mas não vos livrareis dos pedintes’, disse ele, ‘a não ser que também vos livreis de nossos irmãos. ‘Isso já foi resolvido’, disse o bobo, ‘porque o cardeal o providenciou para vós, quando propôs que se prendessem os vadios e os obrigassem a <u>trabalhar</u>. Afinal, sois vós os maiores vadios. (p. 61)	“ ‘Ah, mas não conseguireis livrar-vos dos mendigos tão facilmente assim’, disse ele. ‘O que seria feito de nós, frades mendicantes?’ “ ‘Ora, mas isso já se acha perfeitamente resolvido’, respondeu o parasita. ‘Não foi o próprio cardeal quem acabou de estipular as mais sábias medidas para o controle e a proveitosa utilização de todos os vagabundos?’ (p. 50)	— Nè anco in tal guisa espedirai da mendichi, non provedendo a noi frati. — A questo è proveduto, — disse il buffone, — perché avendo proveduto il Cardinale a i mendichi vagabondi, a voi ancora è proveduto, che siete medesimamente vagabondi mendichi. (p. 35)	" Ma a questo modo, — intervenne il frate, — non ti sbrighi affatto dei mendicanti, se non provvedi prima anche a noi frati.” “ Ma vi è stato già pensato, — rispose il buffone. — Il Cardinale infatti ha provveduto egregiamente a voi altri, stabilendo che si metta un freno a tutti i vagabondi e siano messi a <u>lavorare</u>; giacchè voi altri siete i più gran vagabondi del mondo.” (p. 38)
Hic si ego rursus adsurgens contendam haec consilia omnia regi et inhonesta esse, et pernicioosa. Cuius non honor modo, sed securitas quoque in populi magis opibus sia sit quam suis. Quos si ostendam, regem sibi deligere sua causa, non regis, uidelicet uti eius <u>labore</u> ac studio ipsi commodè uiuant. Tutique ab iniuriis. Eoque magis ad principem eam pertinere curam, ut populo bene sit suo, quam semet pascere, quatenus opilio est. (p. 70)	“Então, se eu, erguendo-me outra vez, afirmasse que todos esses conselhos que davam ao reis eram desonestos e perniciosos, que não apenas a honra, mas também a segurança do príncipe se resguarda mais no povo que em seus exércitos; e se eu lhes demonstrasse que os homens escolhem o rei em proveito de si, e não do dele, e que, portanto, por seu <u>empenho e esforço</u>, eles devem viver comodamente, e que, por esse motivo, o príncipe deveria cuidar mais do bem-estar de seu povo do que de seu próprio, da mesma forma como um pastor,	" A esta altura, levanto-me novamente e digo que todos esses conselhos são desonrosos e prejudiciais ao rei, pois o seu prestígio e a sua segurança dependem menos de suas riquezas do que das de seus súditos. Em primeiro lugar, por que imaginais que eles vos fizeram rei?, ousou perguntar-lhe. Não para a vossa vantagem, mas para a deles. Esperam que dediqueis as vossas energias à criação de uma vida mais confortável e segura para todos. Portanto, o vosso <u>trabalho</u> consiste em cuidar para que eles estejam bem, e não em atuar em benefício próprio — assim como	Se io levandomi persuadesse che questi consigli sono al Re disonesti e perniciosi, il cui onore o sicurezza consiste più tosto ne le forze del popolo che ne le sue; e s'io mostrassi loro elegger el Re, acciochè con studio e <u>fattica</u> di quelli elli stiano commodamente e siano da ingiurie securi, perchè è officio di Principe portarsi verso i sudditi da pastore il quale pasce le pecore, non se stesso... (p. 41)	A questo punto io mi leverei a sostenere che tutti questi consigli sono per un re ignobili e dannosi. Non solo il suo onore, ma la sua sicurezza si fondano sul benessere del popolo più che sul suo proprio: i popoli si scelgono i re nel loro interesse, non per quello del re; vale a dire per poter essi, con le <u>fatiche</u> e con lo zelo di lui, vivere agevolmente, sicuri da offese. Perciò tanto più che della propria tocca al principe occuparsi della salute pubblica, non diversamente da un pastore, il cui dovere è, in quanto pecoraio, di mantenere le pecore più che se stesso... (p. 50)

	que antes alimenta a grei, e só depois a si? (p. 71)	compete ao pastor alimentar o seu rebanho, esquecendo-se, se necessário, de prover o seu próprio sustento. (p. 64)		
At neque insuetuset insolens sermo inculcandus, quem scias apud diuersa persuasos pondus non habiturum, sed obliquo ductu conandum est, atque adnitendum tibi, uti pro tua uirili omnia tractes commode. (pp. 75,76)	Não se deve inculcar um discurso inusual e insólito, quando sabes que o que disseres não terá peso junto àqueles que são diferentes de ti; mas deves tentá-lo por falas indiretas e te esforçares em todas as tuas coisas, com energia e sobretudo com tato. (pp.76,77)	Por outro lado, de nada adianta tentar transmitir à força ideias inteiramente novas para pessoas que não lhes darão importância, uma vez que se acham firmemente convencidas do contrário. É preciso fazer um <u>trabalho</u> indireto: esforçar-se para lidar com tudo com o máximo de tato [...] (p. 69)	Non se debbe ancora replicare un parlare insolito, sapendo come non fia ricevuto ne gli animi che sono del contrario persuasi; ma bisogna andare per lungo circuito e sforzati di condurre a buon porto quello che si tratta. Nè puotendo ridurre le cose a bene, studiano almeno che siano men cattive, perchè non possono essere le cose a tutto buone, se non sono tutti buoni; e questo io non aspetto fin... a molti anni. (p. 43)	E d'altra parte, nemmeno introdurre a forza discorsi insoliti e stravaganti, che si sa non avranno alcun peso presso chi ha idee opposte; ma per vie oblique bisogna adoprarsi in ogni modo a condurre le cose, per quanto uno sa e può, acconciamente, in modo da render quanto meno dannoso sia possibile ciò che non si può cangiare in bene. (p. 54)

Siquidem facile praeuidit homo prudentissimus, unam atque unicam illam esse uiam ad salutem publicam, si rerum indicatur aequalitas, quae nescio an umquam possit obseruari, ubi sua sunt singulorum propria. Nam cum certis titulis, quisque quantum potest, ad se conuertit, quantacumque fuerit rerum copia, eam omnem pauci inter se partiti, reliquis relinquunt inopiam, fereque accidit, ut alteri sint alterorum sorte dignissimi, cum illi sint rapaces, improbi atque inutiles, contra hi modesti uiri, ac simplices et cotidiana <u>industria</u>, in publicum quam in semet benigniores. (p. 80)	De fato, o mais sábio dos homens fácil previu um único e exclusivo caminho para o bem-estar da todos — a igualdade das coisas, que eu não sei se pode ser atingida quando os bens pertencem a particulares. Pois, quando a um título ou outro, cada um pega para si o quanto pode, qualquer que seja a quantidade das coisas, de modo que uns poucos dividem todos os bens entre si, e os restantes cidadãos são deixados na miséria, de modo que uns merecem o lote dos outros, uma vez que os ricos são avaros, desonestos e inúteis, no cotidiano <u>trabalho</u>, ao público do que a si próprios. (pp. 79, 81)	Para um intelecto tão poderoso quanto o seu, era por demais evidente que uma das principais condições para o bem-estar público era a igual distribuição dos bens, o que, imagino, jamais será alcançado nos países onde a usura e a ganância reinam absolutas. Pois, quando todos têm o direito de obter para si, de qualquer modo que seja, o máximo que desejam, toda a propriedade disponível, por mais vasta que seja, estará condenada a ficar nas mãos de uma escassa minoria, o que significa que todos os demais viverão na pobreza. Como resultado ter-se-ão duas espécies de pessoas, cuja sorte deveria ser a inversa: os ricos transformam-se em pessoas gananciosas, sem escrúpulos e totalmente inúteis, ao passo que os pobres são simples e modestos, e o seu <u>trabalho</u> cotidiano rende muito mais benefícios à comunidade do que a eles próprios. (pp. 73,74)	Previde quell’uomo prudentissimo quella esser unica e sola via a la salute: che si faccia una ugualità de i beni esterni, la quale come si può conservare, ove ciascuno ha di proprio, perché traendo ciascuno a sè quanto può, dividendo tra pochi ogni gran tesoro e lasciando a gli altri la povertà, avviene che una parte sia de l’altra più degna, la quale però è rapace, malvagia e inutile e opprime gli uomini modesti e semplici, i quai con <u>industria</u> cotidiana sono più benigni verso la repubblica che verso loro stessi. (p. 46)	Era facile antivedere a quell’uomo sapientissimo che la sola ed unica via alla salvezza dello stato è d’imporre l’uguaglianza, la quale non so se possa mai mantenersi dove le cose sono proprietà privata dei singoli. Ciascuno infatti, sotto determinati titoli, fa sue quante più cose può e, per quanto grande sia il numero dei beni, pochi son quelli che se li dividono tutti fra loro, lasciando agli altri la miseria. E in generale avviene che ricchi e poveri dovrebbero scambiare la propria sorte fra di loro, poichè i primi sono rapaci, malvagi e disutilacci, mentre i secondi al contrario son uomini di moderazione e di cuor semplice, e con la loro <u>attività</u> quotidiana si dimostrano più benefici allo stato che a se stessi. (p. 58)
--	--	---	---	---

At mihi inquam contra uidetur, ibi nunquam commodè uiui posse, ubi omnia sint communia. Nam quo pacto suppetat copia rerum, unoquoque ab <u>labore</u> subducente se! Vtpote quem neque sui quaestus urget ratio, et alienae <u>industria</u> et fiducia redditù segnem. At cum et stimulentur inopia, neque quod quisquam fuerit nactus, id pro suo tueri ulla possit lege, an non necesse est perpetua caede ac seditione <u>laboretur</u>! Sublata praesertim authoritate ac reuerentia magistratuum, cui quis esse locus possit, apud homines tales, quos inter nullum discrimen est, ne comminisci quidem queo. (p. 82)	“Contudo, para mim”, disse-lhe eu, “parece-me diferente. Nunca se poderá viver bem onde as coisas são comunitárias. Como pode haver fartura quando cada homem se furta ao <u>trabalho</u>? O motivo do ganho não estimula ninguém, e a confiança no <u>trabalho</u> alheio produz preguiçosos. E, quando alguém for estimulado pela miséria e nenhuma lei puder proteger aquilo que ele conseguiu, não faltarão matanças e sedições, principalmente quando são retirados o prestígio e a autoridade dos magistrados — e não posso conceber que exista um lugar de autoridade entre os homens que sejam iguais em todos os aspectos.” (pp. 82,83)	“Não concordo”, respondi. “Não acredito que se chegasse jamais a um padrão de vida razoável sob um sistema de comunidade de bens. Haveria sempre a ameaça de escassez, pois nem todos se predisporiam a <u>trabalhar</u> o suficiente. Sem a perspectiva de lucros, todos se tornariam preguiçosos e transfeririam aos demais o <u>trabalho</u> que caberia a eles realizar. Depois, quando a escassez se tornasse insuportável, teríamos como consequência inevitável toda uma sucessão de distúrbios e assassinatos, uma vez que ninguém teria como proteger o produto de seu próprio <u>trabalho</u> — principalmente tendo-se em vista que não haveria respeito algum pela autoridade, o que, numa sociedade em que os homens de nenhum modo se distinguem uns dos outros, parece-me coisa difícil de existir. (pp. 75,76)	— A me, —diss’io, — pare il contrario, che non si possa viver commodamente, ove sono tutte le cose communi. Come averanno tutti a bastanza i bisogni loro, quando ciascuno si ritratta da la fatica non essendo da la necessità astretto e il fidarsi de l’altrui <u>industria</u> fa l’uomo negligente. Ma essendo gli uomini da la povertà astretti, nè potendo tenere per suo ciò che guadagna con <u>industria</u> e sudori, non seguono di necessità uccisioni e sedizioni tra loro, levate via specialmente l’autorità del magistrato, la quale non può aver luoco apo tali uomini che non sono in cosa alcuna differenti? (p. 47)	— Ma io, — risposi, — son del parere opposto, che è impossibile viver bene dove tutto sia in comune. In che modo infatti ci sarebbe abbondanza di tutto, se ognuno si sottrae al <u>lavoro</u>? Non è di sprone infatti il pensiero del proprio guadagno. Ognuno sa di poter contare sul <u>lavoro</u> altrui e ciò lo rende infingardo. Ma poi, quando si fosse incalzati dalla miseria, quando quel poco che si è ottenuto non lo si può conservare come proprio con nessuna legge, non si cade di necessità in sconvolgimento e uccisioni senza fine? Soprattutto quando ai magistrati si è tolta ogni autorità, ogni rispetto... Ma qual posto possono fare a tali sentimenti uomini che non riescono alcuna differenza fra loro? Io per me non saprei nemmeno immaginarlo. (p. 59)
---	---	---	---	--

Quod at uetustatem, inquit ille, rerum attinet publicarum, tum pronunciare posses rectius, si historias illius orbis perlegisses, quibus si fides haberi debet, prius apud eos erant urbes, quam homines apud nos. Iam uero quicquid hactenus uel ingenium inuenit, uel casus repperit, hoc utrobique potuit extitisse. Ceterum ego certe puto, ut illis praestemus ingenio, studio tamen atque <u>industria</u> longe a tergo relinquimur. (p. 82)	“Quanto à vetustez das instituições públicas”, disse Rafael, “poderias mais corretamente discorrer sobre o tema se tivesses lido as histórias daquele país, pois, se se pode nelas crer, já havia entre eles cidades muito antes do que entre nós houvesse homens. Quanto ao que até agora inventou o engenho humano, ou achou por acaso, pode existir tanto aqui quanto lá. Na verdade, creio que até possamos ser superiores a eles em inteligência, mas em estudo e <u>trabalho</u> somos deixados muito atrás. (p. 83)	“Quanto à antiguidade da civilização utopiana”, disse Rafael, “estariais mais qualificado a julgá-la se tivésseis lido os livros de história daquela região do mundo. Se o que ali se lê for verdadeiro, já existiam cidades no Novo Mundo muito antes de a própria vida humana ter surgido no Velho. Quanto ao que dizeis sobre inteligência e descobertas fortuitas, também não há motivos para pensar que disso detenhamos algum monopólio. Podemos, ou não, ser mais inteligentes do que eles, mas estou plenamente convencido de que em muito eles nos ultrapassam em capacidade de concentração e dedicação ao <u>trabalho</u>.” (pp. 76,77)	— Cerca l’antichità, — rispose Raffaello, — diresti altrimenti, quando aresti letto le istorie loro de le cose publiche, a le quai, se dobbiamo dar fede, furono prima le città apo loro che apo noi uomini, e ha potuto esser così qua, come Là ogni cosa a caso o per ingegno truovata. E per mio avviso ancora che fussimo più acuti d’ingegno che quelli, certamente per studiosa <u>industria</u> gli siamo di gran lunga inferiori [...] (pp. 47,48)	— Per quel che riguarda l’antichità di quegli stati, — rispose, — vi potreste pronunciare con più esattezza, se aveste esaminato le loro storie; alle quali bisogna prestar fede, ci furono prima città presso di loro che uomini presso di noi. E ciò che sinora o il genio ha trovato o il caso fatto scoprire, può trovarsi sia lì che qui. Sono però convinto che, come noi li superiamo in ingegno, così siamo da essi lasciati molto indietro per ardore e <u>attività</u>. (p. 60)
--	---	---	---	--

** Nota de rodapé nas páginas 81,82:

Este é o primeiro de vários trechos de Utopia que exaltam a dignidade do trabalho. Franke Fritzie Manuel observam que “a reabilitação, por parte de More, da idéia de trabalho físico, foi um marco na história do pensamento utópico, e foi incorporada por todos os sistemas socialistas (Utopian Thought in the Western World, p. 127). As fontes principais dessa atitude são cristãs; as ordens monásticas, em particular, constituem um paradigma de uma sociedade em que todos são trabalhadores. O monasticismo é a única instituição européia que se diz ser admirada pelos utopianos (pp.178-9). Na teoria e na prática política clássicas, em contraposição, o trabalho manual era normalmente atribuído aos membros das castas inferiores (inclusive, e de modo especial, os escravos) e às mulheres. (pp. 81,82)

UTOPIA SEGUNDO LIVRO

TEXTO em LATIM	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS	TRADUÇÃO para o ITALIANO	TRADUÇÃO para o ITALIANO
AUTÊNTICA	AUTÊNTICA	MARTINS FONTES	ORTENSIO LANDO	TOMMASO FIORE
1516	2017	2009	1548	1942
Ab altera parte non infrequentes portus. At ubique descensus in terram ita natura, munitus, aut <u>arte</u> , ut ingentes copiae paucis inde queant propugnatoribus arceri. (p. 86)	No outro lado da ilha também são comuns os portos; mas, por toda parte, o acesso à terra é tão protegido pela natureza ou pelo <u>trabalho</u> humano, que tropas pouco numerosas são bastantes para afastar os invasores. (p. 87)	Também existem são poucos portos do outro lado da ilha, mas são todos tão reforçados, natural ou artificialmente, que basta um pequeno grupo de homens para impedir o desembarque até mesmo de uma grande força armada. (pp.80,81)	Da l'altra parte à un porto assai frequentato e dove si scende, fortificato da la natura e con <u>arte</u> in tal guisa che pochi uomini lo possono difendere da copioso esercito. (p. 51)	Dall'altro lato dell'isola i porti non sono rari, ma in nessun luogo si trovano appodi non rafforzati da natura o da <u>arte</u> , in guisa che un pugno di difensori basterebbe a tener lontane imense forze. (p. 66)
Cumque ad id <u>operis</u> non incolas modo coegisset - ne contumeliae loco <u>laborem</u> ducerent - sed suos praeterea milites omnes adiungeret, in tantam hominum multi tudinem <u>opere</u> distributo incredibili celeritate res perfecta, finitimos - qui initio uanitatem incoepti riserant - admiratione successus ac terrore perculerit. (p. 88)	Como para essa <u>obra</u> Utopo não obrigou apenas os habitantes da ilha, para não esses acharem que o <u>trabalho</u> fosse uma humilhação, mas como também, além desses, todos os seus soldados, com tão grande multidão de homens na distribuição da <u>tarefa</u> , a <u>obra</u> foi concluída com inacreditável celeridade, e seu sucesso encheu de admiração e medo os povos vizinhos, que, no início, haviam rido da impossibilidade da <u>empresa</u> . (pp. 87,89)	Temendo que os habitantes se ressentissem por terem de fazer sozinhos todo o <u>trabalho</u> , Utopos determinou que todos os seus soldados ajudassem na construção da <u>obra</u> *. Graças a essa colossal força de <u>trabalho</u> , foi possível concluir a <u>iniciativa</u> com uma rapidez inacreditável; os povos vizinhos, que de início haviam zombado da idéia, encheram-se de medo e surpresa. (pp. 81,82) **	E avendo astretto a tal' <u>opera</u> non solamente gli uomini de l'Isola, ma i soldati suoi ancora, con tanto numero de uomini in brevissimo tempo fornì tale <u>impresa</u> , lasciando stupiti i vicini popoli, i quai di questo prima ridevano. (p. 51)	Alla quale <u>opera</u> non solo costrinse quelli del luogo, ma vi aggiunse anche tutti i propri soldati, affinché i primi non se l'avessero a offesa, e con l'assegnare i <u>lavori</u> fra tanta gente ottenne che l' <u>impresa</u> fosse compiuta con straordinaria rapidità e che i vicini, i quali da principio ne ridevano come di cosa pazzesca, fossero colpiti insieme da stupore e terrore. (p. 66)

Nulli urbi cupido promouendorum finium. Quippe quos habent <u>agricolas</u> magis eorum se, quam dominos putant. (p. 88)	Nenhuma cidade deseja alargar suas fronteiras, porque os cidadãos se consideram mais como <u>agricultores</u> do que como proprietários de terra. (p. 89)	Nenhuma cidade tem a menor intenção de ampliar seus limites territoriais, pois o solo é visto como terra a ser cultivada, e não como propriedade. (p. 83)	Niuna città brama di ampliare i suoi confini, riputandosi più tosto <u>lavoratori</u> de i campi che tengono, che patroni. (p. 51)	[...] nessuna desidera accrescere il proprio territorio, perché essi, di quel che possegono, si considerano <u>coltivatori</u> piuttosto che padroni. (p. 67)
Nulla familia <u>rustica</u> in uiris mulieribusque pauciores habet, quam quadraginta praeter duos ascriptitios seruos, quibus pater materque familias graues ac maturi praeficiuntur, et singulis tricenis familiis phylarchus unus. E quaque familia uiginti quotannis in urbem remigrant, hi qui biennium ruri compleuere. In horum locum totidem recentes ex urbe subrogantur, ut ab his quiannum ibi fuere. Atque ideo rusticarum peritiores rerum, instituantur, alios anno sequente docturi, ne si pariter omnes ibi noui, <u>agricolationisque</u> rudes essent, aliquid in annona per imperitiam peccaretur. Is innouandorum <u>agricolarum</u> mos, et si solemnis sit, ne quisquam inuitus asperiores uitam cogatur continuare diutius, multi tamen quos <u>rusticae</u> rei stunatura delectat, plures sibi annos impetrant. (p. 88)	Nenhuma família <u>agrícola</u> tem menos de quarenta pessoas, entre homens e mulheres, além de dois escravos rurais, e são chefiadas por um pai e por uma mãe, sérios e prudentes. Cada família tem um filarco. Vinte pessoas dessas retornam, a cada ano, para a cidade, após completarem o biênio no campo. No lugar deles, o mesmo número de novos <u>agricultores</u> é enviado da cidade para aprenderem com aqueles que ali já estão há um ano. Por sua vez, no ano seguinte, mais experimentados na lida rural, serão eles que ensinarão aos outros, a fim de que não faltem viveres, por serem todos ao mesmo tempo inexperientes no <u>trabalho</u> agrícola. Embora seja habitual esse costume de renovação dos agricultores, estabelecido para que ninguém seja obrigado a permanecer por longo tempo, contra a vontade, na rude vida do campo, muitos utopienses, por natureza, gostam do <u>trabalho</u> e obtêm a permissão de nele permanecerem por mais anos. (p. 89)	Cada uma das casas pode abrigar um mínimo de quarenta adultos, mais dois escravos presos à terra, todos sob a supervisão de um casal idoso e confiável que, por sua vez, deve satisfações a um filarca, responsável por trinta de cada uma dessas casas. Todos os anos, vinte pessoas de cada casa voltam para a cidade depois de cumpridos dois anos de <u>trabalhos</u> no campo, sendo imediatamente substituídas por outras vinte. Os que chegam aprendem a <u>trabalhar</u> a terra com os que ali já se encontram há um ano, e que, portanto, conhecem melhor a agricultura. [...] Dois anos é o período normal para o <u>trabalho</u> na terra, de tal modo que ninguém é obrigado a dedicar-se a ele por muito tempo; contudo, aos que apreciam a vida no campo — e são muitos — concede-se uma permissão especial para ali viverem por quanto tempo quiserem. (pp. 83, 84)	Niuna famiglia <u>rusticana</u> ha meno di quaranta persone, eccetto due villani. A questi è preposto un padre e una madre di famiglia per età e costumi ragguardevoli, e ad ogni trenta famiglie dassi un capo. Tornano ne le città ogni anno vinti di ciascuna famiglia, i quai sono stati in villa due anni. In luogo di questi vengono altri vinti da la città, perchè siano ne le opere vilesche ammaestrate da quei che per esservi stati un anno sono di tali opere più esperti e che l'anno vegnente ammaestrino gli altri a fine che non si trovino tutti del <u>lavorare</u> i campi ignoranti, laonde nel raccogliere la vettovaglia commettessimo errore. Benchè questa foggia di rinnovare gli <u>agricoltori</u> sia solenne, acciochè fusse astretto di continuare la vita <u>rusticana</u> più lungamente, nondimeno molti delettandosi de l' <u>agricoltura</u> , impetravano di starvi più anni. (p. 52)	La famiglia <u>agrícola</u> non è fatta di meno di 40 persone, tra uomini e donne, oltre a due servi della gleba, e a capo vi son messi padri e madri di famiglia gravi e attempati; a ogni 30 famiglie poi è preposto un filarco. Da ogni famiglia ogni anno tornano in città 20 di essa, quelli cioè che han finito due anni in campagna, e al loro posto sottentra dalla città un ugual numero di nuovi venuti, per esservi ammaestrati da quelli che vi son rimasti già un anno e perciò son più esperti di <u>lavori agricoli</u> ; [...] se tutti sono ugualmente novizi e ignari di <u>agricoltura</u> , della loro inesperienza non ne risenta il raccolto. Ma sebbene ci sia questa pratica di rinnovare i <u>lavoratori</u> di campagna anno per anno, perchè nessuno sia costretto contro voglia a continuare più a lungo un vita troppo aspra, tuttavia molti, che son presi naturalmente da passione per tutto ciò che è <u>campagna</u> , ottengono di restarvi più di un anno. (p. 68)

Equos alunt perquam paucos, nec nisi ferocientes, neque alium in usum quam exercendae rebus equestribus iuventuti. Nam omnem, seu colendi, seu uehendi <u>laborem</u>, boues obeunt, quos — ut fatentur — equis impetu cedere, sic patientia uincere, nec tot obnoxios morbis putant, ad haec minore impendio, et <u>operae</u>, et sumptus ali, ac denique laboribus emeritis, in cibum tandem usui esse. (p. 90)	Os utopienses criam poucos cavalos, e somente os mais indomáveis, que não têm outro uso do que exercitar a juventude na equitação. Porque todo <u>trabalho</u>, seja no arado, seja na tração das carroças, eles entregam aos bois que, como confessam, perdem dos cavalos em ímpeto, mas ganham em paciência; além disso, os utopienses creem que os bois são menos sujeitos a doenças, custam menos para serem mantidos e alimentados, e, quando aposentados, ainda servem de alimento. (p. 91)	Quase não criam cavalos, e os poucos que têm são cheios de brio, já que servem exclusivamente para que os jovens se exercitem na equitação. O <u>trabalho</u> de cultura e tração é feito por bois. Apesar de mais lentos que os cavalos, os utopianos dizem que são mais dóceis e resistentes e menos sujeitos a doenças. Também é mais fácil e menos dispendioso alimentá-los, e, quando já não mais servem para <u>trabalhar</u>, têm ainda a sua carne a oferecer. (pp. 84,85)	Nodriscono pochi cavalli e feroci, de i quali si servono solamente per le imprese che si fanno a cavallo, perchè ogni <u>fatica</u> di coltivare e condurre le cose loro fanno con <u>opera</u> de i buoi, i quai benchè siano più lenti che i cavalli, tuttavia sono a la <u>fatica</u> più pazienti e meno soggetti a le infermità, oltre che sono di minor spesa e, quando più non vagliano a la <u>fatica</u>, si possono mangiare. (pp. 52,53)	Cavalli invece ne allevano ben pochi e più focosi del solito, non per altro che per esercitare la gioventù a cavalcare. Infatti tutte le <u>fatiche</u> della coltivazione o dei trasporti le sopportano i buoi, che dicono essi, se la cedono ai cavalli in vivacità, tuttavia li vincono in resistenza e non sono esposti, si crede, a tante malattie, poi si mantengono con minor consumo di <u>lavoro</u> e di spesa di inoltre, quando non posson più <u>lavorare</u>, servono al fine di cibo. (p. 68)
---	--	---	--	---

Quibuscumque rebus <u>opus</u> est, quae res ruri non habentur, eam suppellectilem omnem ab urbe petunt, et sine ulla rerum commutatione, a magistratibus urbanis nullo negotio consequuntur. Nam illo singulo quoque mense, plerique ad festum diem conueniunt. Cum frumentandi dies instat, magistratibus urbanis <u>agricolarum</u> phylarchi denunciant, quantum ciuium numerum ad se mitti conueniat, quae multitudo frumentatorum, cum ad ipsum diem opportune adsit, uno prope sereno die tota frumentatione defunguntur. (p. 90)	Todo utensílio de que precisam, e que não é encontrado no campo, eles vão buscar na cidade, e, sem nenhuma contrapartida nem obstáculo, recebem-no dos magistrados urbanos. Todos os meses, a maior parte dos utopienses se reúne em um dia de festa. Quando chega o dia das colheitas, os filarcos dos <u>agricultores</u> informam aos magistrados das cidades o número de cidadãos que lhes deve ser enviado, e a multidão de <u>trabalhadores</u> chega no dia avençado. Estando o tempo bom, eles terminam a colheita em um único dia. (p. 91)	Qualquer implemento que não exista no campo será buscado na cidade, para onde o interessado se dirige num feriado mensal em que os <u>trabalhadores</u> rurais afluem em massa para os seus locais de origem. Não é preciso pagar pelo implemento desejado; a um simples pedido, este será entregue por um funcionário. Um pouco antes das colheitas, o filarca notifica as autoridades urbanas da quantidade de mão-de-obra necessária. Todos se apresentam pontualmente no mesmo dia, e, se o tempo estiver bom, o <u>trabalho</u> é concluído em cerca de vinte e quatro horas. (p. 85)	Ogni strumento richiesto a l'agricoltura si piglia de la città da i magistrati, senza costo alcuno; e molti concorrono ogni mese in la città a le feste solenni. Quanto è tempo di tagliar il formento, i preposti de i <u>lavoratori</u> avisono i magistrati quanto numero de cittadini si debba mandare, e concorrendosi tutti a tempo in un giorno sereno quasi tagliano tutto il formento. (p. 53)	Per quel che poi sia loro necessario e che non si trova in campagna, vanno a prendere ogni arnese dalla città e senza permuta l'ottengono facilmente dalle autorità cittadine; ogni mese infatti si radunano ivi in gran numero a celebrarvi una festa. Quando si appressa il giorno di mietere, i filarchi degli <u>agricoltori</u> indicano alle autorità qual numero di cittadini devono mandar loro, e tali gruppi di mietitori, arrivando sul posto al momento giusto, con una sola giornata di sereno hanno bell'e tagliato quasi tutto il raccolto. (p. 69)
---	--	---	--	---

DE ARTIFICIIS	SOBRE OS OFÍCIOS	SUAS OCUPAÇÕES	DE GLI ARTEFICI	ARTI E MESTIERE
<u>Ars</u> una est omnibus uiris, mulieribusque promiscua <u>agricultura</u>, cuius nemo est experts. Hac a pueritia erudiuntur omnes, partim in schola traditis praeceptis, partim in agros uiciniores urbi, quasi per ludum educti, non intuentes modo, sed per exercitandi corporis occasionem tractantes etiam. (p. 98)	O único <u>ofício</u> que é praticado por todos, homens e mulheres, e no qual todos são peritos é a <u>agricultura</u>. Desde a infância, todos são nela instruídos, em parte na escola, pela transmissão dos conhecimentos, e em parte nos campos próximos à cidade, para onde são levados como que em recreação, não apenas para observarem, mas também para <u>trabalharem</u>, exercitando o corpo. (p. 99)	A <u>agricultura</u> é um <u>trabalho</u> do qual nenhuma pessoa está isenta, seja homem ou mulher**. Faz parte da educação de todas as crianças, que adquirem noções gerais nas escolas e depois vão pô-las em prática em excursões pelos campos vizinhos, que são organizadas como uma espécie de jogo; ali, não apenas observam o <u>trabalho</u> dos camponeses, mas também já participam do plantio e da colheita. (p. 93) **NOTA DE RODAPÉ: Em Utopia, a agricultura tem a mesma importância que tinha na Europa do século XVI, onde a grande maioria da população precisava trabalhar para prover a própria subsistência. Tal trabalho era, em grande parte, pesado, monótono e sem atrativos — e, como tal, precisava ser repartido com muito cuidado numa sociedade igualitária. (p.93)	L' <u>Agricoltura</u> è commune <u>arte</u> a maschi e femine e niuno è di quella inesperto. Tutti da la fanciullezza l'imparano, parte in scola, ove se ne danno i precetti, parte ne i campi a la città più vicini, ove sono condotti quasi a giuocare, accio chè non solamente veggano l' <u>arte</u>, ma piglino occasione di esercitare il corpo. (p. 57)	C'è un' <u>occupazione</u> comune a tutti indistintamente, uomini e donne, l' <u>agricoltura</u>, e nessuno n'è eccettuato. In questa sono ammaestrati tutti dalla fanciullezza, un po' imparandone le regole a scuola, un po' condotti come per isvago nelle campagne più vicine alle città, dove non stanno a guardare soltanto, ma vi metton mano, ad ogni occasione di esercitare i muscoli. (p. 74)

Praeter agriculturam — quae est omnibus, ut dixi, communis — quilibet unam quamquam suam docetur, ea est fere aut lanificium, aut operandi lini studium, aut cementariorum, aut fabri, seu ferrarii, seu materiarii artificium. Neque enim aliud est <u>opificium</u> ullum, quod numerum aliquem, dictu dignum <u>occupet</u> illic. (p. 98)	Além da agricultura, que, como eu disse, é uma <u>atividade</u> comum a todos os utopienses, cada cidadão aprende outro <u>ofício</u>, que será o seu, e que é normalmente a tecelagem de lã ou de linho, ou o <u>trabalho</u> de pedreiro, de ferreiro ou de carpinteiro. Não há nenhum outro <u>ofício</u> cujo número seja digno de nota. (p. 99)	Além da agricultura, que é, como digo, um <u>dever</u> ao qual ninguém foge, todo cidadão é iniciado num determinado <u>ofício</u>. Uns aprendem a tecer a lã ou o linho, outros se tornam pedreiros, ferreiros ou carpinteiros. São essas as únicas <u>profissões</u> que empregam um número razoável de mão-de-obra**. (p. 93) ** NOTA DE RODAPÉ: É de pensar que muitas pessoas teriam de dedicar-se também, por exemplo, ao trabalho em cerâmica, à selaria, à feitura de pão e de livros, ou à mineração e à marinha mercante. Provavelmente, todos os profissionais — os médicos, por exemplo — viriam da casta dos sábios. (p. 93)	Oltre l'agricoltura, a tutti (come dicemo) commune, ciascuno impara un' <u>arte</u> o a <u>lavorare</u> di lana o di lino perchè non è apo loro altro <u>arteficio</u> nel quale si occupino molte persone. (p. 57)	Ma oltre all'agricoltura che, come ho detto, è comune a tutti, ognuno apprende un <u>mestiere</u>, un' <u>arte</u> qualsiasi, come sua particolare: in genere o la <u>lavorazione</u> della lana, o si occupano a tessere il lino, o l' <u>arte</u> di muratore, di fabbro, di falegname; non vi sono li altri <u>lavori</u> che occupino un numero di uomini notevole. (p. 74)
--	---	---	--	--

Sed ex aliis illis artibus unusquisque aliquam discit, nec uiri modo, sed mulieres etiam. Ceterum hae uelut imbecilliores, leuiora tractant. Lanam fere, linumque operantur. Viris <u>artes</u> reliquae magis <u>laboriosae</u> mandantur, maxima ex parte quisque in patriis artibus educatur. Nam eo plerique natura feruntur. Quod si quem animus alio trahat, in eius <u>opificii</u>, cuius capitur studio, familiam quampiam adoptione traducitur, cura non a patre modo eius, sed magistratibus etiam praestita, ut graui, atque honesto patrifamilias mancipetur. Quin si quis unam perdoctus <u>artem</u>, aliam praeterea cupiuerit, eodem modo permittitur. Vtramque nactus, utram uelit exercet, nisi alterutra ciuitas magis egeat. (p. 98)	Mas todos aprendem um daqueles <u>ofícios</u>, não só os homens, mas também as mulheres. Essas, por serem mais frágeis, cuidam de <u>tarefas</u> mais leves, como a tecelagem da lã e do linho. Os demais <u>ofícios</u>, por serem mais <u>trabalhosos</u>, são reservados aos homens. Na maior parte dos casos, cada um é instruído no <u>ofício</u> paterno. De fato, a maioria dos utopienses é conduzida pela natureza. Mas, se o ânimo leva alguém em direção a outro <u>ofício</u>, este é enviado para outra família, que exerça tal <u>profissão</u>, e não só o pai, mas também o chefe dos magistrados zelam para que seja ao pai de família decente e honesto. Ademais, se alguém já é douto em uma <u>profissão</u>, e ainda desejar ser em outra, do mesmo modo lhe é permitido. Tendo os dois <u>ofícios</u>, escolherá o que lhe aprouver, a não ser que a cidade necessite mais de um do que do outro. (p. 99)	Portanto, todos aprendem uma das <u>profissões</u> que mencionei, e, ao dizer todos, refiro-me tanto às mulheres quanto aos homens; a estes cabem os <u>trabalhos</u> mais pesados, enquanto as mulheres, devido à sua natureza mais frágil, se encarregam da tecelagem da lã e do linho. Em sua maior parte, as crianças são iniciadas na <u>profissão</u> de seus pais, já que desenvolvem uma predisposição natural para ela. Contudo, se alguma criança demonstrar mais aptidão por outro <u>ofício</u>, será adotada por uma família cujos membros o exercem. Tanto o pai quanto as autoridades locais tomarão o cuidado de enviá-la para uma família decente e respeitável. Quando alguém já tem uma <u>profissão</u>, mas deseja aprender outra, nada o impede de fazê-lo; quem tem duas <u>profissões</u> pode exercer a que melhor lhe aprouver, a menos que uma delas seja imprescindível à cidade. (p. 94)	E ogn'uomo impara alcune di quelle <u>arti</u>, non solo i maschi, ma le femine ancora, le quai perchè son men robuste, si danno a la lana e al lino, lasciando a i maschi le <u>arti</u> faticose. La maggior parte impara l'<u>arte</u> del padre; tuttavia s'alcuno ad altra <u>arte</u> s'inchina, egli impara l'<u>arte</u> de la famiglia ne la quale viene adottato, il che si fa per opera del magistrato insieme col padre di quella. Se uno imparata un'<u>arte</u>, brama d'impararne un'altra, parimente se gli concede; e poi esercita qual più gli agrada, se la città non ha più bisogno di una che de l'altra. (p. 57)	Ma delle altre <u>arti</u> anzidette ognuno ne apprende qualcuna, e non solo gli uomini, ma anche le donne: queste del resto, come più deboli, fanno cose più leggere, <u>lavorano</u> in genere la lana e il lino; agli uomini sono affidati gli altri <u>mestieri</u> più pesanti. Nella maggior parte dei casi ognuno è educato nell'<u>arte</u> paterna, cui i più sono naturalmente inclinati; ma se qualcuno per temperamento è portato ad altro, passa per adozione in una famiglia che fa il <u>mestiere</u> per cui egli ha passione, e non solo il padre, ma anche i magistrati s'adoprono acciocchè entri a servizio di un padre di famiglia serio e galantuomo. Anzi, se qualcuno, già padrone di un <u>mestiere</u>, ne vuole apprendere in seguito un altro, gli è concesso allo stesso modo: quando avrà conseguito l'uno e l'altro, eserciterà quello che più gli piace, a meno che la città non abbia bisogno di uno dei due. (p. 75)
--	--	--	---	---

Syphograntorum, praecipuum ac prope unicum negotium est, curare, ac prospicere, ne quisquam desideat otiosus. Sed uti suae quisque arti sedulo incumbat, nec ab summo mane tamen, ad multam usque noctem perpetuo labore, uelut iumenta, fatigatus. Nam ea plusquam seruilis erumna est, quae tamen ubique fere opificum uita est, exceptis Vtopiensibus, qui cum in horas uiginti quattuor aequales, diem connumerata nocte diuidant, sex dumtaxat operi deputant, tres ante meridiem, a quibus prandium ineunt, atque a prandio duas pomeridianas horas, cum interquieuerint, tres deinde rursus labori datas, cena claudunt. Cum primam horam ab meridie numerent, sub octauam cubitum eunt. Horas octo somnus uindicat. (pp. 98,100)	A função principal, e quase única, dos sifograntes é a de zelar e vigiar para que ninguém fique ocioso. Mas, para que cada um diligentemente se incumba de seu <u>ofício</u>, ninguém deve se fatigar, como um jumento, em um ininterrupto <u>trabalho</u>, desde a madrugada até altas horas da noite. Na verdade, essa seria uma fadiga maior do que a dos escravos, embora essa seja a vida de quase todos os <u>trabalhadores</u>, exceto a dos utopienses, que dividem em vinte e quatro horas iguais seu dia, incluindo aí a noite, e separam apenas seis horas para o <u>trabalho</u> — três horas antes do meio dia, quando almoçam, duas horas de descanso, e então mais três horas de <u>trabalho</u>, que se encerra com o jantar. Como começam a contar a primeira hora depois do meio-dia, às oito horas recolhem-se ao quarto, e têm oito horas de sono. (pp. 99, 101)	A função principal dos sifograntes — na verdade, praticamente a única — é cuidar para que ninguém fique entregue ao ócio e para que todos exerçam com empenho suas respectivas <u>profissões</u>. Isto não significa que os utopianos precisem <u>trabalhar</u> feito bestas de carga, desde a madrugada até altas horas da noite. Essa miséria, pior do que a escravidão, é a parte que cabe aos <u>trabalhadores</u> em quase todas as outras partes do mundo. Em Utopia, das vinte e quatro horas iguais em que se dividem o dia e a noite, apenas seis são dedicadas ao <u>trabalho</u>: três horas de serviço pela manhã, almoço, duas horas de repouso, três horas de <u>trabalho</u> à tarde e, por fim, a ceia. Os utopianos vão para a cama às oito da noite e dormem oito horas. (pp. 94,95)	L'ufficio de Sifograntè specialmente di provvedere che niuno stia ozioso, ma eserciti con sollecitudine l'<u>arte</u> sua, non già da la mattina per tempo sin'a la sera, che è miseria estrema, e usasi in ogni paese eccetto che apo gli Utopî, i quai di ventiquatr'ore tra il di e la notte, sei ne assegnano al <u>lavorare</u>, tre innanti desinare, dopo il quale riposano due ore, e poi <u>lavorano</u> le altre tre, dipoi cenano. Annoverando la prima ora dopo il desinare, dopo l'ottava vanno a dormire, e dormono poi otto ore. (p. 58)	La principale e quasi unica occupazione dei sifogranti è di aver cura e badare che nessuno se ne stia senza far nulla, in braccio alla pigrizia, ma attenda ognuno al suo <u>mestiere</u> con sollecitudine, senza però stancarsi, come una bestia da soma, a <u>lavorare</u> ininterrottamente dalla mattina per tempo fino a sera tardi, chè sarebbe una pena che nemmeno uno schiavo. Tale però più o meno è la vita degli operai in ogni paese, tranne che in utopia! Qui dividono il giorno in 24 ore eguali, compresavi la notte, e non danno più che 6 ore al <u>lavoro</u>, 3 prima di mezzodì, dopo le quali vanno a colazione, e quando, dopo tavola, han riposato 2 ore pomeridiane, ne danno ancora 3 altre al <u>lavoro</u>, chiudendo col pasto principale. Segnando l'una da mezzogiorno, vanno a letto verso le otto e il sonno richiede 8 ore: (p. 75)
---	---	---	--	--

Quicquid inter <u>operis</u> horas ac somni cibique medium esset, id suo cuiusque arbitrio permittitur, non quo per luxum, aut segnitiam abutatur, sed quod ab <u>opificio</u> suo liberum, ex animi sententia in aliud quippiam studii bene collocet. (p. 100)	O tempo entre as horas de <u>trabalho</u>, o sono e as refeições é entregue ao arbítrio de cada um, não para se entregarem ao luxo ou à preguiça, mas para que, livres das <u>ocupações</u>, empreguem seus esforços de acordo com as inclinações da alma. (p. 101)	Durante todo o tempo que lhes resta são livres para fazer o que acharem melhor, desde que não se entreguem à ociosidade e à satisfação excessiva dos próprios desejos desordenados. O que se espera é que aproveitem bem o seu tempo livre, dedicando-se a alguma <u>atividade</u> proveitosa. (p. 95)	Il tempo che'avanza tra le <u>opere</u> e il desinare, ogn'uno lo dispensa a suo modo, pur in <u>opere</u> virtuose; e molti si occupano in lettere. (p. 58)	tutto il tempo che passa fra il <u>lavoro</u> e il sonno o i pasti è lasciato al piacere di ognuno, non già perchè lo sciupi in lascivie o nell'infingardaggine, ma perchè quanto è libero da <u>lavoro</u> manuale lo spenda bene, secondo i suoi gusti, in qualche <u>occupazione</u> prediletta. (p. 75)
Ceterum ex omni ordine mares simul, ac feminae multitudo maxima ad audiendas lectiones, alii alias, prout cuiusque fert natura confluit. Hoc ipsum tempus tamen, si quis <u>arti</u> suae malit insumere quod multis usu uenit — quorum animus in nullius contemplatione disciplinae consurgit — haud prohibetur, quin laudatur quoque, ut utilis reipublicae. (p. 100)	Além disso, de todas as <u>profissões</u>, uma grande multidão, tanto de homens quanto de mulheres, conflui para ouvir tais lições [lições públicas], cada um conforme sua natureza. Porém, se durante esse tempo, alguém prefere se dedicar a seu <u>ofício</u>, como ocorre com muitos cujo espírito não se inclina às ciências especulativas, não é impedido de o fazer, mas antes é elogiado, como um ser útil à república. (p. 101)	Cada um vai em busca do <u>curso</u> que mais lhe interessa e mais combina com os seus gostos e aptidões. Contudo, não se proíbe que as pessoas dediquem esse tempo livre ao exercício de suas <u>profissões</u>. Muitos o fazem, quase sempre os que não têm o gosto das especulações do espírito e preferem dedicar-se a um <u>trabalho</u> útil à comunidade, que muito os admira por sua atitude abnegada. (p. 96)	Leggesi ogni di innanti giorno, e vi vanno specialmente coloro che sono eletti a lo <u>studio</u>. Ma vi concorrono assai altri maschie e femine, come è il desio loro. S'alcuno a cui non aggrada lo <u>studio</u>, vuole in questo tempo esercitarsi ne l'<u>arte</u> sua, niuno lo vieta, anzi viene laudato, come persona utile a la repubblica. (p. 58)	Questi intervalli i più li impiegano in <u>studi letterari</u>; c'è l'uso infatti di tenere ogni giorno lezioni pubbliche, prima di far giorno, cui sono costretti a intervenire soltanto quelli espressamente prescelti per gli <u>studi</u>; ma vi affluiscono uomini e insieme donne di ogni condizione, in gran folla, ad udire questa e quella lezione, secondo le loro inclinazioni. Tuttavia uno, se preferisce consumare perfino questo tempo nel suo <u>mestiere</u>, come avviene comunemente di molti il cui animo non si solleva ad alcuna speculazione scientifica, nulla glielo vieta, anzi viene anche lodato, come utile allo stato. (p. 76)

Sed hoc loco, ne quid erretis quiddam pressius intuendum est. Etenim quod sex dumtaxat horas in <u>opere</u> sunt, fieri fortasse potest, ut inopiam aliquam putes, necessariorum rerum sequi. Quod tam longe abest ut accadat, ut id temporis ad omnium rerum copiam quae quidem ad uitae uel necessitatem requirantur uel commoditatem non sufficiat modo, sed supersit etiam, id quod uos quoque intelligetis si uobiscum reputetis apud alias gentes, quam magna populi pars iners degit. Primum mulieres fere omnes, totius summae dimidium, aut sicubi mulieres negotiosae sunt, ibi ut plurimum, earum uice, uiri stertunt.	Nesse ponto, para que não se possa errar, deve-se atentar detalhadamente para um aspecto. Talvez se pense que seis horas apenas de <u>trabalho</u> possam levar à escassez dos bens necessários. Mas isso é tão longe do que acontece que esse tempo é suficiente não só para a produção de todos os bens necessários à vida e à comodidade, mas ainda sobeja. E isso se percebe ao se lembrar de como, junto às outras nações, grande parte da população permanece inerte — primeiro, quase todas as mulheres, que são mais da metade do todo; e, nos locais em que as mulheres trabalham, os homens, por seu turno, que em vez delas permanecem indolentes. Somem-se as turbas ociosas, compostas por sacerdotes e religiosos, e, principalmente, de todos os ricos proprietários de terra, chamados de nobres pelo vulgo da população. Contem-se também os próprios fâmulos e lacaios, e evidentemente toda aquela escória de vadios armados.	Contudo, para que não vos passe pela cabeça uma idéia errada, há aqui um ponto que exige atenção especial. Como os utopianos só <u>trabalham</u> seis horas por dia, pensareis talvez que o país viva em permanente escassez de gêneros de primeira necessidade. Muito pelo contrário, essas seis horas de <u>trabalho</u> são mais que suficientes para produzir uma grande abundância de tudo o que se faz necessário para uma vida confortável. Compreendereis muito bem o que digo se vos lembrardes do enorme contingente de desocupados que existem nos outros países. Em primeiro lugar, praticamente todas as mulheres, o que já equivale à metade da população: quase nunca <u>trabalham</u>, e, quando o fazem, seus maridos permanecem via de regra a roncar na cama. Depois delas, todos os sacerdotes e ditos religiosos, uma gente que nada faz. Somai a essa multidão todos os ricos, sobretudo os proprietários de terras popularmente conhecidos como nobres e cavalheiros.	Ma perchè non pigliate quivi errore, bisogna considerarvi attentamente. Potresti pensare che elli <u>lavorando</u> solamente sei ore, patisseno disagio de le cose necessarie, il che non avviene; anzi <u>lavorando</u> solamente quel tempo, guadagnano quando fa loro bisogno ad ogni comodo e anco di più; e questo potrete comprendere, considerando quante persone apo le altre nazioni stiano oziose. primieramente quasi tutte le femine che sono la metà del popolo, e ove le femine si affaticano, ivi gli uomini si danno al riposo. quanta turba de preti e religiosi non <u>lavora</u>?	Ma a questo punto bisogna esaminar più precisamente una quistione, perchè non cadiate in errore. Potreste infatti immaginare, pel fatto che stanno al <u>lavoro</u> 6 ore al giorno solamente, che ne debba seguire qualche scarsezza delle cose necessarie. Ben lungi da ciò, anzi queste 6 ore sono non solo sufficienti, ma anche di troppo per produrre in abbondanza tutto ciò che si richiede, sia pei bisogni che pei comodi dell'esistenza; e anche voi lo comprenderete, riflettendo fra di voi quale gran quantità di gente viva senza far nulla presso gli altri popoli. Anzitutto quasi tutte le donne, che sono la metà di tutto l'insieme o, se in qualche luogo le donne si danno da fare a <u>lavorare</u>, ivi per lo più gli uomini russano al loro posto.
---	---	---	---	---

Ad haec, sacerdotum ac religiosorum, quos uocant, quanta quamque otiosa turba, adiice diuites omnes maxime praediorum dominos, quos uulgo generosos appellant ac nobiles, his adnumera ipsorum famulitium, totam uidelicet illam cetratorum nebulonum colluuiem. Robustos denique ac ualentes mendicos adiunge, morbum quempiam praetexentes inertiae, multo certe pauciores esse quam putaras inuenies eos, quorum <u>labore</u> Constant haec omnia quibus mortales utuntur. Expende nunc tecum ex his ipsis quam pauci in necessariis <u>opificiis</u> uersantur. Siquidem ubi omnia pecuniis metimur, multas <u>artes</u> necesse est exerceri inanes prorsus ac superfluas, luxus tantum ac libidinis ministras. Nam haec ipsa multitudo quae nunc operatur, si partiretur in tam paucas <u>artes</u>, quam paucas commodus naturae usus postulat;	Por fim, aduzam-se os mendigos robustos e valentes, que justificam com a doença sua inércia, e constatar-se-á que são muito menos do que se pensava aqueles que <u>trabalham</u> para prover os bens necessários aos homens mortais. Considerem-se agora, dentre esses, quão poucos são os que lidam com as tarefas necessárias. Já que medimos todas as coisas pelo dinheiro, faz-se preciso executarem-se muitos <u>trabalhos</u> vazios e inteiramente supérfluos, que apenas servem ao luxo e aos prazeres. De fato, essa mesma multidão que hoje <u>trabalha</u>, se fosse repartida em tão poucos <u>ofícios</u> quanto poucos são os que requerem o uso conveniente da natureza, haveria tamanha abundância dos bens que agora são necessários,	É preciso incluir, também, suas legiões de criados — ou seja, essas quadrilhas de assaltantes armados às quais já me referi. Pensai, por último, em todos os mendigos que são perfeitamente robustos e saudáveis, mas que se fazem passar por doentes como desculpa para sua preguiça. Descobrireis, para vossa grande surpresa, o reduzidíssimo número de pessoas que produzem para atender às necessidades de todos os mortais. Considerai ainda que, dentre os que <u>trabalham</u>, são poucos os que se dedicam a <u>atividades</u> essenciais. Pois, quando o dinheiro é a grande medida de todas as coisas, proliferam as <u>profissões</u> que, não tendo a menor necessidade de existir,	I ricchi e nobili con le copiose famiglie de servi, spadaccini e parassiti, aggiugnivi i forfanti che si fingono infermi per dopocagine, e truoverai che picciol numero apparecchia quello che da tutto gli uomini si consuma.	Oltre a ciò, dei sacerdoti e dei cosiddetti religiosi, on che gran folla! E che sfaccendati! Poniamo ora tutti i ricchi, specie i proprietari di poderi, che chiamano comunemente gentiluomini e nobili; poi mettete nel numero il loro servitorame, cioè tutta quella colluvie di spadaccini e di scioperati; aggiungete infine quei robusti e gagliardi pezzenti, che coprono col pretesto di malattie la loro indolenza, e vedrete che molto più pochi che non credevate son coloro dal cui <u>lavoro</u> risultano le cose tutte di cui si servono i mortali. Ponderate ora dentro di voi fra questi stessi quanto pochi siano quelli che si occupano di un <u>mestiere</u> indispensabile, se è vero che, dove tutto si misura col danaro, si devono necessariamente esercitar molte <u>arti</u> del tutto senza senso e superflue, a servizio soltanto del lusso e del capriccio.
--	---	--	---	--

in tanta rerum abundantia; quantam nunc esse necesse sit, pretia nimirum uiliora forent, quam ut <u>artifices</u> inde uitam tueri suam possent. At si isti omnes quos nunc inertes <u>artes</u> distringunt; ac tota insuper otio ac desidia languescens turba, quorum unus quiuus earum rerum quae aliorum <u>laboribus</u> suppeditantur; quantum duo earundem operadores consumit; in <u>opera</u> uniuersi atque eadem utilia collocarentur, facile animaduertis; quantulum temporis ad suppeditanda omnia; quae uel necessitatis ratio; uel commoditatis efflagitet — adde uoluptatis etiam quae quidem uera sit ac naturalis — abunde satis superque foret. Atque id ipsum in Utopia res ipsa perspicuum facit. (pp. 100,102)	que os preços ficariam sem dúvida tão baixos que os <u>trabalhadores</u> não poderiam se manter. Mas, se todos aqueles que as <u>profissões</u> inúteis agora dispersam, e, sobretudo, se toda a multidão que se enlanguesce em ócio e preguiça, da qual cada um consome tanto quanto dois dos homens que <u>trabalham</u> o fazem, fossem todos colocados em <u>trabalhos</u> úteis, é fácil ver quanto pouco tempo seria bastante para produzir todas as coisas necessárias à vida e ao conforto — e somem-se aí ainda também os prazeres verdadeiros e naturais. Na ilha de Utopia isso se faz evidente. (pp. 101,103)	servem apenas para manter o luxo e o desregramento. Ora, mesmo se a força de <u>trabalho</u> existente fosse distribuída entre as poucas profissões realmente necessárias para tornar a vida razoavelmente confortável, verificasse-se um tamanho excesso de produção que os preços desceriam a um nível insuficiente para que os operários pudessem viver do seu <u>trabalho</u>. Contudo, se pegássemos todos aqueles que exercem <u>profissões</u> inúteis, todos os que não <u>trabalham</u> por mera preguiça — e que consomem o que daria para o sustento de dois operários produtivos — e fizéssemos com que se ocupassem de coisas úteis, veríamos que poucas horas de <u>trabalho</u> por dia seriam suficientes e mais do que suficientes para suprir todas as necessidades e prazeres da vida. Refiro-me, por certo, às formas naturais e verdadeiras de prazer. Em Utopia, porém, os fatos falam por si próprios. (pp. 97,98)	Considera in questi quante arti non necessarie si fanno per servire a la vita lussuriosa, da le quai si piglia gran guadagno. Se questi pochi che <u>lavorano</u> fussero divisi in così poche <u>arti</u> al vivere umano commode, la vettovaglia sarebbe a sì vil prezzo, che gli uomini avanzarebbono assai oltre il lor vivere. Se consideri quei che esercitano <u>arti</u> inutili e chi stanno oziosi, vivendo de le altrui fatiche, comprenderai quanto bastasse non solo al vivere, ma eziandio a le voluttà con vantaggio ancora, il che si vede manifestamente ne l'Utopia. (pp. 58,59)	Infatti, se questa stessa quantità di gente che ora <u>lavora</u> venisse distribuita fra un piccolo numero di <u>mestieri</u>, qual è quello richiesto con vantaggio dai bisogni naturali, i prezzi evidentemente sarebbero anche troppo bassi perché gli operai se ne potessero assicurare di che vivere... Ma se tutti costoro che ora sono distratti in opere inoperose, e per di più tutta la gran quantità di uomini infiacchiti dall'ozio e dal dolce far niente, ognuno dei quali dei prodotti del <u>lavoro</u> altrui consuma quanto due <u>lavoratori</u>, venissero tutti quanti assegnati ai <u>lavori</u>; e a <u>lavori</u> utili, comprendete agevolmente quanto poco tempo sarebbe sufficiente e di troppo a provvedere a tutto ciò che giustamente richiedono i bisogni e le comodità della vita e, aggiungete pure, i piaceri, almeno quelli veri e naturali. Ora proprio questo rendono evidente i fatti di per se stessi in Utopia. (pp. 77, 78)
---	--	--	---	--

Nam illic in tota urbe cum adiacente uicinia uix homines quingenti ex omni uiroorum ac mulierum numero, quorum aetas ac robur <u>operi</u> sufficit, uacatio permittitur. In iis syphogranti — quamquam leges eos <u>labore</u> soluerunt — ipsi tamen sese non eximunt; quo facilius exemplo suo reliquos ad <u>labores</u> inuitent. (p. 102)	Pois ali, em todas as cidades e nas regiões adjacentes, há não mais do que quinhentas pessoas, entre homens e mulheres, que a idade e o vigor são bastantes para o <u>trabalho</u>, aos quais é permitida folga. Entre esses estão os sifograntes, que, embora a lei os libere do <u>trabalho</u>, eles próprios não se eximem, pois por seu exemplo convidam os demais ao <u>trabalho</u>. (p. 103)	Ali, dentre todos os homens e mulheres fisicamente capazes que vivem em toda a cidade ou em seus arredores, há quando muito quinhentos que não precisam <u>trabalhar</u>. Estão aí incluídos os sifograntes, os quais, apesar de isentos do <u>trabalho</u> por lei, <u>trabalham</u> voluntariamente para servirem de exemplo aos seus concidadãos. (pp. 98,99)	In tutta quella città e nel contado non sono cinquecento tra uomini e donne che stiano in ozio e siano gagliardi. Tra questi sono i Sifogranti, i quai, benchè siano per le leggi dal <u>lavoro</u> assenti, tuttavia <u>lavorano</u> per invitare col loro esempio gli altri al <u>lavoro</u>. (p. 59)	Qui vi infatti, in tutta la capitale con l'annesso contado, di tutta la popolazione maschile e femminile, appena 500 sono quelli cui, pur in età e forse bastevoli al <u>lavoro</u>, si concede l'esenzione. Fra costoro i sifogranti quantunque liberi per legge da <u>lavoro</u>, tuttavia, per loro conto, non vi si sottraggono, per poter, col loro esempio, più facilmente piegar gli altri al <u>lavoro</u>. (p. 78)
[...] ut <u>mechanicus</u> quispiam, subcisiuas illas horas tam gnauiter impendant litteris, tantum diligentia proficiat, ut <u>opificio</u> suo exemptus, in litteratorum classem prouehatur. (p. 104)	Por outro lado, não é raro que um <u>artífice</u> utilize suas horas vagas tão resolutamente nos estudos, e que neles avance com tamanha diligência que, liberado de sua <u>profissão</u>, seja promovido à classe dos estudiosos. (p. 105)	Por outro lado, não é incomum que um <u>operário</u> se dedique com tanto afincio aos estudos durante suas horas de lazer, e dele tire tão grande proveito, que seja isento do exercício de sua <u>profissão</u> e elevado à classe dos doutores. (p. 99)	Quei, poi, che non riescono ne gli studi, sono rimandati a imparare l'<u>arte</u> e avviene sovente a l'incontro che qualche <u>meccanico</u> a quelle ore che che non <u>lavora</u> fa tanto profitto in lettere che viene levato da l'<u>arte</u> e posto ne l'ordine de i letterati. (p. 59)	Chè se qualcuno di essi vien meno alle buone speranze che ha dato di sè, è ricacciato fra gli <u>operai</u> e, al contrario, non è raro il caso che un <u>manovale</u> dia le sue ore di ozio con tanto impegno alla letteratura e tanto vi progredisca con la sua diligenza che, tolto al suo <u>mestiere</u>, venga promosso nella categoria degli uomini di lettere. (p. 78)

Reliqua fere multitudo omnis; cum neque otiosa sit; nec inutilibus <u>opificiis</u> occupata, procliuis aestimatio est, quam paucae horae quantum boni <u>operis</u> pariant. (p. 104)	Como quase todo o povo restante nem é ocioso nem ocupado com <u>trabalhos</u> inúteis, pode-se evidentemente estimar o quanto poucas horas de bom <u>serviço</u> podem produzir. (p. 105)	Tendo em vista que no resto da população quase não existem pessoas desempregadas ou exercendo <u>funções</u> inúteis, podeis imaginar quanto <u>trabalho</u> útil pode ser realizado numa jornada de <u>trabalho</u> tão curta. (p. 99)	XXXXXXXXXXXXX X	E se tutto il resto del popolo, o quasi, non se ne sta in ozio ed è occupato in <u>arti</u> redditizie, è facile computare quale somma producano di <u>lavoro</u> ben fatto in ben poche ore. (p. 79)
Ad ea quae commemorauit, hoc praeterea facilitatis accedit quod in necessariis plerisque <u>artibus</u> , minore <u>opera</u> quam aliae gentes, opus habent. Nam primum aedificiorum, aut structura; aut refectio ideo tam multorum assiduam ubique requirit <u>operam</u> , quod quae pater aedificauit; haeres parum frugi, paulatim dilabens, ita quod minimo tueri potuit; successor eius de integro impendio magno cogitur instaurare. (p. 104)	Mas, além do que eu descrevi, os utopienses têm a facilidade de que, na maior parte das <u>atividades</u> necessárias, possuem um <u>trabalho</u> menor do que o dos outros povos. De fato, primeiro, por toda parte, a construção ou o reparo das propriedades requer um contínuo <u>trabalho</u> de tanta gente porque aquilo que o pai construiu, o herdeiro, pouco frugal e pouco cuidadoso, permite que, aos poucos, se arruine, e seu sucessor é obrigado a restaurar com grande gasto. (p. 105)	A vida <u>laborativa</u> também é mais tranquila entre os utopianos devido ao fato de eles se dedicarem às <u>ocupações</u> fundamentais com mais economia de esforços do que acontece entre nós. Em primeiro lugar, uma das razões pelas quais a construção e a reforma de edifícios absorvem tanta mão-de-obra em toda parte prende-se ao fato de as pessoas construírem casas que seus herdeiros negligentes vão deixando arruinar-se aos poucos. Assim, a geração seguinte precisa construir tudo de novo, o que custa infinitamente mais do que teria custado manter as casas originais em bom estado de conservação. (pp. 99,100)	Vi s'aggiugne questo che in molte <u>arti</u> necessarie fanno minor <u>opera</u> che le altre genti, perchè ne li altri luoghi, il figliuolo non curando di mantenere quello che ha fabricato suo padre, lascia venire gli edifizii a tale che il suo erede è astretto a rifare con gran spesa quello che si poteva prima con poco ristorare. E alcuni sontuosi, non si contentando de la casa fabricata da un altro, ne edificano un'altra e lasciano andare quella in rovina. (p. 60)	Ma a tutto questo che son venuto dicendo bisogna aggiungere il vantaggio che gli Utopiani, nella maggior parte dei <u>mestieri</u> più indispensabili, han bisogno di minor <u>lavoro</u> degli altri popoli. Infatti anzitutto non c'è luogo sulla terra, in cui la costruzione o riparazione di fabbricati non richieda l' <u>opera</u> continua di tanti e tanti <u>operai</u> , e ciò per la bella ragione che ogni figlio, con scarso spirito economico, lascia a poco a poco andare in rovina ciò che suo padre ha costruito. Ben potrebbe, quasi senza spesa, mantenerlo...; ma no, è il suo erede che sarà costretto, con gran dispendio, a rifar tutto daccapo. (p. 79)

Ita fit, ut minimo labore, diutissime perdurent aedificia, et id genus opifices uix habeant interdum quod agant; nisi quod materiam dolare domi et lapides interim quadrare atque aptare iubentur, quo — si quod ous incidat — maturius possit exurgere. (p. 104)	Assim sendo, com mínimo esforço, os edificios perduram por muito tempo, e essas espécies de trabalhadores têm, entretanto, pouco a fazer, a não ser ocupando-se em aparelhar o madeirame das casas e em aparar as pedras, para que, se alguma obra os exigir, possa ser erguida mais rápida. (p. 105)	Assim, com um mínimo de trabalho, obtém-se um máximo de durabilidade, o que significa que os operários da construção muitas vezes não têm praticamente o que fazer. Quando isso acontece, são mandados para casa, onde ficam preparando peças de pedra e madeira para serem usadas no futuro. (p. 100)	Così durano lungamente gli edifici con poca fatica, laonde non hanno i muratori molte volte che lavorare, se non squadrano legnami e lavorano le pietre per aver la materia ad ordinare di fabricare quando fa mestieri. (p. 60)	Così avviene che con pochissima fatica le costruzioni vi durano molto a lungo, e gli operai di tal fatta a volte non hanno gran che da fare; salvo che intanto non venga loro ordinato di piallar legname in bottega o squadrar pietre e approntarle, acciochè, se capita una fabbrica, possa elevarsi al più presto. (pp. 60,61)
Iam in uestibus uide, quam paucis operis egeant; primum dum in opere sunt; corio neglectum aut pellibus amiciuntur quae in septennium durent. Cum procedunt in publicum, superinduunt chlamydem uestem, quae rudiores illas uestes contegat; eius per totam insulam unus color est, atque is natiuus. [...] uerum is ipse quoque multo minoris impendii est at lini minor est labor, [...] (p. 104)	Observa agora quão pouco trabalho demandam as vestimentas. Quando os utopienses estão no trabalho, cobrem-se folgadoamente de couro ou pele, que duram sete anos. Quando se dirigem aos lugares públicos, usam uma capa por cima daquelas vestes grosseiras; e por toda a ilha uma única é a cor que se vê, que é a cor natural dos tecidos. Mas o linho é muito menos trabalhoso do que a lã, e seu uso é muito mais difundido. (p. 105)	Pensai, agora, na quantidade de trabalho que economizam com suas roupas. Para as horas de trabalho, usam trajes de couro despreziosos, que duram sete anos. Quando saem, cobrem essas roupas grosseiras com uma espécie de capa cuja cor nunca varia, pois se trata da cor natural da lã. O linho é ainda mais fácil de produzir, e, por isso mesmo, bem mais usado [...] (p. 100)	Vedi quanta poca fatica usano ne l'apprestarsi il vestire! Quando sono al lavoro, usano vesti di cuoio o di pelle, e queste durano anni sette; quando vanno in pubblico, si mettono una vesta che cuopre quelli abiti rozzi e le usano tutte d'un colore nativo ne l'Isola. Così i panni di lana meno costano apo loro che a presso le altre nazioni. (p. 60)	Vedete appunto per vestirli quanto poco ci vuole! Anzitutto, quando stanno al lavoro, indossano senza ricercatezza pelli o cuoio, tali che durano sette anni; quando poi vengon fuori in pubblico, per coprire quella rozzezza, metton sopra una clamide, e per tutta l'isola è identica di colore, quello naturale. (p. 80)

Quamobrem cum et omnes utilibus sese <u>artibus</u> exerceant, et ipsarum etiam <u>opera</u> pauciora sufficient, fit nimirum, ut abundante rerum omnium copia, interdum in reficiendas — si quae detritae sunt — uias publicas immensam multitudinem educant, persaepe etiam cum nec talis cuiuspiam <u>operis</u> usus occurrat, pauciores horas <u>operandi</u> publice denuntient. Neque enim superuacaneo <u>labore</u> ciues inuitos exercent magistratus; quandoquidem eius reipublicae institutio hunc unum scopum in primis respicit; ut quoad per publicas necessitates licet; quam plurimum temporis ab seruitio corporis ad animi libertatem cultumque ciuibus uniueris asseratur. In eo enim sitam uitae felicitatem putant. (p. 106)	Por essa razão, como todos se aplicam em <u>ocupações</u> úteis, e como para elas menos esforço basta, é evidente que há abundante quantidade de todas as coisas, e eles conduzem uma imensa multidão de cidadãos para recuperar as estradas que estiverem danificadas; costumeiramente, também, quando não há necessidade dessas obras, anunciam para o público menos horas de <u>trabalho</u>. Os magistrados não contrariam os cidadãos, obrigando-os a tarefas desnecessárias. Afinal, a constituição daquela república tem esse como primeiro e único escopo; na medida que permitam as necessidades públicas, é assegurado o máximo de tempo longe do esforço físico, para que todos os cidadãos se dediquem à liberdade e ao cultivo do espírito. Nisso está assentada a felicidade da vida. (p. 107)	Com toda a população ocupada com <u>trabalhos</u> realmente úteis, e com esse <u>trabalho</u> reduzido ao mínimo, a abundância das coisas necessárias é tão grande que lhes permite dispor de vastas reservas, e isto, por sua vez, lhes permite deslocar uma enorme força de <u>trabalho</u> para reparar as estradas que se acham em más condições. Muitas vezes, quando não há uma única obra a realizar, as autoridades anunciam uma redução da jornada de <u>trabalho</u>. O governo nunca força as pessoas a <u>trabalhar</u> desnecessariamente, pois o objetivo central de sua constituição é poupar o indivíduo dos <u>trabalhos</u> pesados tanto quanto as necessidades da comunidade o permitam, de tal modo que todos possam cultivar o espírito — aí reside, para os utopianos, o segredo de uma vida feliz. (pp. 101,102)	Per tanto, esercitandosi in vili <u>arti</u>, avviene che in poche ore guadagnano assai e quanto avanza loro dal vivere dispensano a ristorare le opere pubbliche. E quando non fa bisogno di questo, <u>lavorano</u> ancora meno per publico editto. Non vogliono i magistrati occupare i loro cittadini a la <u>fatica</u> contra lor voglia, quandochè l'istituizione de la loro repubblica a questo mira, specialmente che quanto per le pubbliche necessità è lecito si diano a le <u>occupazioni</u> intellettuali, ne le quai pensano che consista la vera felicità. (p. 61)	Dunque, se c'è abbondanza di ogni cosa, perchè tutti si esercitano in <u>mestieri</u> utili e vi basta anche minor <u>lavoro</u>, avviene molto naturalmente talvolta che un'immensa moltitudine venga convocata a rifar le strade pubbliche quando son guaste; ma molto spesso anche, quando non c'è bisogno neppure di tal <u>lavoro</u>, viene ordinata ufficialmente una diminuzione di ore <u>lavorative</u>. Le autorità infatti non occupano contro loro voglia i cittadini in <u>lavori</u> superflui, dacchè i principî di questa repubblica han di mira anzitutto l'ideale di richiamar tutti i cittadini, quanto più tempo è possibile, per quel che consentano le necessità pubbliche, dalla servitù del corpo alla libertà dello spirito e della cultura. In ciò infatti consiste, secondo loro, la felicità della vita. (pp. 80, 81)
---	---	---	--	---

Ciuitas omnis in quattuor aequales partes diuiditur. In medio cuiusque familiae conuehantur, atque in horrea singulae seorsum species distributae sunt. (p. 108)	Toda cidade é dividida igualmente em quatro partes. No meio de cada parte há um mercado, com todas as coisas. Para lá, em certas lojas, é levado o produto do <u>trabalho</u> de cada família e é distribuído em celeiros separados por espécie. (p. 109)	Cada cidade é dividida em quatro bairros de igual tamanho, e no centro de cada um deles fica um mercado. Os produtos de todas as famílias são levados para esses mercados, onde, de acordo com o seu tipo, são conservados em armazéns específicos. (p. 104)	Ogni città si divide in quattro parti uguali, e nel mezzo di ciascuna è una piazza ov'ogni famiglia porta i suoi <u>lavori</u> e li dispone per ordine in certi granari. (p. 62)	Ogni città è divisa in quattro parti eguali, e al centro di ogni parte c'è mercato di tutte le cose; quivi, in determinati locali si portano i prodotti di <u>lavoro</u> di ogni famiglia e nei magazzini vengono ripartite separatamente le varie specie di prodotti. (p. 82)
Quamquam nemo prohibetur, postquam aulis est satis factum e foro domum cibum petere. Sciunt enim neminem id temere facere, nam et si domi prandere nulli uetitur sit, nemo tamen hoc libenter facit, cum neque honestum habeatur, et stultum sit deterius parandi prandii sumere <u>laborem</u>, cum lautum atque opiparum praesto apud aulam, tam propinquum sit. (p. 112)	A ninguém é proibido, depois de abastecidos os palácios, de pedir no mercado provisões para comer em casa. Sabem, porém, que ninguém o fará sem motivo, pois, ainda que não seja proibido a ninguém tomar as refeições em casa, ninguém o faz de propósito, pois não seria considerado honesto, e além disso, seria tolice o <u>trabalho</u> de preparar refeições piores, uma vez que se pode as ter opíparas e lautas no palácio, que se localiza tão perto. (p. 113)	A todos é concedido o direito de buscar alimentos no mercado para prepará-los em suas próprias casas, desde que os refeitórios já tenham sido abastecidos. Todos sabem, porém, que tal procedimento só será adotado quando alguém tiver sérios motivos para tanto. Ninguém gosta de comer em casa, ainda que nenhuma lei o proíba; em primeiro lugar, não é um gesto visto com bons olhos, e, em segundo lugar, parece muito tolo dar-se ao <u>trabalho</u> de preparar uma refeição inferior quando, no refeitório a uma pequena distância de onde se vive, pode-se comer bem e com elegância. (p. 107)	[...] non si nega il cibo de la piazza a chi lo chieda, sapendosi di certo che questo non faccia senza causa ragionevole. Perché quantunque non sia vietato ad alcuno il mangiare in casa, tuttavia niuno vi sta volentieri, per non essere tenuto per cosa onesta, ed è pazzia pigliar la <u>fatica</u> di apprestare un magro desinare, potendo trovarlo delicato nella sala. (p. 63)	[...] per quanto a niuno si vieti, dopo che è stato provveduto per gli alberghi, di acquistare in piazza dei cibi per casa sua. Nessuno infatti, si sa, farebbe ciò senza motivo. A nessuno infatti è vietato di prendere i pasti a casa, ma nessuno lo fa con piacere, ché non è ritenuta cosa bella, anzi è una pazzia travagliarsi a preparare un pasto peggiore, quando lo si trova bell' e pronto, fine e sontuoso, in un albergo così vicino. (pp. 84,85)

In hac aula ministeria omnia in quibus paulo plus sordis, aut <u>laboris</u> est, obeunt serui. Ceterum coquendi, parandique cibi <u>officium</u> , et totius denique instruendi conuiuii solae mulieres exercent, cuiusque uidelicet familiae per uices. (p. 112)	Nesses palácios, todas as <u>tarefas</u> fatigantes ou um pouco mais sujas cabem aos escravos. Por outro lado, os <u>ofícios</u> de cozinhar e preparar os alimentos, e de instruir tudo relativo às refeições, exercem-nos apenas as mulheres de cada família. (p. 113)	Nesses refeitórios, são os escravos que fazem todo o <u>trabalho</u> mais duro e menos limpo, mas quem organiza os cardápios e prepara os alimentos são as mulheres da família que naquele dia está em <u>serviço</u> — pois as famílias se revezam diariamente no preparo das refeições. (p. 107)	I servi qui ministrano in quelle cose che sono di <u>fatica</u> o di qualche sporchezza. Ma le femine di queste famiglie a vicenda cucciono i cibi ed apparecchiano il convinto. (pp. 63,64)	In tali alberghi, se vi sono <u>servizi</u> un po' più penosi e bassi, si addossano agli schiavi, ma al compito di cuocere e preparare i cibi e infine di apparecchiare tutta la tavola adempiono le donne, cioè le madri di famiglia, a turno. (p. 85)
Prandia breuiuscula sunt, cenae largiores, quod <u>labor</u> illa, has somnus et nocturna quies excipit, quam illi ad salubrem concoctionem magis efficacem putant. (p. 114)	Os almoços são mais breves e os jantares mais longos, pois ao almoço segue o <u>trabalho</u> e, ao jantar, o sono e a quietude noturna, que os utopienses julgam eficazes para uma digestão saudável. (p. 115)	O almoço é leve, pois logo depois dele vem o <u>trabalho</u> , mas o jantar é mais generoso, tendo em vista que é seguido por uma longa noite de sono, que para os utopianos é o melhor caminho para uma excelente digestão. (p. 110)	Il desinare è di corto tempo perchè si va a <u>lavoro</u> , ma la cena tengono più lunga perchè segue poi il dormire che giudicano molto efficace per il padire. (p. 65)	Più breve è un po' la colazione, il desinare più lungo, chè a quella segue il <u>lavoro</u> , a questo il sonno e il riposo notturno, che essi giudicano più vantaggioso alla buona digestione. (p. 87)
De peregrinatione Vtopiensum Si quo in loco diutius uno die commorentur, suam ibi quisque <u>artem</u> exercet, atque ab <u>artis</u> eiusdem <u>opificibus</u> , humanissime tractantur. (p. 116)	Da peregrinação dos utopienses Se permanecem em alguma localidade por mais de um dia, praticam aí seu <u>ofício</u> , e são recebidos gentilmente por aqueles que exercem a mesma <u>profissão</u> que a sua. (p. 117)	As viagens dos utopianos Quando alguém fica num lugar por mais de vinte e quatro horas, deve dedicar uma parte desse dia ao exercício de sua <u>profissão</u> , e será acolhido de braços abertos pelas pessoas que ali vivem e se dedicam ao mesmo <u>ofício</u> . (p. 111)	Pellegrinaggi de gli Utopiensi Se stanno in un luoco più che un dì, ciascuno ivi esercita l' <u>arte</u> sua ed è trattato umanamente da gli <u>artefici</u> a lui simili. (p. 66)	I viaggi degli Utopiani ma se si fermano nello stesso luogo più di un giorno, ognuno vi esercita il proprio <u>mestiere</u> e son trattati con grande umanità dagli <u>operai</u> della stessa <u>arte</u> . (p. 88)

Quod si quem libido incessat per suae ciuitatis agros palandi, uenia patris et consentiente coniuge, non prohibetur. Sed in quodcumque rus peruenerit, nullus ante cibus datur, quam ante meridianum <u>operis</u> pensum, — aut quantum ante cenam ibi <u>laborari</u> solet — absoluerit. (p. 116)	No entanto, se alguém anseia por passear pelos campos de sua cidade, após obter a autorização do pai e o consentimento da esposa, não está proibido. Porém, em qualquer campo que vá, não receberá comida antes de cumprir o <u>trabalho</u> matinal, ou o quanto se costuma <u>labutar</u> antes do jantar. (p. 117)	Contudo, aquele que quiser visitar a zona rural nos arredores de sua cidade poderá fazê-lo, bastando, para tanto, que seu pai lhe dê a permissão e sua mulher o consinta. Mas, para que tenha direito às refeições, terá de dedicar uma manhã ou uma tarde de <u>trabalho</u> no lugar onde estiver. (p. 111)	Nondimeno ognuno può andar diportandosi per i campi de la sua regione, avendone licenza dal padre e consentendolo la moglie. Ma in qualunque villa perviene, non gli è dato mangiare se prima non fa quant' <u>opera</u> è tenuto di fare innanti desinare o innanti cena. (p. 66)	Ma può uno esser preso dalla voglia di andar di qua e di là per le campagne del suo paese, e allora, avendo il permesso del padre di famiglia e l'assenso della moglie, nulla glielo vieta. Però in qualunque villa arrivi, non gli vien dato alcun cibo prima che abbia eseguito la sua quantità di <u>lavoro</u> antimeridiano, [...] (p. 88)
Iam uidetis quam nulla sit usquam otianti licentia, nullus inertiae praetextus, nulla taberna uinaria, nulla ceruisiaria, nusquam lupanar, nulla corruptelae occasio, nullae latebrae, conciliabulum nullum, sed omnium praesentes oculi necessitatem aut consueti <u>laboris</u>, aut otii non inhonesti faciunt. (p. 116)	Já se vê que não há permissão para o ócio, nem pretexto para a preguiça. Não há tavernas que sirvam vinho ou cerveja, nem lupanares, nem ocasião para o vício, nem locais de encontros secretos; afinal, os utopienses têm necessidade de cumprir, à vista de todos, as costumeiras <u>tarefas</u> e de gozarem do honesto lazer. (p. 117)	Como podeis ver, onde quer que alguém se encontre em Utopia haverá sempre algum <u>trabalho</u> a realizar. Não existe desculpa alguma para a ociosidade, assim como não existem tavernas, cervejarias, bordéis, oportunidades para a sedução, esconderijos ou lugares propícios aos encontros secretos. Todos estão sob o olhar vigilante dos demais, o que praticamente força o indivíduo a realizar bem o seu <u>trabalho</u> e a não desperdiçar o tempo livre de que dispõe. (p. 112)	Vedete già quanto sia loro vietato lo stare in ozio, senza niuno colore di darsi a la dapocagine; non hanno magazeni da vino, nè da ceruosa, nè luoco publico da meretrici, niuno luoco da nascondersi, niuno ridotto de virtù; anzi la presenza di tanti occhi fa la <u>fatica</u> onesta parer necessaria. (p. 66)	Vedete ormai come in nessun luogo c'è libertà di non <u>lavorare</u> o pretesto a non far nulla, non fiaschetterie, non birrerie, non bordelli, non inviti a corruttela, non case di appuntamento e di mal affare: il vivere sotto gli occhi di tutti rende necessario o il consueto <u>lavoro</u> o un riposo onesto. (p. 88)

Nam et si haud multi cuiusque urbis sunt, qui ceteris exonerati <u>laboribus</u> soli disciplinae deputantur. Ii uidelicet in quibus pueritia egregiam indolem, eximium ingenium, atque animum ad bonas <u>artes</u> propensum deprehendere, tamen omnes pueri litteris imbuuntur, et populi bona pars, uiri, feminaeque, per totam uitam, horas illas quas ab <u>operibus</u> liberas diximus, in litteris collocant. (p. 126)	De fato, não são muitos em cada cidade os que, liberados do restante dos <u>trabalhos</u>, dedicam-se apenas ao aprendizado — isto é, aqueles que, desde a infância, demonstraram ter índole superior, exímia inteligência e ânimo propenso às boas <u>artes</u>. No entanto, todas as crianças são alfabetizadas, e boa parte do povo, tanto homens quanto mulheres, durante toda a vida, dedica às leituras as horas livres de <u>trabalho</u>, de que falamos. (p. 127)	Não é permitido que uma pessoa se dedique aos estudos em tempo integral, a não ser no caso daquelas que, já desde a infância, dão mostras de possuir aptidões incomuns, extraordinária inteligência e vocação para os estudos acadêmicos. Não existe, porém, uma só criança que deixe de receber ao menos uma iniciação à boa literatura, e são muitos os cidadãos ao longo de toda a sua vida, o que fazem durante as horas de lazer a que já nos referimos. (p. 121)	E benché non molti sono in ciascuna città essenti da le <u>fatiche</u> e applicati a le lettere, cioè quelli che da la fanciullezza mostrano acuto ingegno e l'animo inclinato a buone <u>arti</u>, tuttavia tutti i fanciulli vengono ammaestrati ne le lettere, e buona parte del popolo maschi e femine occupano in studi quelle ore ch'avanzano loro da <u>lavorare</u>. (p. 72)	Siffatto modo di pensare han tratto parte dall'educazione, per essere allevati in uno stato le cui istituzioni son ben lontane da tal genere di sciocchezze, e parte dalla cultura scientifico-letteraria. Infatti, per quanto non siano molti di ogni città quelli che, dispensati dai <u>lavori</u>, vengono destinati alla sola istruzione, quelli cioè in cui sin dalla fanciullezza trovarono un'indole egregia, un ingegno straordinario e animo propenso agli studi, tuttavia tutti i ragazzi apprendono le lettere, e buona parte del popolo, maschi e femmine, per tutta la vita, consacrano agli studi letterari tutte quelle ore che, come ho detto, hanno libere dal <u>lavoro</u>. (p. 95)
--	---	---	---	--

Neque enim quisquam umquam fuit tam tristis ac rigidus assecla uirtutis, et osor uoluptatis, qui ita <u>labores</u>, uigilias et squalores indicat tibi, ut non idem aliorum inopiam, atque incommoda leuare, te pro tua uirili iubeat, et id laudandum humanitatis nomine censeat, hominem homini saluti ac solatio esse, si humanum est maxime — qua uirtute nulla est homini magis propria — aliorum mitigare molestiam, et sublata tristitia uitae iucunditati, hoc est uoluptati reddere. (pp. 130, 132)	Com efeito, mesmo o mais rígido e triste defensor da virtude, inimigo do prazer e propugnador de sofrimentos, vigílias e jejuns ordena que se aliviem das outras pessoas a pobreza e os incômodos, tanto quanto pudermos, e considera louvável, em nome da humanidade, o consolo dado de um homem a outro homem, já que a humanidade — a virtude mais própria do homem — é sobretudo mitigar o infortúnio das outras pessoas, e, retirando a tristeza da alegria da vida, devolver a todos o prazer. (pp. 131,133)	Na verdade, até mesmo o mais radical dos ascetas, ao nos propor uma vida de <u>trabalho</u> árduo, de vigílias noturnas e mortificações, também nos conclama ao máximo empenho para mitigar as dores e as privações dos outros. Para tal homem, todas essas tentativas de melhorar a condição humana são gestos da mais louvável humanidade — pois é evidente que nada poderia ser mais humano, ou mais natural para um ser humano, do que aliviar os sofrimentos das pessoas, pôr fim às suas misérias e devolver-lhes a alegria de viver, ou seja, restituir-lhes a capacidade do prazer. (pp. 127,128)	Niuno mai ha seguito tanto rigidamente la virtù nè datogli tanto ostinatamente a le <u>fatiche</u> e vigilie che egli non sia stato pronto ad alleggerire le altrui miserie e a commendare per cosa umana che l'uomo studii a giovare a l'uomo, e mitigando i <u>travagli</u> di quello, ricondurlo da le miserie a vita tranquilla e sollazzevole. (p. 74)	Infatti non è mai esistito un seguace della virtù così duro e rigido, uno spregiatore del piacere tale che t'imponga <u>fatiche</u>, veglie e miserie, senza ordinarti insieme di alleviare, per quanto un uomo può e deve, le miserie e le sventure altrui, e che in nome dell'umanità non creda sommamente lodevole per un uomo esser di salvezza e di sollievo agli altri, visto che è sommamente umano (e non c'è virtù più particolare all'uomo) addolcire le pene altrui e toglier loro ogni amarezza e restituire la vita alla gioia, cioè al piacere. (pp. 98, 99)
Itaque Vtopienses totum hoc uenandi exercitium, ut rem liberis indignam, in lanios — quam <u>artem</u> per seruos obire eos supra diximus — reiecerunt. (p. 138)	Por isso, os utopienses entregam o exercício da caça, considerado indigno para os homens livres, aos açougueiros — um <u>ofício</u> que, como já dissemos, é próprio dos escravos. (p. 139)	Portanto, os utopianos vêem a caça como uma atividade que não condiz com a dignidade de homens livres e deixam-na inteiramente entregue aos açougueiros, os quais, como já vos disse, são escravos. (p. 134)	Così gli Utopiensi hanno rifiutato al tutto quest'esercizio del cacciare come <u>arte</u> conveniente a i beccari, la quale hanno commessa a i servi, e giudicano che il cacciare sia di quella la più infima parte. (p. 77)	Pertanto gli Utopiani lasciano ai beccai (alla cui <u>arte</u> attendono, come si è detto sopra, per mezzo di schiavi) tutto quest'esercizio del cacciare, come cosa indegna di uomini liberi [...] (pp. 103, 104)

Corpore sunt agili uegetoque; uirium amplius quam statura promittat nec ea tamen improcera; et cum neque solo sint usquequaque fertili; nec admodum salubri caelo; aduersus aerem ita sese temperantia uictus muniunt; terrae sic medentur <u>industria</u>; ut nusquam gentium sit frugis, pecorisque prouentus uberior; aut hominum uiuaciora corpora; paucioribusque morbis obnoxia. Itaque non ea modo quae uulgo faciunt <u>agricolae</u>; diligenter ibi administrata conspicias; ut terram natura maligniorem, <u>arte</u> atque <u>opera</u> iuuent; sed populi manibus alibi radicatus euulsam siluam, alibi consitam uideas; qua in re habita est non ubertatis; sed uecturae ratio; ut essent ligna, aut mari, aut fluuiis, aut urbibus ipsis uiciniora, minore enim cum <u>labore</u> terrestri itinere, fruges quam ligna longius afferuntur. (pp. 144,146)	De corpo, os utopienses são ágeis e cheios de vivacidade, mais fortes do que por sua estatura se poderia esperar, embora, de modo algum, sejam baixos. E, ainda que o solo da ilha não seja muito fértil, nem o céu particularmente salubre, contra seu ar eles se previnem por meio da temperança na alimentação, e corrigem as terras com o <u>trabalho</u>, de modo que nunca houve povo mais produtivo em frutos, rebanhos e colheitas, nem homens com corpos mais longevos e menos sujeitos a doenças. Eles fazem somente as atividades que de costume praticam os agricultores, que aqui se veem cuidadosamente administradas, tais como a tarefa de melhorar a terra infértil por natureza, com ciência e <u>trabalhos</u>; mas eles ainda transportam para outro lugar florestas inteiras arrancadas pela raiz pelas mãos do povo — não para aumentar a produção, mas em razão do transporte, para ficarem mais próximas do mar, dos rios ou das cidades, uma vez que é menor o esforço de transportar em longas distâncias, por terra, os grãos do que as madeiras. (pp. 145,147)	Fisicamente, são muito ativos, cheios de energia e mais fortes do que sua altura nos levaria a supor ainda que não sejam baixos. A terra não é sempre tão fértil, e o clima nem sempre é bom, mas, através de uma alimentação bem equilibrada, eles souberam tornar-se resistentes às más condições climáticas, e o cuidadoso cultivo do solo levou à superação de todas as suas deficiências. O resultado é que eles são insuperáveis na produção agrícola e na qualidade do gado, e em nenhum outro lugar o povo é tão vigoroso ou tão pouco sujeito a doenças. Vê-se não só que eles têm conhecimento de tudo aquilo que os agricultores, por meio do trabalho e da técnica, fazem para aumentar a fertilidade do solo, como também já ocorreu de terem arrancado uma floresta inteira para replantá-la em outro lugar, não para que houvesse mais abundância de madeira, mas para facilitar o seu transporte. Plantam essas novas florestas mais perto do mar, de rios ou de cidades — pois, quando as distâncias são longas, o transporte de madeira por terra é muito mais difícil do que os demais produtos agrícolas. (pp. 141,142)	Sono di corpo agile e vigoroso e di maggior forze che non promette la loro statura, la quale però non è picciola. E quantunque il loro terreno sia mal fertile e l'aria poco sana, tuttavia con temperato vivere si mantengono contra l'aria e con l'<u>industria</u> vincono la terra di maniera che in niuno luoco vengono più copiosi raccolti nè animali meglio nodriti e i corpi umani più vivaci e meno a le infermità soggetti. Perciò non vedrai solamente fare da loro quelle opere che fanno i <u>lavoratori</u> altrouoe per vincere la malignità del terreno, anzi ini si vede una selva cavata da le radici con mano del popolo e un'altra piantata altrouoe, nel che non s'è considerato la fertilità del terreno, ma il commodo di condurre i frutti o altre cose acciochè fussero le legne più commode al mare o al fiume, ovvero a la città. (p. 81)	Sono di corpo agile e vigoroso e di più forza che non prometta la loro statura, che pur non è bassa, e, anche avendo un suolo non dovunque fertile e un clima non del tutto sano, con una vita ben regolata si difendono contro l'aria e con la loro <u>attività</u> risanano la terra, in modo tale che in nessuna parte del mondo c'è un prodotto di messi o di bestiame più abbondante nè si vedono corpi di uomini più vigorosi, soggetti a meno malattie. Pertanto si può ivi osservare la diligenza con cui regolano le opere che comunemente fanno gli agricoltori, per aiutar con la loro <u>arte</u> e col loro <u>lavoro</u> una terra troppo ingrata per natura, non solo, ma ivi si vede strappar in un luogo con le mani un bosco sin dalle radici e ripiantarlo altrove: in ciò il criterio non è quello della produttività, ma del trasporto, affinché la legna si trovi più vicina al mare, ai fiumi o alle città stesse, chè minore è la fatica di portar lontano per terra delle messi anzichè della legna. (p. 110)
---	---	--	--	---

Gens facilis ac faceta, sollers, otio gaudens, corporis <u>laborum</u> — cum est usus — satis patiens, ceterum alias haudquaquam sane appetens; animi studiis infatigata. (p. 146)	É um povo amável, divertido e inteligente, que se alegra com o lazer e que, quando necessário, sabe bem suportar as fadigas do corpo; embora os utopienses não anseiem por outras atividades, são infatigáveis nos estudos do espírito. (p. 147)	O povo é amigável e inteligente, e tem senso de humor. Ainda que muito aprecie o lazer, é capaz dos mais árduos esforços físicos sempre que necessário. Na ausência de tal necessidade, não existe entre os utopianos nenhuma preocupação de <u>trabalhar</u> feito bestas de carga, mas jamais se cansam de usar o cérebro para o desenvolvimento do espírito. (p. 142)	Sono gente benigne e piacevole che ama il riposo, e, quando fa <u>mestieri</u>, paziente de la fatica e specialmente ne gli studi che ornano l'animo. (p. 81)	La gente è alla mano, gentile e attiva; le piace il riposo, ma, quando c'è bisogno, sopporta bene le fatiche; negli altri casi però non ne va affatto in cerca; nelle <u>occupazioni</u> dell'intelligenza è instancabile. (p. 110)
---	---	---	--	--

De legibus Vtopiensium	Sobre as leis dos utopienses	Escravos	De i servi	SUGLI SCHIAVI
Pro seruis neque bello captos habentnisi ab ipsis gesto, neque seruorum filios; neque denique quemquam quem apud alias gentes seruientem possent comparare, sed aut si cuius apud se flagitium in seruitium uertitur, aut quos apud exterarum urbes — quod genus multo frequentius est — admissum facinus destinauit supplicio. Eorum enim multos, interdum aestimatos uili, saepius etiam gratis impetratos, auferunt. Haec seruorum genera non in <u>opere</u> solum perpetuo; uerum etiam in uinculis habent; (p. 150)	Os utopienses não escravizam os cativos de guerra — a ser que eles a tenham começado —, nem os filhos de escravos, nem tampouco quem seja escravo em outras nações, ainda que os possam comprar. Escravizam apenas aquele que tenha recebido a pena de escravidão, ou aqueles que em outros países — e esse é o tipo mais frequente — foram condenados à morte por seus crimes. Esses são muitos, e os utopienses os compram por preço vil, ou muitas vezes os obtêm de graça. Tais escravos encontram-se não só em <u>trabalho</u> perpétuo, mas são ainda agrilhoados. (p. 151)	Os utopianos só submetem à escravidão os prisioneiros capturados em guerras nas quais os próprios habitantes de Utopia saíram a lutar. Os filhos de escravos não nascem submetidos a tal condição, e nem os utopianos compram escravos nos mercados de outros países. A escravidão é um castigo imposto aos utopianos acusados de crimes ou aos estrangeiros condenados à morte em suas próprias cidades. Estes últimos são em maior número, às vezes comprados a um preço muito baixo; muitos deles, porém, são oferecidos de graça. Esses dois tipos de escravos são submetidos a um <u>trabalho</u> muito árduo, em geral acorrentados uns aos outros, [...]. (pp.146,147)	Non tengono per servi quei che sono presi in guerra ancora che fusse fatta da loro, nè i figliuoli de i servi, nè alcuno che serva apò altre nazioni, i quai possino comperare, ma quei che per qualche mancamento sono da loro dannati a la servitù, ovvero altri de esterne nazioni che gli sono dati a tale supplizio per qualche lor mancamento; il che avviene sovente, e molti ne hanno per utilissimo prezzo. Tengono questi servi in continua <u>fatica</u> e in catene [...] (p. 84)	Come schiavi in Utopia non si hanno nè i prigionieri di guerra, a meno che non l'abbiano mossa essi, nè i figli di schiavi, nè infine quanti si possono acquistare fra gli schiavi di altri popoli, ma o quelli la cui scelleraggine finisce in schiavitù o la cui colpa, il caso è molto più frequente, commessa in città straniere destina all'estremo supplizio. Di questi molti se ne chiedono e menano via, a volta per poco prezzo, più spesso anche gratis. Queste varie specie di schiavi sono addetti ai <u>lavori</u> forzati e a vita [...] (p. 114)

Aliud seruorum genus est; cum alterius populi mediastinus quispiam <u>laboriosus</u> ac pauper elegerit apud eos sua sponte seruire. Hos honeste tractant ac nisi quod <u>laboris</u>; utpote consuetis, imponitur plusculum non multo minus clementer ac ciues habent; uolentem discedere — quod non saepe fit — neque retinent inuitum, neque inanem dimittunt. (p. 150)	Têm, no entanto, outro tipo de escravos. Quando algum <u>trabalhador</u>, miserável em outro país, resolve se escravizar espontaneamente junto a eles, os utopienses o tratam benignamente, quase tão bem quanto aos próprios cidadãos, exceto por ele ter de realizar um pouco mais de <u>trabalho</u>, ao que, porém, já está acostumado. E, se algum desses escravos desejar partir, o que raramente acontece, os utopienses não o retêm contra vontade, e não o deixam partir de mãos vazias. (p. 151)	Outro tipo de escravo é o estrangeiro pobre que, em vez de levar uma vida miserável no seu país de origem, opta voluntariamente pela escravidão em Utopia. Essas pessoas são tratadas com respeito e quase tão bondosamente quanto os utopianos livres; contudo, como estão habituados ao cansaço e à exaustão, sua jornada de <u>trabalho</u> é um pouco mais árdua. (p. 147)	Evvi un'altra sorte di servi quando alcuno di altra nazione avvezzo a la <u>fatica</u>, povero e di bassa condizione elegge di servire a quelli. Questi, eccetto che li danno alquanto più fatica, trattano benignamente e li tengono poco meno che per loro cittadini. S'alcuno vuole partirsi, il che di rado avviene, non lo tengono contra sua voglia, nè lo mandano via senza doni. (p. 84)	Un'altra categoria di schiavi si ha quando i giornalieri di un altro popolo, <u>laboriosi</u> ma poveri, se ne vengono da loro a servire di propria iniziativa. Li trattano umanamente e quasi con la stessa dolcezza dei cittadini, salvo che s'impone loro un pochino più di <u>lavoro</u>, visto che vi sono avvezzi; se uno poi vuole andarsene via, cosa che non accade spesso, non lo trattengono a forza e non lo rimandano a mani vuote. (p. 114)
---	---	---	---	--

Temeratores coniugii grauissima seruitute plectuntur, et si neuter erat caelebs, iniuriam passi — uelint modo — repudiatis adulteris coniugio inter se ipsi iunguntur alioquin quibus uidebitur. At si laesorum alteruter erga tam male merentem coniugem; in amore persistat; tamen uti coniugii lege non prohibetur si uelit in <u>opera</u> damnatum sequi; acciditque interdum ut alterius poenitentia alterius <u>officiosa</u> sedulitas miserationem commouens principi, libertatem rursus impetret. (p. 154,156)	Os que violam o casamento são castigados com a mais dura escravidão. Se nenhum dos dois for solteiro, os cônjuges que sofreram a injúria, se o quiserem, podem, depois de repudiar os adúlteros, casarem-se entre si, ou com quem quiserem. Mas, se algum dos ofendidos persistir no amor pelo cônjuge tão pouco merecedor, não é obrigado por lei a desfazer o casamento, desde que acompanhe o condenado no <u>trabalho</u>. Acontece, às vezes, de, pelo arrependimento de um e a dedicação prestativa do outro, comovendo a comiseração do príncipe, eles alcançarem de novo a liberdade. (pp.155,157)	Os que violam os liames do matrimônio são punidos com o pior tipo de escravidão. Se os dois transgressores eram casados, as partes ultrajadas podem, caso o desejem, obter o divórcio e casar-se entre si ou com quem seja do seu agrado. Mas, se continuarem a amar os seus companheiros indignos, podem continuar casados com eles desde que também compartilhem de seu <u>trabalho</u> forçado. Nesses casos, muitas vezes o governador se deixa comover pelo remorso dos culpados e pela lealdade dos inocentes e então lhes concede novamente a liberdade. (pp. 152,153)	Gli adulteri puniscono con durissime servitù, e se erano amendue adulteri, si concede che lasciato l'adulterio, si maritino insieme, ovvero con altri. Ma se quello che è offeso, tanto ama l'offenditore che non voglia fare divorzio, non gli vietano di mantenere il matrimonio pur che voglia seguire ne l'<u>opera</u> il dannato. E sovente è avvenuto che la sollecita pazienza de l'innocente ha ottenuto la libertà al colpevole. (p. 87)	Chi profana il matrimonio è colpito dalla più dura schiavitù, ma gli offesi, se erano sposati, possono, volendo, ripudiare ambedue i due adulteri e, o unirsi fra loro in matrimonio, o altrimenti con chi credono. ma se l'uno o l'altro, che ha ricevuto il torto, persiste ad amare il proprio coniuge, pur così indegno, non gli vieta la legge di restar unito con lui, purché voglia seguirlo nella condanna all'ergastolo; e così avviene talora che il pentimento dell'uno e le sollecite premure dell'altro muovono a pietà il principe, ottenendo di nuovo la libertà. (p. 118)
---	---	--	---	--

Sed fere grauissima quaeque scelera seruitutis incommodo puniuntur, id siquidem et sceleratis nom minus triste; et reipublicae magis commodum arbitrantur, quam si mactare noxios et protinus amoliri festinent. Nam et <u>labore</u> quam nece magis prosunt, et exemplo diutius alios ab simili flagitio deterrent. (p. 156)	Os delitos mais graves são punidos com a escravidão, pois os utopienses consideram que isso não é menos triste para os criminosos, e que é mais conveniente para a república do que rapidamente executar e eliminar os condenados, já que são mais úteis no <u>trabalho</u> do que servindo de exemplo que atemorize as pessoas com semelhante flagelo. (p. 157)	A pena normalmente aplicada a um crime grave é a escravidão. Para os utopianos, trata-se de um castigo tão terrível quanto a pena de morte, e muito mais útil para a sociedade do que a eliminação física dos criminosos, pois um <u>trabalhador</u> vivo vale muito mais que um cadáver, além do que a escravidão tem um efeito muito mais prolongado enquanto meio de intimidação. (p. 153)	Ma quasi tutte le gravi colpe sono punite con servitù, il che non meno spiace a gli scelerati ed è più comodo a la republica che ucciderli, perchè giovano più con la <u>fatica</u> che con la morte, e con l'esempio continuo ammoniscono gli altri a guardarsi da simili colpe. (p. 87)	In genere i delitti più gravi vengono puniti con la disgrazia della schiavitù, visto che ciò vien considerato non meno penoso per chi delinque e di più vantaggio per lo stato, anzichè correre ad ammazzare i colpevoli e levarseli immediatamente dinanzi, e ciò perchè col <u>lavoro</u> giovano più che con la morte, e poi col loro esempio allontanano maggiormente gli altri da simile vergogna. (p. 119)
---	---	--	--	---

De re militari	Dos assuntos militares	Práticas militares	Libro de la guerra	La guerra
Ita milites undique conductos ad bellum mittunt, praesertim ex Zapoletis. Hic populus quingentis passuum milibus ab Utopia distat, orientem solem uersus, horridus, agrestis, ferox, siluas montesque asperos, quibus sunt innutriti, praeferunt. Dura Dura gens aestus, frigoris, et <u>laboris</u> patiens, delitiarum expers omnium, neque agriculturae studens, et cum aedificiorum tum uestitus indiligens, pecorum dumtaxat curam habent. Magna ex parte uenatu et raptu uiuunt. Ad solum bellum nati, cuius gerendi facultatem studiose quaerunt, repertam cupide amplectuntur, et magno numero egressi, cuius requirerent milites uili semet offerunt. Hanc unam uitae <u>artem</u> nouerunt, qua mors quaeritur, sub quibus merent, acriter pro iis et incorrupta fide dimicant. (p. 170)	Assim, contratam para a guerra soldados de toda parte, principalmente os zapoletas. Esse povo que se situa a quinhentas milhas da ilha da Utopia, na direção do levante do sol, é selvagem, agreste e feroz. prefere viver nas matas e nos montes bravios em que se criou. É uma gente dura, que aguenta o calor, o frio e a fadiga, que não conhece as delicias da vida, nem se interessa pela agricultura, que é negligente com os edificios e com as vestimentas e que cuida apenas dos rebanhos. Vivem em grande parte da caça e da pilhagem. Nascidos apenas para a guerra, procuram zelosamente oportunidade de a praticar; encontrada a oportunidade, abraçam-na com prazer. Saem em grande número, e se oferecem a preço baixo para todos que necessitam de soldados. Esse é o único <u>ofício</u> da vida que conhecem — procurar a morte. A serviço dos que os contratam, lutam com denodo e incorruptível lealdade. (p. 171)	Assim, a maior parte de seus combates é feita por mercenários que recrutam em diversas partes do mundo, mas principalmente no país dos zapoletas, que fica a mais ou menos oitocentos quilômetros a leste de Utopia. Os zapoletas são extremamente selvagens e primitivos, no que não diferem em nada das florestas cerradas e das montanhas acidentadas onde vivem. São muito rudes, e não existe calor, frio ou provações físicas que não sejam capazes de suportar. Desconhecem os prazeres da vida, não praticam a agricultura e não têm cuidados com relação às suas roupas e casas. Sua única atividade está na criação de gado, mas também ganham seu sustento através da caça e do roubo. Na verdade, a natureza parece tê-los criado exclusivamente para a guerra, e vivem atrás da oportunidade de meter-se em uma. Quando o conseguem, milhares deles deixam a região onde vivem e vão oferecer, sempre a um baixo preço, os seus serviços à nação que dele estiver necessitada. A <u>arte</u> cuja finalidade é a morte é a única forma de ganhar a vida que conhecem. (pp. 167,168)	Mandano a la guerra soldados di altra nazione, e specialmente de i Zapoleti. Questo popolo è lontano da l'Utopia cinquanta miglia verso Oriente, orrido, rusticano e feroce, il quale abita le selve, dove ancora è nodrito. Questa è gente dura, atta a patire il freddo, il caldo e la fatica, senza alcuna delicatezza; non si dà a l'agricoltura, nè studia come si vesta o fabbrichi; solamente governa gli animali e vive di cacciagione e di rapina. Sono nati solamente a guerreggiare, e cercano la guerra studiosamente offerendosi per il prezzo a chi li ricerca. Hanno per sostentamento de la loro vita questa sola <u>arte</u>, con la quale si cerca la morte [...] (p. 95)	così assoldano per la guerra soldati da ogni parte, specialmente dagli Zapoleti. È questo un popolo che sta a 500 miglia da Utopia, verso est, di rozzi e selvaggi campagnoli, i quali preferiscono i boschi e gli aspri monti tra cui sono stati allevati: razza dura, resistente al caldo, al freddo, alle <u>fatiche</u>, che non si occupa di agricoltura e poco pensa ad abitazioni e vestiti, ma solo all'allevamento del bestiame. Vivono in gran parte di cacce e di rapine, nati solamente alla guerra, e vanno in cerca di occasioni per farne e, trovatala, la abbracciano con gran piacere: così, usciti di casa in gran numero, si offrono per poco a chiunque faccia incetta di soldati. Non conoscono altr' <u>arte</u>, se non questa con cui si cerca la morte [...] (pp. 129,130)

Hic populus Vtopiensibus aduersus quos mortales militat, quod tanti ab iis eorum conducatur <u>opera</u> quanti nusquam alibi. Vtopienses siquidem ut bonos quaerunt quibus utantur ita hos quoque homines pessimos quibus abutantur. (p. 172)	Esse povo milita pelos utopienses contra qualquer outro povo, pois recebem deles pelo <u>trabalho</u> mais do que das outras nações: por sua vez, os utopienses que procuram os melhores para contratar abusam também daqueles que são ruins. (p. 173)	Esse povo combate ao lado dos utopianos contra qualquer das nações dos mortais, pois nenhuma outra tem condições de ser tão pródiga em seus pagamentos. E, assim como os utopianos procuram encontrar homens de alto nível para lhes confiar serviços dignos, procuram também os tipos mais sórdidos para os serviços indignos. (p. 169)	Questo popolo serve ne la guerra a gli Utopiensi contra ogni mortale perchè li danno maggior stipendio che qualunque altro, sì come gli Utopiensi cercano gli uomini da bene per accomodarsene, così pigliano gli uomini malvagi per servirsene a la guerra. (p. 96)	Or questo popolo va in guerra, a favor degli abitanti di Utopia, contro chiunque, ricevendone un soldo quale in nessun altro luogo: giacchè quivi si va in cerca sia di gente dabbene con cui aver rapporti, come di questi depravati, da portare alla loro rovina. (p. 130)
Castra diligentissime communiunt fossa praealta lataque, terra quae egeritur introrsum reiecta, nec in eam rem <u>opera</u> mediastinorum utuntur, ipsorum manibus militum res agitur, totusque exercitus in <u>opere</u> est, exceptis qui pro uallo in armis ad subitos casus excubant. (p. 176)	Fortificam, com cuidado, os acampamentos com fossos profundos e largos, e a terra retirada é lançada no interior dos quartéis. Nessa <u>tarefa</u> , eles não utilizam a mão de obra dos escravos, já que é realizada pelas mãos dos soldados. Todo exército <u>trabalha</u> , com exceção daqueles homens que, armados junto aos fossos, vigiam contra os ataques repentinos. (p. 177)	Os utopianos têm sempre o cuidado de fortificar seu acampamento com trincheiras grandes e profundas, e o entulho é jogado para o lado de dentro. Para esse <u>trabalho</u> , não utilizam os escravos; todos os soldados se encarregam da construção dessas proteções, a não ser algumas sentinelas armadas que montam guarda fora da trincheira, para que o exército não seja apanhado de surpresa por nenhuma emergência. (p. 174)	Fortificano i loro alloggiamenti con larga e profonda fossa, nè si servono in questo de i vili servi, anzi i soldati a lor mano la cavano, gittando la terra dentro, eccetto quei che per ogni subito caso stanno armati a la guardia. (p. 98)	Fortificano il campo con la più estrema diligenza, con una trincea molto profonda e larga, rigettando indietro il terreno scavato, nè a ciò si servono dell' <u>opera</u> di braccianti: sono i soldati stessi che la fanno con le loro mani, e tutto l'esercito sta al <u>lavoro</u> , tranne quelli che fan la guardia armati dinanzi alle trincee, per ogni caso improvviso. (p. 134)

		vida alheio, nem se vangloriam do bem que praticam. (pp. 185,186)		essi stanno continuamente in faccenda e <u>travaglio</u> , senza per questo farsene merito, senza schermire la vita altrui, senza esaltar la propria. (p.144)
--	--	---	--	---

Eorum tamen haereses duae sunt, altera caelibum, qui non Venere modo in totum abstinent, sed carnum esu quoque. Quidam animalium etiam omnium, reiectisque penitus tamquam noxiis uitae praesentis uoluptatibus, futurae dumtaxat, per uigilias ac sudores inhiant, eius propediem obtinendae spe. Alacres interim, uegetique. Altera <u>laboris</u> haud minus appetens, coniugium praefert, ut cuius nec aspernantur solatium, et <u>opus</u>, naturae debere se, et patriae liberos putant. Nullam uoluptatem refugiunt, quae nihil eos ab <u>labore</u> demoretur. Carnes quadrupedum uel eo nomine diligunt, quod tali cibo se ualidiores ad <u>opus</u> quodque censeant. (p. 188)	Há desses utopienses duas seitas: uma, de solteiros, que não apenas se abstêm de todo sexo, mas não comem carne — e alguns chegam mesmo a rejeitar qualquer produto animal e todos os prazeres da vida como nocivos, e que, na esperança da vida futura, adiam tais prazeres com vigílias e suores, mantendo-se, no ínterim, alegres e vivazes. Os outros, da segunda seita, não menos desejosos do <u>trabalho</u>, preferem o casamento, e não desprezam seus confortos; eles pensam que os filhos são obra natural e um dever para com a pátria. Não recusam qualquer prazer, desde que não os atrase no <u>trabalho</u>. Apreciam a carne dos animais porque pensam que com tal alimento tornam-se mais fortes para o <u>trabalho</u>. (p. 189)	Dividem-se em duas seitas, uma das quais adota o celibato. Os seus membros não mantêm relações sexuais, não comem carne e, em alguns casos, não ingerem nenhum tipo de alimento de procedência animal. Renunciam a todos os prazeres deste mundo, que consideram pecaminosos, e só anseiam pela vida futura, cujos prazeres esperam merecer em função do árduo <u>trabalho</u> que realizam e das noites de vigília a que se submetem. Sua esperança concede-lhes, ainda nesta vida, conforto e felicidade. A outra seita, que também se dedica a um <u>trabalho</u> estafante, aceita o casamento com base na idéia de que sua fruição não deve ser desprezada e de que a procriação é um dos principais deveres que um homem tem para com a natureza e o seu país. Não colocam nenhuma objeção ao prazer, desde que este não interfira em seu <u>trabalho</u>. Comem carne, pois acreditam que ela os torna mais fortes e predispostos à realização de <u>trabalhos</u> pesados. (pp.186,187)	Ma sono di due sorti: alcuni vivono casti e non mangiano carni; altri al tutto non mangiano di animale alcuno e lasciano da parte ogni diletto carnale con speranza de la vita futura, e sono sani e prosperosi. L'altra sorte di questi data parimente a le <u>fatiche</u>, si marita per eseguir l'<u>opera</u> de la natura e generare figliuoli a la repubblica. Non fuggono quei sollazzi che non li ritirino da la <u>fatica</u>. Mancano carni d'animali di quattro piedi, dandosi a credere che con quel cibo si manteghino più robusti a le <u>fatiche</u>. (p. 105)	Tuttavia di costoro vi sono due categorie. L'una è fatta di celibi, che non solo si astengono del tutto dai piaceri dell'amore, ma anche dal mangiar carne, alcuni anche da ogni sorta di animali e, respinti del tutto come nocivi i dilette della vita presente, aspirano solo alla futura, con veglie e sudori, e pur sempre ardenti, sempre vigorosi, per la speranza di ottenerla tra breve. Ma ce n'è un'altra, di uomini che non desiderano meno <u>lavorare</u>, ma preferiscono il matrimonio, i cui conforti non disprezzano, e si credono in debito di tale <u>opera</u> alla natura e di figli alla patria. Non hanno ripugnanza per nessun piacere, purchè non li allontani dal <u>lavoro</u>, ed amano le carni dei quadrupedi, anche pel motivo che con tale cibo si credono più robusti per qualsiasi <u>fatica</u>. (p. 145)
---	--	--	--	--

Delubra uisuntur egregia, utpote non <u>operosa</u> modo, sed quod erat in tanta ipsorum paucitate necessarium, immensi etiam populi capacia. (p. 194)	Os templos são admiráveis, e não só muito <u>trabalhados</u> , mas, como há pouco deles, são também amplos o suficiente para agasalharem a imensa população. (p. 195)	Seus templos parecem majestosos não só pela beleza de sua construção, mas também por suas dimensões. Como são muito poucos, é preciso que comportem verdadeiras multidões. (p. 192)	Hanno egregi tempi non molto <u>lavorati</u> , il che non era loro necessario, essendo pochi, ma ben capaci; (p. 107)	Vi si osservano santuari splendidi, come quelli che non solo costarono molta <u>fatica</u> , ma, ciò che era necessario per esser sì pochi, son capaci anche di una folla immensa. (p. 149)
Candidis in templo uestibus amicitur populus, sacerdos uericolores induitur, et <u>opere</u> et forma mirabiles materia on perinde pretiosa. Neque enim auro intextae. Aut raris coagmentatae lapidibus, sed diuersis auium plumis, tam scite tantoque <u>artificio laboratae</u> sunt, ut <u>operis</u> pretium nullius aestimatio materiae fuerit aequatura. (p. 196)	No templo, o povo se veste com roupas brancas, e o sacerdote, com trajes coloridos, de labor e forma admiráveis, embora de matéria não preciosa; pois não são tecidos em ouro, nem bordados com raras pedrinhas, mas são <u>trabalhados</u> com diversas plumas vegetais, tão hábil e destramente que o preço do material não se equipararia ao do <u>trabalho</u> . (p. 197)	Na igreja, a congregação se veste de branco. Os sacerdotes usam trajes multicoloridos, magníficos em concepção e feitura, mas de um material que nada tem de caro ou precioso. Em vez dos bordados a ouro e das incrustações de pedras preciosas, esses trajes são <u>trabalhados</u> com penas de diversas aves. (p. 195)	Il popolo nel tempio si veste di bianco ed i sacerdoti de vari colori, ma non di preziosa materia, perchè sono quelle vesti quasi ricamate non di pietre preziose, ma di varie penne de uccelli in tal modo con ordine disposte che si vede in le vesti de i sacerdoti sono compresi alcuni segreti misteri [...] (p. 109)	Di bianchi camici sta velato il popolo in chiesa, i sacerdoti ne indossano di variopinti, splendidi per forma e <u>lavoro</u> , ma non di materia altrettanto preziosa: non sono infatti ricamati in oro, nè smaltati di pietre rare, ma <u>lavorati</u> con pelli di uccello screziate, così abilmente e con tanta <u>arte</u> , che nessuna materia, per quanto preziosa, avrebbe uguagliato il valore del <u>lavoro</u> . (p. 151)
[...] Quid quod nihilo minus his prospicitur, qui nunc impotes olim <u>laborauerunt</u> , quam his qui nunc <u>laborant</u> . (p. 200)	[...] E aqueles inválidos, que outrora <u>trabalharam</u> , não recebem nada menos do que aqueles que hoje <u>trabalham</u> . (p. 201)	[...] Há mais, ainda: todos os que já são velhos demais para <u>trabalhar</u> têm assegurados todos os direitos e todas as vantagens dos cidadãos que ainda estão <u>trabalhando</u> . (p. 198)	XXXXXXXXXXXXX	E che dir poi che si provvede, non meno che chi ora <u>lavora</u> , anche a chi <u>faticava</u> una volta, ma ora non è padrone di nulla? (p. 154)

Hic aliquis uelim cum hac aequitate audeat aliarum iustitiam gentium comparare, apud quas dispeream, si ullum prorsus comperio, iustitiae, aequitatisque uestigium. Nam quae haec iustitia est, ut nobilis quispiam, aut aurifex, aut foenerator, aut denique alius quisquam eorum, qui aut omnino nihil agunt, aut id quod agunt, eius generis est, ut non sit reipublicae magnopere necessarium, lautam ac splendidam uitam, uel ex otio, uel superuacuo negotio consequatur, cum interim mediastinus, auriga, faber, agricola,	Quisera eu que alguém ousasse comparar com essa equidade a justiça praticada em outros povos, junto aos quais que eu morra se encontrar algum vestígio de justiça ou equidade. Pois que justiça é essa na qual qualquer nobre, ourives ou usuário, ou qualquer outro desses que não fazem nada, ou que só produzem o que é inteiramente desnecessário à república, tenha uma vida soberba e esplêndida, passada no ócio ou em tarefas inúteis, enquanto, ao mesmo tempo, um escravo, um cocheiro, um <u>trabalhador</u> ou um agricultor	Ora, como é que alguém poderia aventurar-se a comparar toda essa justiça reinante em Utopia com a justiça dos outros países? Que todos os castigos caiam sobre mim se eu estiver errado, mas não vejo nesses países a mais leve sombra do que poderíamos chamar de justiça. Pessoas como os aristocratas, ou ourives ou os agiotas, que nada fazem, ou no máximo produzem coisas que nada têm de essenciais, são recompensadas com uma vida esplêndida e luxuosa em troca do ócio em que vivem mergulhadas ou de suas atividades absolutamente inúteis. Quanto aos operários, cocheiros, carpinteiros e <u>trabalhadores</u> agrícolas,	Ardirà alcuno di comparare la equità di altre genti, le quai a mio parere non ne tengono ombra alcuna, con la equità di questa repubblica? Che equità è questa ch'un nobile, ovvero orefice, o usuraro, oppure qualunque altro che non <u>opera</u> cosa alcuna, ovvero che ogni suo fatto è poco necessario a la repubblica, si acquisti il vivere delicato e splendido, quantochè un servo, un <u>lavoratore</u> de campi, un fabbro, un carretieri	E qui vorrei che osasse qualcuno, con questo senso di equità, paragonare la giustizia di altre genti, presso le quali possa io morire se scorgo qualche piccol segno di giustizia e di equità. Che giustizia è mai questa che un nobile qualsiasi, un commerciante di danaro, un usuraio, un altro qualsiasi infine di quelli che non fanno nulla o, ciò che fanno, è di tal fatta che non è necessario gran che allo stato, ottenga di vivere tra delicatezze e splendori, o col non far nulla, o con <u>lavori</u> inutili; laddove intanto un manovale, un cocchiere, un falegname, un contadino,
--	---	--	--	---

tanto, tamque assiduo <u>labore</u>, quam uix iumenta sustineant, tam necessario, ut sine eo ne unum quidem annum possit ulla durare respublica uictum tamen adeo malignum parant, uitam adeo miseram ducunt, ut longe potior uideri possit conditio iumentorum, quibus nec tam perpetuus <u>labor</u>, nec uictus multo deterior est, et ipsis etiam suauior, nec ullus interim de futuro timor. At hos et <u>labor</u> sterilis, atque infructuosus, in praesenti stimulat, et inopis recordatio senectutis occidit, quippe quibus parciore est diurna merces, quam ut eidem possit diei sufficere, tantum abest ut excrescat, et supersit aliquid quod quotidie queat in senectutis usum reponi. (pp. 200,202)	se esforça com <u>trabalho</u> tão duro que a custo um asno aguentaria, e tão necessário que sem ele nenhuma república poderia durar sequer um único ano, e que ainda assim recebem tão pouco alimento e levam uma vida tão mísera que a condição dos asnos poderia ser considerada muito melhor, pois nem as bestas vivem em tão constante <u>trabalho</u>, nem sua alimentação é pior, porque, na verdade, é até melhor, e elas não têm qualquer temor quanto ao futuro, ao passo que para os <u>trabalhadores</u> o <u>trabalho</u> estéril e infrutífero atormenta, e a recordação da mísera pobreza os angustia, porque a paga diária é tão magra que nem sequer pode ser bastante para o cotidiano, quanto mais para sobrar algo que se possa ser guardado para usar na velhice? (pp. 201, 203)	cujo <u>trabalho</u> é tão fundamental que, se resolvessem cruzar os braços, qualquer país entraria em colapso no prazo de um ano, o que acontece com eles? A alimentação que conseguem é tão escassa e miserável, e vivem tão mal desde o dia em que nascem, que estariam em situação bem melhor se fossem bestas de carga. Assim, pelo menos, não teriam uma jornada de <u>trabalho</u> tão fatigante, sua comida não seria muito pior — com efeito, iriam apreciá-la mais —, e não encarariam com tanto medo o seu futuro e o de sua família. Mas, do modo como as coisas são, não apenas vivem a sua num <u>trabalho</u> que fazem praticamente de graça, como também apavorados com a perspectiva de uma velhice mergulhada na mais terrível pobreza — já que o seu salário não basta nem mesmo para cobrir as suas necessidades diárias, e muito menos ainda para fazer algumas reservas hoje para o dia em que não mais puderem <u>trabalhar</u>. (pp.199,200)	con tarda <u>fatica</u> di e notte che non la patirebbono i buoi, si guadagna parcamente il vivere, quasi peggiore di quello de gli animali che non <u>faticano</u> tanto assiduamente, nè stanno in timore de le cose a venire. Ma questi sono afflitti da la poca fruttuosa <u>fatica</u>, e ricordandosi de la povertà, ch'aspettano in vecchiezza, restano vinti dal dolore, vedendo che non potendo tanto guadagnare che basti loro di giorno in giorno, perdono ogni speranza di riporre cosa alcuna per la vecchiezza. (p. 111)	con un <u>lavoro</u> gravoso e ininterrotto che nemmeno un mulo, ma necessario, tanto che senza di esso neppure un anno potrebbe durare lo stato, si procacciano tuttavia un vitto così stentato, menano una vita sì miserabile? Ben preferibile sembra la condizione delle bestie da soma: il <u>lavoro</u> di queste non è così continuo, nè il vitto così orribile, anzi per esse è molto più gradevole, nè hanno intanto paura del futuro. Soffrono invece questi uomini che il loro <u>lavoro</u> sia inutile e senza vantaggio, come li ammazza il pensiero dell'indigenza per la vecchiaia [...] (p. 154,155)
--	--	--	---	---

Sed eorum florentis aetatis abusa <u>laboribus</u>, annis tandem ac morbo graues, omnium rerum indigos, tot uigiliarum immemor, tot ac tantorum oblita beneficiorum miserrima morte repensat ingratiissima. (p. 202)	Mas, depois de gastar a flor da idade na <u>labuta</u>, quando já estão prejudicados pelos anos e necessitados de todas as coisas, essa república, esquecida de todas as vigílias e olvidada de tantos benefícios, ingratiíssima, não o recompensa com uma mísera morte? (p. 203)	Depois de ter se aproveitado deles quando estavam nos melhores anos de suas vidas, a sociedade se esquece das incontáveis vigílias em que consumiram suas forças a seu serviço, e os recompensa pelos <u>trabalhos</u> importantíssimos que realizaram permitindo que morram na miséria e indigência. (p. 200)	[...] anzi avendosi de le loro <u>fatiche</u> servito mentre che erano giovani poi che invecchiano, le lascia di disagio morire in estrema povertà! (p. 112)	[...] ma dopo aver abusato, finchè erano in fiore, delle loro <u>fatiche</u> giovanili, quando ormai, schiacciati dagli anni e dalle malattie, hanno bisogno di ogni cosa, esso, immemore di tante veglie e dimentico di tanti e sì grandi servizi ricevuti, nella sua nera ingratitudine li ripaga con la morte più misera? (p. 155)
Itaque omnes has quae hodie usquam florentespublicas animo intuenti ac uersanti mihi, nihil sic me amet deus, occurrit aliud quam quaedam conspiratio diuitum de suis commodis reipublicae nomine, tituloque tractantium. Comminiscunturque et excogitant omnes modos atque <u>artes</u> quibus, quae malis <u>artibus</u> ipsi congesserunt, ea primum ut absque perdendi metu retineant, post hoc ut pauperum omnium <u>opera</u>, ac <u>laboribus</u> quam minimo sibi redimant, eisque abutantur. (p. 202)	Por isso, quando observo e me ocupo de todas essas repúblicas que hoje florescem, e, que Deus me perdoe, não vejo nada além que uma conspiração de ricos, que, em nome da república, tratam de seus interesses. Inventam e excogitam todas as maneiras e artificios, por meio dos quais, primeiro, sem medo de perder, conservem tudo aquilo que adquiriram dolosamente, e, depois disso, apoderam-se do <u>trabalho</u> de todos os pobres, pagando-lhes pelo <u>trabalho</u> o mínimo possível. (p. 203)	Na verdade, quando reflito sobre qualquer das repúblicas que prosperam no mundo atual, nelas não vejo — e tomo Deus por testemunha — nada além de uma conspiração dos ricos para fomentar os seus próprios interesses em nome da república e sob seu título. Inventam todos os tipos de truques e artimanhas, primeiro para assegurar, sem medo de perdê-la, a posse de todos os bens que adquiriram por meios escusos, e, em segundo lugar, para explorar os pobres e comprar o seu <u>trabalho</u> pelo mais baixo preço possível. (pp. 200,201)	Considerando adunque tutte le Republiche che ora fioriscono, così mi ami Dio che non veggo altro che una congiura de ricchi, la qual tratta da i proprî commodi, sotto nome di Republica cercano ogni modo ed <u>arte</u> con la quale possino fare grande acquisti e tenerseli senza timore, dipoi come possino con piccioli salari aver le <u>fatiche</u> de poveri e servirsene a loro voglia. (p. 112)	Esaminando adunque e considerando meco questi stati che oggi in qualche luogo si trovano, non mi si presenta altro, così Dio mi aiuti! che una congiura di ricchi, i quali, sotto nome e pretesto dello stato, non si occupano che dei propri interessi. E immaginano e inventano ogni maniera, ogni <u>arte</u> con cui conservare anzitutto, senza paura di perderlo, ciò che hanno disonestamente ammucchiato essi, e in secondo luogo come serbar per sè, al prezzo più basso possibile, ciò che a <u>fatica</u> producono tutti i poveri, volgendolo a proprio utile. (p. 156)

Quis enim nescit fraudes, furta, rapinas, rixas, tumultus, iurgia, seditiones, caedes, proditiones, ueneficia, cotidianis uindicata potius quam refrenata suppliciis, interempta pecunia commori, ad haec metum sollicitudinem, curas, <u>labores</u>, uigilias, eodem momento quo pecunia perituras. Quin paupertas ipsa, quae sola pecuniis uisa est indigere, pecunia prorsus undique sublata, protinus etiam ipsa decresceret. (pp. 202,204)	Pois, quem não sabe que as fraudes, furtos, rapinas, rixas, tumultos, lutas, sedições, assassinatos, traições e envenenamentos, e toda a sorte de coisas que diariamente são mais vingadas do que reprimidas pelos castigos, acabariam, com o fim do dinheiro; e que o medo, a ansiedade, as preocupações, <u>fadigas</u> e vigílias pereceriam no mesmo instante que o dinheiro. Pois, a própria pobreza, considerada apenas como falta de dinheiro, logo decresce, assim que o dinheiro é banido. (pp. 203,205)	Pois é evidente que, ao acabar-se com o dinheiro, acaba-se também com todos os tipos de comportamento criminoso que os castigos diários não conseguem refrear: a fraude, o roubo, a invasão de domicílio, as brigas, os tumultos, as querelas, as rebeliões, o assassinato, a traição e a magia negra. No próprio dia em que se elimina o dinheiro, pode-se também dizer adeus ao medo, à preocupação, à ansiedade, ao <u>trabalho</u> estafante e às noites sem dormir. Ora, até mesmo a pobreza em si, o único problema cuja solução sempre pareceu depender do dinheiro, desapareceria de imediato se este último também fosse abolido. (pp. 201,201)	Chi non sa quante fraudi, rapine, risse, tumulti, contenzioni, seddizioni, uccisioni, tradimenti, incantesimi, puniti più tosto che raffrenati co i sopplizi, col sprezzare i denari se ne vanno, e con questi la sollecitudine, i pensieri, <u>fatiche</u> e vigilie con la pecunia si portano, ed ancor se ne va la povertà, la qual sola pare che sia bisognosa de denari! (p. 112)	Chi ignora infatti che soperchierie, truffe, ladronecci, risse, sconvolgimenti, alterchi, sedizioni, assassini, tradimenti, avvelenamenti, cui i supplizi s'affannano ogni giorno a punire anziché raffrenare, una volta tolto di mezzo il danaro se n'andrebbero anch'essi? Che, insieme col danaro, sparirebbero contemporaneamente anche paure, preoccupazioni, affanni, <u>fatiche</u> e veglie? La povertà stessa anzi, che è l'unica, pare, ad aver bisogno di danaro, levato di mezzo assolutamente il danaro, diminuirebbe via via anch'essa. (p. 156)
---	--	---	---	---

3.2 TRECHOS D'A CIDADE DO SOL

TEXTO em LATIM	TEXTO em ITALIANO 1ª EDIÇÃO	TEXTO em ITALIANO ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS ABRIL CULTURAL	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS VOZES
1640	1602	1637	1978	2014
GENUENSIS — Distincta est civitas in septem gyros ambitusve ingentes, a septem planetis nominatos, et ab açterro in alterum per quatuor strata viarum intratur perque portas quatuor ad mundi angulos quatuor spectantes. Et profecto sic aedificata est, ut si quis primum expugnaret gyrum, necesse habet duplicato <u>labore</u> expugnare secundum et maiori tertium, ac semper geminare vires <u>laboresque</u> . (p. 4)	GENOVESE — È la città distinta in sette gironi grandissimi, nominati dalli sette pianeti, e s'entra dall'un all'altro per quattro strade e per quattro porte, alli quattro angoli del mondo spettanti; ma sta in modo che, se fuss'espugnato il primo girone, bisogna più <u>travaglio</u> al secondo e poi più; talché sette fiata bisogna espugnarla per vincerla. (p. 4)	GENOVESE — La città è divisa in sette grandi gironi, o cinte, ognuno avente il nome di un pianeta, e si accede dall'uno all'altro per quattro strade e quattro porte rivolte ai quattro punti cardinali. Ed è evidente che è stata edificata in modo tale che, ammesso che fosse espugnato il primo girone, sarebbe stato necessario uno <u>sforzo</u> doppio per espugnare il secondo, ancor più grande per il terzo ecc., dovendo duplicare ogni volta gli sforzi e le <u>fatiche</u> . (p. 5)	ALM. — A cidade foi construída de tal forma que, se alguém, em combate, ganhasse o primeiro recinto, precisaria do dobro das forças para superar o segundo, do triplo para o terceiro, e, assim, num contínuo multiplicar de esforços e de <u>trabalhos</u> , para transpor os seguintes. Por essa razão, quem se propusesse a expugná-la precisaria recomeçar sete vezes a empresa. (p. 246)	GENOVÊS — A cidade está dividida em sete círculos enormes que recebem o nome dos sete planetas, e é possível ir de um para o outro por meio de quatro estradas e quatro portas, para os quatro cantos do mundo; no entanto, é construída de tal forma que, conquistando o primeiro círculo, seria necessário muito mais <u>esforço</u> para conquistar o segundo, e assim por diante; de maneira que seria necessário recomeçar a conquista sete vezes, expugná-la totalmente e conquistá-la. (p. 6)

GEN. — Vidi apud Chineses inventas esse bombardas et typographiam antequam apud nos. Sunt magistri harum picturarum declaratores, et pueri sine <u>labore</u> quasi ludendo addiscere consueverunt scientias omnes, historico tamen modo, ante primum decennium. (p. 18)	GEN. — Vidi che nella China le bombarde e le stampe fũro prima ch'a noi. Ci son poi li maestri di queste cose; e li figliuoli, senza fastidio, giocando, si trovano saper tutte le scienze istoricamente prima ch'abbin dieci anni. (p. 18)	GEN. — [...] ho così appreso che i Cinesi avevano scoperto le bombarde e l'<u>arte</u> della stampa prima di noi. Vi sono poi dei maestri che illustrano queste pitture e i fanciulli si abituano ad apprendere senza <u>fatica</u>, quasi giocando, tutte le scienze, ma solo a livello descrittivo, prima di compiere dieci anni. (p. 19)	ALM. — E eu soube que, antes de nós, foram os chineses que descobriram a pólvora e a imprensa. Há professores que explicam essas gravuras, habituando as crianças com menos de dez anos a aprender sem <u>fadiga</u>, como uma espécie de divertimento, todas as ciências, mas tudo pelo método histórico. (p. 249)	GENOVÊS — Vi que na China a pólvora e a imprensa foram inventadas antes de nós. Há mestres dessas coisas e as crianças, sem incomodar, aprendem brincando todas as ciências antes de completar dez anos. (pp. 10,11)
HOSPITALARIUS — Ergo nemo <u>laborare</u> volet, dum ut alii <u>laborent</u>, unde ipse vivat, expectat, sicuti Aristoteles arguit in hoc Platonem. (p. 20)	OSPITALARIO — Dunque nullo vorrà <u>faticare</u>, mentr'aspetta che l'altro <u>fatichi</u> come Aristotele dice contra Platone? (p. 20)	OSPITALARIO — Allora nessuno vorrà <u>lavorare</u>, aspettandosi che siano gli altri a farlo per lui, come Aristotele ha obiettato a Platone. (p. 21)	OSP. — Então, ninguém terá vontade de <u>trabalhar</u>, esperando que os outros <u>trabalhem</u> para o seu sustento, de acordo com a objeção de Aristóteles a Platão. (p. 250)	HOSPITALÁRIO — Então, ninguém vai querer <u>trabalhar</u>, esperando que o outro <u>trabalhe</u>, como afirma Aristóteles criticando Platão. (p. 12)

GEN. — Conducunt simul illos ad officinas <u>artium</u>, sutoriae, coquinariae, ferrariae, lignariae, picturae etc., ut ingenii propensionem cuiusque perpendant. Post septimum annum, praelibatis terminis mathematicis in parietibus, conferuntur ad lectionem omnium scientiarum naturalium: quatuor agmina exinde expediuntur. Namque dum alii exercent corpus aut publicis serviunt usibus functionibusque, alii lectioni operam navant. Dehinc abstrusioribus mathematicis, medicinae aliisque dedicantur omnes scientiis, et continua inter eos est disputatio et altercatio studiosa, illique postea magistratus fiunt illarum scientiarum, in quibus proficiunt magis, aut <u>artium mechanicarum</u>. Sequuntur enim quisque ducem ac iudicem suum.	GEN. — [...] e li conducono nell'officine dell'<u>arti</u>, cositori, pittori, orefici, ecc.; e mirano l'inclinazione. Dopo il settim'anno vanno alle lezioni delle scienze naturali, tutti; ché son quattro lettori della medesima lezione, e in quattro ore tutte le quattro squadre si spediscono; perché, mentre l'altri s'esecitano il corpo, o fanno li pubblici servizi, l'altri stanno alla lezione. Poi alle dieci si mettono alle matematiche, medicine ed altre scienze, e c'è continua disputa tra loro e concorrenza;	GEN. — I maestri li conducono anche nelle botteghe artigiane, nelle calzolerie, cucine, fucine, falegnamerie, dai pittori ecc., per poter valutare meglio le attitudini di ciascuno. Dopo il settimo anno, acquisti i rudimenti di matematica con l'aiuto dei disegni sulle mura, si applicano allo studio di tutte le scienze naturali: vi sono quattro professori per la stessa lezione e in quattr'ore sbrignano tutti e quattro i drappelli. Infatti mentre alcuni si danno agli esercizi fisici o sbrignano servizi e <u>faccende</u> per la comunità, altri si dedicano alle lezioni. In seguito tutti si applicano alle matematiche più complesse, alla medicina e alle altre scienze;	ALM. — Distribuídos por manípulos, são eles conduzidos às diferentes oficinas das <u>artes</u>: a dos sapateiros, a dos cozinheiros, a dos artífices, a dos pintores, etc. Para que seja observada a tendência especial de cada engenho, depois dos sete anos, adquiridas já as noções matemáticas mediante as pinturas das muralhas, aplicam-se ao estudo das ciências naturais. As lições são recitadas a cada manípulo por quatro mestres diferentes, os quais terminam em quatro horas todas as partes da instrução. Em seguida, enquanto uns exercitam o corpo, outros atendem às funções públicas ou se dedicam às lições. Depois começa o estudo das matérias mais difíceis, das matemáticas sublimes, da medicina e de outras ciências, e continuamente, no intervalo dos exercícios, travam-se discussões científicas. Com o tempo, os que mais se distinguiram numa ciência, ou numa <u>arte mecânica</u>, são eleitos magistrados.	GENOVÊS — A partir dessa idade [sete anos], conduzem-nos às oficinas das <u>artes</u>, dos costureiros, dos pintores, dos ourives etc., e observam a aptidão de cada um. Depois dos sete anos de idade, todos participam das aulas de ciências naturais: há quatro professores da mesma matéria, e em quatro horas as quatro turmas são dispensadas, pois, enquanto alguns exercitam o corpo ou fazem os serviços públicos, os outros assistem à aula. Depois disso, todos se dedicam ao estudo das matemáticas, das medicinas e das outras ciências, e há contínua competição e concorrência entre eles;
--	---	--	--	--

Et in campos egrediuntur ad <u>opera</u> agrorum et bestiarum pasturas inspiciendum discendumque, et illum reputant nobiliorem ac praestantiorum, qui plures didicerit <u>artes</u> ac sapientius exercere novit. Quapropter irident nos in eo quod artifices vocemus ignobiles ac eos habeamus nobiles, qui nullam addiscunt <u>artem</u>, vivunt ociose et tot servos suo ocio et lasciviae dedicatos detinent, unde sicut ex vitiorum schola prodeunt in reipublicae perniciem tot nebulones ac malefici. (pp. 26, 28)	e quelli poi diventano ufficiali di quella scienza, dove più riuscirono, o di quell'<u>arte meccanica</u>, ch'ognuna have il suo capo. Ed in campagna, nei <u>lavori</u> e nella pastura delle bestie pur vanno ad imparare; e quello è tenuto di più gran nobiltà, che più <u>arti</u> impara, e meglio le fa. Onde si rideno di noi che l'artefici appellam'ignobili, e diciamo nobili quelli, che null'<u>arte</u> imparano e stann'oziosi e tengono in ozio e lascivia tanti servidori. (pp. 26,28)	e si emulano continuamente in dispute e dotte controversie; e successivamente diventano magistrati di quella particolare scienza o <u>arte</u>, in cui si sono più distinti; e infatti ognuno è soggetto a un capo che è anche il suo giudice. Vanno pure nei campi ad osservare ed imparare i <u>lavori</u> agricoli e pastorali, reputando più nobile e stimabile chi ha appreso i maggior numero di <u>mestieri</u> e sa esercitarli con maggior perizia. Perciò ridono di noi che chiamiamo plebei quelli che vivono della propria <u>arte</u> e nobili quelli che, non avendone nessuna, vivono oziosamente e tengono una turba di servitori dediti solo a soddisfare la loro pigrizia e lussuria, per cui da una tale sentina di vizi germogliano tanti fannulloni e malvagi a rovina dello stato. (pp. 27,29)	A agricultura e a pecuária são ensinadas por meio da observação, e todos, guiados pelo próprio chefe e juiz, dirigem-se para o campo, onde examinam e aprendem as modalidades de <u>trabalho</u>, sendo considerado o primeiro e o maior o que tiver conhecimento de maior número de <u>artes</u> e souber exercê-las com critério. Não posso exprimir-lhe quanto desprezo têm por nós, por chamarmos de ignóbeis os artífices e de nobres os que, não sabendo fazer coisa alguma, vivem no ócio e sacrificam tantos homens que, chamados servos, são instrumentos da preguiça e da luxúria. Dizem ainda que não é de admirar que dessas casas e escolas de torpeza saiam catervas de intrigantes e malfeitores, com infinito dano para o interesse público. (p. 251)	aqueles, portanto, que tiram maior proveito numa ciência ou em uma <u>arte mecânica</u> se tornarão magistrados daquela ciência porque cada <u>arte</u> tem seu chefe. E vão aprender também no campo, nos <u>trabalhos</u> e no pasto dos animais, e aquele que aprender mais <u>artes</u> e souber praticá-las é considerado da mais alta nobreza. Por isso riem de nós, pois consideramos desprezíveis os <u>artífices</u>, e dizemos que são nobres aqueles que não aprendem <u>arte</u> alguma e ficam ociosos, deixando no ócio e na lascívia muitos servidores com prejuízo para a Republica. (p. 14)
GEN. — Item necesse habent nosse omnes <u>artes mechanicas</u>, nam biduo fere unam addiscunt, licet non bene <u>operari</u>; sed usus et pictura eis facilitatem ad hoc praebeant; (p. 28)	GEN. — Poi bisogna che sappia tutte l'<u>arti meccaniche</u>, perch'ogni duoi giorni s'impara una, ma l'uso qui le fa saper tutte, o la pittura. (p. 28)	GEN. — Parimenti occorre che abbia cognizione di tutte e <u>arti manuali</u> — del resto i Solari in due giorni arrivano quasi a impararne una, pur non sapendola praticare a dovere, ma l'esercizio e le pitture murali li agevolano enormemente —; (p. 29)	ALM. — Acrescenta-se a isso, o conhecimento de todas as <u>artes mecânicas</u>, cada uma das quais eles aprendem quase no espaço de três dias, embora não se tornem perfeitos na execução, que é, contudo, facilitada pelo exercício e pelas pinturas. (p. 251)	GENOVÊS — Além disso, é necessário que ele [Sol] conheça todas as <u>artes mecânicas</u>, pois a cada dois dias aprende-se uma delas (mas a prática aqui as torna todas conhecidas), e a pintura. (p. 14)

GEN. — At Hoh noster, licet imperitissimus regiminis, non tamen crudelis unquam erit, nec scelestus, nec tyrannus, quippe qui tantum sapit: veruntamen hoc insuper vos non lateat idem argumentum apud vos posse, ubi putatis doctissimum esse qui plus grammaticae aut logicae Aristotelicae aut alterius auctoris novit; cuiusmodi ad sapientiam vestram requiritur tantum servilis memoria et <u>labor</u>, unde efficitur homo iners, quoniam non contemplatur res sed verba librorum, et in mortuis signis rerum animam vilem reddit; nec proinde intelligit qua ratione Deus entia regat, nec naturae mores et usus, neque nationum. (p. 30)	GEN. — Più certi siamo noi ch'un tanto litterato sa governare, che voi che sublimate l'ignoranti, pensando che sian'atti; e sia pur tristo in governo, non sarà mai crudele, né scelerato, né tiranno chi tanto sa. Ma sappiate che questo è argomento che può tra voi, dove pensate che sia dotto chi sa più gramatica e logica d'Aristotile e di questo e di quello autore, dove ci vuol solo memoria servile; onde l'uomo si fa inerte, perché non contempla le cose, ma i libri, e s'avvilisce l'anima in quelle cose morte; né sa come Dio regga le cose e l'usi della natura e delle nazioni. (p. 30)	GEN. — Ma anche se il nostro Hoh si rivelasse del tutto incapace di governare, comunque non sarà mai crudele, né scellerato, né tiranno, visto che è così sapiente. Tuttavia non vi nascondo che quell'obiezione ha molto peso per voi, che reputate che sia più colto chi più conosce la grammatica e la logica di Aristotele o di qualsiasi altro autore; al che, per la vostra cultura dottrinale basta solo applicare lo sforzo della memoria servile, che rende l'uomo inerte, perché non osserva le cose, ma le parole dei libri, e nei morti simboli delle cose l'anima s'avvilisce, e perciò non sa cogliere in che modo Dio regga gli enti, né le leggi e le vicende della natura e dei popoli. (p. 31)	ALM. — Mas, o nosso Hoh, mesmo admitindo que seja inexpertíssimo em qualquer forma de governo, nunca se tornará cruel, celerado ou tirano, pois possuí uma imensa sabedoria. Essa objeção pode ter força entre vós, que chamais de sábio o homem que leu maior número de gramáticas ou de lógicas de Aristóteles ou outros autores, de forma que, ao se querer consultar um sábio dos vossos países, o único resultado que se obtém é uma obstinada fadiga e um servil <u>trabalho</u> de memória que habituam o homem à inércia, pois não encontra estímulo em penetrar no conhecimento das coisas e se contenta em possuir um acervo de palavras, aviltando a alma e fatigando-a sobre letras mortas. (p. 252)	GENOVÊS — Mas o nosso Sol, embora inexperiente no governo, nunca será cruel, nem celerado, nem tirano, possuindo muito conhecimento. Mas saibam que este argumento pode funcionar entre vocês, que julgam douto quem sabe mais gramática e lógica que Aristóteles ou que esse ou aquele autor; para tanto, é suficiente somente memória servil com a qual o homem é condenado à inércia, porque não contempla as coisas, mas os livros, e sua alma fica aviltada com aquelas coisas, mortas; [...] (p. 15)
---	--	---	---	---

GEN. — Tres quidem Principes Hoh assistentes non necesse habent scire, nisi <u>artes</u> ad suum pertinentes regimen: itaque norunt historice tantum <u>artes</u> communes omnibus, [...] (p. 32)	GEN. — Li tre officiali primi non bisogna che sappiano se non quell'<u>arti</u> ch'all'<u>officio</u> loro appartengono. Onde sanno l'<u>arti</u> comuni a tutti, istoricamente imparandole, [...] (p. 32)	GEN. — I tre principi che assistono Hoh, poi, sono tenuti a sapere solo le <u>arti</u> relative alla loro sfera di responsabilità: pertanto hanno una conoscenza sommaria delle <u>arti</u> comuni a tutti, [...] (p. 33)	ALM. — Os três primazes que o assistem [Hoh] devem ser profundos conhecedores, em particular, das <u>artes</u> que mais imediatamente se relacionam com o seu cargo, bastando que só historicamente conheçam as <u>artes</u> comuns. (p. 252)	GENOVÊS — Os três Príncipes precisam saber apenas aquelas <u>artes</u> que pertencem ao seu <u>ofício</u>. Por essa razão, conhecem as <u>artes</u> comuns a todos, aprendendo-as historicamente, e depois as próprias, nas quais um tem mais aptidão do que outro: [...] (p. 16)
GEN. — [...] et tres aliarum singularum, et nullum ocium eis datur, nisi quo etiam doctiores fiunt. Nam et ideo in campestria egrediuntur gratia scilicet cursitandi, sagittas et lanceas iaculandi, archibugiis reboandi, feras persequendi, herbas agnoscendi et lapides, etc., agriculturam et pastorem discendi, modo agmen unum, modo aliud. (p. 32)	GEN. — E tra loro non c'è ozio nullo, se non quello che li fa dotti; ché però vanno in campagna a correre, a tirar dardi, sparar archibugi, sequitar fere, <u>lavorare</u>, conoscer l'erbe, or una schiera e or un'altra. (p. 32)	GEN. — E non è concesso loro nessuno svago, se non quello che li rende ancor più istruiti. Anche in campagna infatti schiere di alunni a turno vanno a esercitarsi nella corsa, oppure a tirar frecce o giavellotti, sparare con gli archibugi, cacciare la selvaggina, imparare a riconoscere piante, minerali ecc., oltre a impraticarsi nell'agricoltura e nella pastorizia. (p. 33)	ALM. — Antes de se tornarem doutores, não lhes [alunos] é concedido repouso algum: depois do estudo, vão para o campo onde se exercitam em corrida, arco, lança, arcabuz, caça ou em botânica, mineralogia, agricultura, pecuária. (p. 252)	GENOVÊS — E entre eles [meninos] não há ócio nenhum, a não ser aquele que os torna doutos; depois vão para o campo para correr, atirar com o dardo, atirar com arcabuzes, caçar as feras, <u>trabalhar</u>, conhecer as ervas, primeiro um grupo e depois o outro. (p. 16)

GEN. — Sunt et <u>artes</u> communes mechanicae et speculativae masculis et foeminis, hac cum discretione: quod <u>artes</u> operosae magis et ubi iter requiritur, tractantur ab masculis, sicuti arare, seminare, fructus legere, in area <u>laborare</u> forte et in vindemia. At ad mulgendas oves et caseum formandum solent et mulieres destinari; itidem et ad hortos prope civitatis pomerium ad colligendas herbas et excolendas similiter vadunt. <u>Artes</u> vero quae sedendo et stando tractantur ad mulieres spectant, veluti texere, nere, suere, tondere capillos et barbas, pharmacopia et omnia vestimentorum genera conficere, excluduntur tamen ab <u>arte</u> lignaria et ferraria et fabrica armorum. (p. 34)	GEN. — Poi son l'<u>arti</u> comuni agl'uomini e donne, le speculative e mecaniche; con questa distinzione, che quelle dove ci va <u>fatica</u> grande e viaggio, le fanno l'uomini, come arare, seminare, coglier'i frutti e pascer li armenti; però nell'aia, nella vendemia, nel formare il cascio e mungere l'uberi si soleno le donne mandare, e nelli orti vicini alla città per l'erbe. L'<u>arti</u> che si fanno sedendo e stando, per lo più son delle donne: come tessere, cuscire, tagliar li capergli e le barbe, la speziaria, e far tutte sorti di vestimenti; fuor che l'<u>arte</u> del ferrano e dell'armi. (p. 34)	GEN. — Anche le <u>arti</u> meccaniche e speculative sono in comune a maschi e femmine, ma con questa differenza: i <u>servizi più faticosi</u> e richiedenti grandi spostamenti, come arare, seminare, raccogliere la frutta, fare i <u>lavori</u> pesanti nell'aia e vendemmiare, sono affidati ai maschi; invece mungere le pecore e fare il formaggio spetta alle donne, come pure l'andare negli orti alla periferia della città a coltivare e raccogliere verdure. Sono inoltre riservati alle donne i <u>mestieri</u> sedentari, come tessere, filare, cucire, tagliare barba e capelli, preparare farmaci e confezionare ogni genere di vestiti; sono escluse però dalla falegnameria, dalla fonderia e dalla fabbricazione delle armi. (p. 35)	ALM. — Homens e mulheres se aplicam em comum a todas as <u>artes</u> mecânicas e especulativas, com a diferença de que as <u>artes</u> que requerem <u>fadiga</u> e marcha são exercitadas pelos homens, como arar, semear, colher as frutas, <u>trabalhar</u> na eira, fazer a vindima, etc., ao passo que as mulheres se dedicam a ordenhar o gado e fazer o queijo, além de se dirigirem às hortas vizinhas das muralhas da cidade para cultivar e colher legumes. Todas as <u>artes</u>, pois, que exigem que se fique sentado ou de pé competem às mulheres: tecer, fiar, cozinhar, cortar o cabelo e a barba, preparar remédios e toda sorte de roupas. Estão, contudo, isentas de <u>trabalhar</u> em madeira e em ferro. (p. 253)	GENOVÊS — Há, depois, as <u>artes</u> comuns aos homens e às mulheres, <u>artes</u> especulativas e mecânicas, com a diferença de que os homens fazem aquelas que exigem <u>grande esforço</u> e caminhada, como lavrar, semear, colher as frutas, alimentar as ovelhas, <u>trabalhar</u> no quintal, na vindima. Mas para fazer o queijo e ordenhar, é costume mandar as mulheres, como também às hortas perto da cidade e aos serviços mais fáceis. De modo geral, os <u>ofícios</u> realizados em pé ou sentado, na maioria das vezes, são deixados para as mulheres, como tecer, costurar, cortar cabelo e barba, preparar especiarias, fazer todo tipo de roupas, diferentes do <u>ofício</u> de ferreiro ou das armas. (p. 17)
---	--	--	--	---

GEN. — Quae autem conceperunt quindecim diebus non <u>exercitiis</u> utuntur ad roborandam prolem et aperiendos meatus nutrimenti ad illam, ac paulatim sempre maiori exercitio roborantur. (p. 46)	GEN. — Quelle c'hanno concepito, per quindici giorni non s'esercitano; poi fanno leggieri <u>esercizi</u> per rinforzar la prole e aprir li meati del nutrimento a quella. (p. 46)	GEN. — Quelle invece che hanno concepito restano a riposo per quindici giorni. Quindi si dedicano a degli <u>esercizi</u> moderati per fortificare il nascituro e aprirgli i canali del nutrimento, e progressivamente s'irrobustiscono intensificando l'attività fisica. (p. 47)	ALM. — As que concebem ficam, por quinze dias, dispensadas de qualquer fadiga. Começam, em seguida, <u>trabalhos</u> fáceis que lhes fortifiquem a prole e lhes abram os meatos da nutrição, e se revigoram depois, gradativamente, com exercícios. (p. 255)	GENOVÊS — Aquelas que conceberam, permanecem quinze dias sem <u>trabalhar</u> ; depois, fazem exercício leves para fortificar a prole e abrir seus meatos à alimentação. (p. 22)
GEN. — Cum enim exercentur mulieres, fiuntcoloribus vividae, membris robustae et grandes et agiles, et in proceritate ac strenuitate consistit pulchritudo apud eos. (p. 52)	GEN. — [...] ché, esercitandosi esse donne, diventano di color vivo e di membra forti e grandi, e nella gagliardia e grandezza consiste la bellezza appresso loro. (p. 52)	GEN. — Grazie alla vita attiva che conducono, le donne sono di colorito vivace, di membra forti, robuste e agili, e la bellezza per loro consiste solo nella statura e nel vigore. (p. 53)	ALM. — [...] como as mulheres se aplicam continuamente a diferentes <u>trabalhos</u> , adquirem uma cor vivaz, membros robustos, grandes e ágeis, consistindo a beleza unicamente na altura e no vigor da pessoa. (p. 256)	GENOVÊS — [...] de fato as mulheres, exercitando-se, adquirem uma cor viva, membros fortes e grandes, e sua beleza consiste no vigor, na vivacidade e na grandezza. (p. 23)
GEN. — Superbiam vitium execrabilissimum ducunt et superbus actus castigatur abiectioe saevissima, quapropter nemo reputant vilitatem ministrum re in mensa vel in culina aut aegris etc. Sed vocant disciplinam omne ministerium [...] (p. 54)	GEN. — La superbia è tenuta per gran peccato, e si punisce un atto di superbia in quel modo che si commette. Onde nullo reputa viltà lo servire in mensa, in cucina o altrove, ma lo chiamano imparare; (p. 54)	GEN. — Giudicano la superbia un vizio ignobile e ogni suo atto è punito con il più duro disprezzo; perciò nessuno si sente sminuito se serve in mensa o in cucina, o assiste i malati ecc. Ma chiamano ogni incarico 'disciplina' [...] (p. 55)	ALM. — A soberba é julgada o mais execrando dos vícios, e todo ato de soberba é punido com as mais cruéis humilhações. Ninguém se considera diminuído ao servir à mesa, na cozinha ou nas enfermarias: cada função é tida como um mister, (p. 257)	GENOVÊS — A soberba é considerada um grande pecado e um ato de soberba é punido da mesma maneira como é cometido. Assim, ninguém considera algo vil servir à mesa, <u>trabalhar</u> na cozinha ou alhures, chamando isso, ao invés, uma aprendizagem; (p. 24)

GEN. — Non habent mancipa foedantia mores: ipsi enim sibi ipsis sufficiunt et superant. At nos, heu, non ita: septuaginta milia animarum Neapoli commorantur et ex eis vix <u>laborant</u> decem aut quindecim millia; et hi nimio <u>labore</u> macerantur continuo et diuturno, et destruuntur. (p. 54)	GEN. — [...] non tengono schiavi, perché essi bastano a se stessi, anzi sorvegliano. Ma noi non così, perché in Genova sono settanta mila anime e non <u>faticano</u> se non le diece, o quindici mila; e questi patiscono <u>fatica</u> assai, e se struggeno. (p. 54)	GEN. — Non tengono schiavi che corrompono i costumi: essi bastano a se stessi ed avanzano. Non così noi, purtroppo: a Napoli abitano settantamila persone, ma neppure dieci o quindicimila <u>lavorano</u>; e questi sono affaticati da un <u>lavoro</u> soverchiante e ininterrotto, che li distrugge. (p. 55)	ALM. — Não têm o sórdido costume de possuir servos, bastando-lhes e, muitas vezes, sendo até excessivo, o próprio <u>trabalho</u>. Entre nós, infelizmente, vemos o oposto. Nápoles tem uma população de setenta mil pessoas, mas só quinze mil <u>trabalham</u> e são logo aniquiladas pelo excesso de <u>fadiga</u>. (p. 257)	GENOVÊS — [...] e não existem escravos, pois eles se bastam a si mesmos, aliás, sobram. Mas nós não somos assim, porque em Nápoles há trezentos mil habitantes e apenas cinquenta mil <u>trabalham</u>, ficando muito cansados e também aniquilados; (p. 24)
GEN. — Ast in Civitate Solis, dum cunctis distribuuntur ministeria et <u>artes</u> et <u>labores</u> et <u>opera</u>, vix quatuor in die horas singulis <u>laborare</u> contingit; reliquum licet tempus consumatur in addiscendo iucunde, disputando, legendo, narrando, scribendo, deambulando, exercendo ingenium et corpus, et cum gaudio. (p. 56)	GEN. — Ma tra loro, partendosi l'<u>uffici</u> a tutti e l'<u>arti</u> e le <u>fatiche</u>, non tocca <u>faticar</u> quattro ore il giorno per uno; se ben tutto il resto è imparare giocando, disputando, legendo, insegnando, camminando, e sempre con gaudio. (p. 56)	GEN. — Invece nella Città del Sole, essendo mansioni, <u>arti mestieri</u> e <u>servizi</u> suddivisi fra tutti, ognuno non <u>lavora</u> neanche quattr'ore al giorno; il resto del tempo lo si impiega studiando con passione, discutendo, leggendo, narrando, scrivendo, passeggiando, esercitando la mente e il corpo, e sempre gioiosamente. (p. 57)	ALM. — Na Cidade do Sol, ao contrário, havendo igual distribuição dos <u>misteres</u>, das <u>artes</u>, dos <u>empregos</u>, das <u>fadigas</u>, cada indivíduo não <u>trabalha</u> mais de quatro horas por dia, consagrando o restante ao estudo, à leitura, às discussões científicas, ao escrever, à conversação, aos passeios, em suma, a toda sorte de exercícios agradáveis e úteis ao corpo e à mente. (p. 257)	GENOVÊS — Mas entre eles, distribuindo-se os <u>ofícios</u>, as <u>artes</u> e as <u>labutas</u> entre todos, cada um não <u>trabalha</u> mais do que quatro horas por dia, o tempo que sobra é utilizado para aprender brincando, disputando, lendo, ensinando, caminhando, sempre com alegria. (p. 25)

GEN. — Et Princeps maximus coronat ducem laurea, et singulis strenuis militibus munuscula et honores impartiuntur, qui et plures dies vacant a <u>laboribus</u> publicis; quod nec illis placet nimis, quoniam nesciunt ociosi esse itaque opem ferunt amicis. (pp. 72,74)	GEN. — E 'l Principe lo corona, e a tutti li soldati fa qualche regalo ed onore, e per molti giorni sono esenti dalle <u>fatiche</u> pubbliche. Ma essi l'hanno a male, ché non sanno star oziosi e aiutano l'altri. (pp. 72,74)	GEN. — Poi il Metafisico incorona d'alloro il condottiero, distribuisce ai soldati valorosi piccoli regali e onorificenze; costoro sono esentati per parecchi giorni dai <u>lavori</u> collettivi, la qual cosa loro non garba troppo, perché non sanno stare in ozio, e perciò continuano ad aiutare i compagni. (pp. 73,75)	ALM. — Depois Hoh coloca uma coroa de louros na cabeça do chefe, seguindo-se a distribuição dos presentes e das honras aos soldados que mais se distinguiram, os quais, por muitos dias, são dispensados do <u>serviço</u>. Mas os habitantes solares, não gostando do ócio, empregam essas folgas em socorrer os amigos. (p. 261)	GENOVÊS — Em seguida, o Príncipe coroa o capitão, e dá alguns presentes ou algumas honras a todos os soldados que, por muitos dias, são dispensados dos <u>trabalhos</u> públicos. Mas eles não gostam disso, porque não sabem ficar sem fazer nada e, assim, ajudam os outros. (pp. 30,31)
HOSP. — Nunc ipsorum, rogo, dic <u>opificia</u> etc. GEN. — Audisste te credo, quo pacto communes sunt illis <u>ars</u> militari, agricultura, pastoralis: quilibet enim has nosse tenetur, quas in primo nobilitatis gradu celebrant. Attamen qui plures callet <u>artes</u>, nobilior habetur et ad discendam <u>artem</u> is addicitur, qui aptior est ad ipsam.	OSP. — Narra ora, ti prego, dell'<u>artefici</u> loro. GEN. — Devi aver inteso come comun'è a tutti la militare, l'agricoltura, la pastorale ch'ognuno è obbligato a saperle: queste sono le più nobili tra loro; ma chi più <u>arti</u> sa, più nobile è, e nell'esercitarla quell'à posto, che più è atto.	OSP. — Ora ti prego di illustrarmi le loro attività <u>lavorative</u>. GEN. — Credo di averti già detto che tutti praticano l'<u>arte</u> militare, l'agricoltura e la pastorizia: ognuno infatti è tenuto a conoscerle, essendo le arti più apprezzate. Pertanto chi è esperto in più <u>arti</u>, è dotato di maggior prestigio; e ognuno viene addestrato in quell'<u>arte</u> in cui è più versato.	G. M. — Peço-lhe, agora, que me fale do <u>trabalho</u>. ALM. — Já lhe disse que eles têm em comum a <u>arte</u> militar, a agricultura e a pecuária. Todos têm obrigação de conhecer essas artes julgadas nobilíssimas, de forma que quem exercer maior número é considerado possuidor de maior nobreza, e quem chegou à maior nobreza e à maior perfeição em algumas delas é eleito mestre.	HOSPITALÁRIO — Peço-lhe, agora, que me conte os <u>artifícios</u> deles. GENOVÊS — Você já deve ter entendido que a <u>arte</u> militar, a agricultura e a pecuária é comum a todos os habitantes da Cidade do Sol; que cada um tem a obrigação de saber todas essas <u>artes</u>, e estas são as mais nobres entre eles; mas aquele que mais <u>artes</u> conhecer, mais nobre será e, ao exercer uma <u>arte</u>, o indivíduo é colocado no lugar mais apropriado.

<u>Artes</u> operosiores sunt apud eos laudabiliores, veluti ferraria, aedificatoria etc. ac nemo aggredi ipsas detrectat eoque magis quod in ipsorum genesi propensio patet; et inter eos ob <u>laborum</u> distributionem nemo <u>laborem</u> adit destructivum individui, sed conservativum modo. <u>Artes</u> operosae minus foeminarum sunt. Nosse natare omnes tenentur et hanc ob rem sunt piscinae extructae extra moenia civitatis et intra prope fontes. (p. 78)	E l'<u>arti</u> fatiche son di più laude, com' il ferraro ed il fabricatore; e non si schifa nullo a pigliarle, tanto più che nella natività loro si vede l'inclinazione, e tra loro, per lo compartimento delle <u>fatiche</u>, nullo viene a partecipare <u>fatica</u> distruttiva dell'individuo, ma solo conservativa. L'<u>arti</u> di manco <u>fatica</u> son delle femine. Saper nuotar'è a tutti necessario, e vi sono a posta le piscine fuor, nelli fossi della città, e dentro vi son le fontane. (p. 78)	I <u>mestieri</u> più faticosi sono per loro i più lodevoli, come quello del fabbro, del muratore ecc., e nessuno si rifiuta di esercitarli, tanto più che l'inclinazione per un certo <u>mestiere</u> si manifesta della nascita; ed inoltre per la divisione del <u>lavoro</u> attuata da loro, a nessuno spetta una <u>fatica</u> estenuante, ma solo quella che salvaguarda l'individuo. Le donne praticano i <u>mestieri</u> meno gravosi. Tutti devono saper nuotare, e perciò vi sono delle piscine costruite fuori le mura della città, e dentro, vicino le fontane. (p. 79)	As <u>artes</u> mais fatigantes obtêm maior estima, como a do pedreiro, etc. Ninguém se recusa a exercitá-las, porque a elas se aplicam pela particular tendência revelada na infância, e também porque o <u>trabalho</u> é distribuído de modo que nunca possa ser nocivo à pessoa, mas, ao contrário, deva torná-la e conservá-la melhor. As mulheres exercem as <u>artes</u> menos pesadas. Todos devem ser hábeis na natação, e reservatórios especiais de água foram preparados não longe da cidade. (p. 262)	As <u>artes</u> mais trabalhosas e úteis recebem maior louvor, como a do ferreiro, a do fabricante; ninguém se recusa a exercê-las, mesmo porque desde a infância logo se vê a inclinação de cada um, e entre eles, pelo fato de existir na cidade a partilha dos <u>trabalhos</u>, ninguém faz um <u>trabalho</u> que possa destruir o indivíduo, mas contribua para mantê-lo. (pp. 32,33)
GEN. — Nolunt a mancipiis et advenis civitatem pravis moribus labefactari. Idcirco mercantur in portis et vendut quos bello capiunt aut excavandis fossis aut operosis <u>laboribus</u> extra civitatem ipsos destinant, quo perpetudo quatuor militum agmina mittuntur ad custodiam agrorum, ac simul <u>laboratores</u>, ex quatuor portis [...]	GEN. — Non vogliono che schiavi o forastieri infestino la città di mali costumi; però vendono quelli che pigliano in guerra, o li mettono a cavar fossi, e far esercizi <u>faticosi</u> fuor della città, dove sempre vanno quattro squadre de soldati a guardar il territorio e quelli che <u>lavorano</u>, uscendo dalle quattro porte [...]	GEN. — Non vogliono che la Città sia corrotta dai cattivi costumi di schiavi e stranieri; perciò il commercio si tiene nei porti e vendono i prigionieri di guerra, o li tengono per scavare fossati o per altri <u>lavori</u> faticosi fuori dalla città; dove, insieme ai <u>lavoratori</u>, quotidianamente vengono inviate a custodia dei campi quattro schiere di soldati dalle quattro porte [...]	ALM. — A fim de que a cidade não seja corrompida pelos maus costumes dos serviços e dos estrangeiros, fazem todo o comércio nos portos, vendendo os prisioneiros de guerra ou mandando-os para fora da cidade a cavar fossas e para outros <u>trabalhos</u> fatigantes. Para a guarda dos campos, são continuamente expedidos, juntamente com os cultivadores, quatro manípulos de soldados, cada um dos quais sai por uma das quatro portas da cidade [...]	GENOVÊS — Eles não querem que escravos ou forasteiros infestem a cidade de maus costumes; no entanto, vendem aqueles que capturam em guerra ou mandam-nos para fora da cidade para cavar fossas ou fazer outros <u>trabalhos</u> cansativos, onde sempre vão quatro grupos de soldados para vigiar o território e aqueles que nele <u>trabalham</u>, saindo das quatro portas que têm estradas de tijolos até o mar [...]

GEN. — Agricultura plurimi fit: non est terrae palmus absque fructu. Observant ventos stellasque propitias. Paucis relictis in civitate, exeunt omnes armati in campos ad arandum, seminandum, fodiendum, sarculandum, metendum, colligendum, vindemiandum, cum buccinis, tympanis et vexillo, et omnia expediunt paucissimis horis perficiuntque <u>labores</u> ex <u>arte</u>. (p. 80)	GEN. — L'agricoltura è in gran stima: non c'è palmo di terra che non frutti. Osservano li venti e le stelle propizie, ed escono tutti in campo armati ad arare, seminare, zappare, metere, ricogliere, vendemiare con musiche, trombe, stendardi; e <u>ogni cosa</u> fanno fra pochissim'ore. (p. 80)	GEN. — In grandissimo conto è invece tenuta l'agricoltura: non vi è palmo di terra che non sia coltivato. Osservano i venti e le stelle propizie. Lasciati pochi abitanti in città, escono tutti in campagna attrezzati per arare, seminare, zappare, sarchiare, mietere, raccogliere, vendemmiare, con trombe, tamburi e la bandiera, e <u>tutto</u> sbrigano in poco tempo e a regola d'arte [...] (p. 81)	ALM. — Grandemente valorizada é a agricultura: cada palmo de terra dá lucro. Estudados os ventos e as estrelas, saem eles, deixando poucos montando guarda à cidade, para arar, semear, escavar, schar, ceifar, vindimar, acompanhados de trompas e tímpanos, e em brevíssimo tempo é terminado todo o <u>trabalho</u>, economizando, com a <u>arte</u>, tempo e <u>fadigas</u>. (p. 263)	GENOVÊS — A agricultura é muito valorizada: não há palmo de terra que não dê fruto. Observam os ventos e as estrelas propícias, e todos se dirigem aos campos preparados para arar, semear, capinar, ceifar, colher, vindimar, com músicas, trombetas e estandartes; e em pouquíssimas horas terminam todas as <u>tarefas</u>. (p. 34)
GEN. — Stercoratione non utuntur ad campos impinguandos et lutis, putantes quod semina quid marcoris contrahant ac vitam brevem manducata efficiant et flaccam, veluti mulieres fuco et non exercitio pulchrae prolem pariunt languidam: quapropter nec tellurem ipsi fucant sed bene exercent, et arcanis utuntur remediis ut cito nascantur semina et multiplicent, nec perdantur. Librum habent ad hoc <u>opus</u>, quem vocant Georgica. Pars territorii quanta sufficit	GEN. — Poco usano letame all'orti ed a'campi, dicendo che li semi diventano putridi e fan vita breve, come le donne imbellettate e non belle per esercizio fanno prole fiacca. Onde né pur la terra imbellettano, ma ben l'esercitano, ed han gran secreti di far nascer presto e multiplicare e non perder seme. E tengono un libro apposta di tal <u>esercizio</u>, che si chiama la <i>Georgica</i>. Una parte del territorio, quanto basta, s'ara; l'altra serve per pascoli delle bestie. (p. 82)	GEN. — Non fanno uso di letame e fango per concimare il terreno, ritenendo che i semi si guastino e svingoriscano, e che abbrevino la vita di quelli che poi ne mangeranno i frutti; come le donne belle per belletto, non per vita attiva, danno alla luce una prole malsana; quindi non imbellettano la terra ma la <u>lavorano</u> con cura, e hanno dei procedimenti segreti per far subito germogliare i semi e moltiplicarli, senza perderne neanche uno. A tal uopo hanno un libro intitolato <i>Georgica</i>. Si coltiva solo quella parte di terreno che basta alla loro sussistenza, e il resto lo si lascia a pascolo.	ALM. — Não fazem uso dos adubos e da lama para fertilizar os campos, pois acham que estes corrompem as sementes e produzem cereais malsãos, enfraquecendo e abreviando a vida, da mesma forma que as mulheres que, sem serem belas por exercício, mas por artifício, dão à luz filhos lânguidos e raquíticos. Por isso, não põem nada sobre a terra e as <u>trabalham</u> com assiduidade, sendo que, de um livro chamado <i>Geórgica</i>, aprendem os segredos que se requerem para um pronto nascimento e uma feliz multiplicação das sementes. <u>Trabalha</u>-se somente a porção da terra que baste para as necessidades dos cidadãos, ficando o restante para o pasto dos animais. (p. 263)	GENOVÊS — Usam pouco estrume nas hortas e nos campos, dizendo que as sementes ficam podres e tornam a vida breve, assim como as mulheres que se embelezam, mas não são belas por natureza, e botam no mundo filhos fracos. Por isso, nem a terra embelezam, mas a <u>trabalham</u> bem, e possuem muitos segredos para a semente nascer logo e multiplicar-se, sem se perder. E têm um livro apropriado para esse <u>exercício</u> que se chama <i>Geórgicas</i>. Uma parte suficiente do território é arada, a outra serve para o pasto do animais.

aratur, reliqua remanet in pascua animalium. (p. 82)		(p. 83)		(p. 34)
GEN. — Omnisbus abundant rebus, quoniam quilibet esse primus cupit in <u>labore</u> , quia paucus est et fructuosos, ipsique bene dociles sunt; et quicumque inter eos caput est aliorum in huiusmodi ministeriis, appellatur rex [...] (p. 84)	GEN. — E abundanod'ogni cosa, perché ognuno desidera d'esser primo alla <u>fatica</u> per la docilità delli costumi e per esser poca e fruttuosa; ed ognun di loro, ch'è capo di quell'esercizio, s'appella re [...] (pp. 82,84)	GEN. — Tutti i prodotti abbondano perché ognuno desidera eccellere nel suo <u>lavoro</u> , in quanto dura poco e rende molto, ed inoltre perché sono tutti disciplinati; chi di loro è a capo di una di queste attività è chiamato re [...] (p. 85)	ALM. — Possuem de tudo com fartura, desejando cada qual mostrar-se o primeiro no <u>trabalho</u> , que não <u>fatiga</u> e é útil. Seus ânimos são dóceis e, assim, obedecem a quem preside aos <u>misteres</u> e o chamam de rei. (p. 263)	GENOVÊS — Têm tudo em abundância, porque cada um quer ser o primeiro no <u>trabalho</u> , pela docilidade dos hábitos e pelo fato de o <u>trabalho</u> ser pouco e frutífero; e cada um deles que for chefe deste exercício é chamado Rei [...] (p. 35)

3.3 TRECHOS D'O MUNDO SÁBIO E LOUCO

TESTO em ITALIANO Edição de 1568	TRADUÇÃO para o PORTUGUÊS Publicação em 2004
PAZZO. E il restante del paese in fra queste provincie a che serviva? SAVIO. Serviva, che ciascun terreno fruttificava secondo la natura sua; perché, dove facevano bene le viti, non vi si faceva piantare altro; dove il frumento, dove i fieni e dove le legna, non s'andava framettendo altro se non una di queste cose. (p. 937)	LOUCO. E o restante do país entre estas províncias, para que servia? SÁBIO. Servia, que cada terreno frutificava segundo sua própria natureza; porque onde dava bem a videira, não se plantava outra coisa; onde o frumento, onde o feno, e onde a lenha, não se ficava dividindo o <u>trabalho</u> em várias coisas, mas se ocupava de uma só destas coisas. (p. 139)
SAVIO. Aveva la città in ogni strada due <u>arti</u>: come dire, da un canto tutti sarti, dall'altro tutte le botteghe di panno. Un'altra strada: da un canto speciali, all'incontro stavano tutti i medici. Un'altra via: calzolari che facevano scarpe, pianelle e stivali, dall'altro tutti cuoiai. Da un'altra: fornai che facevano pane, e al di rimpetto mulini che macinavano a secco. Un'altra via: tante donne che filavano e dipanavano, riducendo il lor filo a perfezione; e quelli all'incontro tessevano. Onde vi veniva a esser dugento <u>arti</u>, e ciascuno non faceva altra cosa che quella. (p. 938)	SÁBIO. A cidade possuía em cada avenida duas <u>artes</u>; por exemplo, de um lado ficavam todos os alfaiates, de outro todas as lojas de pano. Uma outra avenida: num canto especial, numa esquina, estavam todos os médicos. Uma outra rua: sapateiros que faziam sandálias e botas, de outro todos os coureiros. Numa outra rua: padeiros que faziam pão, e em frente moinhos que moíam a seco. Uma outra rua: várias mulheres que fiavam e teciam fazendo seus fios com perfeição, e aqueles no cruzamento teciam. Daí que chegavam a ser duzentas as <u>artes</u>, e cada qual não fazia outra coisa senão aquela mesma. (p. 140)

PAZZO. A nascere, come andava? SAVIO. Una strada o due di donne. E andava a comune la cosa. Onde non si sapeva mai di chi uno fosse figliuolo, e a questo modo la cosa andava pari: perché, nascendo, era allevato, e, come veniva in età, si faceva o studiare o imparare un' <u>arte</u>, secondo che gli porgeva la natura. (p. 939)	LOUCO. E para nascer, como eram as coisas? SÁBIO. Uma rua ou duas de mulheres, e as coisas andavam do modo costumeiro. Não se sabia nunca quem era filho de quem, e deste modo a coisa ficava igual: porque nascendo, era criado, e quando chegava a idade certa, era posto para estudar ou aprender uma <u>arte</u>, segundo aquilo que lhe ditava a natureza. (pp. 140,141)
PAZZO. Delle doti e del litigare? SAVIO. Che doti, o che liti? Per che cosa s'aveva egli a litigare? Tutto era comune, e i contadini vestivano come quei della città; perché ciascuno portava giù il suo frutto della sua <u>fatica</u>, e pigliava ciò che gli faceva bisogno. Guarda che s'avesse a stare a vendere e rivendere, comprare e ricomprare. (p. 940)	LOUCO. E os dotes e as disputas? SÁBIO. Mas que dotes e que disputas? Por qual motivo haveria eles de disputar? Tudo era de posse comum, e os camponeses se vestiam como os moradores da cidade; porque cada qual entregava o fruto de seu <u>trabalho</u>, e pegava apenas aquilo de que necessitava. Imagine se tivesse que vender, revender, comprar e recomprar! (p. 141)
SAVIO. Ogni sette dì facevano la lor festa, come a noi la domenica; e in quel dì non si faceva altro che stare nel tempio con gran divozione. E ogni sera, due ore inanzi la notte, ciascuno faceva festa del suo <u>lavorare</u>. Così ogni dì venivano ad avere d'ogni cosa un poco; e la mattina tutti visitavano il tempio, e poi attendevano a' loro esercizi. (p. 940)	SÁBIO. Cada sete dias faziam a sua festa, como nós o Domingo; e naquele dia não faziam outra coisa senão ficar no templo com grande devoção. E cada noite, duas horas antes de anoitecer, cada um fazia a festa comemorativa do seu <u>trabalho</u>. Assim, em cada dia acontecia haver de cada coisa um pouco; e de manhã todos visitavam o templo e depois cuidavam de suas obrigações. (p. 141)

PAZZO. L'ha ben questa tua ragione un certo che del verisimile. Ma chi non volesse <u>lavorare</u>, come andrebbe ella? SAVIO. Chi fosse poltrone, e gli ne fossi stato sopportato una, due e tre, s'ordinava che non mangiasse se non fatto il suo <u>lavoro</u>. (p. 942)	LOUCO. Esta teu argumento tem bem um certo quê de verossímil. Mas e se alguém não quisesse <u>trabalhar</u>, o que acontecia com ele? SÁBIO. A quem fosse poltrão — depois que se tivesse suportado uma, duas e três — se ordenava que não comesse, a não ser depois de feito o seu <u>trabalho</u>. (p. 143)
PAZZO. Chi non <u>lavora</u> non mangia, adunque. SAVIO. <i>Domine, ita*</i>. E tanto aveva da mangiare l'uno come l'altro, come t'ho detto. <i>*Domine, ita: “signorsi”. Ed è qui espressione caricaturale, perché fuori del contesto ecclesiastico o giuridico a cui, di solito, si riferisce.</i>	LOUCO. Quem não <u>trabalha</u> não come, portanto? SÁBIO. <i>Domine ita*</i>. E cada um tinha para comer o mesmo tanto que o outro, como já disse. (p. 143) <i>*Domine, ita: Expressão latina que significa “O Senhor é assim”.</i>
PAZZO. Ma se un'altra terra avesse voluto andare a prendere quella altra? SAVIO. A farne che? Prima, non v'era arme da offendere o da diffendere; e, poi che l'avesse presa, che n'aveva a fare? Se voleva fare che alcuni <u>lavorassino</u> e gli altri si stessino, pochi avessino assai e gli assai poco, non so che rilevava a colui questo; perché non v'eran le pompe, non le fogge, non le giostre, non le prodezze de' cavalieri erranti, e non il donare a questo, overo quell'altro. E poi, chi si sarebbe mosso a far questo? con che caldo? a che fine? (p. 943)	LOUCO. Mas, e se outra terra tivesse vontade de capturar essa aí? SÁBIO. Para fazer o quê? Primeiro, não existiam armas de ataque ou de defesa; e depois, quem a tomasse, o que faria com ela? Se desejasse que alguns <u>trabalhassem</u> e outros aproveitassem, que poucos tivessem muito, e os muitos, pouco; não sei que importância teria isto; porque não existiam as pompas, nem as modas, nem os torneios, nem os prodígios dos cavaleiros errantes, e não compartilhar com este ou aquele. E depois quem se incomodaria em fazer isso? com que vontade? com que finalidade? (p. 143)

PAZZO. Eranvi poeti? SAVIO. Sì, ma bisognava che menassino le mani a far altro che versi ancora, come sarebbe a dire: pescare, uccellare, cacciare, far reti, e altri <u>mestieri</u> da poter cantare versi, che non vi andasse troppa manifattura di sudore. (p. 944)	LOUCO. Existiam poetas? SÁBIO. Sim, mas precisavam suar a camisa, fazendo outras coisas além de versos: ainda, como direi, pescar, caçar, pegar pássaro, fazer redes, e outros <u>ofícios</u> além de cantar versos, que não lhes causasse excessiva manufatura de suor. (p. 144) <i>*Manufatura de suor:</i> para Doni a poesia nasce do <u>trabalho</u> que tem relação com a natureza.
PAZZO. Le robe di coloro che morivano, chi ereditava? SAVIO. Che roba? non aveva altro che quello che aveva indosso, e in casa un letto da dormire. Forse che v'erano l'arazzerie, l'argenterie, la vanità, la superficialità, e che colui morendo s'avesse a dolore di quel ch'egli lasciava? PAZZO. Ancor questa è una bella cosa, e l'uomo si trova fuori d'un gran <u>travaglio</u>. Ma dimmi: come facesti tu a sognar tante cose? (p. 946)	LOUCO. E as coisas daqueles que morriam, quem herdava? SÁBIO. Que coisas? Não se possuía nada além daquilo que se tinha em cima do corpo, e em casa a cama onde se dormia. Talvez houvesse a tapeçaria, a prataria, a vaidade, o supérfluo; e aquele que morria, por quê haveria de se incomodar com as coisas que deixava? LOUCO. Também esta é uma bela coisa e o homem se livra de um grande <u>trabalho</u>. (p. 145)

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBUNDO, Vinicio. *TOMMASO MORO SAGGIO*. Perugia: Libreria Carlo Betti Editrice, 1966.

ADORNO, T. W. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia Alemã. In: Theodor Adorno: Textos Escolhidos. Trad. Wolfgang Leo Maar. Consultoria Paulo Eduardo Arantes. S. Paulo: Nova Cultural, 1996.

ALBORNOZ, Suzana Guerra. “Trabalho e utopia na modernidade”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. 2003, vol. 6. pp. 1-13, 2003.

_____. “Trabalho e utopia na modernidade II: o trabalho na Cidade do Sol de Tommaso Campanella”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. 2003, vol. 6. pp. 59-69, 2005.

ALTINI, Carlo. *Nusquama, o la fortuna di Thomas More nella filosofia politica del Novecento*. In: *Thomas More e la sua Utopia - Studi e prospettive*. Studi e Testi 51. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2018.

ARENDT, Hanna. *A condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BATTAGLIA, Felice. *SAGGI SULL'UTOPIA DI TOMMASO MORO*. Bologna: Cesare Zuffi Editore, 1949.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOLZONI, Lina. *Le città utopiche del Cinquecento italiano: giochi di spazi e di saperi*. In: *L'Asino d'oro*. Anno IV. Torino: Loescher Editore, 1993.

BORTONE, Leone. *L'UTOPIA - Una antologia dagli scritti di MORO CAMPANELLA BACONE*. Torino: Loescher Editore, 1965.

CAMPANELLA, Tommaso. *LA CITTÀ DEL SOLE CIVITAS SOLIS*. Trad. Tonino Tornitore. Torino: Nino Aragno Editore, 2008.

CAMPANELLA, Tommaso, GIORDANO, Bruno; GALILEU, Galilei. *Os Pensadores*. Trad. Helda, Barraco, Nestor Deola, Aristides Lôbo. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *A Cidade do Sol*. Trad. Carlos Alberto Dastoli. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

_____. *La città del Sole*. A cura di Luigi Firpo. Bari: Editori Laterza, 2011.

CANDELA, Giuseppe. *Manierismo e condizione della scrittura in Anton Francesco Doni*. Lang, 1993.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.
- CAPPELLETTI, Franco Alberto. *Caratteri e significato del lavoro nell'utopia*. In: *Lavoro e diritto*. Fascicolo 1. Bologna: Il Mulino, 1998.
- COULANGES, Fustel. *La cité antique*. Paris: Hachette, 1876.
- CORTELAZZO, Manlio e ZOLLI, Paolo. *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1999.
- CURCIO, Carlo. *Utopisti e Riformatori Sociali del Cinquecento*. Bologna: S.A. Poligrafici Il Resto del Carmino, 1941.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela S Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- DONI, Anton Francesco. "Uma utopia do cinquecento: *"Mondo savio e pazzo"*". Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Morus Utopia e Rinascimento*, vol. 1, Unicamp, 2004.
- DONI, Anton Francesco. *Anton Francesco Doni*. A cura di Patrizia Pellizzari e Marziano Guglielminetti. Torino: Einaudi Editore, 1994.
- FANTE, Alessandra Del. *NOTE SUI MONDI DI ANTON FRANCESCO DONI* In: *ANNALI DELL'ISTITUTO DI FILOSOFIA II*, Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1980.
- FERRONI, Giulio. *Storia della letteratura italiana. Dal cinquecento al Settecento*. Milano: Einaudi, 1991.
- FILHO, Evaristo de Moraes. *Perspectiva de uma filosofia do trabalho*. In: *DEVISATE*. São Paulo: Fiesp-Ciesp, 1959.
- FIRPO, Luigi. "Para uma definição da Utopia". Trad. Carlos E. O. Berriel. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*. n. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- FOSSIER, Robert. *O trabalho na Idade Média*. Trad. Marcelo Berriel. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.
- GAULLIER, Alfred. *L'Agriculture à travers les âges*. Paris: Librairie de la Provence, 1896.
- GHIA, Francesco. "Una volta il futuro era migliore..." *Utopia e l'ottavo della storia*. In: *Thomas More e la sua Utopia - Studi e prospettive*. Studi e Testi 51. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2018.
- GOES, Maria Conceição Pinto. *Considerações sobre o trabalho*. In: *História e trabalho - Entre artes & ofícios*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

HEGEL, George W. F. *La raison dans l'Histoire*. Trad. Kostas P. Paris: Éditions 10/18, 2007.

HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Editorial Presença: Lisboa, 1982.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2008.

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria*. Trad. José Miranda Justo. Antígona: Lisboa, 2006.

_____. *A sociedade autofágica — capitalismo, desmesura e autodestruição*. Trad. Júlio Henrique. Lisboa: Antígona, 2019.

QUARTA, Cosimo. *THOMAS MORE - Testimone della pace e della coscienza*. Firenze: Edizioni Cultura della Pace, 1993.

_____. *TOMMASO MORO. Una reinterpretazione dell'Utopia*. Bari: Edizione Dedalo, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2015.

KURZ, Robert. *Dinheiro sem valor*. Trad. Lumir Nahodil. Antígona: Lisboa, 2014.

_____. “O desfecho do masoquismo histórico”. In: *Os últimos combates*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *História como aporia* (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>. Acesso em 2019.

_____. *A substância do capital*. (1ª e 2ª séries). In: <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Trad. Thiago Abreu, Lima Florêncio, Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. *A Idade Média e o dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *A história deve ser dividida em pedaços?* Trad. Nícia A. Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LINS, Ivan. *Tomás Morus e a Utopia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

LIMA, Luis Costa. “A análise sociológica da literatura”. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (volume 2).

LUCA, Flaviano De. *TOMMASO CAMPANELLA RIVOLUZIONARIO*. Castellammare: Tip. De Martino, 1974.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer, Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2011.

MATTEI, Rodolfo De. *L'Utopia del Moro e La Città del Sole di T. Campanella*. In: Atti dei Convegni Lincei 46. Colloquio italo-britannico TOMMASO MORO E L'UTOPIA. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1980.

MAURILIO, Adriani. *L'UTOPIA*. Roma: Editrice Studium, 1961.

MESSINA, Michele. *Anton Francesco Doni*. In: *Letteratura Italiana I Minori*. Milano: Casa Editrice Carlo Marzorati, 1961.

MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

_____. *Utopia*. Trad. Marcio M G Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MORO, Tommaso. *L'UTOPIA O LA MIGLIOR FORMA DI REPUBBLICA*. Trad. Tommaso Fiore. Bari: Laterza Figli, 1942.

MORE, Thomas. *L'Utopie*. Trad. Victor Stouvenel. Paris: Paulin, Libraire-Editeur, 1842.

NAPOLI, Giovanni Di. *TOMMASO CAMPANELLA FILOSOFO DELLA RESTAURAZIONE CATTOLICA*. Padova: CEDAM,

PANCRAZI, Pietro. *Nel giardino di Candido*. Firenze: Le monnier Editore, 1950.

POSTONE, Moishe. *Time, Labor and Social Domination: A Reinterpretation of Marx's Critical Theory*. Trad. livre. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

QUESNAY, François. *Quadro econômico dos fisiocratas*. Trad. João G. V. Netto. In: *Obras econômicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RICARDO, Davi. *Princípios de economia política e tributação*. Trad. Paulo H. R. Sandroni. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ROCCIA, Giulio Bruni. *L'utopia del Campanella e gli archetipi della società politica*. In: Atti del Convegno Internazionale Campanella e Vico. Quaderno 126. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1969.

SAITA, Giuseppe. *IL PENSIERO ITALIANO NELL'UMANESIMO E NEL RINASCIMENTO. IL RINASCIMENTO*. Vol. III. Bologna: Cesare Zuffi Editore, 1951.

SANTORO, Mario. *L'esclusione della "fortuna" dal destino dell'uomo: l'utopia di A. F. Doni*. In: *Fortuna, Ragione e Prudenza nella civiltà letteraria del Cinquecento*. 2 ed. Napoli: Liguori Editore, 1978.

SCRAMAGLIA, Rosantonietta. *LA CITTÀ DEL SOLE: l'utopia realizzata*. Milano: Cooperativa Libreria I.U.L.M, 1985.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz J. Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOLARI, G. Di una nuova edizione critica della "Città del Sole" e del comunismo del Campanella. *Rivista di filosofia*, XXXIII, 1941.

SOLARI, Gioele. *La filosofia politica. I - Da Campanella a Rosseau*. Bari: Editori Laterza, 1974.

TILGHER, Adriano. *Storia del concetto di lavoro*. Bologna: Massimiliano Boni Editore, 1983.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Da la démocratie en Amérique II*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.

TRANQUILLI, Vittorio. *Il concetto di lavoro da Aristotele a Calvino*. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1979.

TROUSSON, Raymond. *Viaggi in nessun luogo. Storia letteraria del pensiero utopico*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 1979.

TROUSSON, R. "Utopie et utopisme". In: Minerva, N. (org.). *Per una definizione dell'utopia. Metodologie e discipline a confronto*. Ravenna: Longo, 1992.

WIDMAR, Bruno (A cura di). *Anton Francesco Doni. Il Mondo Savio e Pazzo*. In: *Scrittori politici del 500' e 600'*. Milano: Rizzoli Editore, 1964.

VALORI, Alessandro. Il gioco progettuale delle parole nelle opere di Ortensio Lando e Anton Francesco Doni. In: *Giornale Storico della Letteratura Italiana*. Janeiro 1, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre e NAQUET, Pierre-Vidal. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1989.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. *Trabalho e cidadania: o ideal de cidadão ateniense no século V a. C*. In: *História e trabalho - Entre artes & ofícios*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.